

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Angiuli Copetti de Aguiar

**TRADUÇÃO E ESTUDO DE *THE PRELUDE*, DE WILLIAM
WORDSWORTH**

Santa Maria, RS
2022

Angiuli Copetti de Aguiar

TRADUÇÃO E ESTUDO DE *THE PRELUDE*, DE WILLIAM WORDSWORTH

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras - Ênfase em Estudos Literários.**

Orientador: Prof^o Dr^o Lawrence Flores Pereira

Santa Maria, RS
2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Aguiar, Angiuli Copetti de
Tradução e Estudo de The Prelude, de William
Wordsworth / Angiuli Copetti de Aguiar.- 2022.
223 p.; 30 cm

Orientador: Lawrence Flores Pereira
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação
em Letras, RS, 2022

1. O Prelúdio 2. William Wordsworth 3. Tradução 4.
Verso Branco 5. Poesia I. Flores Pereira, Lawrence II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ANGIULI COPETTI DE AGUIAR, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Angiuli Copetti De Aguiar

TRADUÇÃO E ESTUDO DE *THE PRELUDE*, DE WILLIAM WORDSWORTH

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras - Ênfase em Estudos Literários**.

Aprovado em 28 de março de 2022:

Lawrence Flores Pereira, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)
(por videoconferência)

Régis Augustus Bars Closes, Dr. (UFSM)
(por videoconferência)

Caetano Waldrigues Galindo, Dr. (UFPR)
(por videoconferência)

Guilherme Gontijo Flores, Dr. (UFPR)
(por videoconferência)

Juliana Steil Tenfen, Dra. (UFPeI)
(por videoconferência)

Santa Maria, RS
2022

NUP: 23081.044827/2022-91

Prioridade: Normal

Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de aprovação	Folha de aprovação.pdf

Assinaturas

27/04/2022 13:35:09

RÉGIS AUGUSTUS BARS CLOSEL (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

27/04/2022 14:44:56

GUILHERME GONTIJO FLORES (Pessoa Física)

Usuário Externo (097.***.***.**)

27/04/2022 16:37:24

CAETANO WALDRIGUES GALINDO (Pessoa Física)

Usuário Externo (922.***.***.**)

05/05/2022 13:12:14

LAWRENCE FLORES PEREIRA (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

12/05/2022 22:51:36

JULIANA STEIL TENFEN (Pessoa Física)

Usuário Externo (040.***.***.**)

Código Verificador: 1380821

Código CRC: 62d51b58

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras e aos professores e funcionários, pela constante e prestativa ajuda;

À CAPES, pelo auxílio financeiro, fundamental para a realização desta pesquisa;

Ao meu orientador, Lawrence Flores Pereira, pelo interesse em meu trabalho e incentivo durante toda a minha formação acadêmica;

À minha família, por todo o seu encorajamento e empenho em propiciar-me as oportunidades necessárias para minha formação;

A Silvia Ferreira e Fernando Neckel por todas as discussões.

A Laila Coelho por todo seu companheirismo.

RESUMO

TRADUÇÃO E ESTUDO DE *THE PRELUDE*, DE WILLIAM WORDSWORTH

AUTOR: Angiuli Copetti de Aguiar
ORIENTADOR: Lawrence Flores Pereira

O poema *The Prelude* (O Prelúdio) (1850), do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770 – 1850), apresenta uma multiplicidade de dimensões que o tornam um interessante desafio para o tradutor. Como autobiografia, e como parte do projeto de Wordsworth de uma poesia despojada de artificialidade, possui um tom confessional intimista em linguagem próxima à prosa, mas como épico na tradição miltônica e de efusão romântica, é também um poema de retórica grandiosa e escopo sublime. Sua dicção pretende-se prosaica, mas permanece em tensão produtiva com a estrutura formal de seu verso branco rigoroso. Assim, para verter essa obra, o tradutor deve abarcar a variedade de seus registros e compreender a interação e tensão que se estabelecem entre eles na produção do efeito total do poema. Tivemos isso em vista e como a proposta de nossa tese: estudar *The Prelude*, com especial enfoque em sua forma e linguagem, a fim de recriar em português um texto que reproduzisse os elementos e efeitos identificados como constituintes fundamentais do texto original. Desse modo, estudamos a biografia relevante do poeta e a história da composição do poema, bem como sua recepção inicial, a fim de, dentre as concepções do texto, realçar nossa leitura do poema como um épico sublime. A seguir, realizamos um estudo da dimensão métrica do poema, considerando as ideias de Wordsworth sobre metrificação, a história e as características do pentâmetro iâmbico e do verso branco (metro do *Prelude*) e do verso branco particular de Wordsworth, estabelecendo a importância do metro regular no poema e de sua constância rítmica e cadenciada. Após, exploramos a dimensão linguística da obra, analisando, por um lado, sua dicção e retórica e, por outro, seu vocabulário e sintaxe para, com isso, determinarmos os aspectos linguísticos mais dignos de atenção durante a tradução, estabelecidos como: estilo médio, diferenciação de registro e dicção, retórica épica, complexidade sintática, efeito de abstração e efeito de passividade. Assim, delimitamos nossa perspectiva tradutória como uma tentativa de recriar, em língua portuguesa, os aspectos do poema elencados como mais relevantes através correspondências majoritariamente funcionais, priorizando um certo grau de estrangeirização da sintaxe. Realizamos, então, um levantamento e breve consideração das traduções prévias do poema e relatamos o percurso que tomamos durante o exercício da tradução, até a consolidação dos parâmetros adotados como ideais ao nosso projeto, especialmente o verso dodecassilábico iâmbico de regras particulares. Apresentamos, então, nossa tradução e comentamos as estratégias empregadas para sua realização.

Palavras-chave: O Prelúdio. William Wordsworth. Tradução. Verso Branco. Poesia.

ABSTRACT

TRANSLATION AND STUDY OF WILLIAM WORDSWORTH'S *THE PRELUDE*

AUTHOR: Angiuli Copetti de Aguiar
ADVISOR: Lawrence Flores Pereira

The poem *The Prelude* (1850) by the English Romantic poet William Wordsworth (1770 – 1850) presents a multiplicity of dimensions which make it an interesting challenge for the translator. As autobiography, and as part of Wordsworth's project for a poetry stripped of artificiality, it has a confessional and intimist tone in a diction near to prose, but as an epic in the Miltonic tradition, and of Romantic effusion, it is also a poem of lofty rhetoric and sublime scope. Its diction appears to be prosaic, but it remains in a productive tension with the formal structure of its rigorous blank verse. Thus, in order to translate this work the translator must embrace the variety of its registers and comprehend the interaction and tension which take place between them in the production of the total effect of the poem. This we had in mind, and as the objective of our thesis: to study *The Prelude*, with a special emphasis on its form and language, in order to recreate in Portuguese a text which would reproduce the elements and effects identified as fundamental components of the original text. Thus, we studied the relevant biography of the poet and the history of composition of the poem, as well as its first reception, so as to highlight, among the visions of the poem, our reading of it as a sublime epic. Next, we studied the metrical dimension of the poem, considering Wordsworth's ideas concerning metrification, the history and the characteristics of the iambic pentameter and the blank verse (meter of *Prelude*), and Wordsworth's particular blank verse, establishing the importance of the regular meter in the poem and of its rhythmic regularity. After, we explored the linguistic dimension of the work, analysing, on the one hand, its diction and rhetoric, and, on the other, its vocabulary and syntax to determine the linguistic aspects worthier of attention during the translation, established as: middle style, differentiation of register and diction, epic rhetoric, syntactical complexity, sense of abstraction, and sense of passivity. Thus, we delimited our translational perspective as an attempt to recreate in Portuguese the aspects of the poem listed as most relevant through mostly functional correspondences, prioritizing a certain degree of foreignization of the syntax. We performed, then, a survey and brief consideration of the previous translations of the poem and described the course we took during the practice of the translation, until the consolidation of the parameters adopted as ideal for our project, specially the iambic dodecasyllabic verse with particular rules. Finally, we presented our translation and commented the strategies employed in its realization.

Keywords: The Prelude. William Wordsworth. Translation. Blank Verse. Poetry.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2	AUTOR E OBRA	19
2.1	O PRELÚDIO DO POETA	19
2.2	HISTÓRIA TEXTUAL DO <i>PRELUDE</i>	23
2.3	A PRIMEIRA RECEPÇÃO	34
2.4	O <i>PRELUDE</i> COMO SUBLIME	40
3	O METRO	51
3.1	A ARTE MÉTRICA DE WORDSWORTH	51
3.2	O PENTÂMETRO IÂMBICO	54
3.3	O VERSO BRANCO	60
3.4	O VERSO BRANCO DE WORDSWORTH	63
4	O ESTILO	67
4.1	DICÇÃO E RETÓRICA	67
4.2	VOCABULÁRIO E SINTAXE	75
5.	ASPECTOS DA TRADUÇÃO	85
5.1	PERSPECTIVA TRADUTÓRIA	85
5.2	AS TRADUÇÕES DO <i>PRELUDE</i>	91
5.3	PERCURSOS E PARÂMETROS DA TRADUÇÃO	97
6	TRADUÇÃO DE <i>THE PRELUDE</i>	105
7	COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO	199
7.1	ASPECTOS DE MÉTRICA E RITMO	199
7.1.1	O verso	199
7.1.2	Ritmo iâmbico	201
7.1.3	Pausas e palavra final	208
7.2	ASPECTOS DE DICÇÃO E RETÓRICA	209
7.2.1	Estilo médio	209
7.2.2	Diferenciação de registros e dicção	210
7.2.3	Retórica épica	212
7.3	ASPECTOS DE SINTAXE E VOCABULÁRIO	213
7.3.1	Complexidade sintática	213
7.3.2	Efeito de abstração	214

7.3.3 Efeito de passividade	215
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS	221

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em nossa tese de doutoramento, tivemos por objetivo traduzir a obra *The Prelude or, the Growth of a Poet's Mind; an Autobiographical Poem*¹ (1850), do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770-1850), conhecida mais comumente como *The Prelude* (*O Prelúdio*, na nossa tradução e de outros autores). Juntamente com a tradução², efetuamos um estudo preparatório, no qual analisamos a história e as características formais e estilísticas do poema, bem como apresentamos comentários críticos acerca das escolhas tradutórias realizadas. *O Prelúdio* é, em resumo, um extenso poema em verso branco que narra a vida de seu autor, desde sua infância até a idade adulta. Nele, acompanhamos o desenvolvimento e o amadurecimento do espírito do poeta e, principalmente, o desabrochar de suas faculdades poética e imaginativa, mesclando, em sua tessitura, os mais variados gêneros, como o épico, a autobiografia espiritual, o ensaio filosófico e o romance de formação.

Inicialmente, o poema havia sido planejado como uma introdução a outra obra de maior escopo, *The Recluse*³, um poema idealizado por S. T. Coleridge (poeta amigo do autor e seu colaborador) como um épico meditativo a ser escrito por Wordsworth e destinado a ultrapassar em extensão e magnitude a obra seminal de John Milton, *Paradise Lost*⁴ (1667), sua inspiração fundamental e fonte de sua forma (verso branco de pentâmetros iâmbicos não rimados). Wordsworth dedicou grande parte de sua carreira literária à arquitetura de *O Recluso*, escrevendo-o, corrigindo-o, porém nunca o levando a termo. Durante esse período, gradativamente desviou seus esforços para a expansão do *Prelúdio*, o qual crescia em importância à sua estima e transcendia seu papel inicial de 'prelúdio', vindo, por fim, a suplantar *O Recluso* como o poema filosófico que seu autor desejava compor.

Da obra originalmente concebida, a ser constituída por três partes distintas (*The Prelude*, *The Excursion*⁵ e *The Recluse*) somente as duas primeiras foram completadas, sendo que da terceira parte temos acesso a apenas fragmentos e ensaios. *A Excursão* veio a lume em 1814, *O Prelúdio*, porém, somente três meses

¹ *O Prelúdio ou o Desenvolvimento do Espírito de Um Poeta. Poema Autobiográfico* (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

² A tradução foi realizada a partir da versão original de 1850, como reestabelecida na *Norton Critical Edition* (1979), editada por Wordsworth, Abrams e Gill.

³ *O Recluso* (todas as traduções, quando não indicado de outra forma, são de autoria nossa).

⁴ *Paraíso Perdido*

⁵ *A Excursão*

após a morte do autor, em 1850. Como autobiografia, parece apropriado que o poema não tenha recebido uma versão final durante a vida do autor, mas antes tenha sofrido diversas reescrituras e reavaliações desde seu primeiro esboço, em 1798, até 1839, data da última revisão. Assim, são três as versões conhecidas hoje: uma composta entre 1798 e 1799, em dois livros; outra concluída em 1805, em 13 livros, descoberta e editada em 1926; e, por fim, a versão definitiva de 1850, em 14 livros. Em geral, a versão de 1805 encontra mais apreço entre os críticos do autor, os quais a consideram como mais vigorosa, por ainda não ter sido sujeita à revisão muitas vezes considerada ‘conservadora’, fruto, acredita-se, da conversão de Wordsworth ao Anglicanismo durante a segunda metade de sua vida, resultando em um atenuamento dos sentimentos panteísticos e revolucionários das primeiras versões⁶.

Salvo certas reescrituras (seja por razões ideológicas, seja estilísticas) e a divisão do livro X da versão de 1805 em dois na edição de 1850 (livros X e XI), ambas as edições completas seguem a mesma estrutura, mesclando relatos do passado com ponderações presentes, abrangendo a vida de Wordsworth desde sua infância, sua educação em Cambridge e sua transformadora visita ao Alpes, até o seu testemunho ocular da revolução francesa, sua subsequente desilusão com o ardor revolucionário de sua juventude e a renovada fé que encontrou na Natureza, na Imaginação e na ideia de uma comunidade atemporal de espíritos elevados. Já quanto à sua forma, desde o princípio o poema foi concebido como um épico em verso branco (pentâmetro iâmbico não rimado), forma herdada das experimentações de Milton no *Paraíso Perdido*. Essa, por sua vez, diverge de modo fundamental da forma que adquire o verso branco, tanto na tradição precedente, de Marlowe e Shakespeare, quanto na tradição em língua portuguesa. Da primeira, diverge ao fazer uso extensivo de *enjambement*, unido à totalidade quase exclusiva de versos de terminação masculina e longas sentenças que atravessam múltiplos versos. Da segunda, distingue-se, além das qualidades anteriores, por seu rigoroso metro iâmbico (embora conceda eventuais

⁶ Como resumem os editores da *Norton Critical Edition* do poema: “*In successive revisions Wordsworth had smoothed out what had come to seem rough spots, clarified the syntax, elaborated the detail, and most conspicuously, had toned down, by touches of Christian piety, the poem’s more radical statements of the divine sufficiency of the human mind in its interchange with nature.*” (ABRAMS; GILL; WORDSWORTH, J., in WORDSWORTH, 1972, p. xii) (“Nas revisões subsequentes, Wordsworth aplainou o que pareciam ser partes impolidas, clarificou a sintaxe, elaborou os detalhes e, o mais conspicuo, suavizou, com toques de piedade cristã, as asserções mais radicais sobre a suficiência divina da mente humana em seu intercâmbio com a natureza). Já Jonathan Wordsworth resume de forma sucinta o quase consenso da crítica: “*Wordsworth’s revisions are normally – not always, but normally – for the worse*” (WORDSWORTH, J., in WORDSOWRTH, 1972, p. 567) (“as revisões de Wordsworth são normalmente – não sempre, mas normalmente – para o pior”).

desvios). Da união dessas propriedades, resulta uma composição cuja ‘unidade mínima’ não é mais o verso, mas sim o período, aproximando-se (mas ainda divergindo) da prosa, e cujo ritmo converte-se em uma sequência ininterrupta de iampos, a qual, assim, engendra uma estrutura prosódica caracteristicamente compassada, que subjaz ao poema e rege as variações de versos particulares.

Em tradução para o português, *O Prelúdio* possui quatro versões: uma integral, portuguesa, realizada por Maria de Lourdes Guimarães (*O Prelúdio*, ed. Relógio D’Água, 2010), e três parciais, brasileiras. A primeira dessas é de autoria de Paulo Vizioli (in *Poesia Seleccionada*, ed. Mandacaru, São Paulo, 1988), de parte do Livro XIV; a segunda, de Alberto Marsicano e John Milton (in *O Olho Imóvel Pela Força da Harmonia*; Ateliê, 2007), de parte do Livro I; e a terceira, de André Kangussu, do Livro I inteiro, como parte de sua dissertação de mestrado (*A Forja de uma Fala*, UFPR, Curitiba, 2018). Em um primeiro momento, justificamos a necessidade de uma nova tradução da obra devido a questões de disponibilidade: a ausência de uma edição brasileira completa, que tornaria o poema mais facilmente acessível ao público de nosso país. Em um segundo momento, justificamos nossa tradução devido a questões técnicas e poéticas: a tradução de Guimarães é em verso livre, ao contrário do verso branco regular do original; a de Marsicano e Milton também é efetuada em verso livre, além de ser apenas parcial; a de Vizioli, embora apresente certa aproximação com o verso branco, também é parcial; já a de Kangussu, ainda que formalmente mais próxima do verso de Wordsworth, onde o tradutor buscou reconstruir o ritmo iâmbico em português, centra-se apenas no primeiro livro. Assim, foi nossa intenção realizar uma tradução brasileira completa da obra, em versos brancos de ritmo iâmbico regular, ou sendo essa sua estrutura básica. Para tanto, realizamos um estudo da arte métrica e prosódica de Wordsworth, bem como dos principais aspectos estilísticos e retóricos do *Prelúdio*, a fim de vertê-lo em uma forma poética que considerássemos correspondente, tanto em qualidades, quanto em efeitos, ao verso branco inglês do autor, bem como reproduzir, em língua portuguesa, o quanto possível, as particularidades do estilo do poeta para que o texto soasse apropriadamente ‘wordsworthiano’.

Desse modo, começamos nossa tese com uma breve introdução biográfica a Wordsworth, de sua infância ao princípio da composição do *Prelúdio*, atendo-nos aos fatos relevantes que lançam luz sobre os componentes biográficos do poema. Em seguida, voltamo-nos à história textual do poema. Partimos do momento em que

finalizamos a primeira seção e perseguimos, através dos relatos preservados em correspondências e diários de Wordsworth com seus familiares e amigos, a evolução e as inúmeras revisões da obra. Observamos, também, como sua natureza, intenção e escopo transformaram-se ao longo dos anos até sua versão publicada após a morte do autor. Em seguida, tecemos um panorama da primeira recepção do *Prelúdio* pelo público vitoriano e notamos a razão de sua relegação a uma posição secundária dentro do cânone de Wordsworth até a virada do século. Por fim, apresentamos nossa própria visão do poema, centrada em seu caráter sublime, como a concepção ou guia estético que tivemos em mente durante a tradução da obra.

O segundo capítulo é dedicado ao primeiro e mais importante aspecto analisado em nossa tradução, isto é, a questão do metro. Mais especificamente, procuramos verificar como o metro é configurado no poema, na forma de verso branco, e que efeitos estéticos ele produz. Assim, em um primeiro momento, estudamos a perspectiva de Wordsworth sobre a arte métrica, que importância ela possui em sua poética, qual sua função e seus limites. Depois, voltamo-nos ao pentâmetro iâmbico, o metro em que *O Prelúdio* é composto, explorando seus mecanismos e funcionamento, sua característica maleabilidade e maior proximidade com os ritmos naturais da fala, bem como o necessário rigor formal de seu manejo, e exploramos as variações métricas permitidas e consagradas por sua tradição. Em seguida, complementamos nossa discussão da métrica com um estudo sobre o verso branco, a composição em pentâmetros iâmbicos de parágrafos poéticos não rimados; aqui, focamo-nos nas impressões e efeitos suscitados por esse verso, o tipo de ritmo que produz e como nele interagem as pressões conflitantes e convergentes dos ritmos métrico e sintático. Além disso, exploramos brevemente a posição mediana do verso branco entre a poesia e a prosa e verificamos como tal posição torna propício uma forma de poesia não apenas mais prosaica, como também filosófica e meditativa. Por fim, voltamos a Wordsworth ao considerarmos especificamente como o verso branco e o pentâmetro iâmbico são tratados pelo poeta, como eles se atualizam de forma particular na sua poética e que expressividade tomam em sua arte.

No terceiro capítulo, adentramos nas questões mais pormenorizadas do estilo. Começamos por uma reconsideração do debate acerca da visão de Wordsworth sobre a dicção poética, onde argumentamos pela posição de que o poeta se rebela somente contra a dicção artificiosa da poesia classicista, não contra a retórica em si, e que seu estilo não é, como parece propor, o despojado linguajar dos pastores, mas antes o de

um sujeito burguês educado de sua época. Ademais, exploramos o papel da retórica no *Prelúdio* e como essa ainda enforma sua estrutura e suas escolhas estilísticas. A seguir, penetramos mais a fundo no poema, desta vez nas suas dimensões sintática e vocabular, avaliando quais figuras e recursos estilísticos são mais prevalentes no verso branco de Wordsworth, com exemplos do *Prelúdio*, a fim de melhor embasarmos nossas escolhas de tradução.

No quarto capítulo, apresentamos nossa perspectiva tradutória e os objetivos os quais intentamos alcançar. Para tanto, resumimos os resultados de nossa pesquisa nos tópicos relativos à métrica e ao estilo, e elencamos os diversos elementos estabelecidos de acordo com a prioridade na tradução, levando em consideração a importância do elemento na composição e na caracterização do poema, a disponibilidade de correspondências em língua portuguesa, e a facilidade ou dificuldade de sua tradução. Em seguida, apresentamos um breve panorama e consideração crítica das traduções, completas ou parciais, do *Prelúdio* em língua portuguesa, comentando, de forma geral, sobre o aparente projeto do tradutor e, em nossa opinião, os pontos fortes da tradução e alguns pontos onde discordamos das escolhas tomadas pelos tradutores. Por último, apresentamos o percurso pelo qual nossa tradução passou, desde nossos primeiros experimentos com a versão do verso branco wordsworthiano, passando pelos primeiros esboços de tradução do *Prelúdio* e a estabilização de parâmetros norteadores, até atingirmos a versão que melhor nos agradou.

Na sequência, no quinto capítulo, apresentamos a tradução que realizamos da obra, em paralelo com o texto original. Por fim, no sexto capítulo, discutimos nossas escolhas tradutórias, primeiramente acerca da opção de verso, como buscamos reproduzir o ritmo iâmbico e como tratamos as pausas interiores e finais do verso, de que modo recriamos o estilo médio do poema, sua variabilidade de dicção e a sustentação de uma retórica épica, e, por último, de que forma lidamos com a complexidade sintática da obra, seu tom abstrato e seu senso de passividade.

2 AUTOR E OBRA

2.1 O PRELÚDIO DO POETA

William Wordsworth nasce em 7 de abril de 1770, em Cockermouth, Cumberland, na Região dos Lagos, Inglaterra⁷. O segundo dos cinco filhos de John e Anne Cookson Wordsworth, William tem uma infância livre e vigorosa, de brincadeiras e passeios pela natureza, especialmente em companhia de sua irmã Dorothy, com a qual (junto, também, ao seu irmão John) cultivaria uma amizade profunda por toda a vida, em muitas formas determinante para o desenvolvimento de seu espírito e sua poesia. Mas sua felicidade infantil é cortada cedo pela morte da mãe, aos oito anos, e, seis anos depois, pelo falecimento do seu pai. Não obstante a orfandade prematura, Wordsworth deveu a eles, como recorda no *Prelúdio* (Livro V, vv. 246-293), a primeira base de sua educação: a sua mãe deve a educação moral e as primeiras instruções, de onde colhe o primeiro desenvolvimento da sua imaginação, enquanto que, de seu pai, recebeu seus primeiros incentivos à leitura.

Com a morte da mãe, William é enviado a Hawkshead Grammar School, uma pequena e modesta “escola de gramática” do vilarejo de Hawkshead, na Cumbria. Localizada junto à igreja e ao cemitério da cidade, a escola oferecia educação gratuita às crianças do distrito, especialmente aos filhos de fazendeiros, onde aprendiam latim, princípios de grego e matemática. Dessa época, suas memórias de Anne Tyson, a hospedeira que o alojava e por quem nutriu um carinho filial, e as lembranças de William Taylor, seu professor favorito, o qual, além de incentivá-lo à leitura, emprestando-lhe livros (inclusive de poetas contemporâneos), também estimulou-o a trabalhar com a escrita. Porém, o poeta não recorda apenas Tyson e Taylor. Ele recorda com alegria da liberdade que tinha e sentia nesse tempo pueril, seus jogos e diversões com os colegas, e, em especial, as longas caminhadas pela natureza, bem como o seu convívio com os habitantes do vilarejo.

Quando seu pai morre em 1783, os Wordsworths se veem órfãos e sem casa, perdidos em uma disputa judicial, junto com o restante do dinheiro da família (os quais só seriam revistos anos mais tarde), e, assim, têm de ir morar com sua família

⁷ Nossas fontes para a biografia de Wordsworth foram as obras *The Early Life of William Wordsworth* (1897), de Émile Legouis, e *The Cambridge Introduction to William Wordsworth* (2010), de Emma Mason

materna. Em 1787, William é matriculado no St. John's College, Cambridge, onde permanece até 1791. A princípio um aluno exemplar, logo desilude-se com a educação rasa e mecânica do lugar. Deixando os estudos, preferia passar seu tempo em passeios e em triviais passatempos sociais com seus companheiros, embora ainda amasse a solidão. Porém, ao visitar Hawkshead durante as férias, Wordsworth encontra um renovado interesse por objetos naturais e pela vida da gente do campo. Com isso, volta-se, outra vez, para a poesia e compõe, nessa época, seu primeiro importante poema, *An Evening Walk*.

Em 1790, ao invés de se preparar para os exames de graduação, o poeta decide realizar um tour de três meses a pé pela Europa, acompanhado de um amigo, Robert Jones, e visitar os Alpes. Juntos, chegam a Calais no aniversário da queda da Bastilha e Wordsworth experiencia, pela primeira vez, o entusiasmo da Revolução Francesa. Sua escalada dos Alpes foi menos fascinante: registra, com tristeza, no *Prelúdio* (Livro VI, vv. 517-640), seu desapontamento ante a vista do Monte Branco e a travessia do passo do Simplon. Por outro lado, a visão do lago de Como, na Itália, grava-se em sua memória como um ideal de beleza, e, a expansão da imaginação que sente diante dos Alpes serve para lhe dar uma nova perspectiva sobre as paisagens de sua região nativa (LEGOUIS, 1965, p. 118).

Retornando à Inglaterra e graduando-se em 1791, Wordsworth, ainda incerto quanto a que rumo tomar na vida, opta por passar ainda algum tempo em indolência e muda-se para Londres. Impressiona-se com a cidade, seu assombroso tamanho e miríade de curiosidades, mas não encontra alimento ao seu espírito. No entanto, em sua estada, absorve a atmosfera política do momento, os debates pró e contra a Revolução Francesa, o que o insta a retornar ao país. Antes, porém, visita a convite Jones e juntos realizam um tour a pé pelo norte do vale de Clwyd, no País de Gales, onde sobem o monte de Skiddaw. Lá, como registra no *Prelúdio* (Livro XIV, vv. 1-129), Wordsworth tem uma experiência profunda que o marca com um senso de sublimidade diante do poder da imaginação, e tão importante lhe é a visão que o poeta a elege como conclusão ao seu poema biográfico. Segundo o crítico francês Émile Legouis, tal revelação "*Apparently [...] was the last majestic conception appropriated by his mind before he forsook nature in order to plunge into society, and exchanged*

*for the time being the life of calm contemplation for that of tumult and excitement*⁸ (LEGOUIS, 1965, p. 191).

Então, após uma breve estada em Cambridge, Wordsworth retorna à França com a intenção de aprofundar seu conhecimento da língua francesa e lá permanece por um ano, até 1792. Sua segunda estada no país provou-se um dos períodos mais importantes de sua vida: até então indeciso em sua posição quanto à revolução, Wordsworth agora se torna um ardente defensor da causa, em especial pela influência de Michel Beaupuy, um capitão à época posicionado em Blois, com quem o poeta desenvolve um íntima amizade, e que lhe serve de guia por uma França desestabilizada pela guerra. Juntos caminham e conversam, enquanto Beaupuy transmite ao poeta seus sonhos e ideais humanitários. Inspirado pelo amigo e testemunhando a condição miserável da população francesa, Wordsworth, por fim, converte-se à causa da revolução: “*He had found a religion – that of pity and love for the wretched, combined with the hope of improving their condition*”⁹ (LEGOUIS, 1965, p. 212). Em julho de 1792, Beaupuy parte em serviço para o Reno e os amigos não voltam a se encontrar; Wordsworth retorna a Orleans, onde presencia os massacres de setembro e, nas margens do Loire, termina seu poema *Descriptive Sketches*. Além de sua conversão, Wordsworth também experiencia, na França, sua primeira relação amorosa com Anette Vallon, filha de um cirurgião francês, com quem tem uma filha, Caroline, nascida em 1792. Porém, por conta da declaração de guerra da Inglaterra contra a França, Wordsworth é forçado a retornar sozinho ao seu país em 1793.

Logo ao voltar para a Inglaterra, Wordsworth publica suas primeiras obras, *An Evening Walk* e *Descriptive Sketches*. Cada vez mais expressivo em sua dissidência, Wordsworth, no mesmo ano, escreve um panfleto (não publicado) em defesa da França na guerra (*A Letter to the Bishop of Llandaff*¹⁰). Já em 1794, após herdar 900 libras de um amigo, funda, com outro amigo de Cambridge, um jornal humanista, revolucionário, em Londres, *The Philantropist*¹¹, de pouca duração. Mas seu fervor pela causa arrefecia, e, em compensação, começou a desenvolver uma paixão pela filosofia de William Godwin, buscando, no seu racionalismo, um sistema que fosse

⁸ “Aparentemente foi a última ideia majestosa apropriada por sua mente antes que ele abandonasse a natureza para mergulhar na sociedade e trocasse por um tempo a vida de calma contemplação por uma de tumulto e entusiasmo”.

⁹ “Ele havia encontrado uma religião – a de piedade e amor pelos miseráveis, combinados com a esperança de melhoramento de sua condição”.

¹⁰ “Uma carta ao Bispo de Llandaff”.

¹¹ “O Filantropo”.

capaz de oferecer a base moral que o período do “terror”, na França, lhe minara. Tal paixão, embora ardente, foi curta e teve como resultado não apenas uma peça, *The Borderers*, a qual lida com a moral godwiniana por tema, como também uma crise moral, tendo Wordsworth encontrado apenas um árido determinismo na filosofia de Godwin. Cansado de Londres e da sua política, o poeta muda-se para Racedown, Dorset, em 1795, onde estabelece uma comunidade familiar com sua irmã, Dorothy, sua amiga de infância, Mary Hutchinson (com quem mais tarde casaria), e seu novo amigo: Samuel Taylor Coleridge.

De volta ao campo e muito por conta da influência benéfica de sua irmã, Wordsworth recupera pouco a pouco sua visão poética e seu apreço pela natureza, atrofiados pela cidade, pelo idealismo e pelo hábito de análise intelectual. Todavia, para além da influência da sensibilidade de Dorothy, Wordsworth encontra em Coleridge uma mente que o estimula a meditações mais profundas. Coleridge havia lido seu *Sketches*, vendo nele o germe de um gênio, e quando os dois poetas enfim se conhecem, imediatamente encantam-se profundamente um pelo outro, tanto que em 1797 Wordsworth muda-se com Dorothy para Alfoxden, Somerset, a fim de ficar mais próximo a Coleridge. Lá tornam-se inseparáveis e passam os dias em conversas, caminhadas e composições, o que, pela natureza do grupo e suas atividades, chegou mesmo a levantar a suspeita das autoridades locais, achando se tratar de um grupo de revolucionários.

Dessa época são os dois principais marcos literários da carreira de Wordsworth. O primeiro foi a concepção, idealizada por Coleridge e a ser realizada por Wordsworth, de um poema épico filosófico que rivalizasse com o *Paraíso Perdido* de John Milton e que fosse seu equivalente para o século XIX, a ser chamado *The Recluse, or Views of Nature, Man and Society*¹², dirigido àqueles que a falha da Revolução Francesa havia desiludido de toda esperança no melhoramento da condição humana. Tal concepção foi, em parte, motivada pelas ideias do trio de uma nova poesia, que mesclasse a lírica e a balada e se dirigisse a um público mais amplo. A partir dessa mesma motivação, surgiu também o volume de poemas *Lyrical Ballads*¹³, obra que abre o romantismo na Inglaterra e viria a deixar uma marca indelével na poesia inglesa, especialmente pela revolução promovida no âmbito da

¹² “O Recluso, ou Observações sobre a Natureza, o Homem e a Sociedade”.

¹³ “Baladas Líricas”.

dicção poética, despojada, e dos temas abordados (revolução mais tarde teorizada nos prefácios de Wordsworth às edições de 1800 e 1802).

Em 1798, o trio faz uma viagem à Alemanha. Enquanto Coleridge, melhor provido de meios financeiros, visita as cidades universitárias de Razebur e Göttingen para estudar alemão e filosofia, Wordsworth e Dorothy passam o inverno isolados na cidade de Goslar. Lá, tendo apenas um ao outro, e nada mais por companhia além de alguns livros, seus pensamentos e memórias, Wordsworth escreve algumas baladas e, mais importante, 400 versos do poema para Coleridge, os quais viriam a ser o princípio de seu épico autobiográfico, *O Prelúdio*.

2.2 HISTÓRIA TEXTUAL DO *PRELUDE*

O *Prelúdio* possui tantas origens quanto versões. De fato, como afirmam J. Wordsworth, M. H. Abrams e S. Gill, editores da *Norton Critical Edition*¹⁴ do poema: “*No literary masterpiece has a more complicated textual history than The Prelude*”¹⁵ (in WORDSWORTH, 1979, p. ix). Embora a publicação da obra seja de 1850, poucas semanas após a morte de William Wordsworth, a história de sua composição remonta aos princípios da carreira literária do poeta, ao período de 1798 ou mesmo 1797. No ínterim, a obra não deixou de sofrer constantes reformulações de escopo e propósito, bem como de estilo e caráter. No seguinte excerto, Wordsworth resume sua história no prefácio de *The Excursion*, em 1814, onde ocorre a primeira menção pública do poema:

Several years ago, when the Author retired to his native Mountains, with the hope of being enabled to construct a literary Work that might live, it was a reasonable thing that he should take a review of his own Mind, and examine how far Nature and Education had qualified him for such employment. As subsidiary to this preparation, he undertook to record, in Verse, the origin and progress of his own powers, as far as he was acquainted with them. That Work, addressed to a dear Friend, most distinguished for his knowledge and genius, and to whom the Author's Intellect is deeply indebted, has been long finished; and the result of the investigation which gave rise to it was a determination to compose a philosophical Poem, containing views of Man, Nature, and Society; and to be entitled, The Recluse; as having for its principal subject the sensations and opinions of a Poet living in retirement.—The preparatory Poem is biographical, and conducts the history of the Author's mind to the point when he was emboldened to hope that his faculties were sufficiently matured for entering upon the arduous labour which he had

¹⁴ “Edição Crítica Norton”.

¹⁵ “Nenhuma obra prima literária possui uma história textual mais complicada do que *O Prelúdio*”.

*proposed to himself; and the two Works have the same kind of relation to each other, if he may so express himself, as the Anti-chapel has to the body of a gothic Church*¹⁶. (WORDSWORTH, 2006, pp. 894-895).

O “*preparatory Poem*” em questão é aquele que veio a ser publicado sob o título de *The Prelude*, e o qual, como o autor explicita, deveria servir de introdução a um outro poema, a ser chamado de *The Recluse*, uma obra filosófica em versos acerca do ‘Homem, da Natureza e da Sociedade’, do qual *The Excursion* faria parte. Segundo o prefácio à primeira edição do *Prelúdio*, *The Recluse* teria consistido em três partes mais a introdução biográfica: dessas, apenas a segunda foi completada, *The Excursion*, restando da primeira apenas o primeiro livro, com o título de ‘*Home at Grasmere*¹⁷’, publicado em 1888 (uma versão preliminar aparece junto ao prefácio de *The Excursion* como um ‘*Prospectus*¹⁸ a *The Recluse*), enquanto que a terceira permaneceu apenas em forma embrionária (o material desenvolvido sendo absorvido por composições subsequentes).

O poema introdutório, como escreve o autor, já havia sido há muito terminado (desde 1805, quando data a versão em treze livros), mas aguardaria ainda meio século (e a morte do poeta) para vir à luz. A razão disso dá-nos Wordsworth juntamente com a primeira referência que faz à obra, em uma carta ao escritor Thomas De Quincey de 6 de março de 1804: “*I am now writing a poem on own my earlier life [...]. This Poem will not be published these many years, and never during my lifetime, till I have finished a larger and more important work to which it is tributary*¹⁹” (WORDSWORTH in GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 39). Alguns meses mais tarde, em

¹⁶ “Muitos anos atrás, quando o Autor se retirou para suas Montanhas nativas, com a esperança de se capacitar para construir uma Obra literária que perdure, era compreensível que devesse revistar sua própria Mente e examinar quanto a Natureza e Educação haviam-no qualificado para essa empresa. Como auxílio ao seu preparo, pôs-se a registrar, em Verso, a origem e progresso de seus próprios poderes, o quanto estava familiarizado com eles. Aquela Obra, endereçada a um Amigo querido, distinto por seu conhecimento e gênio, e a quem o Intelecto do Autor está profundamente endividado, já está concluída há tempos; e o resultado da investigação que deu origem a ela foi uma determinação de compor um Poema filosófico, contendo visões sobre o Homem, a Natureza e a Sociedade; e a ser intitulado, *O Recluso*; tendo por seu principal tema as sensações e opiniões de um Poeta vivendo em reclusão. – O poema preparatório é biográfico e conduz a história do espírito do Autor até o ponto em que ele se sentiu encorajado a crer que suas faculdades estavam suficientemente maduras para adentrar no árduo labor que ele havia proposto pra si mesmo; e as duas Obras têm o mesmo tipo de relação uma para com a outra como, por assim dizer, a Antecapela tem para com o corpo de uma Igreja gótica”.

¹⁷ “Lar em Grasmere” ou “Em casa em Grasmere”.

¹⁸ “Prospecto”.

¹⁹ “Estou escrevendo agora um poema sobre os primeiros anos da minha própria vida [...]. Esse Poema não será publicado nos próximos anos, e nunca durante minha vida, até que eu tenha completado uma obra maior e mais importante, à qual ele é tributário”.

uma carta a Richard Sharp, de 29 de abril de 1804, Wordsworth evoca a mesma determinação:

I am at present in the 7th book of this work, which will turn out far longer than I ever dreamt of; it seems a frightful deal to say about one's self; and, of course, will never be published (during my lifetime, I mean) till another work has been written and published, of sufficient importance to justify me in giving my own history to the world²⁰ (Ibid., p. 40).

A 'outra obra' (*The Recluse*) nunca foi concluída e, conseqüentemente, a publicação do poema biográfico foi postergada indefinidamente. Se a confissão autobiográfica, como primeiro concebida, deveria servir de testemunho ao poder da natureza em educar a sensibilidade poética do autor até o ponto de elaborar uma obra importante o suficiente para merecer tal preâmbulo, a falta dessa obra mina, para Wordsworth, o propósito da existência de um poema que discursasse tanto acerca de si próprio.

O *Prelúdio* foi concebido e escrito para e por causa de *The Recluse*, mas pouco a pouco usurpou para Wordsworth (mas nunca para Coleridge) a preeminência do projeto original. A primeira menção que conhecemos do projeto vem de uma carta de 6 de março de 1798:

I have written 1300 lines of a poem in which I contrive to convey most of the knowledge of which I am possessed. My objective is to give pictures of Nature, Man and Society. Indeed I know not any thing which will not come within the scope of my plan²¹ (Ibid., p. 37).

Seu plano, com promessas de um escopo tão vasto e inclusivo, pareceria, a um autor cauteloso e comedido, fadado a fracassar, ou, ao menos, a sobrecarregar seu autor a ponto de debilitar sua execução. De fato, assim se sucedeu com *The Recluse*.

O projeto foi primeiro idealizado na época em que Coleridge e Wordsworth elaboravam o conceito das *Lyrical Ballads*, em 1798, o seminal volume de poemas que daria início ao movimento literário do Romantismo na Inglaterra. Desde o verão anterior, em 1797, ambos os poetas, vivendo em Somerset, já mantinham uma íntima

²⁰ "Estou, no momento, no 7º livro dessa obra, a qual será muito mais extensa do que jamais sonhei que seria; parece algo espantoso falar sobre si mesmo; e, claro, nunca será publicada (durante minha vida, digo) até que outra obra tenha sido escrita e publicada, de importância suficiente para justificarme entregar minha própria história ao mundo".

²¹ "Eu escrevi 1300 versos de um poema no qual busco transmitir a maior parte do conhecimento que possuo. Meu objetivo é oferecer imagens da Natureza, Homem e Sociedade. De fato, não sei de nada que não será abarcado pelo escopo do meu plano".

e profícua amizade e relação literária. Possivelmente, a concepção do projeto tenha derivado de Coleridge, como atesta sua admiração ao amigo, o qual, muito antes do poeta publicar seus melhores poemas, já o considerava “*the Giant Wordsworth*²²”, “*the best poet of the age*²³”, destinado a escrever uma obra “*to benefit mankind*²⁴” (ROBINSON, 2014, p. 21). Ao menos, porém, a paixão por trás da obra era primariamente da parte de Coleridge. Em uma carta a Wordsworth de 12 de outubro de 1799, escreve o poeta: “*I long to see what you have been doing. O let it be the tail-piece of ‘The Recluse’! for of nothing but ‘The Recluse’ can I hear patiently*²⁵” (COLERIDGE in GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 38). Em outro momento, Coleridge se refere ao *Recluse* como “*A Great Work, in which he [Wordsworth] will sail; on an open Ocean, & a steady wind*” (Ibid., p. 38). Mesmo em 1804, com a obra ainda não mais do que uma promessa, Coleridge já vê Wordsworth como

*a poet, a most original poet. He no more resembles Milton than Milton resembles Shakespeare – no more resembles Shakespeare than Shakespeare resembles Milton. He is himself and, I dare affirm that, he will hereafter be admitted as the first and greatest philosophical poet, the only man who has effected a complete and constant synthesis of thought and feeling and combined them with poetic forms, with the music of pleasurable passion, and with Imagination [...]; and I prophesy immortality to his ‘Recluse’, as the first and finest philosophical poem*²⁶ (Ibid., pp. 38-39).

Não com surpresa, portanto, encontramos Wordsworth constantemente evadindo a escritura de uma obra tão monumental e tão antecipada por seu amigo, a quem o poeta devotava igual apreço e, como atestam seus endereçamentos a Coleridge, no *Prelúdio*, o desejo de provar-se à altura da imagem que o amigo fazia dele.

Na origem do entusiasmo de Coleridge encontra-se o poema de Wordsworth ‘*The Ruined Cottage*²⁷’, o qual viria a compor o primeiro livro de *The Excursion* e no qual já se encontram passagens e vozes que darão o tom para *O Prelúdio*.

²² “O Gigante Wordsworth”.

²³ “O melhor poeta da era”.

²⁴ “Para beneficiar a humanidade”.

²⁵ “Eu anseio por ver o que você tem feito. Ó, que seja o arremate de ‘O Recluso’!, pois de nada que não seja ‘O Recluso’ posso ouvir com paciência”.

²⁶ “Um poeta, um poeta verdadeiramente original. Ele não mais se assemelha a Milton do que Milton se assemelha a Shakespeare – não mais se assemelha a Shakespeare do que Shakespeare se assemelha a Milton. Ele é ele próprio e, ousado afirmar, ele será doravante aceito como o primeiro e maior poeta filosófico, o único homem que realizou uma completa e constante síntese de pensamento e sentimento e combinou-os com formas poéticas, com música de paixão aprazível, e com imaginação [...]; e profetizou imortalidade ao seu ‘Recluso’, como o primeiro e melhor poema filosófico”.

²⁷ “A Cabana Arruinada”.

Primeiramente completado no verão de 1797, ‘*The Ruined Cottage*’ narra a tragédia de uma família desafortunada em tempos de guerra e escassez econômica, estabelecendo um paralelo entre o declínio da família e a progressiva ruína de sua habitação. A testemunha e narrador dos eventos é um mascate (*pedlar*) de peculiar inclinação filosófica, servindo, de certa forma, como uma persona do poeta. Insatisfeito com o poema, Wordsworth pôs-se a revisá-lo no ano seguinte, expandindo a participação do mascate, dando a ele a história de sua infância, na região de Cumberland (onde o próprio poeta crescera), e relatando a formação e crescimento de sua imaginação no intercâmbio com a natureza, auxiliado não menos, como Wordsworth descreve sua formação no *Prelúdio*, pela leitura de Milton e estudo de geometria. Precisamente na personagem do mascate e nas revisões de 1798 do poema, Wordsworth lança o germe do que virá a se tornar *O Prelúdio*. Nessa versão (MS B), encontramos uma extensa passagem descrevendo o caráter e a formação da imaginação do mascate, a qual, com poucas modificações, será readaptada para descrever a formação do espírito do próprio poeta no terceiro livro do *Prelúdio*. Em *The Ruined Cottage* lemos:

*To every natural form, rock, fruit, and flower,
Even the loose stones that cover the highway,
He gave a moral life; he saw them feel
Or linked them to some feeling. In all shapes
He found a secret and mysterious soul,
A fragrance and a spirit of strange meaning.
Though poor in outward shew, he was most rich;
He had a world about him—’twas his own,
He made it—for it only lived to him
And to the God who looked into his mind.
Such sympathies would often bear him far
In outward gesture, and in visible look,
Beyond the common seeming of mankind.
Some called it madness—such it might have been,
But that he had an eye which evermore
Looked deep into the shades of difference
As they lie hid in all exterior forms,
Which from a stone, a tree, a withered leaf,
To the broad ocean and the azure heavens
Spangled with kindred multitudes of stars,
Could find no surface where its power might sleep,
Which spake perpetual logic to his soul,
And by an unrelenting agency
Did bind his feelings even as in a chain²⁸. (WORDSWORTH, 2010b, p. 151).*

²⁸ “A cada forma natural, rocha, fruta e flor / Mesmo as pedras soltas que recobrem a estrada, / Ele deu uma vida moral; viu-as sentir / Ou ligou-as a algum sentimento. Em toda forma / Ele encontrava um segredo e alma misteriosa, / Uma fragrância e um espírito de estranho significado. / Embora pobre em aparência exterior, ele era muitíssimo rico; / Ele tinha um mundo à sua volta – era seu, / Ele o fizera – pois somente vivia para ele / E para o Deus que perscrutava sua mente. / Tais simpatias amiúde o

Enquanto que no *Prelúdio* (1805) a passagem é expandida e adaptada para:

*To every natural form, rock, fruit or flower,
Even the loose stones that cover the high-way,
I gave a moral life – I saw them feel,
Or linked them to some feeling. The great mass
Lay bedded in a quickening soul, and all
That I beheld respired with inward meaning.
Thus much for the one presence, and the life
Of the great whole; suffice it here to add
That whatsoe'er of terror, or of love,
Or beauty, Nature's daily face put on
From transitory passion, unto this
I was as sensitive as waters are
To the sky's motion, in a kindred sense
Of passion; was obedient as a lute
That waits upon the touches of the wind.
Unknown, unthought of, yet I was most rich,
I had a world about me—'twas my own;
I made it, for it only lived to me,
And to the God who looked into my mind.
Such sympathies would sometimes shew themselves
By outward gestures and by visible looks –
Some called it madness; such indeed it was,,
If childlike fruitfulness in passing joy,
If steady moods of thoughtfulness matured
To inspiration, sort with such a name;
If prophesy be madness; if things viewed
By poets in old time, and higher up
By the first men, earth's first inhabitants,
May in these tutored days no more be seen
With undisordered sight. But leaving this,
It was no madness; for I had an eye
Which in my strongest workings evermore
Was looking for the shades of difference
As they lie hid in all exterior forms,
Near or remote, minute or vast – an eye
Which from a tree, a stone, a withered leaf,
To the broad ocean and the azure heavens
Spangled with kindred multitudes of stars,
Could find no surface where its power might sleep;
Which spake perpetual logic to my soul,
And by an unrelenting agency
Did bind my feelings even as in a chain²⁹. (WORDSWORTH, 1979, l. III, vv.
130-169).*

levavam longe / Em gestos exteriores, e em aspecto visível, / Para além da aparência comum da humanidade. / Alguns chamavam a isso loucura – tal poderia ter sido, / Mas que ele tinha um olho que sempre / Olhava a fundo os tons de diferença / Como se achavam ocultos em toda forma exterior, / Que de uma pedra, uma árvore, uma folha ressequida, / Até o oceano amplo e os céus azuis, / Pontilhados com uma multidão de estrelas aparentadas, / Não encontrava superfície onde seu poder pudesse dormir, / O qual falava perpétua lógica a sua alma, / E, através de uma agência implacável, / Unia seus sentimentos como se em uma cadeia”.

²⁹ “A cada forma natural, rocha, fruta e flor / Mesmo as pedras soltas que recobrem a estrada, / Eu dei uma vida moral; vi-as sentir / Ou liguei-as a algum sentimento. A grande massa / Estava plantada em uma alma ativa, e tudo / O que eu contemplava respirava com um significado interno. / Isso tenho a dizer sobre a presença una e a vida / Do grande todo; basta aqui acrescentar / Que o que quer que de

A primeira versão desses versos foi escrita entre fevereiro e março de 1798. Em meados de julho do mesmo ano, Wordsworth visita o vale de Wye (onde estivera em outra ocasião) e desse passeio compõe ‘*Tintern Abbey*³⁰’, um poema autobiográfico preocupado com as reminiscências e as reflexões em que retraça a formação de seu espírito e suas experiências determinantes em meio à natureza e à metrópole. Tais fatos acabaram culminando em uma compreensão mais penetrante do significado de sua relação com a natureza e de seu papel fulcral na educação de sua sensibilidade poética e moral. Segundo o crítico M. H. Abrams, o *Prelúdio* é uma expansão em escopo épico de ‘*Tintern Abbey*’, ambos conformando à forma poética que ele nomeia de ‘*greater Romantic lyric*³¹’, a qual tem sua origem na poesia conversacional de Coleridge. Nas duas instâncias, o texto

*begins with the description of a landscape visited in maturity, evokes the entire life of the poet as protracted meditation on things past, and presents the growth of the poet’s mind as an interaction with the natural milieu by which it is fostered, from which it is tragically alienated, and to which in the resolution it is restored, with a difference attributable to the intervening experiences; the poem ends at the time of its beginning*³². (ABRAMS, 1965, p. 530).

Em ‘*The Ruined Cottage*’ e ‘*Tintern Abbey*’, em seus temas e forma e, especialmente, na qualidade do verso branco que Wordsworth emprega nas duas

terror ou de amor / Ou beleza, que a face diária da Natureza vestia / De paixão transitória, a isso / Eu era tão sensível como as águas são / Ao movimento do céu, em um sentido semelhante / De paixão; era obediente como um alaúde / Que aguarda o toque do vento. / Desconhecido, impensado, no entanto eu era muitíssimo rico, / Eu tinha um mundo à minha volta – era meu, / Eu o fizera – pois somente vivia para mim / E para o Deus que perscrutava minha mente. / Tais simpatias amiúde se mostravam / Em gestos exteriores e em aspectos visíveis - / Alguns chamavam a isso loucura; tal de fato era, / Se a riqueza infantil na alegria passageira, / Se ânimos estáveis de ponderação maturados / Em inspiração, são classificados com tal nome; / Se profecia for loucura; se coisas vistas / Por poetas em tempos antigos, e, ainda mais antigamente, / Pelos primeiros homens, os primeiros habitantes da terra, / Não podem mais, nestes dias instruídos, ser percebidas / Com olhar não desordenado. Mas, à parte disso, / Não era loucura; pois eu tinha um olho / O qual, em minhas mais fortes operações, sempre / Estava em busca dos tons de diferença / Como eles se achavam ocultos em toda forma exterior, / Próxima ou remota, pequena ou vasta – um olho / Que de uma árvore, uma pedra, uma folha ressequida / Até o vasto oceano e os céus azuis, / Pontilhados com uma multidão de estrelas aparentadas, / Não encontrava superfície onde seu poder pudesse dormir; / O qual falava perpétua lógica a minha alma, / E, através de uma agência implacável, / Unia meus sentimentos como se em uma cadeia” (tradução nossa)..

³⁰ “Abadia de Tintern”.

³¹ “Lírica romântica maior”.

³² “Começa com a descrição de uma paisagem visitada na idade adulta, evoca a vida inteira do poeta como meditação protraída sobre coisas passadas e apresenta o desenvolvimento da mente do poeta como uma interação entre o ambiente natural pelo qual foi nutrido, do qual é tragicamente alienado, e ao qual, na resolução, é restaurado, com uma diferença atribuível às experiências intervenientes; o poema termina no momento de seu começo”.

ocasiões, encontram-se as sementes do *Prelúdio* que irão maturar nos anos subsequentes. É no inverno de 1798, entretanto, que o poema começa a tomar forma própria. Em fins de outubro, Wordsworth achava-se junto com sua irmã, Dorothy, na cidade de Goslar, na Alemanha, para onde haviam viajado a fim de estudar alemão, enquanto que Coleridge, junto com seu discípulo Chester, com quem os Wordsworths chegaram no país, dirigiu-se para a região norte, dispondo de patrocínio e maior conhecimento da língua, para estudar filosofia. Isolados linguisticamente, sem recursos financeiros e com poucos livros ao seu dispor, Wordsworth teve de recorrer à escrita como uma forma para lidar com sua situação e voltou-se às memórias de sua infância como matéria poética. Assim, no caderno que dividia com sua irmã, repartido entre crônicas da viagem, anotações sobre a língua alemã e rascunhos poéticos, Wordsworth, vendo-se com dificuldades para dar continuidade ao *Recluse*, redigiu os versos introdutórios de sua autobiografia:

*Was it for this
That one, the fairest of all rivers loved
To blend his murmurs with my nurse's song
And from his alder shades and rocky falls
And from his fords and shallows sent a voice
To intertwine my dreams...*³³ (WORDSWORTH apud ROBINSON, 2014, p. 36).

O *'this'* em questão refere-se à situação em que se encontrava o poeta, sentindo-se destituído de seus poderes poéticos e incapaz de elevar-se à altura da tarefa que lhe incumbira Coleridge. Como escreve em uma carta de 1805, *"I began the work because I was unprepared to treat any more arduous subject, and diffident of my own powers"*³⁴ (WORDSWORTH in GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 41). Nas expansões e revisões subsequentes das versões de 1805 e 1850, Wordsworth precede ainda essa passagem com um longo preâmbulo, no qual (por razões retóricas, mas não sem referência à realidade) o poeta concebe o projeto de escrever uma obra épica, *"a literary Work that might live"*³⁵ (como diz no prefácio ao *Excursion*),

³³ "Foi por isso / Que um, o mais belo dos rios, amava / Mesclar seus murmúrios com a canção de minha ama / E de suas sombras de amieiros e cascatas rochosas, / E de seus vaus e baixios enviava uma voz / Para entrelaçar meus sonhos...".

³⁴ "Eu comecei a obra porque estava despreparado para tratar de algum tema mais árduo, e hesitante quanto aos meus próprios poderes".

³⁵ "Uma Obra literária que possa perdurar".

elegendo e rejeitando diversos temas, para finalmente achar-se em dúvida quanto a sua própria capacidade como poeta:

[...] for either still I find
Some imperfection in the chosen theme,
Or see of absolute accomplishment
Much wanting, so much wanting, in myself,
That I recoil and droop, and seek repose
In listlessness from vain perplexity,
Unprofitably travelling toward the grave,
Like a false steward who hath much received
And renders nothing back³⁶. (WORDSWORTH, 2006, l. I, vv. 261-268).

Muito ganhou Wordsworth da Natureza na formação de sua imaginação e sensibilidade. Porém, muito ganhou, podemos também ler, de louvor e encorajamento por parte de Coleridge, enquanto nada pode devolver que retribuisse a confiança depositada sobre ele pela Natureza e pelo amigo. É com tal nota que tem origem o *Prelúdio*, como busca pessoal nas memórias de uma vida pelos sinais que confirmem a fé do poeta e seu amigo (a quem o poema é dedicado e endereçado) na vocação de Wordsworth como “a *dedicated Spirit*³⁷” (Ibid., l. IV, v. 337), destinado à imortalidade literária.

No verão seguinte, em 1799, os Wordsworths retornam à Inglaterra e se estabelecem em Grasmere, no distrito dos Lagos. Durante o outono e inverno de 1799-1800, Wordsworth debruça-se sobre o poema começado em Goslar e completa sua primeira versão, em duas partes (referido pela crítica como ‘*the two-part Prelude*’, ‘o *Prelúdio* em duas partes’), contendo 978 versos, nos quais o poeta descreve o desenvolvimento de sua mente no período da infância e escolaridade (o que nas versões seguintes corresponde, na maior parte, aos livros I e II). Essa versão foi publicada pela primeira vez em 1974, por Jonathan Wordsworth e Stephen Gill, em *The Norton Anthology of English Literature*³⁸ (terceira edição).

O ‘poema para Coleridge’ (como então era conhecido o *Prelúdio*) permaneceu como foi deixado por dois anos, não tendo planos de publicação senão como parte do *Recluse*. Porém, nos anos seguintes, algumas espúrias referências podem ser

³⁶ “[...] quer surpreenda / Alguma imperfeição no tema escolhido, / Que me aperceba de que, para a realização de uma obra, / Aquilo que me falta é tanto, tanto! / - Recuo desanimado e procuro repousar / Na indiferença desta vã perplexidade, / Dirigindo-me inutilmente para o túmulo, / Como um criado desonesto / Que recebeu muito / E nada há-de retribuir.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

³⁷ “Um Espírito consagrado” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

³⁸ “A Antologia Norton de Literatura Inglesa”.

encontradas (nos diários de Dorothy) aludindo ao trabalho de Wordsworth em um terceiro livro de seu poema. Em 1804 encontramos referências a um novo plano de Wordsworth para a obra, como descrito em uma carta a Francis Wrangham: “*At present I am engaged in a Poem on my own earlier life, which will take five parts or books to complete, three of which are nearly finished*³⁹” (WORDSWORTH, 1979, p. 530); e, na já referida carta a De Quincey, o poeta diz que

*I am now writing a poem on my own earlier life; and have just finished that part in which I speak of my residence at the University [...]. That [poem] on my life [...] is better [than] half complete, viz., 4 books, amounting to about 2500 lines*⁴⁰. (Ibid., p. 531).

Nesse momento, Wordsworth parece ter em mente um poema em oito livros, o qual deveria constituir uma segunda versão do *Prelúdio*. No entanto, Wordsworth logo reformula seu projeto novamente e, até 1805, completa a segunda versão do *Prelúdio* (ou a primeira, propriamente dita), em treze partes (publicada pela primeira vez em 1926, por Ernest de Selincourt). Na versão de 1805, Wordsworth move as seções dos ‘*spots of time*⁴¹’ para os livros V e XII e expande o poema para incluir suas experiências em Cambridge, na França durante a revolução, sua estada em Londres, seu abatimento de espírito e recuperação, concluindo, ainda como na versão anterior, com a epifania final na subida do Monte Snowdon.

Em 1805, o *Prelúdio* havia crescido em importância aos olhos de Wordsworth. “*This work*”, escreve em carta a George Beaumont, onde anuncia a conclusão da obra, “*may be considered as a sort of portico to The Recluse, part of the same building*⁴²” (WORDSWORTH in GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 42). Já no prefácio de *The Excursion*, o poema tornara-se uma “*ante-chapel*” para a catedral que deveria ser a obra maior. Porém, ao mesmo tempo, a obra a qual Wordsworth, em 1804, ainda intenciona “*to devote the prime of my life, and the chief force of my mind*⁴³” (Ibid., p. 42), torna-se, como acompanhamos em sua correspondência, um projeto cada vez

³⁹ “No momento, estou engajado com um Poema sobre os primeiros anos da minha própria vida, o qual precisará de cinco partes para ser completado, três das quais estão quase terminadas”.

⁴⁰ “Estou agora escrevendo um poema sobre os primeiros anos da minha própria vida; e acabei de completar aquela parte na qual conto de minha estadia na Universidade [...]. Aquele [poema] sobre minha vida [...] está já mais da metade completo, viz. 4 livros, somando por volta de 2500 versos”.

⁴¹ Termo utilizado pela crítica para se referir aos momentos-chave na rememoração de Wordsworth; de difícil tradução, pode ser entendido como “lugares do/no tempo” ou “marcas/manchas do/no tempo”.

⁴² “Esta obra pode ser considerada como uma espécie de *pórtico* a *O Recluso*, parte do mesmo edifício”.

⁴³ “Devotar a melhor parte da minha vida, e o sumo vigor do meu espírito”.

mais inatingível: “*the day*”, escreve em 1806, “*when my long work will be finished seems farther and farther off*”⁴⁴ (Ibid., p. 45). Ao longo dos anos subsequentes, Wordsworth atenta ainda algumas investidas em direção ao *Recluse*, dentre as quais a publicação de *The Excursion* (concluído em 1806 ou 1809), a segunda parte do projeto, em 1815, o qual encontra uma crítica mista (para John Keats, por um lado, é uma das “*three things to rejoice at in this Age*”⁴⁵ [KEATS, 2002, p. 70], para Coleridge, por outro, é um “*disappointment*”⁴⁶ [COLERIDGE in GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 47]). A última menção que encontramos ao *Recluse* vem de uma carta do poeta Aubrey de Vere a sua irmã, de 1841, onde diz que “*Wordsworth says that the ‘Recluse’ has never been written except a few passages – and probably never will...*”⁴⁷ (DE VERE in GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 51).

Por sua vez, o *Prelúdio* sofreu sucessivas revisões e reescrituras até o ano de 1839, quando data a última versão corrigida e aquela que foi entregue na edição de 1850. As maiores diferenças entre a versão de 1850 e a de 1805 consistem na divisão do ‘Livro X’ em duas partes, aumentado o total de livros para catorze (contra os treze da versão anterior), e a remoção do episódio de “*Vaudracour and Julia*”⁴⁸ uma pequena narrativa romântica ambientada durante a Revolução Francesa (mais tarde publicada separadamente, em 1820) que veladamente reconta a história de Wordsworth e Anette Vallon. À parte dessas editorações, outras intervenções no texto acusam, segundo a crítica, uma mudança de posicionamento político e ideológico da parte de Wordsworth. Tais modificações são a causa da disputa acerca de qual versão possui mais mérito literário e qual reflete mais acuradamente o espírito poético do seu autor. Muito do aparente panteísmo de Wordsworth, sua fé na autossuficiência da Natureza, é substituído, na versão de 1850, por uma religiosidade mais alinhada ao cristianismo ortodoxo, bem como a presença de declarações mais radicais do autor acerca do papel da Inglaterra durante a Revolução Francesa acabam sendo amenizadas, demonstrando, dessa forma, uma inclinação de Wordsworth para um posicionamento conservador. Além disso, em muitas partes, a linguagem e o estilo

⁴⁴ “O dia quando meu longo labor estará concluído parece cada vez mais distante”.

⁴⁵ “Três coisas que são motivo de alegria nesta Era”.

⁴⁶ “Decepção”.

⁴⁷ “Wordsworth diz que o ‘Recluso’ nunca foi escrito, exceto por algumas passagens – e provavelmente nunca será...”.

⁴⁸ “Vaudracour e Julia”.

foram polidos e formalizados, o que, segundo parte da crítica moderna, sacrificou muito a espontaneidade e o verve do texto original.

2.3 A PRIMEIRA RECEPÇÃO

As primeiras críticas do *Prelúdio* de que temos conhecimento são referentes ao manuscrito de 1805. Durante duas semanas, no começo de janeiro de 1807, Wordsworth leu seu “Poema a Coleridge” para o próprio. Em resposta, expressando seu entusiasmo pelo que ouviu, Coleridge escreve o poema “*To William Wordsworth: lines composed, for the greater part on the night, on which he finished the recitation of his poem (in thirteen books) concerning the growth and history of his own mind*⁴⁹”. Com o fervor de um amigo, mas não menos sincero, e retórica inflamada, Coleridge louva as qualidades do poema de Wordsworth e o efeito quase extático que a leitura teve sobre si. A respeito do tema, “*the Foundations and the Building-up / Of thy own Spirit*”⁵⁰ (COLERIDGE in WORDSWORTH, 1979, p. 542), o poeta sublinha sua originalidade e a maestria do amigo em tratá-lo: “*high theme by Thee first sung aright*⁵¹”; “*Theme as hard as high!*⁵²” (Ibid., p. 542). Quanto à forma, a dicção prosaica é ressaltada: “*An Orphic Tale indeed, / A Tale divine of high and passionate Thoughts / To their own music chaunted*⁵³”; “*Of Truth profound a sweet continuous Song / Not learnt, but native, her own natural notes!*⁵⁴” (Ibid., p. 543). A segunda crítica do manuscrito vem de Thomas de Quincey, que cita “*a great philosophic poem of Wordsworth’s, which is still in MS*⁵⁵” (DE QUINCEY in WORDSWORTH, 1979, p. 545) em um ensaio em três partes sobre Wordsworth, publicado no *Tait’s Edinburgh Magazine* em 1839. No ensaio, de Quincey menciona alguns trechos do manuscrito (que lera em algum momento entre 1809-1815, enquanto era vizinho de Wordsworth), os jogos de infância, o episódio de patinação no gelo e a recitação de versos com um amigo enquanto caminhavam (livros I, II e III). Mas a opinião de Quincey é particularmente

⁴⁹ “A William Wordsworth: versos compostos durante a maior parte da noite em que ele terminou a recitação de seu poema (em treze livros) acerca do desenvolvimento e história de sua própria mente.

⁵⁰ “As Fundações e a Edificação / De teu próprio Espírito”.

⁵¹ “Elevado tema por Ti primeiro cantado corretamente”.

⁵² “Tema tão árduo quanto elevado!”.

⁵³ “Um Conto Órfico de fato, / Um Conto divino de Pensamentos elevados e ardentes / Ao ritmo de sua própria música cantado”.

⁵⁴ “Sobra a Verdade profunda, uma doce Canção contínua, / Não aprendidas, mas nativas, suas próprias notas naturais”.

⁵⁵ “Um grande poema filosófico de Wordsworth, o qual ainda se encontra em manuscrito”.

especial ao referir-se a uma passagem favorita sua, o sonho do cavaleiro árabe (livro V), a qual, segundo o ensaísta, “*reaches the very ne plus ultra of sublimity*”⁵⁶ (Ibid., p. 546). A apreciação pelo sublime em Wordsworth, entretanto, não é partilhada pelos críticos posteriores, e permanece um *insight* sobre sua obra que só será redescoberto no século XX. Como consequência, é somente então que o *Prelude* passa a ser percebido como parte central da obra de Wordsworth.

Após De Quincey, encontramos as críticas referentes à primeira edição de 1850. Embora épico romântico por excelência e escrito durante a infância do movimento, foi com a geração vitoriana que *O Prelúdio* encontrou seu primeiro público. “*An age*”, escreve Richard Gravil, “*nourished on the scarlet and azure of Byron and Shelley, the gorgeous Pre-Raphaelites, the crimson agonies and purple doubts of poets from Beddoes to Tennyson*”⁵⁷ (GRAVIL in GRAVIL e HARVEY, 1972, pp. 14-15), uma era a qual, portanto, “*was not propitious for The Prelude’s visionary dreariness*”⁵⁸ (Ibid., p. 15). De fato, a crítica não se absteve de comparações. Para o autor do artigo na *Eclectic Review*, o *Prelúdio* é uma espécie de *Sartor Resartus* (romance autobiográfico de Thomas Carlyle); para a *Tait’s Edinburgh Magazine*, Wordsworth não possui um tato tão apurado no tratamento de temas simples como Addison e Cowper, nem é capaz de representar a natureza sublime com a mesma energia de Byron; para a *Gentleman’s Magazine*, a poesia de Shelley é como uma fornalha vociferante que devora as instituições e opiniões passadas, enquanto a de Wordsworth, em seu ânimo mais entusiasmado, é apenas o reflexo de uma chama. Para o *British Quarterly Review*, o *Prelúdio* deveria ter sido mais como a autobiografia de Goethe, *Dichtung und Wahrheit*, com menos poesia, mais fatos biográficos e, por fim, ter sido escrito em prosa; nem, segundo a *Dublin University Magazine*, possui a obra a leveza e o ocasional humor como o verso branco de Cowper (seu precedente no estilo); ainda, comparado à produção do próprio autor, para a *Graham’s Magazine*, o *Prelúdio* não poderia ser posto ao lado de outros poemas como ‘*The White Doe*’⁵⁹ ou ‘*The Excursion*’.

Em geral, no entanto, as críticas recebidas pelo poema foram positivas, com os mais entusiastas louvando suas melhores passagens como parte da melhor poesia já

⁵⁶ “Atinge a verdadeira perfeição da sublimidade”.

⁵⁷ “Uma era nutrida pelo escarlate e cerúleo de Byron e Shelley, os belos Pré-Rafaelitas, as agonias carmesins e dúvidas púrpuras de poetas desde Beddoes até Tennyson”.

⁵⁸ “Não era propícia à melancolia visionária d’*O Prelúdio*”.

⁵⁹ “A Corça Branca”.

produzida por Wordsworth, enquanto outros contentam-se em declará-lo, apesar de todos os defeitos, digno de interesse. O *Eclectic* tem uma apreciação positiva, partindo da proposição de que o *Prelude* é “*the first regular versified autobiography we remember in our language*⁶⁰” (ANÔNIMO in WORDSWORTH, 1979, p. 548), ou mais precisamente, “*a record of ‘moods of his own mind’*⁶¹” (Ibid., p. 549), pois, para o crítico, Wordsworth não está interessado em contar uma “*artful and amusing story*⁶²” (Ibid., p. 549), mas em traçar o desenvolvimento da mente de um poeta, tendo o poema, portanto, um propósito mais metafísico que biográfico. Concessão é feita aos detratores do poeta, que o acusam de introversão, monotonia e de exigir do leitor uma simpatia prévia para que ele possa penetrar na leitura, mas essas são limitações justas, e caracterizam o que há de particular em Wordsworth. Em geral, contemplando o *Prelúdio*, o crítico sente que “*all our formerly-expressed notions of his poetry are confirmed*⁶³” (Ibid., p. 550): seu movimento vagaroso, a forma laboriosa com que trata coisas pequenas, a profundidade de pensamento, a simpatia com o humano em suas formas mais prosaicas, etc. A avaliação termina com um louvor àquela qualidade mais wordsworthiana de todas, encontrada certamente no novo volume, sua capacidade de “*extract poetry from anything in the heaven above, the earth below, or the waters under the earth*⁶⁴” (Ibid., p. 550).

A avaliação do *Tait*, pelo contrário, é decididamente negativa. Evocando a comparação de Wordsworth de sua obra com uma catedral gótica, o crítico do *Tait* não vacila em declarar sua preferência, confirmada pela leitura do *Prelude*, pelos “*little cells and oratories*⁶⁵” (Ibid., p. 551), os poemas curtos, líricos do poeta. Para ele, o *Prelude* “*is not, nor pretends to be, a tale of stirring interest*⁶⁶” (Ibid., p. 551), faltando a ele arte poética o suficiente para manter a atenção contínua do leitor. Wordsworth é prolixo, desleixado e muitas vezes seu tratamento de temas simples torna-se quase trivial. Nem há no poema, para o crítico, uma apresentação das dimensões mais sublimes da natureza, apenas uma natureza “*in her milder moods*⁶⁷” (Ibid., p. 551); textura de sua composição é “*eminently artless*⁶⁸” e falta-lhe, em geral, vigor poético.

⁶⁰ “A primeira sistemática autobiografia versificada de que nos recordamos em nossa língua”.

⁶¹ “Um registro de ‘seus próprios estados de espírito’”.

⁶² “Estória engenhosa e fascinante”.

⁶³ “Todas as nossas noções previamente expressas acerca de sua poesia são confirmadas”.

⁶⁴ “Extrair poesia de qualquer coisa no céu acima, na terra abaixo ou nas águas sob a terra”.

⁶⁵ “Pequenos claustros e oratórios”.

⁶⁶ “Não é, nem finge ser, uma estória de interesse vívido”.

⁶⁷ “Em seus ânimos mais amenos”.

⁶⁸ “Eminentemente inartística”.

A única virtude do poema, não sem condescendência concedida, é a de servir como remédio para os sofrimentos da vida cotidiana, quando “*Wordsworth’s gentle pages*⁶⁹” podem lançar “*a soothing influence upon the troubled spirit*⁷⁰” (Ibid., p. 552).

Para o *Gentleman*, o novo volume é “*at least equal to the best of Wordsworth’s earlier published works*⁷¹” (Ibid., p. 552), até mesmo superior a eles, exceto à sua mais excelente produção. Como em sua obra como um todo, tem os defeitos característicos de lassidão nas frases, falta de precisão formal e de simpatia para com os homens (o característico ‘egoísmo’ wordsworthiano). Em geral “*His lyric emotion is brief; his speculative contemplation is infinite; he evinces awakened curiosity rather than spiritual fellowship*⁷²” (Ibid, p. 552), mas é ainda uma obra magistral, rica em interesse histórico e psicológico (o crítico acentua os efeitos da Revolução Francesa sobre o espírito e a escrita de Wordsworth).

A recepção mista e, em geral, morna encontrada pelo *Prelúdio* tem sua razão de ser nas mudanças de gosto literário da época vitoriana e na cristalização de uma imagem unidimensional de Wordsworth, fatores que impediram a pronta assimilação da nova obra ao seu cânone. “The Prelude”, como escreve Richard Gravil:

*was given, posthumously, to an age which knew its Wordsworth all too well, and which assessed the poem according to criteria divided from the poem by fifty years – in which the English had come to like their philosophy utilitarian and practical, their poetry ardent and lyrical*⁷³. (GRAVIL in GRAVIL e HARVEY, 1972, p. 11).

Desse modo, a obra póstuma, por si própria, surgia esteticamente atrasada, como uma curiosidade quase arqueológica (o *Eclectic* diz dele: “*It seems a large fossil relic – imperfect and magnificent – newly dug up, and with the fresh earth and the old dim subsoils meeting and mingling around it*⁷⁴” [ANÔNIMO in WORDSWORTH, 1979, p. 548); por outro lado, aparecia em contraste com o fundo bem estabelecido da imagem e legado literário de Wordsworth. Ao morrer, Wordsworth era há já sete anos

⁶⁹ “As gentis páginas de Wordsworth” (tradução nossa).

⁷⁰ “Uma influência tranquilizante sobre o espírito perturbado” (tradução nossa).

⁷¹ “Ao menos igual ao melhor das obras de Wordsworth previamente publicadas”.

⁷² “Sua emoção lírica é breve; sua contemplação especulativa é infinita; ele mostra uma viva curiosidade em vez de um companheirismo espiritual”.

⁷³ “Foi entregue, postumamente, a uma era que conhecia seu Wordsworth bem demais, e a qual avaliou o poema segundo critérios distanciados do poema por cinquenta anos – durante os quais os ingleses passaram a preferir sua filosofia utilitária e prática, sua poesia ardente e lírica”.

⁷⁴ “Parece uma grande relíquia fóssil – imperfeita e magnífica – recentemente desenterrada e com a terra fresca e com os velhos e escuros subsolos se encontrando e se mesclando à sua volta”.

o poeta laureado da Inglaterra, e sua obra, com a ascensão do conservadorismo vitoriano, juntamente com direcionamento mais ortodoxo que sua poesia tomou na segunda metade de sua carreira, era então consumida e reavaliada através de um prisma conservador e desambiguadamente cristão. O que era admirado como particularmente wordswothiano caracterizava-se, segundo Helen Wheeler, como “*a simple, direct appreciation of nature and reverence for the affections and duties of family life*”⁷⁵ (WHEELER, 1988, p. 76). O aparecimento do *Prelúdio*, como Stephen Gill (1991) argumenta, provou-se um choque para essa imagem cristalizada de Wordsworth: seus primeiros livros, tratando da natureza e da infância, naturalmente encontravam lugar junto aos poemas preferidos de seu público; a verve radical de outras passagens. Por outro lado, o apoio aos ideais revolucionários franceses e o ataque às ações britânicas durante a revolução de 1789 compunham uma diferente imagem do poeta, o que, embora não fosse desconcertante para todos os leitores de Wordsworth, ainda assim tornava a obra datada como resquício de uma outra era.

Outro fator que, segundo Gill, serviu para retardar a sedimentação do *Prelúdio* em seu lugar canônico como hoje o percebemos reside no fato de que a geração de escritores influenciados por Wordsworth (tais como Elizabeth Gaskell, George Eliot e John Ruskin) já haviam absorvido e propagado em suas obras um ‘ethos Wordsworthiano’ formado do poeta das obras líricas e do *The Excursion*. “The Prelude”, portanto, “*simply appeared too late for it to become a shaping factor in their experience as the earlier poetry had been*”⁷⁶ (GILL, 1991, p. 97). Acrescido a isso, há ainda o fato de que, à época em que o poema veio a lume, a obra de Wordsworth passava por um processo de reapreciação e rerepresentação: numerosas edições de seus poemas competiam no mercado, nenhuma, entretanto, incluindo *The Prelude*, o qual permanecia protegido por direitos autorais, de modo que o ‘Wordsworth’ mais prontamente disponível para a maior parte do público leitor não era o autor do poema póstumo.

O fator mais importante, no entanto, na avaliação de Gill, diz respeito à mudança ocorrida na percepção do que constituía o cerne da realização de Wordsworth, especialmente como essa percepção foi expressa por Matthew Arnold

⁷⁵ “Uma simples e direta apreciação da natureza e reverência por sentimentos e deveres da vida familiar”.

⁷⁶ “O *Preludio* simplesmente apareceu tarde demais para que se tornasse um fator formativo em suas experiências como a poesia anterior havia sido”.

em seu prefácio à seleção de poemas do autor que editara em 1879. Arnold é categórico em seu julgamento: “*The Excursion and the Prelude, his poems of greatest bulck, are by no means Wordsworth’s best work. His best work is in his shorter pieces*”⁷⁷ (ARNOLD in WORDSWORTH, 1922, p. 7). Como poeta e crítico vitoriano, Arnold partilha da voga literária cujo ideal é a ‘poesia pura’ ou ‘desinteressada’, prontamente suspeita de qualquer incursão ao terreno da filosofia, psicologia ou outros discursos que não o puramente poético, os quais, quando encontrados em uma obra literária, constituem “*a tissue of elevated but abstract verbiage, alien to the very nature of poetry*”⁷⁸ (Ibid., p. 15). Assim, embora um ‘wordsworthiano’ como ele possa encontrar algum valor e deleite em qualquer composição do poeta, é necessário, caso se deseje apresentar a uma nova geração o que constitui a ‘essência’ de sua obra, preservar o ‘verdadeiro’ Wordsworth e excluir dele os elementos ‘heterogêneos’. E o que é o ‘verdadeiro’ Wordsworth, segundo Arnold, é, paradoxalmente, a ausência de ‘Wordsworth’:

*Wordsworth’s poetry, when he is at his best, is inevitable, as inevitable as Nature herself. It might seem that Nature not only gave him the matter for his poem, but wrote his poem for him. He has no style. He was too conversant with Milton not to catch at times his master’s manner, and he has fine Miltonic lines; but he has no assured poetic style of his own, like Milton. When he seeks to have a style he falls into ponderosity and pomposity*⁷⁹. (Ibid., pp. 18-19).

*Nature herself seems, I say, to take the pen out of his hand, and to write for him with her own bare, sheer, penetrating power. This arises from two causes; from the profound sincereness with which Wordsworth feels his subject, and also from the profoundly sincere and natural character of his subject itself. He can and will treat such a subject with nothing but the most plain, first-hand, almost austere naturalness. [...] Whenever we meet with the successful balance, in Wordsworth, of profound truth of subject with profound truth of execution, he is unique. His best poems are those which most perfectly exhibit this balance*⁸⁰. (Ibid., pp. 20-21).

⁷⁷ “O *Excursão* e o *Prelúdio*, seus poemas de maior volume, não são de forma alguma as melhores obras de Wordsworth. Suas melhores obras são seus poemas curtos”.

⁷⁸ “Uma trama de elevada, mas abstrata verbosidade, alheia à própria natureza da poesia”.

⁷⁹ “A poesia de Wordsworth, no seu melhor, é inevitável, tão inevitável quanto a própria Natureza. Pode parecer que a Natureza não apenas deu a ele o tema para seu poema, mas escreveu seu poema para ele. Ele não tem estilo. Ele estava familiarizado demais com Milton para não captar, às vezes, o estilo de seu mestre, e ele tem bons versos miltônicos mas ele não tem um estilo poético próprio, como Milton. Quando busca ter um estilo, torna-se pesado e pomposo”.

⁸⁰ “A Natureza ela própria parece, digo, tomar a pena de sua mão e escrever para ele com seu próprio poder, cru, puro e penetrante. Isso tem duas causas; a profunda sinceridade com que Wordsworth sente seu tema, e também o caráter profundamente sincero e natural de seu próprio tema. Ele pode e irá tratar tal tema com nada menos que a mais franca, direta e quase austera naturalidade. [...] Quando quer que encontremos com o feliz equilíbrio, em Wordsworth, entre profunda verdade de tema e profunda verdade de execução, ele é ímpar. Seus melhores poemas são aqueles que mais perfeitamente exibem esse equilíbrio”.

Com tais julgamentos, foi sedimentada, no século XIX, a imagem de Wordsworth como um poeta objetivo, sem estilo, através do qual a Natureza se apresenta de forma simples e imediata. Uma vez cristalizado o legado de Wordsworth como o de uma poética factual e de inspiração impessoal, seu “*philosophical Poem, containing views of Man, Nature, and Society*”⁸¹ (WORDSWORTH, 2006, p. 895) deveria ser posto de lado a fim de não macular essa imagem.

O *Prelúdio* teve de aguardar o novo século para receber uma apreciação mais justa e ser contado entre as grandes realizações de Wordsworth. A. C. Bradley, em um ensaio de 1909 (previamente parte de uma série de palestras proferidas em 1903), é o primeiro crítico a oferecer uma visão de Wordsworth mais familiar à percepção crítica moderna. Contrário a Arnold, que vê o poeta através do prisma exclusivo da lírica e da poética da simplicidade cotidiana, Bradley defende um Wordsworth do sublime e grandioso, afirmando que

*not a little of Wordsworth's poetry either approaches or actually enters the province of the sublime. His strongest natural inclination tended there. [...] This disposition is easily traced in the imaginative impressions of his childhood as he describes them in the Prelude*⁸². (BRADLEY, 1963, pp. 125-126).

Uma vez realinhado o foco da crítica para os aspectos sublimes da poesia de Wordsworth, uma nova apreciação do *Prelúdio* torna-se possível, na qual o poema aparece como o pivô central de sua obra e o coroamento de sua arte. Bradley, pela primeira vez, defende o aspecto ‘místico’, ‘visionário’ e ‘sublime’ da poesia de Wordsworth e, assim, é capaz de afirmar que “*the Prelude and the Excursion, though there are dull pages in both, contain much of Wordsworth's best and most characteristic poetry*”⁸³ (Ibid., pp. 128-129).

2.4 O PRELUDE COMO SUBLIME

Ao final de seu estudo sobre *O Prelúdio*, o crítico Herbert Lindenberger nota:

⁸¹ “Poema filosófico, contendo visões sobre o Homem, Natureza e Sociedade”.

⁸² “Não pouco da poesia de Wordsworth se aproxima ou de fato adentra a província do sublime. Sua inclinação natural mais forte tende para lá. [...] Essa inclinação é facilmente percebida nas impressões imaginativas de sua infância como ele as descreve no *Prelúdio*”.

⁸³ “O *Prelúdio* e o *Excursão*, embora haja páginas tediosas em ambos, contém muito da melhor e mais característica poesia de Wordsworth”.

*In the past we have had enough portraits of Wordsworth the Lake poet; or Wordsworth as the poet of humble men and small and homely things. But the Wordsworth of philosophical loftiness is the Wordsworth who once filled Coleridge and Keats with awe, and it is the Wordsworth, I suspect, whose greatness we shall be most willing to grant in the future*⁸⁴ (LINDENBERGER, 1966, pp. 293-294).

O quadro que pinta é representativo da história da recepção de Wordsworth, e a ênfase (retorno) que concede ao Wordsworth da “elevação filosófica” é uma reconsideração da importância do *Prelúdio*. De fato, “elevação filosófica” parece-nos ser o mote do poema, tanto em seus termos separados quanto no conjunto da expressão. Vimos como a aspiração pela criação de uma obra filosófica em versos foi a motriz do empreendimento de Wordsworth, desejo partilhado e impulsionado por Coleridge. Esse impulso está imbuído no texto do *Prelúdio*, tal qual um alvo perseguido, ou um objeto com que o poeta luta sem vitória, mas cuja luta termina por compor a obra que escreve. Assim, embora referindo-se ao seu poema inacabado, a descrição que Wordsworth faz da canção a que aspira, entre outros tantos temas para um poema épico, é, pensamos, ainda a melhor definição do próprio *Prelúdio*, uma

[...] *philosophic song*
Of Truth that cherishes our daily life;
With meditations passionate from deep
Recesses in man's heart, immortal verse
*Thoughtfully fitted to the Orphean lyre*⁸⁵ (WORDSWORTH, 2006, l. I, vv. 229-233);

Tal grande poema filosófico, ademais, também parece remontar às primeiras aspirações poéticas de Wordsworth, aspirações por uma canção que

[...] *would speak*
Of that interminable building reared
By observation of affinities
In objects where no brotherhood exists.
*To passive minds*⁸⁶ (Ibid., l. II, vv. 382-386)

⁸⁴ No passado, tivemos retratos o bastante de Wordsworth, o poeta dos Lagos; ou Wordsworth como o poeta da gente humilde e das coisas simples e rústicas. Mas o Wordsworth da elevação filosófica é o Wordsworth que uma vez encheu Coleridge e Keats de assombro e é o Wordsworth, acredito, cuja grandeza estaremos mais dispostos a admitir no futuro.

⁸⁵ “filosófico hino / À Verdade que todos os dias acalenta a nossa vida; / Com meditações apaixonadas vindas dos profundos / Recessos do coração, versos imortais / Ponderadamente adaptados à lira de Orfeu;” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

⁸⁶ “referir-se-ia / A esse interminável edifício construído / Pela observação das afinidades que existem / Nas coisas onde os espíritos passivos não descobrem / Os seus laços fraternais.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).”

De um modo oblíquo, espelhando a forma da dupla negação wordsworthiana, o poema que escreve quase como fuga ao empreendimento gigantesco que o assombra termina por concretizar de muitas formas as ambições iniciais do poeta e seu amigo. Obliquamente, portanto, *O Prelúdio* não apresenta um sistema filosófico, um ‘edifício’ de pensamento que exponha de forma clara e estruturada a visão de vida de Wordsworth (como era o sonho de Coleridge): é antes um poema do processo filosófico, do pensamento em ato, a meditação tateando em direção ao objeto entrevisto. E é justamente a preeminência do filosófico que a culminação do poema nos revela, no episódio da subida do Snowdon, quando, após a visão de uma cena do sublime natural, o poeta volta-se para o interior em uma visão do sublime intelectual, reconhecendo na cena externa

[...] *the emblem of a mind
That feeds upon infinity, that broods
Over the dark abyss, intent to hear
Its voices issuing forth to silent light
In one continuous stream; a mind sustained
By recognitions of transcendent power,
In sense conducting to ideal form,
In soul of more than mortal privilege*⁸⁷ (Ibid., l. XIV, vv. 70-77).

Mais que a natureza, é a mente humana seu tema, ou melhor, a imaginação, “*That awful power*⁸⁸” (Ibid., l. VI, v. 594), o poder criativo do homem e razão de ser do poeta. De fato, o *Prelúdio* nasce com a busca do poeta pela fonte de sua faculdade imaginativa, para poder, encontrando-a, justificar a escrita da grande obra filosófica. O poema, assim, em sua concepção e execução é uma espécie de demanda arthuriana interna, em busca, através da memória, pelo poder da Imaginação, pelo sublime.

Essa constitui a segunda parte da descrição de Lindenberger, a ‘elevação’, ou o sublime, qualidade central ao texto, tanto retórica quanto tematicamente, como haviam já notado de Quincey e Bradley. Em forma reminiscente da teoria kantiana do sublime, Wordsworth, no exemplar episódio da subida do monte Snowdon, recua da

⁸⁷ “o símbolo de uma alma / Que se alimenta do infinito, que medita / Sobre o abismo obscuro, atento às vozes / Que se elevam para a luz silenciosa / Num fluxo contínuo; um espírito sustido / Pelo reconhecimento de um poder transcendente, / Orientando os sentidos para uma forma ideal, / E a alma para um dom que fica além da morte.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

⁸⁸ “Esse grande Poder” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

percepção sensorial finita para encontrar no espírito infinito, na imaginação, a raiz da experiência do sublime. Como resume Eve Stoddard:

the mind is led to seek the apparent loftiness of nature, only to fail, and in failing, to recognize that the sublime is a human invention, evidence of the spirit's independence of natural law and determinism. For Kant the imagination's 'striving toward infinite progress' reveals its ability to transcend the constraints of nature and the senses⁸⁹ (STODDARD, 1985, p. 36).

E, referindo-se à cena do Snowdon, o estudioso argumenta, “*nature offers a picture of the mind which can be read only by the poetic imagination whose gift is to discover its own presence and activity, and to sustain itself on intimations of the infinite⁹⁰*” (Ibid., p. 33). Assim, a narrativa do desenvolvimento do espírito do poeta culmina com o nascimento do espírito, ou sua revelação através da mediação da natureza na experiência do sublime.

Em seu fragmento intitulado *The Sublime and the Beautiful⁹¹* (1812), Wordsworth, como Burke e seus precedentes, associa o sublime a experiências de “*grandeur [...], exaltation or awe⁹²*” (WORDSWORTH, 1812, p. 1). Segundo o poeta, a experiência do sublime consiste de três partes: o senso de forma individual; o senso de duração; e o senso de poder. Quanto à primeira, escreve:

whatever suspends the comparing power of the mind and possesses it with a feeling or image of intense unity, without a conscious contemplation of parts, has produced that state of the mind which is the consummation of the sublime.⁹³ (Ibid., p. 4)

O exemplo que nos dá é o da visão de uma imponente montanha, a qual, vista de uma distância próxima o suficiente para que seja quase o único objeto em vista, mas não tão próxima para que ainda seja toda visível, suscitará uma sensação de sublimidade. É desse modo que o vale de Chamouny impressiona o poeta:

⁸⁹ “a mente é levada a buscar o aparente sublime da natureza somente para falhar e, falhando, reconhece que o sublime é uma invenção humana, evidência da independência do espírito frente à lei natural e ao determinismo. Para Kant o ‘esforçar-se em direção do progresso infinito’ da imaginação revela sua habilidade de transcender as restrições da natureza e dos sentidos”.

⁹⁰ “a natureza oferece uma imagem da mente que só pode ser lida pela imaginação poética, cuja dádiva é descobrir sua própria presença e atividade e sustentar a si mesma com insinuações do infinito”.

⁹¹ “O Sublime e o Belo”

⁹² “grandeza [...], exaltação ou assombro”.

⁹³ “o que quer que suspenda o poder comparativo da mente e a domine com um sentimento ou imagem de intensa unidade, sem uma consciente contemplação de partes, produziu aquele estado da mente que é a consumação do sublime”.

[...] *The wondrous Vale*
Of Chamouny stretched far below, and soon
With its dumb cataracts and streams of ice,
A motionless array of mighty waves,
Five rivers broad and vast, made rich amends,
*And reconciled us to realities;*⁹⁴ (Id., 2006, l. VI, vv. 528-533)

Aqui a variedade de partes da visão é subordinada a uma forma única, a do vale, como um conjunto e um todo singular, pois, ainda, o senso de sublime da forma é intensificado pela variedade na unidade, de forma que “*these objects will be found to have exalted the mind to the highest state of sublimity when they are thought of in that state of opposition and yet reconciliation*”⁹⁵ (Id., 1812, p. 6).

Quanto ao senso de duração, Wordsworth não o descreve com precisão, mas referencia, na percepção de um objeto natural, o senso de duração da Terra que acompanha, por exemplo, a visão da montanha, ou, parece indicar, o peso da história por trás de um artefato. Tal dimensão é que suscita o sublime no poeta quando ele se depara com a cidade de Londres, como descreve no *Prelúdio*:

A weight of ages did at once descend
Upon my heart; no thought embodied, no
Distinct remembrances, but weight and power,—
*Power growing under weight.*⁹⁶ (Id., 2006, l. VIII, vv. 552-555)

Na metrópole, Wordsworth é movido por um senso da história do lugar, de tudo o que já ocorreu e ocorre lá, e o senso de tradição que a cidade carrega.

Por fim, quanto ao senso de poder, Wordsworth descreve-o com mais detalhes:

Power awakens the sublime either when it rouses us to a sympathetic energy and calls upon the mind to grasp at something towards which it can make approaches but which it is incapable of attaining - yet so that it participates the force which is acting upon it; or, 2dly, by producing a humiliation or prostration of the mind before some external agency which it presumes not to make an effort to participate, but is absorbed in the contemplation of the might in the external power, and, as far as it has any consciousness of itself, its grandeur subsists in the naked fact of being conscious of external Power at once awful

⁹⁴ “O maravilhoso vale / De Chamouny estendia-se sob os nossos pés, / Com as suas cachoeiras emudecidas e torrentes de gelo / Numa imóvel imagem de ondas gigantescas, / Compensando-nos com cinco grandes e vastos rios” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

⁹⁵ “notar-se-á que esses objetos exaltaram a mente até o mais elevado estado de sublimidade quando ele são pensados naquele estado de oposição e, não obstante, reconciliação”.

⁹⁶ “O peso dos séculos desceu de repente / Sobre o meu coração; nenhuma imagem do pensamento, / Nenhuma recordação nítida, mas um peso e uma força, / Uma força crescendo sob tal peso.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

*and immeasurable; so that in both cases the head and the front of the sensation is intense unity*⁹⁷. (Id., 1812, p. 4)

Como exemplo no *Prelúdio*, uma clara percepção do poder sublime da natureza se revela na visão do oceano do topo do Snowdon, onde:

[...] *through a rift—
Not distant from the shore whereon we stood,
A fixed, abysmal, gloomy, breathing-place—
Mounted the roar of waters, torrents, streams
Innumerable, roaring with one voice!
Heard over earth and sea, and, in that hour,
For so it seemed, felt by the starry heavens*⁹⁸. (Id., 2006, l. XIV, vv. 56-62)

Aqui, é o senso de poder provindo do rugido das águas que, pela sensação de perigo que despertam, mas sendo esse aplacado pela segurança da distância, gera o efeito de sublimidade.

Mas não desejamos explorar a fundo o tema do sublime no *Prelúdio*. Nossa intenção, antes, é explicitar (como tradutor do poema) nossa visão da obra, visão a qual embasa e direciona nossas escolhas tradutórias. Em suma, nossa concepção do *Prelúdio* é a de uma obra que traz em sua própria forma aspectos do sublime e cuja leitura efetua no leitor uma experiência do sublime. E os mecanismos desse efeito (antecipando o que descreveremos com mais detalhes nos capítulos subsequentes), podemos entendê-los a partir das categorias com que Wordsworth explica o sublime (em uma leitura analógica).

A começar, podemos perceber como o poema suscita um senso de ‘intensa unidade’ formal através de sua atenção ao tema central, isto é, o ‘desenvolvimento do espírito do poeta’. A elaboração do tema, perpassando diversos episódios e memórias, culmina em uma visão e revelação, conferindo um aspecto de unidade artística à obra, ao leitor, e unidade biográfica ao autor, sintetizando sua vida em um

⁹⁷ “Poder desperta o sublime ou quando nos instiga a uma energia simpática e convoca a mente para apreender algo em direção ao qual ela pode se aproximar mas que é incapaz de atingir – porém de forma que ela participa da força que está agindo sobre ela; ou, por outro lado, ao produzir uma humilhação ou prostração da mente diante de algum agente externo no qual ela não ousa tentar participar, mas é abservida na contemplação da grandeza no poder externo e, na medida em que tem consciência de si mesma, sua grandeza subsiste no puro fato de ser consciente de um Poder externo ao mesmo tempo terrível e imensurável; de forma que em ambos os casos o topo e a frente da sensação é intensa unidade”.

⁹⁸ “[...] de uma fenda - / Não distante da orla onde estávamos, / Um hausto fixo, abismal e tenebroso - / De onde subia o rugido das águas, das torrentes, / E de inúmeros ribeiros, rugindo com uma única voz!, / Escutados na terra e no mar, e, àquela hora / Assim parecia, sentidos pelo céu estrelado” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

ponto focal e, com isso, a certeza de sua vocação poética. Através dessa unidade formal, que subordina a si os diversos meandros pelos quais a obra atravessa, suas muitas cenas e meditações (muitas vezes quase desconexas senão pelo fio biográfico), o poema, no nível temático, suscita aquele ‘senso de variedade na unidade’ que caracteriza, para Wordsworth, a experiência do sublime; aquela sensação de multiplicidade quase caótica (e, assim, inapreensível) que, em um instante visionário, se coagula no senso do todo, o qual, pela harmonia intuída entre as partes (o “*sense sublime / Of something far more deeply interfused*”⁹⁹, de ‘*Tintern Abbey*’ [COLERIDGE e WORDSWORTH, 2005, p. 113]) cria uma unidade transcendente muito maior do que a soma dessas partes.

Já no que tange ao nível da métrica, o senso de unidade formal é produzido pela adesão a um metro fixo, uniforme, o verso branco de ritmo iâmbico. Toda a obra é composta sob a mesma medida, a qual abrange tanto passagens prosaicas quanto elevadas, proporcionando, assim, um senso de unidade rítmica que coordena as variações de ritmo da sintaxe e da dicção. Além disso, o verso branco gera, por sua cadência iâmbica uniforme, vertida continuamente de um verso a outro, uma sensação de extensão (temporal, rítmica, elocutória) grandiosa, à qual, não obstante, não faltam os acidentes da variedade métrica. Com relação ao estilo e à dicção, observamos um efeito semelhante: os longos e serpeantes períodos de Wordsworth se avolumam de forma a espelhar a vastidão do sentimento experienciado ou da intuição vislumbrada; seu estilo médio, prosaico mas elaborado, comedidamente retórico, empresta, assim como o metro, uniformidade à multiplicidade de vozes que emprega, seja em passagens líricas, meditativas, rememorativas, épicas, etc. Tais traços o poeta atinge graças ao enquadramento da sua narrativa sob a forma epistolar, endereçada a Coleridge, e, assim, é capaz de empregar uma variedade de estilos, em imitação à sua própria expressividade pessoal.

O senso de duração, por sua vez, é encontrado, primeira e obviamente, na extensão do texto, com seus 14 cantos e mais de 7000 versos, e na extensão temporal da narrativa, que se desenrola da infância à idade adulta do autor. Mas também encontramos o senso de duração nos momentos-chave da narrativa, onde um lampejo de intuição visionária desperta o poeta para o significado de sua história pessoal e para a compreensão de como cada momento é crucial para a formação de seu

⁹⁹ “Senso sublime / De algumas coisa muito mais profundamente entremeada”.

espírito. Por outro lado, essa característica transparece na história e na tradição do poema épico, bem como na do verso branco, conforme ambos são sentidos por trás da forma da obra, mesmo que não de todo reconhecidas pelo leitor. Já no nível do ritmo, o senso de duração confunde-se, em parte, com o senso da forma, onde o metro iâmbico gera um movimento regular ininterrupto que impele a leitura como uma avalanche; e mais ainda, o metro, contínuo do começo ao fim, é a cada iteração cumulativo, carregando avante a totalidade do ritmo precedente. Afinal, também encontramos o senso de duração nos longos períodos sintáticos, onde o fechamento do sentido é adiado por muitos versos, o que estende o fio do pensamento por uma longa distância temporal, até que ele culmine em uma imagem poética ou uma intuição filosófica: desse modo, acompanhando o argumento, sentimos a duração do processo meditativo e sua gravidade.

Por fim, o senso de poder, sentimos, é determinante para a constituição do escopo épico do poema. Ele se faz presente no encontro do poeta com as forças da Natureza, tanto no seu sentimento de comunhão com ela, quanto na prostração diante de suas formas assombrosas. Está também no terror diante de Londres, na participação do fervor revolucionário da França e, ainda mais, está por trás das intuições culminantes da narrativa: a percepção do poder imaginativo como a faculdade mais ativa do espírito do poeta, e o vislumbre do infinito no espírito e sua transcendência. Mais tipicamente wordsworthiano, ainda, é o senso de poder derivado da percepção de grandeza em coisas pequenas, ou do sublime em coisas prosaicas, como, no poema, a imagem do simples pastor, que aparece como um gigante na imaginação do poeta; ou o pedinte em Londres, cuja visão o impacta com o poder de uma enchente.

Porém, traduzindo *O Prelúdio* como uma obra épica, interessa-nos, em especial, o que podemos designar como o 'senso de poder' presente na escrita de Wordsworth. O verso branco, como já notamos, possui um *momentum* de progresso cumulativo: esse, combinado com o retardamento do ritmo provocado pela grande quantidade de pausas internas usadas por Wordsworth, empresta ao ritmo do poema uma força singular, semelhante, diríamos, ao fluir de um rio. Junto a esse caráter geral, o poema também deriva seu senso de poder da elevação retórica de estilo miltonico, com o uso de apóstrofes, hipérbatos, símiles, etc., bem como de sua dicção grave e ponderosa, sua sintaxe complexa e ainda outros recursos estilísticos que exploraremos nos próximos capítulos.

No ensaio de Wordsworth, em uma ilustração que faz do senso de poder através da descrição dos contornos de uma montanha, encontramos, por assim dizer, uma imagem alegórica do estilo sublime do poeta no *Prelúdio*, como esse se desenvolve através de contrastes, em todas as esferas, entre o baixo e o elevado, o prosaico e o poético, o complexo e o simples, o uniforme e o variado:

*These lines may either be abrupt and precipitous, by which danger and sudden change is expressed; or they may flow into each other like the waves of the sea, and, by involving in such image a feeling of self-propagation infinitely continuous and without cognizable beginning, these lines may thus convey to the Mind sensations not less sublime than those which were excited by their opposites, the abrupt and the precipitous*¹⁰⁰. (WORDSWORTH, 1812, p. 3)

Na passagem, o sentimento enfocado que dá origem ao sublime é o do infinito. Da mesma forma, em outro trecho, Wordsworth, ao meditar sobre a impressão causada pela visão de uma paisagem, escreve que “*the absolute crown of the impression is infinity, which is a modification of unity*¹⁰¹” (Ibid., p. 6). Aqui, compreendendo esse senso de infinitude como uma abertura para além do apreensível, identificamos o centro do que vem a compor, em nossa visão, o “*Wordsworth of philosophical loftiness*”, o aspecto do ‘sublime filosófico’ que, para nós, singulariza o *Prelúdio* como obra poética.

Com frequência, as passagens filosóficas do poema não atingem uma conceituação ou uma delineação intelectual. Contudo, elas acabam por somente apontar em direção a um objeto indeterminado, que resiste à apreensão conceitual. Assim, em uma passagem como:

*And deem not profitless those fleeting moods
Of shadowy exultation: not for this,
That they are kindred to our purer mind
And intellectual life; but that the soul,
Remembering how she felt, but what she felt
Remembering not, retains an obscure sense
Of possible sublimity, whereto,
With growing faculties she doth aspire,
With faculties still growing, feeling still
That whatsoever point they gain, they yet*

¹⁰⁰ “Essas linhas podem ser abruptas ou íngremes, através das quais são expressos perigo e mudança repentina; ou elas podem fluir umas para dentro das outras como ondas no mar e, por envolver em uma tal imagem um sentimento de autopropagação infinitamente contínua e sem um começo reconhecível, essas linhas podem, assim, comunicar à Mente sensações não menos sublimes do que aquelas que foram estimuladas pelos seus opostos, o abrupto e o íngreme”.

¹⁰¹ “A coroação absoluta da impressão é infinitude, o que é uma modificação da unidade”.

*Have something to pursue*¹⁰². (Id., 2006, l. II, vv. 312-322)

O sentido não é completamente esclarecido, mas, precisamente pela indeterminação e generalidade dos referentes, a concordância dissonante entre substantivos abstratos e verbos concretos, a imitação do esforço meditativo que parece contornar algo incomensurável, depreendemos que a própria passagem retém um “*obscure sense / Of possible sublimity*”, uma abertura a um ‘algo’, um infinito intuído, mas inapreensível. Esse senso de sublime filosófico espalha-se, de forma mais ou menos acentuada, por todo o poema e dá a ele seu tom característico. E assim, tal senso, junto às outras qualidades aqui apontadas, compõem aquele *Prelúdio* que tivemos em vista ao realizar nossa tradução, na qual buscamos recriar ou reformular, em língua portuguesa, tais aspectos que agora estudaremos mais a fundo.

¹⁰² “E não julgo inúteis essas emoções fugitivas / De sombrias exaltações; não por tudo isto, / Pois são aparentadas com o nosso mais puro espírito / E a nossa vida intelectual; mas porquã a alma, / Recordando-se como se sentiu, mas não / Do que sentiu, conserva o sentimento obscuro / De uma sublimidade possível, à qual aspira / Com as suas faculdades ainda a desenvolverem-se, / Com as faculdades ainda a crescer, sentindo / Que, apesar dos objectivos que elas alcançam, ainda / Têm de alcançar mais qualquer coisa.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

3 O METRO

3.1 A ARTE MÉTRICA DE WORDSWORTH

Em uma carta a Catherine Grace Godwin, Wordsworth chama o verso branco de “*infinitely the most difficult meter to manage*¹⁰³” (WORDSWORTH apud O’DONNEL, 1995, p. 179). Sendo esse verso composto do ritmo regular do pentâmetro iâmbico, de ausência de rimas, estrofes e incentivo ao livre jogo com a sintaxe através do uso *enjambement* (encavalgamento), o leitor casual de poesia poderia bem acreditar que o verso branco, por se situar entre aquelas formas poéticas que oferecem máxima liberdade e flexibilidade ao poeta, estaria distante há apenas poucas regras do verso livre. A asserção de Wordsworth, porém, afirma decididamente que o verso branco não é reduzível nem à prosa, nem ao verso livre. Pelo contrário, trata-se de uma forma cuja maestria foi atingida somente por poucos poetas.

A arte métrica de Wordsworth, de fato, durante muito tempo sofreu negligência por parte da crítica, como atesta Brennan O’Donnel em seu estudo *The Passion of Meter: a study of Wordsworth metrical art*¹⁰⁴ (1995). Isso se deve, por um lado, à tendência geral da crítica literária de meados ao fim do século XX, mas, especialmente, deriva de uma compreensão parcial das teorizações que Wordsworth apresenta em sua prosa, as quais levam a conceber o poeta como alguém que promovia uma quebra radical com a tradição métrica precedente. Assim, a célebre asserção de Wordsworth de que “*all good poetry is the spontaneous overflow of powerful feelings*” (WORDSWORTH, 2008, p. 146), tomada singularmente, formula a imagem de um poeta romântico que opera a partir da inspiração, sem consideração a questões relativas à metricalidade ou ao rigor formal. Entretanto, mesmo no prefácio de *Lyrical Ballads*, de onde a citação deriva (uma obra que, como o autor explicita, prescinde dos artificialismos do decoro poético oitocentista e busca poesia na linguagem “*really used by men*¹⁰⁵” [Ibid., p. 142]), Wordsworth reforça o papel crucial que a métrica exerce na composição poética.

¹⁰³ “Infinitamente o metro mais difícil de manejar”.

¹⁰⁴ “A Paixão do metro: um estudo da arte métrica de Wordsworth”.

¹⁰⁵ “Realmente usada por homens”.

Para começar, devemos distinguir *métrica* de *dicção poética*. Em um primeiro momento, o posicionamento de Wordsworth parece tender a uma liberdade formal radical, como quando afirma que:

*not only the language of a large portion of every good poem, even of the most elevated character, must necessarily, except with reference to the metre, in no respect differ from that of good prose, but likewise that some of the most interesting parts of the best poems will be found to be strictly the language of prose when prose is well written*¹⁰⁶ (Ibid., pp. 152,154).

Porém, em verdade, a distinção feita pelo poeta entre poesia e prosa diz respeito à *dicção poética*, isto é, Wordsworth argumenta que o poético não se encontra em “*artificial distinctions of style*¹⁰⁷” (Ibid., p. 172), mas na própria matéria do poema e as paixões evocadas. Nesse sentido, o uso de ‘linguagem poética’ (como cânone de decoro estilístico) apenas concorreria a ofuscar o real poder poético do tema tratado. A dicção poética é, para Wordsworth “*arbitrary, and subject to infinite caprices upon which no calculation whatever can be made*¹⁰⁸” (Ibid., p. 170), e, diante dela, “*the Reader is utterly at the mercy of the Poet, respecting what imagery or diction he may choose to connect with the passion*¹⁰⁹” (Ibid., p. 170). O metro, por outro lado, é “*regular and uniform*¹¹⁰” (Ibid., p. 170) e ele

*obeys certain laws, to which the Poet and Reader both willingly submit because they are certain, and because no interference is made by them with the passion, but such as the concurring testimony of ages has shown to heighten and improve the pleasure which co-exists with it*¹¹¹. (Ibid., p. 170).

Para Wordsworth, portanto, o metro não constitui um empecilho à expressão poética: antes, eleva e depura o prazer encontrado nela, o que o metro efetua em três ocasiões. Primeiramente, o metro pode operar no sentido de restringir emoções

¹⁰⁶ “Não só a linguagem de uma grande parte de todo bom poema, mesmo aqueles de caráter mais elevado, deve necessariamente, exceto no que concerne à métrica, de forma alguma diferir daquela de boa prosa, mas, também, notar-se-á que algumas das partes mais interessantes dos melhores poemas são compostas estritamente na linguagem de prosa, quando a prosa é bem escrita”.

¹⁰⁷ “Distinções artificiais de estilo”.

¹⁰⁸ “Arbitrária e sujeita a caprichos infinitos, acerca dos quais nenhum cálculo de qualquer espécie pode ser feito”.

¹⁰⁹ “O Leitor está completamente à mercê do Poeta, no que diz respeito às imagens ou dicção que ele possa escolher associar à paixão”.

¹¹⁰ “Regular e uniforme”.

¹¹¹ “Obedece a certas leis, às quais ambos o Poeta e o Leitor voluntariamente se submetem porque são certas, e porque nenhuma inferência é feita por elas acerca da paixão, mas apenas tais que o testemunho concordante da história provou acentuar e aprimorar o prazer que coexiste com ela”.

excessivas ou dolorosas que as palavras do poeta podem evocar. “*The end of Poetry*,” escreve Wordsworth,

is to produce excitement in co-existence with an overbalance of pleasure; but, by the supposition, excitement is an unusual and irregular state of the mind; ideas and feelings do not, in that state, succeed each other in accustomed order. If the words, however, by which this excitement is produced be in themselves powerful, or the images and feelings have an undue proportion of pain connected with them, there is some danger that the excitement may be carried beyond its proper bounds. Now the co-presence of something regular, something to which the mind has been accustomed in various moods and in a less excited state, cannot but have great efficacy in tempering and restraining the passion by an intertexture of ordinary feeling, and of feeling not strictly and necessarily connected with the passion. This is unquestionably true; and hence, though the opinion will at first appear paradoxical, from the tendency of metre to divest language, in a certain degree, of its reality, and thus to throw a sort of half-consciousness of unsubstantial existence over the whole composition, there can be little doubt but that more pathetic situations and sentiments, that is, those which have a greater proportion of pain connected with them, may be endured in metrical composition, especially in rhyme, than in prose¹¹². (Ibid., pp. 173, 175).

Por outro lado,

if the Poet's words should be incommensurate with the passion, and inadequate to raise the Reader to a height of desirable excitement, then (unless the Poet's choice of his metre has been grossly injudicious), in the feelings of pleasure which the Reader has been accustomed to connect with metre in general, and in the feeling, whether cheerful or melancholy, which he has been accustomed to connect with that particular movement of metre, there will be found something which will greatly contribute to impart passion to the words, and to effect the complex end which the Poet proposes to himself¹¹³. (Ibid., p. 175).

¹¹² “O objetivo da Poesia é produzir entusiasmo em coexistência com um excesso de prazer; mas, pela conjectura, entusiasmo é um estado mental incomum e irregular; ideias e sentimentos, nesse estado, sucedem-se uns aos outros na ordem habitual. Se as palavras, no entanto, pelas quais esse entusiasmo é produzido forem em si poderosas, ou as imagens e sentimentos tiverem uma proporção desmesurada de dor associada a elas, há certo perigo do entusiasmo ser levado para além de seus limites devidos. Agora, a presença conjunta de algo regular, algo ao qual a mente se acostumou em diversos ânimos e em estado menos excitado, não pode ter senão uma grande eficácia em temperar e restringir a paixão através de um entretecimento de sentimentos comuns, e de sentimentos não estrita ou necessariamente associados à paixão. Isso é inquestionavelmente verdadeiro; e, portanto, embora a visão parecerá, em um primeiro momento, paradoxal, devido à tendência do metro em despir a linguagem, em certo grau, de sua realidade, e, assim, lançar uma espécie de semiconsciência de existência insubstancial sobre toda a composição, não se pode duvidar de que situações e sentimentos mais patéticos, isto é, aqueles que possuem uma maior proporção de dor associada a eles, podem ser tolerados em composições métricas, especialmente com rima, mais do que em prosa”.

¹¹³ “Se as palavras do poeta se encontrarem em desproporção em relação à paixão, e inadequadas para elevar o Leitor à altura do entusiasmo desejável, então (a menos que a escolha do metro pelo poeta tenha sido assaz imprudente), nos sentimentos de prazer os quais o Leitor se acostumou a associar com métrica em geral, e no sentimento, quer alegre ou melancólico, que ele se acostumou a associar com aquele movimento particular de metro, encontrar-se-á algo que muito contribuirá para transmitir paixão às palavras, e para realizar o complexo objetivo que o Poeta propôs a si mesmo”.

Por fim, o metro também proporciona prazer ao leitor na medida em que a mente, argumenta Wordsworth, deriva prazer da percepção de ‘semelhança na dissemelhança’, isto é, de variedade e diferença em meio ao que é igual e constante. No caso da poesia, esse efeito se dá pela “*indistinct perception perpetually renewed of language closely resembling that of real life, and yet, in the circumstance of metre, differing from it so widely*”¹¹⁴ (Ibid., p. 177).

3.2 O PENTÂMETRO IÂMBICO

O *Prelúdio*, como já escrevemos, foi composto na medida de ‘pentâmetro iâmbico’ (*iambic pentameter*), verso constituído, modelarmente, de cinco iampos, pés métricos formados por uma sílaba átona (*unstressed*) sucedida de uma sílaba tônica (*stressed*), totalizando, portanto, um verso de dez sílabas. Tomamos por ilustração alguns versos do *Prelúdio* e sua escansão (o sinal “-” marca sílabas átonas e “/”, sílabas tônicas):

- / - / - / - / - /
I look about; and should the chosen guide
 - / - / - / - / - /
*Be nothing better than a wandering cloud,*¹¹⁵ (WORDSWORTH, 2006, I. I, vv. 16-17).

Aqui, conseguimos perceber, como descrito, que todos os versos obedecem rigorosamente ao padrão métrico: dez sílabas cada (no segundo verso ocorre elisão da segunda sílaba em *wandering – wand’ring*) e ritmo ascendente (*be NO-thing BEtter THAN [...]*). Porém, à parte de versos exemplares como esses, *O Prelúdio* oferece outros tantos que se desviam do ritmo esperado, como em seu primeiro verso:

/ - - / - \ - / - /
*O There is blessing in this gentle breeze*¹¹⁶, (Ibid., I. I, v. 1).

No qual ocorre uma inversão trocaica do iambo inicial (o ritmo ascendente do iambo ‘- /’ é substituído pelo ritmo descensional do troqueu ‘/ -’) e a elevação de ênfase de uma sílaba átona (“*in*”) ao nível de tônica (ou subtônica, “*half-stress*”, indicado por

¹¹⁴ “Indistinta percepção perpetuamente renovada da linguagem que se assemelha estreitamente àquela da vida real, e que, ainda assim, dentro das circunstâncias do metro, difere dela amplamente”.

¹¹⁵ “Olho em redor; e, se o guia escolhido / For apenas uma nuvem passageira, / Não me enganarei no caminho. Respiro de novo!” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹¹⁶ “Oh, uma bênção existe nesta doce brisa” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

“”), recebendo ênfase por encontrar-se na posição de acentuação métrica (sílabas par, 6º) e entre duas outras sílabas átonas (“-ing” e “this”). Ou, ainda, encontramos versos cuja escansão oferece uma variedade de possibilidades, como:

- - / / - / / - - /
 \ - - / - / - \ - /
From that soft couch I rose not, till the sun (Ibid., l. I, v. 86)¹¹⁷.

Embora conservando o número de sílabas e as cinco tônicas obrigatórias, tal verso deixa a cargo da própria sintaxe, em vez da métrica estrita, a disposição de sua organização rítmica. Não obstante, as variações apresentadas (e outras mais) fazem parte elementar da tradição inglesa do pentâmetro iâmbico desde a adoção dessas pelos poetas renascentistas. São elas, de fato, que emprestam variedade e vigor renovado a um verso que, de outra forma, permaneceria marcadamente monotônico devido à adesão estrita à regularidade métrica. Desse modo, são os desvios rítmicos que, em especial, contribuem para o caráter de ‘naturalidade’, ‘prosaísmo’ e de maior conformidade com a linguagem real que o pentâmetro iâmbico apresenta em relação a outras espécies de versos fixos.

É desse modo que o crítico inglês Derek Attridge, em sua obra *The Rhythms of English Poetry*¹¹⁸ (1982), descreve o verso pentamétrico, notando que “*the five-beat line is characterised by its rhythmic variety, allowing the natural movement of speech to be imitated or heightened as the poet determines*¹¹⁹” (ATTRIDGE, 2014, p. 132). De fato, ele é, segundo o crítico, a única forma métrica simples que se distancia do ritmo tetramétrico e sua associação com a balada e a canção, prestando-se melhor, portanto, a versos mais ambiciosos. Essa característica deve-se ao fato de que o pentâmetro compõe um todo rítmico próprio, não tendendo a agrupamentos maiores do que o próprio verso, como é o caso, por exemplo, do tetrâmetro, o qual tende a se atualizar ritmicamente na forma de pares de versos, formando a popular quadra das baladas. O pentâmetro, portanto, segundo Attridge:

does not bring with it the sense of a strong underlying rhythm; it observes the heightened regularity of movement created by the alternation of stressed and unstressed syllables, without those rhythmic pulses grouping themselves consistently – and insistently - into twos and fours, and without any tendency for dipodic rhythms to make themselves felt. For this reason, it strikes the ear as more faithful to the natural rhythm of speech: it is not that five-beat groups

¹¹⁷ “Não me levantei dessa cama macia até o Sol” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹¹⁸ “Ritmos da Poesia Inglesa”.

¹¹⁹ “O pentâmetro é caracterizado por sua variedade rítmica, possibilitando que o movimento natural da fala seja imitado ou acentuado conforme a determinação do poeta”.

*are in any way indigenous to English, but that such groups impose themselves less strongly on the movement of the language. In other words, five-beat lines exhibit a different relationship between the two rhythmic principles that collaborate in the creation of metrical form: the rhythm of language speaks louder, the elementary rhythmic form more softly*¹²⁰ (Ibid., p. 126).

Diferentemente do tetrâmetro, o pentâmetro não apresenta um ritmo tão marcado e, por esse motivo, acaba deixando o ritmo natural da linguagem dominar. Como consequência, ele torna essa forma particularmente adequada a composições de fôlego, tais como dramas e narrativas. Ademais, como Attridge argumenta, o poeta que opta pelo pentâmetro por razão de seu afastamento de versos mais musicais frequentemente adotará atualizações rítmicas que aproximem seus versos da linguagem falada. Nessa perspectiva, ele poderá fazer uso de um ritmo ascendente em vez de um descendente, ritmo duplo, em vez de triplo, *enjambement*, ausência de rima e alternância dipódica. Dessa forma, o pentâmetro tende a se atualizar de forma quase universal (com raros desvios) como um verso de cinco batidas, com ritmo binário e introduzido por uma sílaba átona: em resumo, o ritmo iâmbico.

Na mesma esteira, Attridge argumenta que a já referida independência formal do pentâmetro, sua tendência a não constituir agrupamentos rítmicos maiores que o próprio verso, possui importantes implicações no que diz respeito à relação entre os versos. Consoante o estudioso:

*Even when it is organised by rhyme into stanza forms, the lines retain their separate identity as five-beat groups. This means that when we reach the end of the line there is no compelling pressure from the larger structure to register the completion of a rhythmic unit and to move on to the next one. Instead, the syntax has a more powerful voice - another example of the five-beat rhythm's less dominating relationship with the language - and will determine whether we pause or read straight on to the following line. Pentameter verse which consistently encourages us to pause at line-end will, of course, be marked by stronger rhythms, since the five-beat units will be highlighted; the liberal use of run-on lines, on the other hand, will create a continuous movement in which the line-divisions may not be very apparent*¹²¹ (Ibid., p. 133).

¹²⁰ “Não traz consigo o senso de um forte ritmo subjacente; ele observa a acentuada regularidade de movimento criada pela alternância de sílabas tônicas e átonas, sem que aquelas pulsações rítmicas se agrupem consistentemente – e insistentemente – em pares e quadras, e sem nenhuma tendência para que ritmos dipódicos se façam patentes. Por essa razão, ele soa ao ouvido como mais fiel ao ritmo natural da fala: não é que grupos pentamétricos sejam de alguma forma indígenas ao inglês, mas é que tais grupos se impõem menos marcadamente sobre o movimento da linguagem. Em outras palavras, pentâmetros exibem uma relação diferente entre os dois princípios rítmicos que colaboram na criação da forma métrica: o ritmo da língua fala mais alto, a forma rítmica elementar, mais baixo”.

¹²¹ “Mesmo quando estão organizados por rimas na forma de estrofes, os versos retêm suas identidades separadas como grupos pentamétricos. Isso significa que, quando alcançamos o fim do verso, não há uma pressão causada pela estrutura maior para se registrar a conclusão de uma unidade rítmica e proceder para a próxima. Em vez disso, a sintaxe tem uma voz mais poderosa – outro exemplo da relação menos dominante do ritmo pentamétrico com a linguagem – e determinará se pausamos ou seguimos lendo o verso seguinte. O pentâmetro que sistematicamente nos encoraja a pausar ao fim

É o ritmo sintático, portanto, que predomina sobre a métrica no caso do pentâmetro. Essa relação torna tal verso um instrumento dotado de versátil maleabilidade na mão de poetas que desejem explorar as potencialidades expressivas da linguagem natural. A mesma relação, porém, gera, no íntimo do verso, uma tensão entre a linguagem poética e a prosaica, desestabilizando o limite entre ambas, particularmente no caso do verso branco (não rimado). No centro dessa questão, está a ambivalência rítmica da pausa final do pentâmetro. Essa é, segundo Attridge, em certo sentido, extramétrica, pois, sendo o pentâmetro uma unidade independente, não há um impulso inerente à estrutura do ritmo (como ocorre no tetrâmetro) que conduza a leitura diretamente ao verso seguinte. Antes, é a sintaxe, a presença ou a ausência de *enjambements* que determinarão a qualidade da pausa ao fim do verso e se a leitura deverá se demorar nela ou ignorá-la. A maior liberalidade com que o pentâmetro recebe *enjambements*, por sua vez, torna a forma mais propícia para a formação de composições não rimadas.

Por fim, Attridge enfatiza o papel desempenhado pelo ritmo silábico na estrutura do pentâmetro. Como argumenta o autor, como o pentâmetro é um padrão menos marcado e menos prontamente reconhecível, ele exige um controle rigoroso das disposições dos elementos rítmicos para que seja conservado sem desmantelar-se em verso livre. Assim, a alternância de sílabas átonas e tônicas do iambo deve ser mantida de forma quase completamente regular, caso se deseje manter reconhecível o ritmo subjacente. Por outro lado, dentro de uma sucessão de pentâmetros, contanto que a regularidade da alternância de ênfases seja mantida, um verso com um pé a mais ou a um pé a menos será incorporado sem maiores perturbações na estrutura rítmica total.

Não obstante, enquanto o pentâmetro exige a regularidade rítmica para se conservar, são de igual importância à forma as variações métricas consagradas pela tradição do emprego do verso, das quais se valem seus poetas para solucionar problemas prosódicos e para infundir vitalidade no verso. David Keppel-Jones, em *The Strict Metrical Tradition*¹²² (2001), delinea esse conjunto de variações, as quais vieram a compor o cânone de possibilidades métricas empregadas desde os autores

do verso será, é claro, marcado por ritmos mais fortes, já que a unidade quinária de batidas será destacada; o uso liberal de encavalgamentos, por outro lado, criará um movimento contínuo em que a divisão entre linhas pode não ser muito aparente”.

¹²² “A Tradição Métrica Estrita”.

renascentistas, que as estabeleceram, até os poetas românticos. Esse conjunto de “*ways in which the alternating stress-pattern of the syllables could be varied*”¹²³ (KEPPEL-JONES, 2001, p. 4), forma, segundo Jones, a técnica poética que deu versatilidade ao pentâmetro iâmbico e proporcionou a ele se estabelecer como uma tradição ininterrupta de quase 300 anos.

O pentâmetro iâmbico regular (*unvaried*) é definido por Jones como um verso sem variação específica de ênfase e sem sílabas extras, onde as sílabas ímpares são átonas e as pares tônicas. O verso é ainda considerado regular quando sílabas subtônicas estão presentes tanto no caso de sílabas pares, quanto ímpares. Assim, o ritmo alternante do iambo é identificado pela oposição de ênfase entre sílabas sucessivas, em que uma sílaba tônica é percebida como uma batida do ritmo pelo fato de ser precedida de uma sílaba átona. Dessa forma, Jones descreve o processo pelo qual o ritmo iâmbico é percebido:

*At five points, namely on the even-numbered syllables, we not only recognize a stressed syllable as such but perceive it to have been duly preceded and introduced by an unstressed syllable. That moment of recognition coincides with the muscular impulse of enunciating the stressed syllable (aloud or as though aloud), which in turn gives rise to the sense of a beat. So the happy coincidence arises whereby the stressed syllable provides a focal point for a single act of rhythmic perception embracing two syllables. With each such act, even as the beat is registered, the account of that rhythmic unit with its two syllables is closed; and the account of the next unit is ready to proceed from a fresh start. With a fresh start, and with only two syllables to be accounted for, each step in this basic iambic process can be conducted almost unconsciously*¹²⁴ (Ibid., p. 35-36).

Jones distingue duas espécies de variações. A primeira, ele denomina como “*variações simples*”, que se apresentam como duas versões: ou como a presença de uma sílaba átona (*weak*) onde uma sílaba tônica (*strong*) era esperada (como exemplifica o verso de Wordsworth:

¹²³ “Modos segundo os quais o padrão acentual alternante das sílabas pode variar”.

¹²⁴ “Em cinco lugares, nas sílabas de numeração ímpar, não apenas reconhecemos uma sílaba tônica como tal, mas percebemos que ela foi devidamente precedida e introduzida por uma sílaba átona. Esse momento de reconhecimento coincide com o impulso muscular de enunciação da sílaba tônica (em voz alta, ou como se fosse), o qual, por sua vez, cria a sensação de uma batida. Assim, a feliz coincidência surge pela qual a sílaba tônica provê um ponto focal para um ato singular de percepção rítmica abarcando duas sílabas. Com cada ato desses, mesmo enquanto a batida é registrada, a notação daquela unidade rítmica com suas duas sílabas é encerrada; e a notação da próxima unidade está pronta para proceder de um novo começo. Com um novo começo e com apenas duas sílabas a serem processadas, cada passo nesse processo iâmbico básico pode ser conduzido quase inconscientemente”.

- / - * - / - \ - /
A tempest, a redundant energy, (WORDSWORTH, 2006, l. I, v. 37)¹²⁵,

onde o artigo “a”, apesar de ser uma sílaba átona, recebe o acento métrico [indicado por *] devido à sua posição de sílaba par no verso); ou como a presença de uma sílaba tônica onde uma átona era esperada (como no verso

- / - / - / + / - /
Long months of peace (if such bold word accord (Ibid., l. I, v. 24)¹²⁶,

em que o adjetivo “bold” sofre leve rebaixamento de sua acentuação [indicada por +] devido à sua posição de sílaba ímpar). Jones, entretanto, dá maior importância à segunda espécie de variações, as quais nomeia “variações radicais”, aquelas que perturbam o padrão de alternância do pentâmetro iâmbico. O primeiro e mais comum tipo de variação dessa espécie é a “inversão trocaica” (ou, simplesmente, “inversão”), a qual consiste na substituição de um iambo (- /) por um troqueu (/ -). Keppel-Jones, no entanto, identifica a inversão como parte de uma figura maior, a do *coriambo*, composto de quatro sílabas, um troqueu seguido de um iambo, como no seguinte verso:

/ - - /
Trances of thought and mountings of the mind (Ibidl, l. I, v. 19)¹²⁷

em que o primeiro pé (local onde geralmente ocorre inversão) apresenta ritmo descendente, em vez de ascendente, e é seguido por um retorno ao ritmo padrão. A segunda variação identificada por Jones é o *iônico menor*, figura métrica composta de duas sílabas átonas seguidas de duas tônicas:

- - / /
*For I, methought, while the sweet breath of heaven*¹²⁸ (Ibid., l. I, v. 33).

A terceira variação consiste no uso do *segundo epítrito*, composto de uma sílaba tônica, seguida de uma átona e duas tônicas:

/ - / /
*Days of sweet leisure, taxed with patient thought*¹²⁹ (Ibid., l. I, v. 43).

¹²⁵ “Numa tempestade, cujo poder excessivo” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹²⁶ “Longos meses de paz (se esta palavra ousada / Se harmonizar” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹²⁷ “Pensamentos arrebatados e a exaltação do espírito” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹²⁸ “Porque ao descer o doce alento do céu” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹²⁹ “Dias de agradável ócio, cheio de resignados pensamentos / Obscuros” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

Essas três figuras, isto é, o *coriambo*, o iônico menor e o *segundo epítrito*, formam, segundo Jones, o cânone de inversões permitidas dentro do que o crítico denomina a “tradição de métrica estrita”, abrangendo o período de 1590 a 1865 da tradição do pentâmetro iâmbico na Inglaterra.

Constatamos, desse modo, a partir das observações de Attridge e Jones, que o ritmo iâmbico é necessário e consistentemente regular, marcado sempre pela alternância de ênfases silábicas de forma binária. Por outro lado, no entanto, a qualidade das ênfases é variável, aceitando sílabas subtônicas no lugar de tônicas e promoções e rebaixamentos de acentuações. Tal característica do pentâmetro iâmbico torna essa forma mais adequada a composições poéticas mais próximas do registro linguístico prosaico e, portanto, o metro que se adequa mais naturalmente a poemas não-rimados, como é o caso do verso branco.

3.3 O VERSO BRANCO

No *Prelúdio*, o pentâmetro iâmbico se atualiza na forma do verso branco, isto é, versos não rimados compostos nesse metro. Segundo o crítico John Symonds, em sua obra seminal *Blank Verse* (1895), o verso branco inglês é um dos metros mais variados e plásticos disponíveis na língua inglesa, sendo capaz de se adequar a “*the most commonplace and the most sublime utterances*¹³⁰” (SYMONDS, 1895, p. 16). Assim como o pentâmetro iâmbico, e justamente por ser fundado nele, o verso branco “*owes its beauty to the liberties taken with the normal structure*¹³¹” (Ibid., p. 1), liberdades essas que são explicadas se considerarmos “*the accent required by the rhetorical significance of their abnormal lines*¹³²” (Ibid., p. 2). O crítico, ademais, argumenta que, tendo sua origem no teatro, o verso branco deriva sua força e liricismo (e evade a monotonia em que pode facilmente cair) mais do impulso retórico de seu próprio conteúdo do que de questões formais, pois “*being an accentual meter, blank verse owes much of its rhythmical quality to emphasis*” (Ibid., p. 12)¹³³. Assim, a escritura e a leitura do verso branco se fundam em um duplo efeito de variedade e unidade, metro e ritmo sintático-semântico, pois “*the true secret of blank verse consists*

¹³⁰ “às mais triviais e às mais sublimes elocuições”.

¹³¹ “deve sua beleza às liberdades tomadas com a estrutura normal” (tradução nossa).

¹³² “a inflexão requerida pela significância retórica dos versos anormais” (tradução nossa).

¹³³ “sendo um metro acentual, o verso branco deve muito de sua qualidade rítmica à ênfase” (tradução nossa).

in the proper adaptation of words and rhythms to the sense contained in them” (Ibid., pp. 50-51)¹³⁴. Segundo o autor, ainda, o verso branco é uma forma especialmente adaptada para registrar o pensamento em desenvolvimento, ao que atesta seu uso mais extensivo (e mais bem-sucedido) na poesia dramática, épica e meditativa, e, como tal, prescindindo a organização estrófica de outras formas consagradas. Ademais, o verso branco possui uma estruturação mais expansiva e maleável, subordinada ao período e ao pensamento, disso decorrendo que, muitas vezes, a musicalidade de um verso depende da cadência daquele que o precede. Dessa forma, Symonds define o verso branco como uma forma que opera em duas camadas: uma patente, “*determined by the sense and intonation of the poet’s thought*”¹³⁵ (Ibid., p. 64), outra virtual, na qual “*the decasyllabic beat maintains an uninterrupted under-current of regular pulsations*”¹³⁶ (SYMONDS, 1895, p. 64).

Na mesma esteira de Symonds, Robert Shaw, em *Blank Verse: a guide to its history and use* (2007), afirma que, uma das qualidades essenciais desse verso, é o fato de que ele “*typically achieves its most memorable effects not in a single line but cumulatively*”¹³⁷ (SHAW, 2007, p. 26), o que suscita no poema “*commanding momentum, [a] sense of ongoingness, that is one of the leading characteristics (and advantages) of blank verse*”¹³⁸ (Ibid., p.4), o que Milton, em seu prefácio ao *Paraíso Perdido*, descreve como “*the sense variously drawn out from one verse into another*”¹³⁹ (MILTON, 2005, p. 1). Da mesma forma que Symonds, Shaw evoca a dupla lógica operante no verso branco, sua tensão entre a rigidez e a liberdade, entre o metro fixo e o ritmo retórico, e sublinha:

*Freedom and fixity are both at play in the form. Unchecked and unsegmented by patterns of rhyme, it can accommodate prodigious flows of utterance; in that sense it is freer. At the same time, unlike free verse, it has a set length of line and recurring number of beats, and while poets in practice may allow themselves flexible rhythms and even occasional metrical substitutions, these attain expressive power precisely because the standard iambic pentameter is there as a basis, a point to vary from*¹⁴⁰ (SHAW, 2007, p. 4; grifo do autor).

¹³⁴ “o verdadeiro segredo do verso branco consiste na adaptação adequada de palavras e ritmos ao sentido contido neles” (tradução nossa).

¹³⁵ “determinada pelo sentido e entonação do pensamento do poeta”.

¹³⁶ “o compasso decassilábico mantém uma subcorrente de pulsações regulares”.

¹³⁷ “tipicamente atinge seus efeitos mais memoráveis não em um único verso, mas cumulativamente”.

¹³⁸ “um *momentum* imperioso, [uma] sensação de movimento ininterrupto, que é uma das mais importantes características (e vantagens) do verso branco”.

¹³⁹ “o sentido variadamente vertido de um verso a outro”.

¹⁴⁰ “liberdade e fixidez estão ambas em jogo na forma. Não sendo coibido e segmentado por padrões de rima, ele [o verso branco] pode acomodar fluxos prodigiosos de elocução; nesse sentido, ele é mais livre. Ao mesmo tempo, diferente do verso livre, ele tem uma extensão de verso fixa e um número de pulsações recorrente, e, enquanto poetas praticantes podem admitir ritmos flexíveis e mesmo

Desse modo, percebemos como uma sequência de versos que siga estritamente o metro arrisca cair em monotonia, enquanto que variações acentuais e métricas, que acompanhem naturalmente o ritmo semântico, podem conferir maior vitalidade ao verso, sem detrimento à forma. Tais variações, como vimos, são consagradas pela tradição do pentâmetro iâmbico e contribuem para o duplo efeito de variedade e regularidade rítmica característico do verso branco.

Em outra perspectiva, mas partindo da mesma apreciação da forma, Henry Weinfield, em sua obra *The Blank Verse Tradition from Milton to Stevens: freethinking and the crisis of modernity*¹⁴¹ (2012), considera o significado histórico e político do verso branco e sua relação próxima com as noções de livre-pensamento e, até mesmo, revolução. Segundo o autor, o verso branco encontra-se em um estado intermediário entre o verso formalmente rimado e a prosa. Em outros termos, entre os registros e as experiências do “poético” e do “prosaico”. Essa localização e livre locomoção entre dois mundos, tanto no que diz respeito à forma, quanto à temática, dá ocasião a uma liberdade particular ao verso branco, liberdade esta que “*first in Milton and then in the Romantic and modern poets who follow him in this mode, seems both to allow for and to promote what used to be called freethinking*¹⁴²” (WEINFIELD, 2012, p. 2; grifo do autor). Weinfield sugere ainda que a própria liberdade formal do verso branco (seu “movimento ininterrupto”, na expressão de Shaw) torna este verso propício a formas mais adequadas aos meandros do pensamento especulativo, como o poema discursivo, narrativo ou meditativo. Dessa forma, desde sua adoção por Milton, o verso branco carrega, em seu emprego, um posicionamento político e intelectual, o qual deve ser levado em consideração da mesma forma que seus aspectos prosódicos. De fato, os aspectos políticos e prosódicos não devem ser considerados separadamente, pois é a própria variabilidade rítmica do verso branco, sua heterogeneidade prosódica, que o torna capaz de adequar-se a registros linguísticos distintos do canonicamente “poético”.

Podemos concluir, portanto, a partir das observações dos três autores consultados, que o verso branco é fundamentalmente composto de duas correntes

substituições métricas ocasionais, essas obtêm poder expressivo precisamente porque o pentâmetro iâmbico padrão está lá como uma base, um ponto *do qual se pode variar*”.

¹⁴¹ “A Tradição do Verso Branco de Milton a Stevens: livre-pensamento e a crise da modernidade”.

¹⁴² “primeiro em Milton e, então, nos poetas românticos e modernos que o seguem nessa forma, parece permitir e promover o que costumava ser chamado de *livre-pensamento*”.

rítmicas divergentes e complementares. Uma, patente, derivada do ritmo natural da linguagem, apresentando uma disposição sintático-semântica e subordinada à duração da frase para além da unidade do verso. Outra, de carácter virtual, derivada do ritmo métrico do pentâmetro iâmbico e circunscrita pelos limites do verso, mas formando, também, um encadeamento rítmico de iambos que transborda naturalmente de um verso a outro.

3.4 O VERSO BRANCO DE WORDSWORTH

Em *The Passion of Meter: a study of Wordsworth's metrical art*¹⁴³ (1995), Brennan O'Donnel recupera dos escritos de Wordsworth a visão do poeta sobre sua arte métrica, a qual, como demonstra o autor, caracteriza-se particularmente por um jogo de tensões entre as regras da linguagem poética e os impulsos naturais da língua de subvertê-los. Tais regras são delineadas por Wordsworth em uma carta a John Thelwall, de 1804. Primeiramente, o poeta comenta acerca da pausa final do verso, afirmando que é:

*Physically impossible to pronounce the last words or syllables of the lines with the same indifference, as the others, i.e. not to give them an intonation of one kind or an other, or to follow them with a pause, not called out for by the passion of the subject*¹⁴⁴ (WORDSWORTH apud O'DONNEL, 1995, p. 180) .

Suas regras, no que tange ao ritmo, resumem-se em “*1st and 2nd syllables long or short indifferently except where the Passion of the sense cries out for one in preference; 3rd, 5th, 7th, 9th short etc according to the regular laws of the Iambic*¹⁴⁵” (Ibid., p. 29). O poeta acrescenta, porém, que “*I can scarcely say that I admit any limits to the dislocation of the verse, that is I know none that may not be justified by some passion or other*¹⁴⁶” (Ibid., p. 29). Quanto às pausas internas do verso, Wordsworth limita-se, em teoria, às posições após a 4^a, 5^a, 6^a e 7^a sílabas, afirmando, em relação às posições restantes (em uma carta de 1816), que “*These pauses should never be*

¹⁴³

¹⁴⁴ “Fisicamente impossível pronunciar as últimas palavras ou sílabas dos versos com a mesma indiferença como as outras, i.e., não dar a elas uma intonação de um tipo ou outro, ou acompanhá-las com uma pausa não solicitada pela paixão do tema”.

¹⁴⁵ “1^a e 2^a sílabas longas ou curtas indiferentemente, exceto onde a Paixão do sentido clama por uma em preferência; 3^a, 5^a, 7^a, 9^a curtas, etc., segundo as leis regulares do Iâmbico”.

¹⁴⁶ “Eu mal posso dizer que admito qualquer limite para o deslocamento do verso, isto é, eu não conheço nenhum que não possa ser justificado por uma paixão ou outra”.

*introduced for convenience, and not often for the sake of variety merely, but for some especial effect of harmony or emphasis*¹⁴⁷ (Ibid., p. 180).

Como se constata por suas afirmações, Wordsworth mostra-se em acordo com a tradição inglesa do pentâmetro iâmbico e sua concepção do verso se resume como: “*a ten-syllable unit with regularly alternating stress, a tendency toward internal structural balance, and a marked ending*¹⁴⁸” (O’DONNEL, 1995, p. 181). Porém, como Wordsworth declara em sua carta a Thelwall, as regras métricas estão subordinadas às variações necessitadas (e justificadas) pelas paixões do poeta, sendo exclusas somente as variações “*that might give the impression of caprice or inattention, because such impressions undermine the chief function of versification: to provide a normative ‘set’ against which expressive impulses play*¹⁴⁹” (Ibid., p.181). Dessa forma, como descreve O’Donnel, a métrica em Wordsworth manifesta-se como:

*a restricting presence or counterpassion, so that the passion of the sense may be made palpable through the dynamics of the relationship between the fixed form and infinitely variable realizations of that form*¹⁵⁰ (Ibid., p. 181).

Disto decorre que, na poesia de Wordsworth, como é o caso do verso branco em geral, o padrão rítmico abstrato da métrica existe em oposição e jogo com o ritmo atual do enunciado, isto é, ele existe

*only in and through tense opposition with actual speech sounds and the passions that motivate them (the passion of the subject). This tension, the precise bounds of which Wordsworth consistently declines to define (“I can scarcely say that I admit any limits”), manifests itself chiefly in the interplay between an ideal and a real stress pattern (potentially causing “dislocation”) and in ever-shifting relationships between metrical lines and variable phrases, achieved through enjambement (over marked terminations) and placement of pause*¹⁵¹ (Ibid., pp. 181-182),

¹⁴⁷ “Essas pausas não devem nunca serem introduzidas por conveniência, e nem com frequência por variedade apenas, mas por algum efeito especial de harmonia ou ênfase”.

¹⁴⁸ “Uma unidade decassilábica com ênfase regularmente alternante, uma tendência ao equilíbrio estrutural interno e a uma terminação marcada”.

¹⁴⁹ “Que pode dar a impressão de capricho ou distração, porque tais impreções minam a principal função da versificação: prover uma ‘configuração’ normativa contra a qual os impulsos expressivos jogam”.

¹⁵⁰ “Uma presença restritiva ou contrapaixão, de forma que a paixão do sentido possa ser feita palpável através das dinâmicas da relação entre a forma fixa e as realizações infinitamente variáveis daquela forma”.

¹⁵¹ “Somente na, e através da tensa oposição a sons de fala reais e às paixões que os motivam (as paixões do tema). Essa tensão, da qual os limites precisos Wordsworth continuamente se recusa a definir (‘mal posso afirmar que admito algum limite’), manifesta-se principalmente no jogo recíproco entre um padrão acentual ideal e um real (potencialmente causando ‘deslocamento’) e em relacionamentos cambiáveis entre versos métricos e frases variáveis, efetuados através de *enjambement* (por sobre terminações marcadas) e alocação da pausa”.

Junto a isso, O'Donnel acrescenta ainda a tensão resultante do fato de que os sons reais da língua dificilmente se adequam de forma inequívoca ao requerimento de dez sílabas do pentâmetro. Essa tensão entre o metro teórico, com contagem fixa de sílabas, e sua atualização concreta em versos de duração potencialmente variável, conclui o crítico, é precisamente uma das fontes da vivacidade e da força do verso branco wordsworthiano.

Em locais onde variações do ritmo ocorrem, elas estão marcadas pelo contraste com o ritmo fixo subjacente e recebem maior relevo. Versos de onze sílabas ou de terminação feminina (última palavra paroxítona), por exemplo, são raros, e quando surgem é devido a alguma expressão significativa ou propósito emblemático. As variações mais comuns no verso branco de Wordsworth incluem, de acordo com O'Donnel, o uso de um adjetivo monossilábico de forte ênfase na terceira posição:

- / v /
*And twice **five** summers on my mind had stamped*¹⁵² (WORDSWORTH,
 2006, l. I, v. 560)

Tal característica faz com que a sílaba passe a ser percebida como estando: “*in tense opposition to the meter and frequently produces a slowing effect*” (Ibid., p. 184), bem como o desenvolvimento de ênfase pelo uso de preposições, artigos ou conjunções normalmente átonas em posição par (de ênfase), frequentemente na sexta sílaba e contrabalanceando o rebaixamento da terceira:

- ^ - /
*And twice five summers **on** my mind had stamped*

Isso causa uma compensação rítmica e efeito de aceleração. Versos como esse, “*in which an initial sense of slow weightiness is balanced by the diminution of stress and relative speediness of the line ending, are a Wordsworthian blank-verse trademark*¹⁵³” (O'DONNEL, 1995, p. 185).

No que concerne às pausas, o verso branco de Wordsworth é caracterizado por apresentar uma maior ocorrência de pausas múltiplas no interior do verso do que

¹⁵² “E duas vezes cinco verões, em minha mente, estamparam”.

¹⁵³ “No qual uma sensação inicial de vagaroso peso é equilibrada por uma diminuição de ênfase e velocidade relativa da terminação do verso, são uma marca-registrada do verso branco wordsworthiano” (tradução nossa).

é verificado no verso branco não-dramático tradicional. Além disso, também analisamos uma distribuição balanceada de pausas ao longo do meio do verso, tanto após sílabas átonas, quanto após sílabas tônicas, bem como a ocorrência de pausa após a sétima sílaba com quase a mesma frequência que em posições tradicionais (após quarta, quinta e sexta sílabas). Pausas finais são marcadas e nelas “*a minute sense of physical restraint must be felt, whether or not it is consonant with the rhythmic and syntactic manifestation of the passion of the subject*¹⁵⁴” (Ibid., p. 188), significando que, mesmo na presença de *enjambement*, a pausa final deve ser respeitada. Quanto ao uso de *enjambement*, segundo constata O’Donnel, o verso de Wordsworth encontra-se a meio termo entre os extremos do estilo altamente encalvagado de John Milton e o estilo mais contido de William Cowper.

¹⁵⁴ “um pequeno senso de refreamento deve ser sentido, quer seja ou não consoante ao ritmo e à manifestação sintática da paixão do tema”.

4 O ESTILO

4.1 DICÇÃO E RETÓRICA

Desde Matthew Arnold, pelo menos, a imagem de Wordsworth que se tornou popular, inclusive entre críticos, é aquela de um poeta desprovido de estilo próprio, de dicção poética e retórica, que empresta sua voz à natureza e fala no linguajar de pessoas comuns, muito por conta, também, de suas asserções normativas, no Prefácio às *Baladas Líricas*, sobre a linguagem poética. Mas é fácil notar, como já o fizera Coleridge, que a linguagem de Wordsworth não é (nem desejaria ser) aquela da gente do campo, apesar das afirmações do autor. Segundo o crítico M. H. Abrams (1971, p. 110), tal confusão deriva da imprecisão da formulação de Wordsworth sobre a poesia, esta sendo descrita como uma seleção da “*real language of men*¹⁵⁵” (WORDSWORTH in COLERIDGE e WORDSWORTH, 2005, p. 233) ou “*the language really spoken by men*¹⁵⁶” (Ibid., p. 244), bem como da sua asserção de que não pode haver “*essential difference between the language of prose and metrical composition*¹⁵⁷” (Ibid., p. 243). Wordsworth, como escreve no prefácio, adota a linguagem das pessoas do campo, mas “*purified indeed from what appear to be its real defects, from all lasting and rational causes of dislike or disgust*¹⁵⁸” (Ibid., p. 236); a isso Coleridge, no seu *Biographia Literaria*¹⁵⁹ (1817), opõe que tal linguagem, purificada de seus provincialismos e defeitos, e adequada às normas gramaticais, de fato não diferirá da linguagem de qualquer outra pessoa comum e, portanto, indifere que a linguagem seja de gente do campo, seja de comerciantes. O que, para Coleridge, assim, Wordsworth realmente tinha por objeto era a linguagem habitual, “*lingua communis*”, em oposição não à linguagem literária, mas à dicção poética como uma distorção artificial (e posterior) da linguagem espontânea. Wordsworth, portanto, segundo Coleridge:

in the clear perception, not unaccompanied with disgust or contempt, of the gaudy affectations of a style which passed current with too many for poetic diction, (though in truth it had as little pretensions to poetry, as to logic or

¹⁵⁵ “linguagem real dos homens”.

¹⁵⁶ “a linguagem realmente falada por homens”.

¹⁵⁷ “diferença *essencial* entre a linguagem da prosa e composição poética”

¹⁵⁸ “purificada, de fato, do que parece ser seus defeitos reais, de toda causa, duradoura e racional, de aversão e ojeriza”.

¹⁵⁹ “Biografia Literária”.

common sense,) he narrowed his view for the time; and feeling a justifiable preference for the language of nature and of good sense, even in its humblest and least ornamented forms, he suffered himself to express, in terms at once too large and too exclusive, his predilection for a style the most remote possible from the false and showy splendour which he wished to explode¹⁶⁰. (COLERIDGE, 2008, p. 365).

A mesma avaliação é feita por Abrams, segundo o qual:

*Wordsworth's chief concern is not with the single words or the grammatical order of prose discourse, but with figurative departures from literal discourse, and [...] Wordsworth's main intention is to show that such deviations are justifiable in verse only when they have the same psychological causes that they have in the 'artless' speech of every day*¹⁶¹. (ABRAMS, 1971, p. 110).

Desse modo, o poeta não está em contradição com sua teoria ao empregar não apenas uma linguagem sublime ou filosófica em composições como *Tintern Abbey*, como também figuras de linguagem e outros 'excessos', porque, em tais instâncias, a linguagem usada é suscitada naturalmente pelo objeto contemplado, e é também uma linguagem 'real', natural, não de um pastor, mas do próprio poeta. Sua linguagem é ainda um "*spontaneous overflow of powerful feelings*¹⁶²" (WORDSWORTH in COLERIDGE e WORDSWORTH, 2005, p. 237), mas um transbordamento canalizado pelo cultivo literário do poeta, nem despojado, nem artificialmente poetizado. Como indica Roger Murray, "*It is not the use of figurative language in itself to which Wordsworth objects, but the divorce of figurative language from the feeling that did once and should always alone give rise to such language*¹⁶³" (MURRAY, 1967, p. 8). Ou seja, Wordsworth não defende a ideia de que a linguagem em poesia deva ser especialmente prosaica, mas afirma que ela *não* deve ser especialmente poética. Tal perspectiva fica clara no *Prefácio*, onde escreve que:

¹⁶⁰ "na clara percepção, não desacompanhada de aversão ou desprezo, das afetações espalhafatosas de um estilo o qual se passava por dicção poética para muitos (embora, em verdade, tivesse tão pouca pretensão a poesia quanto a lógica ou senso comum), ele limitou sua perspectiva por um tempo; e, sentindo uma preferência pela linguagem da natureza e do bom senso, mesmo em suas formas mais humildes e menos ornadas, ele esforçou-se por expressar, em termos ao mesmo tempo grandes demais e exclusivos demais, sua predileção por um estilo o mais distante possível do falso e pomposo esplendor que ele desejava desmascarar".

¹⁶¹ "a principal preocupação de Wordsworth não é com as palavras isoladas ou a ordem gramatical do discurso em prosa mas com desvios figurativos do discurso literal, e [...] a principal intenção de Wordsworth é mostrar que tais desvios são justificáveis em poesia apenas quando eles têm as mesmas causas psicológicas que possuem na fala 'inartística' do cotidiano".

¹⁶² "transbordamento espontâneo de sentimentos poderosos".

¹⁶³ "não é ao uso de linguagem figurada em si que Wordsworth objeta, mas à separação da linguagem figurada do sentimento que uma vez (e deveria sempre) deu sozinho origem a tal linguagem".

*if the Poet's subject be judiciously chosen, it will naturally, and upon fit occasion, lead him to passions the language of which, if selected truly and judiciously, must necessarily be dignified and variegated, and alive with metaphors and figures. [...] it is more probable that those passages, which with propriety abound with metaphors and figures, will have their due effect, if, upon other occasions where the passions are of a milder character, the style also be subdued and temperate*¹⁶⁴. (WORDSWORTH in COLERIDGE e WORDSWORTH, 2005, pp. 244-245).

Não devemos pensar, portanto, que no momento em que Wordsworth fala em sua própria voz (ou, ao menos, não na voz de uma personagem), sua dicção será aquela de um pastor inglês, pois, como afirma Edwin Burgum, “*The activities in his poems are peasant; the principles governing them are [...] not typically or truly peasant at all, but bourgeois*¹⁶⁵” (BURGUM, 1940, p. 211) Assim, é sua própria dicção que emprega, não como um pastor teria dito ou pensado, nem como um poeta o teria feito, mas como *Wordsworth* em si o fizera. E essa linguagem, como escreve Burgum, “*was the speech that the educated bourgeois would have used had he been discussing the same topics. It was the speech of Wordsworth himself as a product of those forces*¹⁶⁶” (Ibid., p. 212), linguagem a qual o crítico resume como ‘a tradição da prosa ornada elizabetana modificada pelo evangelicalismo’, e, desse modo, Wordsworth buscou preservar em sua poesia, o quanto possível, as cadências da prosa.

A linguagem do *Prelúdio* (aquela que aqui nos interessa) deve, assim, ser tomada como o que é: uma meditação de Wordsworth na linguagem do Wordsworth meditativo. Sua dicção é mais abstrata e literária do que em suas baladas, como é seu verso branco em geral (AUSTIN, 1989, p. 64), embora não lhe falte vocabulário concreto, particularmente na descrição de objetos naturais. Para Donald Davie, ainda, “*the diction of The Prelude is neither abstract nor concrete, but something between the two*¹⁶⁷” (DAVIE, 1986, p. 48). Isso decorre do objeto que o poema tem em vista: apesar da centralidade ocupada pela Natureza no poema, não é ela em si, em sua concretude, que é o objeto da atenção do poeta, mas é o efeito que ela tem sobre a mente de Wordsworth que se torna a matéria tratada:

¹⁶⁴ “se o tema do Poeta for escolhido de modo adequado, ele naturalmente e de forma propícia irá levá-lo a paixões cuja linguagem, se selecionada fiel e adequadamente, deve necessariamente ser decorosa e variegada e viva com metáforas e figuras. [...] é mais provável que aquelas passagens que, com propriedade, abundem com metáforas e figuras terão seu efeito devido se, em outras ocasiões onde as paixões são de caráter mais suave, o estilo também for contido e temperado”.

¹⁶⁵ “As atividades em seus poemas são camponesas; os princípios que as governam não são de forma alguma tipicamente ou realmente camponeses, mas burgueses”.

¹⁶⁶ “era a fala que o burguês educado teria usado se estivesse discutindo os mesmos tópicos. Era a fala do próprio Wordsworth como um produto dessas forças”.

¹⁶⁷ “a dicção do *Prelúdio* não é nem abstrata nem concreta mas algo entre os dois”.

*Wordsworth's world is not preeminently a world of 'things.' His language [...] is not concrete. [...] What Wordsworth renders is not the natural world but (with masterly fidelity) the effect that world has upon him*¹⁶⁸ (Ibid., p. 48).

O mundo externo, portanto, permanece subordinado ao interno, tendo valor, o mais das vezes, somente quando é capaz de suscitar uma intuição espiritual no poeta. A linguagem das emoções e dos processos mentais vem ao centro, enquanto que o mundo das coisas é descrito em termos genéricos e gerais.

Não obstante, embora no *Prelúdio* Wordsworth fale com voz própria, ou imitativa dessa, e não procure adequar artificialmente sua dicção às regras de expressão poética condicionadas pelo Classicismo, sua poesia ainda carrega marcas da retórica antiga. Para Lindenberger, Wordsworth encontra-se historicamente em um lugar particular:

*Veering between two irreconcilable literary systems: between the demands of decorum and the demands of sincerity, or, to put it another way, between the responsibilities imposed by the recognition of a hierarchy of styles and the responsibilities he felt to the truth of his personal experience*¹⁶⁹. (LINDENBERGER, 1966, p. 32).

Tal dicotomia, o privado e o público, a linguagem natural e a retórica social, estão no centro da forma e do tema do poema. Novamente, segundo Lindenberger, *"The poem wavers [...] between two areas of reference [...]: the poem as personal history and as prophetic utterance*¹⁷⁰" (Ibid., p. xiii), isto é, entre crônica prosaica, privada, de significado subjetivo, e o esforço na direção de encontrar uma voz pública que possa comunicar verdades universais à sociedade, uma voz, em suma, épica. Essa voz constitui, para o crítico, o princípio organizante do *Prelúdio*: a fuga *"from the subjectivity of private experience to the assertion of publicly communicable and valid truths*¹⁷¹" (Ibid., p. 5). Ademais, para o crítico, muito do sucesso do poema deriva

¹⁶⁸ "o mundo de Wordsworth não é preminentemente um mundo de 'coisas.' Sua linguagem [...] não é concreta. [...] O que Wordsworth apresenta não é o mundo natural mas (com magisstral fidelidade) o efeito que esse mundo tem sobre ele".

¹⁶⁹ "Alternando entre dois sistemas literários irreconciliáveis: entre as exigências do decoro e as exigências da sinceridade ou, dito de outro modo, entre as responsabilidades impostas pelo reconhecimento de uma hierarquia de estilos e as responsabilidades que ele sentia para com a verdade de sua experiência pessoal".

¹⁷⁰ "O poema oscila [...] entre duas áreas de referência [...]: o poema como história pessoal e como expressão profética".

¹⁷¹ "da subjetividade da experiência privada para a asserção de verdades válidas e publicamente comunicáveis".

precisamente da linguagem e da organização que Wordsworth encontrou para abranger ambas as áreas de uma só vez. Assim, Wordsworth lança mão das convenções da forma epistolar para atingir um senso de audiência, desenvolvendo os ‘*spots of time*’ como um meio para dar uma forma objetiva, comunicável, às suas experiências subjetivas e emprega, também, apóstrofes dirigidas à Natureza e outros poderes como um meio para expandir sua área de referência para além do privado.

Entre o privado e o público, *O Prelúdio* também se acha entre duas visões da forma literária. A visão moderna, na qual a forma da obra deriva das demandas e ritmos da visão pessoal do autor; e a visão tradicional, que considera estilos e estruturas objetivos, aos quais o escritor acomoda seus interesses pessoais (Ibid., pp. 9-10). Assim, o Wordsworth que cria a forma dos ‘*spots of time*’ para comunicar suas experiências pessoais é o mesmo que se esforça por enquadrar sua composição às exigências do modelo épico. Segundo Lindenberger, apenas podemos entender *O Prelúdio*, com sua retórica miltônica e amplitude de escopo, se mantermos em mente a concepção épica por trás do poema, e que, ainda, é dessa missão épica que o poema “*derives its energy and momentum, its dignity and its religious aura*¹⁷²” (Ibid., p. 10). Amplitude de escopo e gravidade são as características que o poeta épico busca, e, para tal, lança mão da retórica. Lindenberger define de forma precisa a função da retórica no *Prelúdio*:

*Rhetoric [...] provides the semblance of intensity when the more “genuine” intensity of the lofty burst can no longer be sustained. For the long poem demands at least the pretense of evenness [...], which it achieves by maintaining a uniform meter and a uniform level of diction. A long poem of epic pretensions must ultimately depend on formal rhetoric for its sustenance. To read The Prelude correctly we must accept the presence of its rhetoric and willingly suspend our disbelief in the aesthetic validity of this art [...]. For Wordsworth rhetoric could still serve as a sign of commitment to the public realm and of the poet’s desire to maintain communications with the world of affairs*¹⁷³. (Ibid., p. 106).

¹⁷² “deriva sua energia e *momentum*, sua dignidade e aura religiosa”.

¹⁷³ “Retórica provê a aparência de intensidade quando a intensidade mais ‘genuína’ da efusão elevada não pode mais ser sustentada. Pois o poema longo exige ao menos a simulação de uniformidade [...], a qual atinge ao manter um metro regular e um nível de dicção uniforme. Um poema longo de pretensões épicas deve, no fim, depender de retórica formal para sua sustentação. Para ler *O Prelúdio* corretamente devemos aceitar a presença de sua retórica e suspender voluntariamente nossa descrença na validade estética dessa arte [...]. Pois a retórica de Wordsworth ainda serve como um sinal de comprometimento com a esfera pública e do desejo do poeta em manter uma comunicação com o mundo dos assuntos sociais”.

Além das convenções de gênero, Wordsworth também herda do século XVIII a distinção de dicção e tom para diferentes passagens. Se o poeta nega haver uma linguagem especial para a poesia, ainda emprega uma linguagem diferenciada segundo as exigências do objeto: linguagem grave onde se exige o decoro, linguagem comum onde o propóstio é menos elevado. Segundo Lindenberger:

*Wordsworth could still take for granted the doctrine that there existed a correspondence between the language a poet chose and the subject matter he was depicting, and that certain forms of language were more appropriate to certain areas of subject matter than others*¹⁷⁴. (Ibid., p. 27).

Desse modo, em duas passagens que pintam um retrato de Anne Tyson, hospedeira de Wordsworth na sua juventude, o poeta recorre a dois estilos diferentes segundo o propósito em vista:

WORDSWORTH, 2006, I. IV, vv. 19-34	WORDSWORTH, 2006, I. IV, vv. 207-221
<p><i>The thoughts of gratitude shall fall like dew Upon thy grave, good creature! While my heart Can beat never will I forget thy name. Heaven's blessing be upon thee where thou liest After thy innocent and busy stir In narrow cares, thy little daily growth Of calm enjoyments, after eighty years, And more than eighty, of untroubled life, Childless, yet by the strangers to thy blood Honoured with little less than filial love. What joy was mine to see thee once again, Thee and thy dwelling, and a crowd of things About its narrow precincts all beloved, And many of them seeming yet my own! Why should I speak of what a thousand hearts Have felt, and every man alive can guess?</i>¹⁷⁵</p>	<p>[...] <i>With new delight, This chiefly, did I note my grey-haired Dame; Saw her go forth to church or other work Of state, equipped in monumental trim; Short velvet cloak, (her bonnet of the like), A mantle such as Spanish Cavaliers Wore in old time. Her smooth domestic life, Affectionate without disquietude, Her talk, her business, pleased me; and no less Her clear though shallow stream of piety That ran on Sabbath days a fresher course; With thoughts unfelt till now I saw her read Her Bible on hot Sunday afternoons, And loved the book, when she had dropped asleep And made of it a pillow for her head.</i>¹⁷⁶</p>

¹⁷⁴ "Wordsworth ainda podia tomar por garantida a doutrina de que havia uma correspondência entre a linguagem que um poeta escolhia e o tema que ele representava, e que certas formas de linguagem eram mais apropriadas a certos temas do que outros".

¹⁷⁵ "Toda a minha gratidão há-de cair como orvalho / Sobre a tua sepultura, boa criatura! Enquanto o meu coração / Bater, nunca hei-de esquecer o teu nome. Que as bênçãos do céu desçam onde tu repousas / Depois de uma vida cheia de inocentes azáfamas / Com pequenas preocupações e a modesta colheita / De calmos prazeres diários, após oitenta anos, / E mais ainda, ao longo de uma vida serena; / Não tinha filhos, mas os que eram estranhos ao teu sangue / Honraram-te com um amor quase filial. / Que alegria tive ao ver-te mais uma vez, / A ti e à tua casa e tantas e tantas coisas / Espalhadas nos teus acanhados quartos, todas elas amadas, / E muitas parecendo ainda ser minhas! / Para quê falar daquilo que centenas de corações / Têm sentido e que todos nós podemos adivinhar?" (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹⁷⁶ "[...] Sobretudo com um novo prazer / Reparei na minha hospedeira de cabelos grisalhos; / Vi-a ir para a igreja ou para outra cerimónia / Usando os seus atavios monumentais: Um casaco curto de veludo (a touca a condizer), / Uma capa como a que os cavalheiros espanhóis / Usavam nos velhos tempos. A sua serena vida doméstica, / Plena de afeição e sem inquietações, a sua conversa, / As suas ocupações agradavam-me; e não menos / A sua piedade, que, como um rio límpido e pouco profundo, / Seguia um curso mais puro nos dias do Senhor; / Com um novo sentimento vi-a ler / A Bíblia nas

A primeira passagem é formal, geral, mais impessoal. É, sobretudo, pública, seguindo as convenções, como Lindenberger aponta, do elogio funerário, como Wordsworth as delinea em seu ensaio sobre epitáfios. Por sua vez, a segunda passagem apresenta um tom muito mais familiar, espontâneo, privado; aqui, sim, vemos ‘emoções recordadas em tranquilidade’. Ainda assim, ambos os registros fazem parte do poema: a retórica de Wordsworth não é aquela do séc. XVIII, usada para elevar artificialmente a linguagem, é, antes, movida para adequar a linguagem ao objeto e emoção em vista. No entanto, ainda faz-se presente e contrasta com a linguagem de tom conversacional, espontâneo, e tal contraste, balanceado sob um estilo comedido (a ‘língua comum’ de Coleridge), acaba englobando ambos os registros. Por conseguinte, o entrelaçamento entre uma linguagem coloquial e uma formal caracteriza o estilo do poema.

Por fim, um último aspecto da cultura retórica de Wordsworth que devemos destacar é o da dicotomia beleza/temor que pervade seu poema. Tal dicotomia é herdada das discussões estéticas oitocentistas acerca do belo e do sublime e da divisão, na retórica clássica, entre o *pathos* e o *ethos*, isto é, entre as emoções violentas, tempestuosas, e as emoções contidas, amenas. Ao registro do sublime, como entendido então, associam-se ideais como temor, admiração, paixão, grandeza e poder; à beleza, ligam-se ideais como encanto, amor, delicadeza, calma e brandura. Vemos o contraste (marcado pelo negrito) entre esses dois registros, em sucessão, no episódio do roubo da barca (do *ethos ao pathos*) e no da subida do Mont Blanc (do *pathos ao ethos*):

WORDSWORTH, 2006, I. I, vv. 373-380	WORDSWORTH, 2006, I. VI, vv. 529-540
<i>She was an elfin pinnace; lustily I dipped my oars into the silent lake, And, as I rose upon the stroke, my boat Went heaving through the water like a swan; When, from behind that craggy steep till then The horizon's bound, a huge peak, black and huge, As if with voluntary power instinct Upreared its head.¹⁷⁷</i>	[...] <i>The wondrous Vale Of Chamouny stretched far below, and soon With its dumb cataracts and streams of ice, A motionless array of mighty waves, Five rivers broad and vast, made rich amends, And reconciled us to realities; There small birds warble from the leafy trees, The eagle soars high in the element, There doth the reaper bind the yellow sheaf,</i>

tardes quentes de domingo, / E eu bendizia o livro quando ela adormecia / E dele fazia uma almofada para a sua cabeça.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹⁷⁷ “Era uma barca encantada; com vigor / Mergulhava os remos no lago silencioso, / E, conforme me erguia a cada remada, o meu bote / Avançava pela água como um cisne, / Quando, por detrás daquele rochedo escarpado, até aí / O limite do horizonte, um enorme pico, negro e enorme, / Como se tivesse uma força instintiva e intencional, / Ergueu a sua cabeça.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

	<i>The maiden spread the haycock in the sun, While Winter like a well-tamed lion walks, Descending from the mountain to make sport Among the cottages by beds of flowers.</i> ¹⁷⁸
--	--

Vemos, no primeiro episódio, como o *ethos* do mundo infantil, envolto por um sentimento de brandura e langor, choca-se com o *pathos* da natureza e suas formas ameaçadoras e poderosas. Já no segundo episódio, a visão sublime do vale, vasta e imponente, é contrastada com a natureza mais amena e o mundo humano. E não é apenas essa dicotomia importante no nível estilístico, mas também o é como padrão de organização do próprio poema. Lindenberger identifica no *Prelúdio* (bem como em ‘*Tintern Abbey*’ e na ‘*Ode on Intimations of Immortality*’¹⁷⁹) uma transição, por parte do poeta, da esfera do *pathos* à do *ethos*, da vida instintiva e passional da infância à calma maturidade reflexiva. Assim, se a primeira metade do *Prelúdio*

*moves from the awesome visionary experiences of early childhood to the “tamer argument,” as he puts it, of the human world of London, the second half progresses from his experience of the terrors of the Revolution – with the corresponding turmoil that ensued within his mind – to his attainment of inner peace in rural retirement. Like Paradise Lost, The Prelude moves from the cosmic to the human realm, from heroic to domestic sentiments*¹⁸⁰. (LINDENBERGER, 1966, p. 38)

Percebemos, desse modo, que os contrastes retóricos entre o *pathos* e o *ethos*, o sublime e o belo, o elevado e o comum, o geral e o particular, são uma das características centrais do poema. Desse modo, é possível observarmos o estabelecimento de uma divisão entre esferas de experiência no espaço (mundo natural/mundo humano) e no tempo (infância/maturidade).

¹⁷⁸ “[...] O maravilhoso vale / De Chamouny estendia-se sob os nosso pés, / Com as suas cachoeiras emudecidas e torrentes de gelo / Numa imóvel imagem de ondas gigantescas, / Compensando-nos com cinco grandes e vastos rios / Os quais logo nos reconciliaram com a realidade; / Aí, nas árvores frondosas, chilreiam pequenos pássaros, / A águia voa a grande altura no ar dourado, / Aí, o ceifeiro ata o feixe dourado, / Uma jovem espalha a pequena meda ao sol, / Enquanto o Inverno como um leão bem domado caminha, / Descendo a montanha para se divertir / Entre as casa, junto dos canteiros de flores.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

¹⁷⁹ “Ode acerca de Prenúncios de Imortalidade”

¹⁸⁰ “passa das assombrosas experiências visionárias da infância do ‘argumento mais contido’, como ele escreve, do mundo humano de Londres, a segunda metade progride de sua experiência dos terrores da Revolução – com a correspondente perturbação que se seguiu em sua mente – a sua conquista de paz interior no retiro rural. Como *Paraíso Perdido*, *O Prelúdio* passa do âmbito cósmico ao humano, de sentimentos heroicos a domésticos.”

4.2 VOCABULÁRIO E SINTAXE

Segundo o crítico Donald Davie, o vocabulário e a sintaxe são os dois principais elementos constitutivos da retórica do *Prelúdio*. Por voltar-se ao mundo de “atos internos” e “processos e resultados da imaginação”, Wordsworth adota não só uma sintaxe elaborada, distinta da simplicidade das baladas e de seu verso branco narrativo prévio, como também um vocabulário nem abstrato, nem concreto, mas “*made up of fixed fiduciary symbols*¹⁸¹” (DAVIE in BLOOM, 1986, p. 50). Dito de outra forma, para o crítico, o *Prelúdio* “*is largely a poetry of verbal symbols which must be taken on trust (almost but not quite like notes or chords in music), for the sake of the articulations jointed between them*¹⁸²” (Ibid., p. 52). O poema abunda com “*sensations*”, “*senses*”, “*faculties*”¹⁸³ e outras tantas categorias que apenas apontam para um objeto obscuramente intuído pelo leitor (e o próprio autor). Em referência ao seguinte trecho do poema:

*I deem not profitless those fleeting moods
Of shadowy exultation: not for this,
That they are kindred to our purer mind
And intellectual life; but that the soul,
Remembering how she felt, but what she felt
Remembering not, retains an obscure sense
Of possible sublimity, to which,
With growing faculties she doth aspire,
With faculties still growing, feeling still
That whatsoever point they gain, they still
Have something to pursue.*¹⁸⁴ (WORDSWORTH, 1979, I. II, 331-341)

Davie comenta:

These modes, exultions, senses, sublimities, and faculties will be no clearer at the end of The Prelude than they are here; and yet the poem will not be a botch, for what will be clear at the end is the relationship between them, the articulation. The nouns are not concrete; but the verbs are and may be

¹⁸¹ “composto de símbolos fiduciários fixos”.

¹⁸² “é em grande parte uma poesia de símbolos verbais nos quais se deve confiar (quase, mas não exatamente como notas ou acordes em música) em favor das articulações associadas entre eles”.

¹⁸³ “sensações”, “sentidos”, “faculdades”.

¹⁸⁴ “E não julgo inúteis essas emoções fugitivas / De sombrias exaltações; não por tudo isto, / Pois são aparentadas com o nosso mais puro espírito / E a nossa vida intelectual; mas porque a alma, / Recordando-se como se sentiu, mas não / Do que sentiu, conserva o sentimento obscuro / De uma sublimidade possível, à qual aspira / Com as suas faculdades ainda a desenvolverem-se, / Com as faculdades ainda a crescer, sentindo / Que, apesar dos objectivos que elas alcançam, ainda / Têm de alcançar mais qualquer coisa.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

*lingered over. In short, this is poetry where the syntax counts enormously, counts for nearly everything.*¹⁸⁵ (DAVIE in BLOOM, 1986, p. 51)

O argumento é obscuro, e propositalmente, pois, em passagens como essa, o poeta ergueu-se ao ar rarefeito da especulação meditativa. Mas seu poema não é, a despeito dos desejos de Coleridge, uma apresentação sistemática de um argumento filosófico. O que Wordsworth representa é o próprio ato meditativo, anterior a qualquer concretização sistemática, e, assim, o vocabulário permanece provisório, feito de símbolos, enquanto a sintaxe, em seus volteios intrincados, impele avante o movimento ruminativo da mente em ação, tateante e vacilante, *rumo* à definição filosófica. É a sintaxe, portanto, que “*presents what is really going on, meditation, not argument*”¹⁸⁶ (DAVIE in BLOOM, 1986, p. 52).

Na mesma esteira, Frances Austin identifica três características especiais do verso branco de Wordsworth: o efeito de abstração derivado do vocabulário, a complexidade sintática do estilo meditativo, e aquilo que identifica como o “*pervading mood of much of his poetry*”¹⁸⁷ (AUSTIN, 1989, p. 103), seu senso de ‘passividade sábia’ (“*wise passiveness*”). Em primeiro lugar, Austin nota como o efeito de abstração é suscitado, paradoxalmente, a partir de um vocabulário concreto, o que ocorre por meio de diversos recursos. Por um lado, Wordsworth pode empregar substantivos concretos, mas acompanhados de adjetivos gerais e abstratos, como “*sweet breath*”, “*open fields*”, “*stately grove*”¹⁸⁸ (WORDSWORTH, 2006, l. I, v. 33, v. 50, v. 82), etc. ; em geral, também, as palavras que Wordsworth frequentemente escolhe, embora concretas, são de tipo mais geral e não-específicas, como “*place*”, “*grass*”, “*road*”, “*things*” (uma de suas palavras preferidas), “*sky*”, “*vale*”¹⁸⁹ (Ibid., l. I, v. 62, v. 68, v. 93, v. 109, v. 136, v. 304) etc., palavras que compõe uma cena a meio caminho entre um local particular e um descrição genérica de um espaço natural, como “*rock and hill / The woods*”, ou “*On caves and trees, upon the woods and hills*”, ou ainda “*where the*

¹⁸⁵ “Esses modos, exultações, sentidos, sublimidades e faculdades não ficarão mais claros ao fim do *Prelúdio* do que estão aqui; e, ainda assim, o poema não será uma confusão, pois o que ficará claro no final é a relação entre eles, a articulação. Os substantivos não são concretos, mas os verbos são e se pode demorar neles. Em suma, esta é uma poesia na qual a sintaxe conta imensamente, conta por quase tudo”.

¹⁸⁶ “apresenta o que realmente está acontecendo: meditação, não raciocínio”.

¹⁸⁷ “tom predominante de muito de sua poesia”.

¹⁸⁸ “alento doce”, “campos abertos”, “bosque imponente”.

¹⁸⁹ “lugar”, “relva”, “estrada”, “coisas”, “céu”, “vale”.

*mother-bird / Had in high places built her lodge*¹⁹⁰ (Ibid., I. I, vv. 294-295, v. 470, vv. 327-328), onde o impulso à particularização (*where*) é contrabalanceado pelo genérico “*high places*” (nota-se, ademais, que Wordsworth frequentemente usa tais substantivos no plural ou sem artigo, marcando ainda mais seu caráter não-específico). Outros recursos utilizados pelo poeta, ainda, são o emprego de palavras relativamente simples, de forma combinada, a fim expressar conceitos abstratos, como “*high objects*”, “*enduring things*”, “*mighty forms*”¹⁹¹ (Ibid., I. I, v. 409, v. 409, v. 398), e também, como apontado por Davie, o uso das palavras “*passions*”, “*feelings*”, “*affections*”, “*sensations*” e “*sentiments*”¹⁹² (Ibid., I. I, v. 407, v. 606, v. 612, v. 634; I. II, v. 422) sem definição precisa. Como resume Austin, no verso branco de Wordsworth “*the words used are representative rather than denoting specific objects*¹⁹³” (AUSTIN, 1989, p. 72).

Quanto à sintaxe, devemos, juntamente com Austin, ressaltar como sendo uma marca caracterizante de sua poesia que “*Wordsworth’s sentences are often long and his syntax difficult to follow*¹⁹⁴” (Ibid., p. 94), o que é, também, uma qualidade constitutiva de seu verso meditativo, no qual o empenho rumo à ideia é mais importante do que a explanação da ideia em si. Os recursos utilizados pelo poeta para complexificar sua sintaxe são divididos por Austin em duas vertentes: uma de expansão da sintaxe, outra de sua compressão. Primeiramente, quanto à expansão, a crítica identifica a separação dos elementos oracionais principais (sujeito, verbo, complemento), frequentemente com intervenção de uma oração, muitas vezes relativa, entre sujeito e verbo, como sendo uma das marcas mais características do verso branco de Wordsworth. No *Prelúdio* encontramos exemplos como:

[...] *did I, not used to make
A present joy the matter of a song,
Pour forth that day my soul in measured strains*¹⁹⁵ (WORDSWORTH, 2006, I. I, vv. 46-48),

[...] *how I have felt,
Not seldom even in that tempestuous time,*

¹⁹⁰ “a rocha e a colina, / Os bosques”; “Nas cavernas e árvores, nos bosques e colinas”; “os locais elevados / Onde a ave tinha construído o seu ninho” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

¹⁹¹ “objetos elevados”; “coisas duradouras”; “formas poderosas”.

¹⁹² “emoções”; “sensações”; “sentimentos”.

¹⁹³ “as palavras usadas são mais representativas do que denotam objetos específicos”.

¹⁹⁴ “as sentenças de Wordsworth são frequentemente longas e sua sintaxe difícil de seguir”.

¹⁹⁵ “Eu, [...] que não costumo fazer / De uma presente alegria o motivo de uma canção, / Abri naquele dia, a minha alma em harmoniosos poemas” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

*Those hallowed and pure motions of the sense*¹⁹⁶ (l. I, vv. 549-551),

[...] *she, not falsely taught,
Fetching her goodness rather from times past,
Than shaping novelties for times to come,
Had no presumption*¹⁹⁷ [...] (l. V, vv. 266-265).

O segundo artifício mais empregado por Wordsworth, segundo Austin, para expandir a sintaxe é aquilo que ela chama de ‘*resumption*’, isto é, a repetição ou elaboração de um termo de uma oração na oração seguinte, com o efeito, novamente, de representar a mente no ato meditativo. O uso diverso desse artifício pode ser notado na seguinte passagem:

*How other pleasures have been mine, and joys
Of subtler origin; how I have felt,
Not seldom even in that tempestuous time,
Those hallowed and pure motions of the sense
Which seem, in their simplicity, to own
An intellectual charm; that calm delight*¹⁹⁸ (WORDSWORTH, 2006, l. I, vv. 546-553)

Onde, primeiramente, “*joys*” expande o sentido de “*pleasures*”, bem como “*how I have felt*” reitera “*how other pleasures have been mine*”, e, posteriormente, “*those hallowed and pure motions*”, em si um eco de “*pleasures*”, “*joys*” e o que foi “*felt*”, é ecoado em “*that calm delight*”. Vê-se, assim, que, especialmente em passagens meditativas, o estilo de Wordsworth é, muitas vezes, altamente redundante.

Como terceiro meio de expansão sintática, Austin cita o circumlóquio, exemplificado em orações como

picture of mere memory (l. I, v. 75) (por ‘lembrança’),
the sun / Had almost touched the horizon (l. I, vv. 86-87) (por ‘o sol quase se pôs’),
plenteous store (l. I, v. 159) (por ‘abundância’),
frosty season (l. I, v. 425) (por ‘inverno’),
*twice five summers*¹⁹⁹ (l. I, v. 560) (por ‘dez anos’)

¹⁹⁶ “[...] nem como senti / Muitas vezes, mesmo em dias tempestuosos, / Aqueles impulsos santos e puros dos sentidos” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

¹⁹⁷ “Que ela, [...] sabiamente ensinada, / Moldando a sua bondade mais no passado / Do que nas novidades do futuro, / Não tinha qualquer presunção” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

¹⁹⁸ “Como outros prazeres e as mais subtis alegrias / Foram também meus; nem como senti / Muitas vezes mesmo em dias tempestuosos, / Aqueles impulsos santos e puros dos sentidos / Que parecem, na sua simplicidade, possuir / Um encanto intelectual; aquele sereno deleite” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

¹⁹⁹ “imagem da mera memória”; “o sol / Tinha quase tocado o horizonte”; “abundante reserva”; “estação gelada”; “duas vezes cinco verões”.

Relacionada ao circumlóquio, outra construção característica é aquela na qual uma questão vocabular é expandida na forma de uma construção sintática, muitas vezes como um adjetivo ou parte de um substantivo composto transformado em uma frase preposicional iniciada pela preposição ‘*of*’ (‘*de*’). Austin identifica no *Prelúdio* construções como:

the mind of Man (l. XIV, v. 448) (por ‘*Man’s mind*’)
the woods of autumn (l. I, v. 484) (por ‘*autumnal woods*’)
*were the trouble of my dreams*²⁰⁰ (l. I, v. 400) (por ‘*troubled my dreams*’)

Por fim, Austin acrescenta ainda outros recursos estilísticos mais comuns, mas não menos importantes na composição da textura do poema, como o encadeamento de frases preposicionais, como em:

*By the impressive discipline of fear,
 By pleasure and repeated happiness,
 So frequently repeated, and by force
 Of obscure feelings*²⁰¹ (Ibid., l. I, vv. 603-606)

A expansão de grupos nominais, como em:

those fits of vulgar joy (Ibid., l. I, v. 581)
The scenes which were a witness of that joy (Ibid., l. I, v. 598)
*Invigorating thoughts from former years*²⁰² (Ibid., l. I, v. 622)

E também a construção de complexos oracionais elaborados, como em diversos exemplos já supracitados.

Além da expansão, a compressão sintática também marca o verso branco de Wordsworth. Orações reduzidas são prediletas do poeta, ambas as de gerúndio e de participípio. Como gerúndiais, podemos citar:

Not seeking those who might participate (Ibid., l. III, vv. 234)
Advancing, we espied upon the road (Ibid., l. III, v. 7)
though leaving much / Unvisited (Ibid., l. II, v. 1-2)
*Having a perfect faith in all that passed*²⁰³ (Ibid., l. V, v. 114)

²⁰⁰ “a mente do Homem”; “os bosques do outono”; “eram a perturbação dos meus sonhos”.

²⁰¹ “Assim, pela impressiva disciplina do medo, / Pelo prazer e pela repetida felicidade, / Tão frequentemente repetida, e pela influência / De obscuros sentimentos” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

²⁰² “os aceso de uma alegria”; “Tudo o que acontecia e era testemunho desse prazer”; “do passado vivos pensamentos” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

²⁰³ “Não procurando os que poderiam participar”; “Continuando, avistámos na estrada”; “Embora muitas coisas tenham ficado esquecidas”; “Porque tinha plena fé naquilo que se passava.” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

Já como orações participiais:

a sun / Two hours declined toward west (Ibid., I. I, vv. 66-67)
Our steeds remounted and the summons given (Ibid., I. II, v. 115)
*Lightly equipped, and but a few brief looks / Cast*²⁰⁴ (Ibid., I. VI, vv. 342-343)

Da mesma forma, o estilo de Wordsworth é marcado por sintaxes elípticas (recurso adotado do verso latinizado de Milton), as quais são muitas vezes construídas através da supressão do pronome relativo, do verbo ou do sujeito. Assim, encontramos como exemplos:

A virtue not its own (Ibid., I. II, v. 329) (por ‘*a virtue which was not its own*’),
he too a mountaineer, / Not slow to share my wishes (Ibid., I. VI, vv. 323-324)
 (por ‘*who also was a mountaineer, / And who was not slow to share my wishes*’),
*by distance ruralized*²⁰⁵ (Ibid., I. I, v. 89) (por ‘*which was ruralised by distance*’).

Mas especialmente miltônico é o exemplo usado por Austin, uma fórmula frequente em Wordsworth: “*by me yet unobserved*²⁰⁶” (Ibid., I. IV, v. 427).

De ressonância miltônica, podemos ainda citar como seguramente a figura sintática mais empregada por Wordsworth o hipérbato, desde suas formas mais amenas, até as mais complexas. Uma construção frequente consiste na introdução de um período pela oração temporal, como nas seguintes passagens:

[...] *when spring had warmed the cultured Vale, / Moved we as plunderers*
 (Ibid., I. I, vv., 326-327),
One summer evening [...] I found (Ibid., I. I, v. 357),
And in the frosty season, when the sun / Was set [...] / I heeded not their
summons (Ibid., I. I, vv. 425-427),
 [...] *happy time / It was indeed* (Ibid., I. I, vv. 428-429),
When all the ground was dark, and twinkling stars / Edged the black clouds,
*home and to bed we went*²⁰⁷ (Ibid., I. II, vv. 16-17)

²⁰⁴ “Sol declinando / Há duas horas para ocidente”; “Montando de novo os cavalos e dado o sinal”; “Com uma leve bagagem e lançando apenas um breve / Olhar” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

²⁰⁵ “Uma virtude não sua própria”; “ele também um montanhês, / Não lento em partilhar de meus desejos”; “pela distância ruralizado”.

²⁰⁶ “por mim ainda inobservado”.

²⁰⁷ “[...] quando a Primavera tinha aquecido o Vale cultivado, / Íamos como saqueadores”; “Numa tarde de Verão [...] descobri”; “E durante a estação das neves, quando o Sol / Se punha [...] / Eu nem sentia o seu apelo”; “era na verdade / Um momento feiz”; “Quando os campos ficavam sombrios e as estrelas / Cintilantes guarneciam as nuvens negras, íamos / Para a cama” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

Muitas vezes, porém, o hipérbato aparece como inversões mais marcadamente retóricas, como os deslocamentos verbais nos exemplos citados, “*moved we*” (por ‘*we moved*’), “*home and to bed we went*” (por ‘*we went home and to bed*’), e outros, como:

Gone was the old grey stone (Ibid., I. II, v. 38) (por “*the old grey stone was gone*”),
A tavern stood (Ibid., I. II, v. 140) (por ‘*stood a tavern*’),
down I sate (Ibid., I. I, v. 62) (por ‘*I sate down*’),
To patriotic and domestic love / Analogous (Ibid., I. II, v. 190-191) (por ‘*analogous to patriotic and domestic love*’),
*Yet is a path / More difficult before me*²⁰⁸ (Ibid., I. II, vv. 272-273) (por ‘*a more difficult path is yet before me*’)

Constante é também a inversão da ordem adjetivo-substantivo pela mais incomum substantivo-adjetivo:

bliss ineffable (Ibid., I. II, v. 400) (por ‘*ineffable bliss*’)
sounds sublime (Ibid., I. III, v. 94) (por ‘*sublime sounds*’)
glory immutable (Ibid., I. III, v. 121) (por ‘*immutable glory*’)
heart / Joyous (Ibid., I. I, vv. 14-15) (por ‘*joyous heart*’)
meditations passionate (Ibid., I. I, v. 231) (por ‘*passionate meditations*’)
*forms sublime*²⁰⁹ (Ibid., I. I, v. 546) (por ‘*sublime forms*’)

Por fim, acrescentamos ainda o assíndeto e o polissíndeto como figuras que Wordsworth utiliza com frequência. Formações polissindéticas exemplares são:

Of trees and hills and water (Ibid., I. V, v. 449),
There is no grief, no sorrow, no despair, / No languor, no dejection, no dismay,
/ No absence scarcely can there be (Ibid., I. VI, vv. 244-246)
*Magnificent, and beautiful, and gay*²¹⁰ (Ibid., I. V, v. 11)

Quanto a formações assindéticas, podemos citar:

Can string you names of districts, cities, towns, / The whole world over (Ibid., I. V, vv. 320-321)
The terrors, pains, and early miseries, / Regrets, vexations, lassitudes interfused (Ibid., I. I, vv. 345-346)
Impostors, drivellers, dotards (Ibid., I. V, v. 525)

²⁰⁸ “A velha pedra desaparecera”; “Existia uma taberna”; “me sentei”; “Semelhantes ao amor pela nossa terra / E pelo nosso lar”; “No entanto, um caminho / Mais difícil encontra-se à minha frente” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

²⁰⁹ “júbilo inefável”; “sons sublimes”; “glória imutável”; “coração / Alegre”; “meditações ardentes”; “formas sublimes”.

²¹⁰ “De árvores e colinas e água”; “Não há dor, nem desgosto, nem desesper, nem langor, nem desalento, nem desânimo, / Talvez mal exista uma ausência”; “Assim belo, colorido e magnificente.” (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

*Wide-spreading, steady, calm, contemplative*²¹¹ (Ibid., I. IV, v. 141)

Talvez, porém, a figura mais utilizada por Wordsworth seja a do litotes, juntamente com outras formas de expressão negativa. Segundo Austin:

*Whole statements are expressed negatively when a positive meaning is intended; negative conjunctions, such as nor, are frequently used; and individual words are negated or diminished by prefixes. Wordsworth rarely says 'often' when he can say 'not seldom'*²¹². (AUSTIN, 1989, p. 108)

De fato, *"there is considerably more negative expression in Wordsworth's poetry than in that of most other writers and it is a hall-mark of his language"*²¹³ (Ibid., p. 109). O mais das vezes, o poeta optará por uma dupla negação como perífrase de uma afirmação ou adjetivo positivo. Assim, o poema abunda com duplas negações como *"not unwilling"*, *"not unnoticed"*, *"not untrod"*, *"not unused"*, *"not unwelcome"*, *"not unsmitten"*, *"not heedlessly"*, *"not without"*²¹⁴ (WORDSWORTH, 2006, Ibid., I. I, v. 59, v. 444; I. III, v. 124, v. 236, v. 439; I. VI, v. 15, v. 50, v. 101, v. 215); circunlóquios negativos com o auxiliar 'not': *"not seldom"*, *"not entirely"*, *"not more than"*, *"not alone"*, *"not silent"*, *"not / In hollow exultation"*, *"not rich"*²¹⁵ (Ibid., I. VI, v. 472, v. 164, v. 305, v. 437, vv. 732-733, v. 735); e com o auxiliar 'nor': *"nor distant far"*, *"nor touched"*, *"nor rest"*, *"nor lacked"*, *"nor left"*, *"nor without"*²¹⁶ (Ibid., I. VI, v. 763, v. 138; I. I, v. 73, v. 95, v. 103, v. 362). Ademais, o poeta, em geral, trai preferência por adjetivos negativos: *"unbroken"*, *"unruly"*, *"unmanageable"*, *"unsung"*, *"unblemished"*, *"unquenchable"*, *"unsubstantial"*, *"unreproved"*, *"unnamed"*²¹⁷ (Ibid., I. I, v. 113, v. 136, v. 139, v. 169, v. 183, v. 184, v. 225, v. 253; I. VI, v. 204).

²¹¹ "Consegue enumerar os nomes dos distritos, cidades, vilas / Do mundo inteiro"; "Que terrores, dores e sofrimentos prematuros, / Mágoas, aborrecimentos, fadigas, todos juntos"; "Impostores, patetas, tontos"; "Mais ampla, firme, calma, contemplativa." (traduções de Maria de Lourdes Guimarães).

²¹² "Asserções inteiras são expressas negativamente quando um significado positivo é pretendido; conjunções negativas tais como *nem* são frequentemente usadas; e palavras individuais são tornadas negativas or diminuídas com prefixos. Wordsworth raramente diz 'amiúde' quando ele pode dizer 'não raro'."

²¹³ "há consideravelmente mais expressões negativas na poesia de Wordsworth do que na da maioria dos outros escritores e isso é isso é uma marca da sua linguagem".

²¹⁴ "não relutante"; "não despercebido"; "não não trilhado"; "não não usado"; "não indesejado"; "não indene"; "não desatentamente"; "não sem".

²¹⁵ "não raro"; "não de todo"; "não mais que"; "não sozinho"; "não silencioso"; "não / Com vazia exultação"; "não rico".

²¹⁶ "nem muito distante"; "nem tocado"; "nem descansar"; "nem faltava"; "nem deixava"; "nem sem".

²¹⁷ "inquebrado"; "indisciplinado"; "ingovernável"; "não cantado"; "imaculado"; "inextinguível"; "insubstancial"; "não censurado"; "inominado".

Essa característica de expressão positiva por meio de negativa, a qual, como vimos, pervade o verso branco de Wordsworth, alia-se a outros recursos para formar um efeito geral de passividade em sua poesia. Austin elenca o frequente emprego de verbos na voz passiva, característico do verso reflexivo; o uso de objetos inanimados ou não-humanos como sujeitos de uma oração (um modo sutil e distintivo de personificação usado por Wordsworth); e a preferência por verbos intransitivos, ou transitivos tornados intransitivos, copulativos e estativos. Ademais, ao senso de passividade e reflexão acrescenta-se o uso de orações interpessoais como “*I trust*” e “*I believe*” e da palavra “*seem*”²¹⁸ (Ibid., l. I, v. 613; l. IV, v. 284; l. I, v. 383), o que “*emphasises his lack of dogmatism, and reticence about ultimate realities*”²¹⁹ e “*adds to the effect of a reasoned and reflective type of verse which is the dominant mood of the poem*”²²⁰ (AUSTIN, 1989, p. 71, p. 113).

Não obstante, o *Prelúdio* não carece da simplicidade sintática, a qual, embora não sendo precisamente aquela da gente rústica, ainda assim gera uma leveza de estilo e naturalidade que contrasta com, e balanceia as efusões mais eloquentes do poeta. Os versos de abertura são notáveis por sua expressão direta:

*Oh there is blessing in this gentle breeze,
A visitant that while it fans my cheek
Doth seem half-conscious of the joy it brings
From the green fields, and from yon azure sky*²²¹ (WORDSWORTH, 2006, l. I, vv. 1-4).

Também suas passagens narrativas são, em geral, de estilo mais comedido, como em:

[...] *I paced on
With brisk and eager steps; and came, at length,
To a green shady place, where down I sate
Beneath a tree, slackening my thoughts by choice
And settling into gentler happiness*²²² (Ibid., l. I, vv. 60-64)

²¹⁸ “creio”; “acredito”; “parece”.

²¹⁹ “ênfatisa sua falta de dogmatismo e reticência quanto a realidades últimas”.

²²⁰ “acrescente ao efeito de um tipo de verso raciocinado e reflexivo o qual é o tom dominante do poema”.

²²¹ “Oh, uma bênção existe nesta doce brisa, / Uma aparição que ao deslizar pelo meu rosto / Quase parece sentir a alegria que traz / Dos campos verdejantes e do longínquo céu azul.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

²²² “[...] continuei a caminhar / Com passos impacientes e enérgicos; cheguei / Finalmente a um bosque verdejante, onde me sentei / Debaixo de uma árvore, decidido a apaziguar os meus pensamentos, / Entregue a uma felicidade mais amena.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

[...] *I saw her read*
Her Bible on hot Sunday afternoons,
And loved the book, when she had dropped asleep
*And made of it a pillow for her head*²²³ (Ibid., l. IV, vv. 227).

A sintaxe de ordem natural, ou admitindo leves desvios, é, em especial, empregada por Wordsworth em posições de clímax, amiúde na conclusão de parágrafos, após longas meditações em períodos compostos. Como afirma Austin: “*Wordsworth seems to reserve the most simple, straightforward linguistic expression for the highest points of his poetry*²²⁴” (AUSTIN, 1989, p. 121). Uma passagem exemplar é sua ode exultante dirigida ao ‘Espírito do universo’, no primeiro livro:

Wisdom and Spirit of the universe!
Thou Soul that art the eternity of thought,
That givest to forms and images a breath
And everlasting motion, not in vain
By day or star-light thus from my first dawn
Of childhood didst thou intertwine for me
The passions that build up our human soul;
Not with the mean and vulgar works of man,
But with high objects, with enduring things—
With life and nature, purifying thus
The elements of feeling and of thought,
And sanctifying, by such discipline,
*Both pain and fear, **until we recognise***
A grandeur in the beatings of the heart²²⁵. (l, vv. 401-414; grifo nosso),

Na sua conclusão (trecho em negrito), apresentando uma sintaxe simples e expressão direta, o poeta resolve, de forma sentenciosa, a tensão produzida pelo longo e complexo período. Verificamos, podemos dizer, a descrição de uma paisagem sublime que se desvela a um viajante como uma recompensa pelo seu esforço após subir uma montanha.

²²³ vi-a ler / A Bíblia nas tardes quentes de domingo, / E eu bendizia o livro quando ela adormecia / E dele fazia uma almofada para a sua cabeça.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

²²⁴ “Wordsworth parece reservar as expressões linguísticas mais simples e diretas para os pontos mais elevados da sua poesia”.

²²⁵ “Sabedoria e Espírito do universo! / Tu, alma, que és a eternidade do pensamento, / Que das o alento às formas, às imagens / E o eterno movimento, não foi em vão / Que, ou de dia ou à luz das estrelas, desde a minha primeira / Aurora da infância, para mim entrelaçaste / As paixões que constroem a nossa alma; / Não com o esforço mesquinho e vulgar do homem, / Mas com altos objetivos e com o que é perdurável - / A vida e a natureza – purificando assim / Os elementos da sensibilidade e da reflexão, / Santificando, com tal disciplina, / A dor e o medo até reconhecermos a nobreza / Que existe nos batimentos do nosso coração.” (tradução de Maria de Lourdes Guimarães).

5 ASPECTOS DA TRADUÇÃO

5.1 PERSPECTIVA TRADUTÓRIA

Ao nos propormos traduzir *O Prelúdio*, tivemos por meta uma perspectiva majoritariamente prática: a de traduzir o efeito conjunto da leitura do poema de Wordsworth, ou melhor, traduzir a nossa impressão de leitura do poema, a qual, como delineamos, é a de uma obra permeada pelo senso de sublimidade. Buscamos, em outras palavras, encontrar em língua portuguesa recursos correspondentes que reproduzissem a *literariedade* do texto original, os aspectos que tornam o texto distinto não apenas *como* texto literário, como também *de outros* textos literários. Sendo assim, encontramos, nas formulações do tradutor e professor Paulo Henriques Britto, a expressão mais adequada de nossas intenções tradutórias, bem como valiosos *insights* para nossa prática.

A começar pela perspectiva norteadora da direção e limites da tarefa do tradutor. Concordamos com a visão de Britto de que, primeiramente, “A tarefa do tradutor de poesia será [...] a de recriar, utilizando os recursos da língua-meta, os efeitos de sentido e forma do original — ou, ao menos, uma boa parte deles” (BRITTO, 2017, p. 226), e, em segundo lugar, a consciência de que “Na tradução do poema, deveremos tentar preservar aqueles elementos que apresentam maior regularidade no original, já que eles serão possivelmente os mais conspícuos na língua original” (Ibid., p. 231). A primeira formulação, podemos dizer, identifica a meta ideal do tradutor, a de compor na língua de chegada um texto *equivalente* ao original, que reproduza de modo *fidel* seus efeitos de sentido e forma. Todavia, sendo isso inviável no trabalho prático, o tradutor deve recriar não *equivalências*, mas *correspondências* aos efeitos, e não desses em totalidade, mas de seu maior número possível. Assim, encontramos, na segunda diretriz de Britto citada, a meta prática do tradutor, a tentativa de preservar os elementos poéticos mais regulares do original, os aspectos que mais prontamente o caracterizam e singularizam, e, com isso, criar um texto novo, autônomo, mas em uma relação de correspondência com o original.

Estabelecida sua meta prática, o tradutor, ao longo do seu trabalho, se defrontará, então, com a necessidade de escolha (conforme o caso, preferências e as opções disponíveis) entre duas espécies de correspondências, formais ou funcionais. Cito Britto:

devemos nos ater à correspondência formal — i.e., tentar recriar formas análogas às do original com os recursos do português — ou devemos buscar uma correspondência funcional — procurar encontrar no nosso idioma recursos formais que tenham, no contexto poético lusófono, um significado análogo ao das formas utilizadas no original? (Id., 2020, p. 4)

Em certa medida, tal escolha parece aquela feita entre a tradução que visa adequação, *fidelidade* à forma do original, e aquela que objetiva a acessibilidade, *legibilidade* por parte público alvo. Porém, como Britto argumenta: “O estabelecimento de correspondências — formais ou funcionais — dependerá sempre de uma avaliação pontual de um caso concreto” (Ibid., p. 3), ou seja, ele não delimitará *a priori* os tipos de opções tradutórias disponíveis ao tradutor, mas será algo a ser considerado caso a caso, sendo possível que, em uma tradução, convivam tanto correspondências formais, quanto funcionais.

Para determinar sobre quais correpondências o tradutor se debruçará com mais afinco, quais elementos textuais merecem maior atenção e quais são até mesmo passíveis de versão, o tradutor deverá realizar um trabalho preliminar de análise, avaliação e hierarquização dos componentes formais do texto original. Como afirma Britto,

Dado um determinado poema a se traduzir, será necessário fazer um levantamento de seus diversos fatores componentes. Ao mesmo tempo em que identificamos esses componentes, temos de avaliá-los em termos da contribuição que cada um deles dá ao efeito total do poema. Em outras palavras, é preciso hierarquizá-los: sendo inviável qualquer projeto de tradução total — uma tradução em que absolutamente todos os componentes de um poema fossem recriados na tradução — somos obrigados a fazer uma seleção. (Ibid., p. 3)

Dessa maneira, resumindo a tarefa operacional do tradutor, Britto define-a em três passos:

- (i) identificar as características poeticamente significativas do texto poético;
- (ii) atribuir uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema; e
- (iii) recriar as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas — ou seja, tentar encontrar correspondências para elas. (Ibid., p. 4)

E, assim, prosseguimos desse modo em nosso trabalho. Como delineado no segundo e no terceiro capítulo desta tese, identificamos primeiramente (i), as “características

poeticamente significativas do texto poético”, as quais repartimos, a fim de análise, como aspectos de metro e ritmo, dicção e retórica, e vocabulário e sintaxe. Todos, em grande medida, funcionalmente interdependentes no texto poético, mas aqui considerados, em um primeiro momento, singularmente, para que pudéssemos, então, determinar seu grau de priorização e possibilidade de versão, bem como a espécie de correspondência mais adequada.

No que concerne à dimensão métrica e rítmica, estabelecemos que a forma empregada por Wordsworth é a do verso branco pós-miltoniano, isto é, uma forma consistindo de estrofes poéticas de número variado de pentâmetros iâmbicos, versos compostos de cinco pés poéticos binários de alternância ascendente entre sílabas curtas e longas, metro o qual, não obstante, permite um leque de variações canonizadas pela tradição. O verso branco, ainda, recebe qualificações particulares em seu uso por Wordsworth. Do ponto de vista formal, para o poeta, há um número restrito de posições em que é permitido a colocação da pausa no interior do verso (após a 4^a, 5^a, 6^a e 7^a sílabas, sendo ainda outras posições permissíveis para atingir um efeito especial). Seu verso branco é, de fato, caracterizado por uma maior ocorrência de pausas múltiplas no interior do verso do que é comum no verso branco não-dramático tradicional. Além disso, é característico de seu verso uma distribuição balanceada de pausas ao longo do meio do verso, tanto após sílabas átonas, quanto tônicas. Ademais, outro traço desse verso é a ocorrência de pausa após a sétima sílaba com quase a mesma frequência que em posições tradicionais (após 4^a, 5^a e 6^a sílabas). Quanto à palavra ou sílaba finais, estas recebem atenção especial, tanto de entonação enunciativa, quanto de carga semântica, sendo ainda destacadas por uma pausa especial, marcada após o fim do verso.

No que diz respeito a variações, Wordsworth considera-as potencialmente ilimitadas se justificadas por alguma ‘paixão’, por uma expressão ou ímpeto singular do poeta que ‘exija’ ou justifique a irregularidade. Isso está de acordo com a perspectiva do poeta sobre a métrica, segundo a qual a função da versificação é a de prover uma estrutura normativa contra a qual os impulsos expressivos podem interagir. Em posições onde variações do ritmo ocorram, elas são marcadas pelo contraste com o ritmo fixo subjacente e recebem maior relevo. Versos de onze sílabas ou de terminação feminina (última palavra paroxítona), por exemplo, são raros, e quando surgem é devido a alguma expressão significativa ou propósito emblemático. Quanto a variações caracterizantes, aquelas mais comuns em seu verso branco

incluem o uso de um adjetivo monossilábico de forte ênfase na terceira posição e promoção de ênfase pelo uso de preposições, artigos ou conjunções normalmente átonas em posição par (de ênfase), frequentemente na sexta sílaba e contrabalanceando o rebaixamento da terceira.

Devemos, por fim, considerar a relevância e o papel que a metrificação tem para Wordsworth, particularmente o verso branco. Para ele, o metro possui um papel crucial na composição poética: por um lado, ele aumenta e incrementa o prazer produzido pela paixão poética, por outro, restringe as emoções suscitadas quando arriscam ser fortes demais, ou ainda, o metro, devido às próprias associações emocionais que recebe da tradição e da familiarização do leitor com seu uso, é capaz de prover paixão onde a expressão do poeta, seu vocabulário e sintaxe, seriam insuficientes. Assim, vemos que, para Wordsworth, o metro tem uma função niveladora ou equilibrante, conferindo uma unidade e uma base para a efusão poética. Além disso, segundo ele, a própria presença do metro regular é causa de prazer para o leitor, por seu efeito de 'semelhança em dissemelhança' no seu contraste com a variedade rítmica da linguagem natural e mesmo com as variações da manifestação do padrão métrico. Ademais, Wordsworth considera o pentâmetro iâmbico como o verso mais difícil de todos, e assim, seu esmero na confecção de um poema épico nessa medida não deve ser desconsiderado.

Quanto à esfera da dicção e retórica, determinamos, em nosso estudo, que o estilo de Wordsworth é melhor caracterizado como 'médio'. Ele é prosaico, porém não no sentido como muitas vezes foi interpretado, como de linguagem popular e simples, mas como a prosa bem trabalhada de um homem burguês, educado, de sua época, com tons da sobriedade e gravidade do evangelicalismo vigente. É, enfim, na maior parte, o estilo próprio de Wordsworth, como esse o empregaria em cartas ou ensaios, predominando o tom e modo meditativos e conversacional. Como meditação, sua dicção encontra-se entre o abstrato e o concreto, frequentemente abstraindo o mundo natural, externo, e materializando o mundo interno dos movimentos psicológicos. Assim é que, em diversos aspectos, a linguagem do *Prelúdio* fica a meio caminho entre dois polos, mediando e abrangendo ambos pela coesão e uniformidade proporcionadas pelo estilo 'médio. Sua linguagem abrange a esfera da experiência subjetiva e discurso privado e a esfera do publicamente comunicável, as formas e modos de discurso tradicionalmente sancionadas. Da mesma forma, seu estilo médio

meditativo-conversacional media os polos do lírico e do épico, bem como o impulso pela efusão lírica pessoal e a deferência a formas poéticas tradicionais.

Wordsworth, de modo bem conhecido, promove, em sua poesia e teoria, uma quebra com os ditames retóricos do séc. XVIII. No entanto, como vimos, aquilo que ele ataca é o uso artificial da retórica para criar elevações poéticas descomedidas, enquanto que, em sua própria poesia, vale-se de recursos retóricos quando esses são necessários e justificados. As principais formas sob as quais a retórica aparece no *Prelúdio* são, primeiramente, como um auxílio ao poeta para criar uma impressão de amplitude de escopo e gravidade necessária ao poema épico. Nesse quesito, a retórica cria uma elevação de dicção para passagens menos intensas, para com isso manter a uniformidade de estilo da composição. Em segundo lugar, a retórica em Wordsworth ainda opera na diferenciação de registros estilísticos em diferentes temas e objetivos, adequando a linguagem ao objeto e à emoção em vista, seja com mais decoro, seja com mais despojamento. Por fim, a retórica faz-se presente também na dicotomia dos pares *pathos/ethos*, sublime/belo, que estruturam o poema e marcam duas esferas de experiência e expressão distintas, com vocabulários e dicções distintos. Acrescentamos, ainda, que é a presença do convencionalismo retórico em contraste com o tom conversacional e espontâneo do restante do poema, ambos balanceados sob o estilo médio, que dá o estilo caracterizante do *Prelúdio*.

No que tange ao vocabulário e à sintaxe, vimos como esses operam, no poema, majoritariamente no sentido de representar o ato meditativo, com todas as suas indeterminações, recuos, volteios e obscuridades. O vocabulário, mais simbólico que concreto, gera um efeito de abstração no qual os termos permanecem provisórios, enquanto o poeta trabalha em direção à elucidação de seus pensamentos e emoções. Para tanto, o poeta utiliza uma série de recursos: o uso de substantivos concretos acompanhados de adjetivos gerais e abstratos; substantivos no plural ou sem artigo; palavras simples em combinação para expressar conceitos abstratos; conceitos como “*passions*”, “*feelings*”, etc., sem definição precisa; vocábulos concretos mas de tipo geral e não-específico; e uso de palavras de forma representativa, em vez de denotarem objetos específicos.

Já a sintaxe é, o mais das vezes, particularmente convoluta. Os períodos de Wordsworth são longos, complexos e difíceis de se acompanhar. Isso, vimos, deriva do aspecto meditativo de seu poema, no qual o esforço lucubrativo em direção à ideia é mais importante que a clarificação sistemática dessa. Para compor tal complexidade

sintática, Wordsworth vale-se de recursos de expansão e de compressão da sintaxe. Quanto à expansão: separação dos elementos oracionais principais; repetição de termos na oração seguinte; redundância sintática; circumlóquio; desenvolvimento sintático de uma questão vocabular; encadeamento de frases preposicionais; expansão de grupos nominais; e construção de complexos oracionais elaborados. Já quanto à compressão: orações reduzidas de gerúndio e particípio, assim como sintaxes elípticas. Outros recursos frequentes são ainda o hipérbato, o assíndeto e o polissíndeto. Tal complexidade, porém, contrasta com outras passagens mais simples e diretas, frequentemente em posições de destaque, tais como no começo ou no fim de parágrafos, os quais derivam sua força de expressão justamente desse contraste.

Por fim, outro aspecto caracterizante da sintaxe e do vocabulário de Wordsworth é aqueles recursos que vêm compor o efeito de ‘passividade sábia’ de seu estilo. Entre eles estão: o litotes e outras formas de expressão negativa, como a dupla negação como perífrase de uma afirmação ou adjetivo positivo; o emprego de verbos na voz passiva; objetos inanimados ou não-humanos como sujeitos de uma oração; preferência por verbos intransitivos, ou transitivos feitos intransitivos, verbos copulativos e estativos; e o frequente uso de orações interpessoais como “*I trust*” e “*I believe*” e da palavra “*seem*”.

Dadas as qualidades descritas, atribuímos, em seguida, (ii) “uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema”. Consideramos que o “efeito total” do poema é o de um ‘épico meditativo-conversacional’, de caráter sublime. Assim sendo, determinamos que, na nossa estimativa, aqueles aspectos mais caracterizantes para a o poema são:

- 1º) O verso branco; o estilo médio, uniforme; o efeito de mimese do ato meditativo;
- 2º) O pentâmetro iâmbico; a diferenciação de registros e dicção; a complexidade sintática; o efeito de abstração vocabular; a retórica épica;
- 3º) O número mais elevado e a variedade de pausas no interior do verso; o peso particular da palavra final do verso; o efeito de passividade;
- 4º) O local particular de pausas; variações métricas específicas;

Obviamente, todos os aspectos descritos contribuem para o efeito total do poema, mas, como a reprodução completa desses é impossível, essa é a ordem de prioridade que escolhemos para traduzir e buscar correspondências.

5.2 AS TRADUÇÕES DO *PRELUDE*

Em tradução para língua portuguesa, de modo integral ou parcial, o poema de Wordsworth conta com quatro versões que conhecemos. Como tradução integral, *O Prelúdio* possui apenas uma versão, em edição portuguesa traduzida por Maria de Lourdes Guimarães (*O Prelúdio*, ed. Relógio D'Água, Lisboa, 2010). Já no Brasil, possuímos trechos da obra publicados junto a seletas da poesia de Wordsworth, primeiro em uma versão de Paulo Vizioli, de 1988 (*Poesia Seleccionada*, ed. Mandacaru, São Paulo, 1988), do livro XIV, vv. 1-129, e outro da autoria de Alberto Marsicano e John Milton, de 2007 (*O Olho Imóvel Pela Força da Harmonia*, ed. Ateliê, 2007), do livro I, vv. 340-425. Por fim, citamos a tradução de André Kangussu do livro I completo, de 2018, realizada como parte de sua dissertação de mestrado (*A Forja de uma Fala*, UFPR, Curitiba, 2018).

Guimarães realiza sua versão em versos livres, que podem variar, por vezes, entre 9 e 19 sílabas (11 a 16, em geral), de métrica irregular (entre 4 a 8 pés por verso, em uma rápida estimativa). Sua tradução, parece-nos, prioriza a transposição da carga semântica do original, o pensamento do poeta reproduzido de forma clara com um vocabulário apropriado, acessível, porém não simplificado. Sua versão tem o mérito da fluidez da leitura e a clareza do sentido, bem como uma cadência do ritmo sintático muito próxima à do original, alcançado pela reprodução, em sua maior parte, da sintaxe em sua ordem original, bem como da quantidade e local das pausas no interior do verso. Ademais, Guimarães também consegue conservar o estilo prosaico, mas educado, meditativo, e as distinções de registros.

Original de William Wordsworth (WORDSWORTH, 2006, l. I, vv. 357-367)	Tradução de Maria de Lourdes Guimarães (Id., 2010, l. I, vv. 357-367)
One summer evening (led by her) I found A little boat tied to a willow tree Within a rocky cave, its usual home. Straight I unloosed her chain, and stepping in Pushed from the shore. It was an act of stealth And troubled pleasure, nor without the voice Of mountain-echoes did my boat move on;	Numa tarde de Verão (conduzido por ela) descobri Uma pequena barca presa a um salgueiro Na cavidade de um rochedo que era o seu abrigo. De imediato desprendi a corrente e, metendo-me nela, Afastei-me da margem. Foi um acto furtivo, De prazer inquieto e, sob a voz Dos ecos da montanha, a minha barca avançou,

Leaving behind her still, on either side, Small circles glittering idly in the moon, Until they melted all into one track Of sparkling light.	Deixando atrás de si, de ambos os lados, Pequenos círculos que brilhavam indolentes ao luar Até se fundirem num único rasto De luz faiscante
--	---

Porém, em nossa estima, seu texto talvez seja claro demais e muitas vezes aplaine tensões estilísticas que são a vitalidade e força do original. O verso livre, como exemplo, ao mesmo tempo em que ganha em conservação do sentido e ritmo sintático, perde a tensão (como vimos, central no verso branco) entre ritmo sintático e métrico, o *momentum* de leitura proporcionado pelo metro fixo e as possibilidades significativa dos desvios do padrão métrico. Da mesma forma, o texto perde parte de sua dimensão épica, atingida, em boa medida, pelo nivelamento métrico e consequente nivelamento estilístico, resultando que as passagens prosaicas e poéticas perdem aquele campo comum através do qual melhor se aproximam e se contrastam.

Outras formas, como a clarificação do sentido operada por Guimarães, que diluem o estilo de Wordsworth, podem ser observadas, primeiramente, em seu desenvolvimento e expansão de sintagmas originalmente elípticos ou condensados, como, por exemplo, a adição do verbo e pronome em “*a weary day / Not mine*” para “fatigantes dias / Que não eram meus” (Ibid., I. I, vv. 21-22), explicitando logicamente a versão condensada; “*But as a Pilgrim resolute*” expandido em “Mas decidido como se fosse um peregrino” (Ibid., I. I, v. 91); e “*the curling cloud / Of city smoke, by distance ruralised*” por “a espiral de fumo / Das cidades que ao longe parecia ser o de uma aldeia” (Ibid., I. I, vv. 88-89). Guimarães, também, por vezes tende a determinar substantivos indeterminados e operar uma maior concretização da linguagem onde havia um efeito de abstração, como na versão de “*poetic numbers*” por “a melodia poética” (Ibid., I. I, v. 51), “*hopes*” por “uma esperança” (Ibid., I. I, v. 119), e “*With me is now such passion*” por “Essa é também a paixão que sinto” (Ibid., I. I, v. 144). Esse último exemplo ainda demonstra uma terceira diluição do estilo de Wordsworth, na forma do apagamento do efeito geral de passividade do poema, aqui como uma transferência da agência do sentimento abstrato para o sujeito humano e da mudança do passivo verbo “estar” para o ativo “sentir”. Outros exemplos incluem a transposição de formas negativas por positivas, como “*not unwilling*” por “disposto” (Ibid., I. I, v. 59), “*not silent*” por “rumoroso” (Ibid., I. VI, v. 437), etc., e de formas estáticas por formas mais dinâmicas, como “*remounted*” por “montando de novo” (Ibid., I. II, v. 115), “*Our*

daily meals were frugal” por “O que comíamos todos os dias era frugal” (Ibid., I. II, v. 78), etc.

Marsicano e Milton também optam pelo verso livre, o qual varia em extensão de versos como o de Guimarães, mas que difere desse ao realizar maior número de deslocamentos de sintagmas entre um verso e outro. Em nota introdutória, os tradutores definem seu projeto: “Esta tradução caracteriza-se, antes de tudo, pela extrema fidelidade e alta definição do significado poético, revelando o profundo sentido filosófico que imanta os versos de Wordsworth” (2007, p. 9). Podemos compreender, portanto, que, como Guimarães, Marsicano e Milton prezam pelo ‘significado’ do texto, tratando-o primeiramente como um poema filosófico e deixando, em segundo plano, sua dimensão épica. Assim, aquilo que consideramos na versão de Guimarães, a fidelidade ao sentido, fluidez de leitura, etc., é válido para esta tradução, e também o que consideramos como perda pela ausência de métrica fixa.

Original de William Wordsworth (WORDSWORTH, 2006, I. I, vv. 357-367)	Tradução de Alberto Marsicano e John Milton (WORDSWORTH, 2007, p. 33)
One summer evening (led by her) I found A little boat tied to a willow tree Within a rocky cave, its usual home. Straight I unloosed her chain, and stepping in Pushed from the shore. It was an act of stealth And troubled pleasure, nor without the voice Of mountain-echoes did my boat move on; Leaving behind her still, on either side, Small circles glittering idly in the moon, Until they melted all into one track Of sparkling light.	Num poente de verão, (conduzido por ela) encontrei Um pequeno barco amarrado num chorão Sob uma caverna rochosa, seu abrigo. Logo soltei a amarra e, nele embarcando Afastei-me da margem. Foi um ato furtivo E de inquietante prazer; em meio à voz Dos ecos das montanhas, meu barco deslizava, Deixando para trás, a cada lado, pequenos Círculos cintilantes pontilhados em meio à lua, Que se mesclavam num só feixe de luz faiscante.

Marsicano e Milton, porém, não realizam a mesma clarificação sintática que Guimarães. Nos excertos citados, por exemplo, enquanto Guimarães traduz “*its usual home*” pelo explicativo “que era o seu abrigo”, Marsicano e Milton conservam a forma condensada como “seu abrigo” (embora ambas as traduções percam o toque familiar de “*usual*” e “*home*”). Ganham, assim, em força poética; por outro lado, os deslocamentos sintáticos de que se utilizam podem, por vezes, perder alguma tensão poética gerada por um enjambement, como em “*one track / Of sparkling light*” transposto em “num só feixe de luz faiscante”, ou ganhar tensão onde o verso é delicado em sua simplicidade, como “*Small circles glittering*” tornado “pequenos / Círculos cintilantes pontilhados”.

Já a tradução de Paulo Vizioli, por sua vez, ainda que não aderindo a um metro fixo, não utiliza um verso totalmente livre, mas algo entre os dois: seus versos variam entre 10 a 13 sílabas, tendo em média 12. O ritmo também, embora não constante, é majoritariamente iâmbico. O que resulta é uma forma muito próxima à do original, onde a quantidade de sílabas adicionais em relação ao original propiciam maior liberdade ao tradutor para ser fiel ao conteúdo semântico do poema e ao seu ritmo sintático, bem como aos toques particulares do estilo do autor, ao mesmo tempo em que a gravitação em torno de um padrão métrico em potência (ou a geração do efeito de um), reproduz em parte, com certa satisfação, o movimento do verso branco iâmbico e os efeitos dele derivados.

Original de William Wordsworth (WORDSWORTH, 2006, l. XIV, vv. 1-10)	Tradução de Paulo Vizioli (WORDSWORTH, 1988, p. 72-3)
IN one of those excursions (may they ne'er Fade from remembrance!) through the Northern tracts Of Cambria ranging with a youthful friend, I left Bethgelert's huts at couching-time, And westward took my way, to see the sun Rise from the top of Snowdon. To the door Of a rude cottage at the mountain's base We came, and roused the shepherd who attends The adventurous stranger's steps, a trusty guide; Then, cheered by short refreshment, sallied forth.	Numa daquelas excursões (nunca se apaguem Da memória) pelas regiões setentrionais Da Câmbrria, a errar com um amigo juvenil Deixei Bethgélert na hora de dormir, E dirigi-me para o oeste, a fim de ver Nascer o sol do alto do Snowdon. Eis que à porta De rústica choupana à base da montanha Chegamos, e acordamos o pastor que orienta — Bom guia! — os passos dos estranhos temerários; Confortados por breve refeição, partimos.

Por fim, das traduções, a de André Kangussu é a que mais e melhor nos oferece uma visão em primeira mão dos desafios, escolhas e percalços do tradutor diante do texto de Wordsworth. É também a versão mais radical: por um lado a mais “fiel” e, por outro, a mais experimental.

Original de William Wordsworth (WORDSWORTH, 2006, l. I, vv. 357-367)	Tradução de André Kangussu (WORDSWORTH in KANGUSSU, 2018, p. 95)
One summer evening (led by her) I found A little boat tied to a willow tree Within a rocky cave, its usual home. Straight I unloosed her chain, and stepping in Pushed from the shore. It was an act of stealth And troubled pleasure, nor without the voice Of mountain-echoes did my boat move on; Leaving behind her still, on either side, Small circles glittering idly in the moon, Until they melted all into one track Of sparkling light.	Verão; caía o sol; ela guiava-me até que eu dei com um barco atado a um salgueiro que habitava uma caverna. Desfaço o nó. Um pé no barco, um pé na borda... — <i>Força!</i> — um gesto de tensão, sigilo e gozo. À volta, a voz que ecoa aos montes... E o barquinho a deslizar, deixando atrás de si miúdos círculos que quando a lua bate luzem nítidos mas tremem logo e fundem-se no lustre de um rastro só.

A começar pela métrica, Kangussu é o único tradutor que se propõe explícita e extensivamente a recriar o ritmo iâmbico, com suas qualidades de cadência fluente e ininterrupta e expansividade de escopo. Sua proposta é “depurar a qualidade melíflua e regular do ritmo iâmbico” (KANGUSSU, 2018, p. 26) e reproduzir seu “efeito de suspensão”, de forma que “o texto possa produzir longas passagens iâmbicas” (Ibid., p. 46). A reprodução desse efeito, como já vimos, é dependente do *enjambement*, tanto sintático, como métrico, isto é, é preciso que o ritmo iâmbico seja vertido de um verso a outro de modo contínuo. Para Kangussu, portanto, o *enjambement* “deve ser feito de modo a possibilitar a supressão da pausa que existe em seu término” (Ibid., p. 46), para, com isso, se conquistar o efeito de leitura entre a prosa e o verso característico do verso branco pós-miltoniano. Isso o tradutor atinge aderindo, o quanto possível, a um conjunto de regras (Ibid., pp. 46-50):

- 1) Terminar o verso com uma tônica na décima sílaba, uma oxítona;
- 2) Terminar o verso com uma átona na décima sílaba, onde é promovida a tônica;
- 3) Terminar o verso com uma terminação feminina, uma paroxítona, mas esta acabada em vogal, e que possa elidir com a primeira vogal do verso seguinte;
- 4) Terminar o verso com uma proparoxítoma, contando a última sílaba como uma semi-tônica (ou átona promovida a tônica), gerando, assim, um “pé-fantasma”, não contado, mas considerado.

Com esses parâmetros, Kangussu verte o *Prelúdio* no molde potencial do decassílabo iâmbico branco, estabelencendo-o como contrato métrico e dele desviando conforme o necessário e possível.

No que tange ao estilo, Kangussu procurou “aumentar a tensão entre o espontâneo e o artificioso”, e mesmo “Em certas passagens tornar o espontâneo mais espontâneo e o artificioso mais artificioso, abarcar na mesma frase as instâncias da fala e da escrita” (Ibid., p. 55). Na mesma esteira, tendo em vista o projeto poético de Wordsworth no prefácio às *Lyrical Ballads*, Kangussu propõe-se a chegar, em sua tradução, “a uma combinação específica entre coloquialidade e artificialidade, pensando-as respectivamente como similitude à fala cotidiana e distanciamento desta” (Ibid., pp. 13-14). Para tanto, adota, ao longo do texto, tanto um vocabulário mais consagradamente poético, como um português mais contemporâneo e coloquial, e também ritmos e frases associados a esses dois polos, além de fazer uso de

referência e citações a poemas conhecidos do público geral e canções populares, a fim de recuperar o diálogo intertextual de Wordsworth com seus predecessores. Por fim, como Guimarães, Kangussu também deliberadamente propõe-se a clarificar a sintaxe do original (justificado pelos esforços de clarificação do próprio Wordsworth em relação à versão de 1805), vendo-se, como diz, frequentemente motivado “a reelaborar longas sentenças de Wordsworth a fim de torná-las mais claras, mais didáticas” (Ibid., p. 70).

Como resultado, Kangussu elabora uma tradução dinâmica e moderna, impulsionada pelo *momentum* do ritmo iâmbico contínuo que carrega a leitura com leveza e velocidade. Não obstante, sentimos, e à parte de seu projeto, seu Wordsworth é mais moderno que romântico, mais lírico que meditativo ou épico. Se no cerne do *Prelúdio* está o estilo médio e mediador, tal não encontramos aqui, mas seu contrário, o poético e o prosaico em confronto. Do mesmo modo, se a métrica fixa contribui para a uniformidade de estilo necessária ao escopo épico, ainda assim, pela natureza das escolhas tradutórias de Kangussu (inclusive, cremos, a opção pelo decassílabo), sentimos falta, em seu texto, do tempo lento e ponderoso, a retórica grave e comedida que qualificam o original como épico e meditativo.

Com essas observações, não desejamos tecer alguma crítica à qualidade ou ao mérito das traduções, somente ressaltar quais facetas do texto original foram focalizadas pelos tradutores, e quais foram deixadas em segundo plano, isto é, que Wordsworth e que *Prelúdio* foram privilegiados na história de sua recepção em língua portuguesa. De um lado, temos as versões de Guimarães e Marsicano-Milton, parecendo privilegiar o ‘sentido poético’, o *Prelúdio* narrativo e filosófico; do outro, a versão de Kangussu, ressaltando a ‘modernidade’ de Wordsworth, sua coloquialidade e proximidade com o leitor ‘comum’, junto e em contraste com sua precisão formal; a meio caminho está a versão de Vizioli, de metro nem livre, nem fixo, e dicção mais equilibrada entre o prosaico e o poético. Já nosso intento, como veremos, poderia ser situado entre os projetos de Kangussu e o de Vizioli. Nessa perspectiva, procuramos conservar a métrica bem como o estilo equilibrado, e, mais ainda, demos atenção especial à dimensão épica do texto, com sua retórica, por vezes barroca, e à dimensão meditativa, abraçando a obscuridade sintática do poema, sua passividade e abstração. Citando novamente Lindenberger, é o “*Wordsworth of philosophical loftiness [...] who once filled Coleridge and Keats with awe*” (LINDENBERGER, 1966, pp. 293-294) que desejamos traduzir.

5.3 PERCURSOS E PARÂMETROS DA TRADUÇÃO

Nosso projeto de versão do verso branco wordsworthiano teve início com o experimento de tradução, prévio ao trabalho com *O Prelúdio*, de seu poema ‘*Tintern Abbey*’, o qual, coincidentemente, pode ser visto como uma versão embrionária e resumida da obra maior. À época, tomamos o poema como exercício tradutório, procurando, no verso branco e na linguagem em certo grau despojada de Wordsworth, uma oportunidade para explorar a tradutibilidade do ritmo e dicção poéticos. Vínhamos, então, especialmente influenciados por nossos diálogos com nosso orientador, Lawrence Flores Pereira, e seu frequente encorajamento ao uso do verso dodecassílabo (e mesmo hendecassílabo) para a versão do decassílabo inglês, como demonstrado em sua então recente versão de *Hamlet* (2015), em cujas notas à tradução argumenta que o dodecassílabo “presta-se perfeitamente às formas mais ritmadas assim como às formas conversacionais, reflexivas e disruptivas” (PEREIRA, 2015, p. 47), bem como à “flutuação entre o hiperpoético e o conversacional, evitando uma ritmação excessivamente audível” (Ibid., p. 47). Ainda, segundo Pereira, como acrescenta em seu *Othelo* (2017), o alexandrino

permite, na tradução em verso, uma reprodução dos lexemas específicos do original, assim como das suas peculiaridades sintáticas, diminuindo assim o procedimento invasivo e agressivo de reconfiguração genérica do sentido (Id., 2017, p. 123).

Concorrente a essa perspectiva, encontramos, em certos versos alexandrinos de Cesário Verde, a primeira parte de seu poema *Nós*, uma dicção em português análoga ao estilo conversacional, poético-prosaico, do verso branco autobiográfico de Wordsworth (a despeito da diferença em tom), sendo também autobiográfico o poema de Verde:

<p>Nós (vv. 1-12) Cesário Verde (VERDE, 2004, p. 145)</p>
<p>- / - / - / - \ - / - / - Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre</p>
<p>- / - \ - / - / - \ - / - E o Cólera também andaram na cidade,</p>
<p>\ - - \ - / - \ - / - / - Que esta população, com um terror de lebre,</p>

- / - \ - / / - - \ - / - Fugiu da capital como da tempestade.
/ - - / - / - / - / - / - Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas
- / - / - / - / - \ - / - (Até então nós só tivéramos sarampo),
/ - - / - / - \ - / - / - Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas
/ - - / - / - / - / - / - Que ele ganhou por isso um grande amor ao campo!
- / - / - / - / - \ - / - Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga:
- \ - / - / - \ - / - / - O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos;
/ - - / - / - / - \ - / - Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos
- / - / - / - / - \ - / - Morreram todos. Nós salvamo-nos na fuga.

Elegendo, assim, em um primeiro momento, o verso de doze sílabas (não necessariamente o alexandrino) como o mais propício a verter o tom conversacional, reflexivo e mesmo prosaico de ‘*Tintern Abbey*’, realizamos sua tradução, da qual reproduzimos o primeiro parágrafo:

<i>Tinter Abbey</i> (vv. 1-19) William Wordsworth (COLERIDGE e WORDSWORTH, 2005, p. 110)	<i>Tinter Abbey</i> (vv. 1-19) Nossa tradução
- / - / - / - \ - / Five years have past; five summers, with the length	/ / - - - // - / - - / / - Cinco anos se passaram; cinco verões como
- / - / - \ - / - / Of five long winters! and again I hear	/ - / - - // - / - / - / - Cinco longos invernos!, e outra vez eu ouço
- / - / - / - / - / These waters, rolling from their mountain-springs	/ - / - - // - / - - - / - Estas águas rolarem do alto das montanhas
- - / / - / - / - / With a soft inland murmur.—Once again	- - / - - // - - / - - - / Com um doce murmúrio campestre. – Outra vez
- / - / - / - / - / Do I behold these steep and lofty cliffs,	- / - - - // - / - - - / - Vislumbro estes altivos e íngremes penhascos
- \ - / - / - / - / That on a wild secluded scene impress	- / - // - - - // - / - / - Que numa erma e retirada cena imprimem
/ - - / - / - \ - / Thoughts of more deep seclusion; and connect	- - / - - / / - - / - / - Pensamentos de um mais pleno retiro; e unem
- / - \ - / - \ - / The landscape with the quiet of the sky.	/ - - / - \ - - - / - / A ampla paisagem com a placidez do céu.
- / - / - / - / - / The day is come when I again repose	- / - / - // - - - / - / É vindo o dia quando outra vez aqui
/ / - - / / - / - / Here, under this dark sycamore, and view	- / - - // - - / - / - / - Repouso, sob esta figueira escura, e avisto
- / - / - / - / - / These plots of cottage-ground, these orchard-tufts,	/ - - // - - - // - - - / - Estas searas e o relvado dos pomares,
- \ - / - \ - \ - / Which at this season, with their unripe fruits,	- / / / - - // - / - / - / - Os quais, nesta estação de frutos inda jovens,
- / - / - / - / - /	- / - - - // - / - - - / -

Are clad in one green hue, and lose themselves	Revestem-se de um só verdor e se abandonam
- / - / - / - / - /	- / - / - // - / - / - / -
'Mid groves and copses. Once again I see	Em bosques e arvoredos. Outra vez eu vejo
- / - / - / - / - / - /	- / - - / // - / / - - / -
These hedge-rows, hardly hedge-rows, little lines	As sebes, que mal sebes são: linhas esguias
- / - / - / - / - / - /	- / - / - // / - / - - - /
Of sportive wood run wild: these pastoral farms,	De arbustos brincalhões; estes sítios pastoris,
/ - - / - / - / - /	/ - - / - // - - / - - / -
Green to the very door; and wreaths of smoke	Verdes até a porta, e espirais de fumaça
- / - / - \ - / - /	- / - - - // - / - / - / - -
Sent up, in silence, from among the trees,	Lançadas em silêncio ao ar por entre as árvores,

Ao traduzirmos, demos preferência à acentuação na 6^a e 12^a sílabas (“Cin|co a|nos| se| pas|sa|ram;| cin|co| ve|rões| **co**|mo” [l.1]), mas também empregamos versos de acentuação na 4^a, 8^a e 12^a (“Que| nu|ma| **er**|ma| e| re|ti|**ra**|da| ce|na im|**pri**|mem” [l.6]). Não comentaremos as escolhas realizadas; notamos apenas que tal exercício nos confirmou que o verso de doze sílabas de acentuação regular mas variada, conforme as exigências de sintaxe e dicção (e malgrado os muitos defeitos do rascunho), presta-se adequadamente a recriar o “espaçamento” do verso meditativo wordsworthiano, onde a repetição de palavras (*five, again*), especialmente dêiticos (*here, these, I*), e a revisão da enunciação imitativa do pensamento espontâneo (*These hedge-rows, hardly hedge-rows, little lines*) criam um excedente de significantes que, por assim dizer, distribui sobre uma área maior a totalidade semântica do período e o torna mais “arejado”.

Desejando aprofundar esse experimento recriador, transpomos para uma tentativa de versão do primeiro canto do *Prelúdio* aquelas perspectivas que julgamos felizes na tradução anterior. Porém, para além da recriação da dicção prosaica de Wordsworth, sentimos ser necessário compensar o relaxamento da dicção (em contraste com o que o poeta chama de “*poetic diction*”) com a tensão do ritmo cadenciado do iambo original, identificando nesse contraste entre ritmo sintático e métrico uma parte significativa da força e originalidade do poeta. Desse modo, empenhamo-nos por verter (o quanto possível) o texto em versos dodecassilábicos iâmbicos, nos quais o acento métrico recairia sempre nas sílabas de número par. Para isso, fizemos uso tanto de sílabas tônicas, quanto semi-tônicas nos locais de acento métrico, levando mais em consideração a diferença acentual entre sílabas vizinhas do que a força acentual da própria sílaba isolada. Do resultado, reproduzimos os primeiros versos:

The Prelude (vv. 1-18) William Wordsworth (Id., 2006, vv. 1-18)	O Prelúdio (vv. 1-18) Nossa tradução, 1ª versão
- / - / - \ - / - / O there is blessing in this gentle breeze,	- / - / - / - / - \ - / - Ah, há uma bênção nesta brisa delicada,
- \ - / - / - / - / A visitant that while it fans my cheek	- \ - / - \ - / - / - / - Um visitante que ao soprar em minha face
- / - / - \ - / - / Doth seem half-conscious of the joy it brings	- / - / - / - / - \ - / Parece até saber do encanto que conduz
- - / / - \ - / - / From the green fields, and from yon azure sky.	- / - / - \ - / - / - / Dos verdes campos e o distante céu azul.
- / - / - - / / - / Whate'er its mission, the soft breeze can come	- / - / - / - / - / - / Qualquer o seu dever, a doce brisa não
- / - / - / - / - / To none more grateful than to me; escaped	- / - / - / - \ - / - / - Virá a alguém mais grato do que eu; fugido
- - / / - / - / - / From the vast city, where I long had pined	- / - / - / - \ - / - / - Da vasta urbe, onde deplorei por tempos
- \ - / - \ - / - / A discontented sojourner: now free,	- \ - / - \ - / - / - / - Um peregrino descontente: agora livre,
/ - - / - / - / - / Free as a bird to settle where I will.	/ - / - / - - \ - / - / - Livre como um pássaro pra encontrar meu ninho.
- / - / - / - \ - / What dwelling shall receive me? in what vale	- \ - / - / - \ - / - / - Que moradia me há de receber? Que vale
- / - / - \ - / - / Shall be my harbour? underneath what grove	- / - / - \ - \ - / - Será meu porto? Sob que arvoredo
- \ - / - / - \ - / Shall I take up my home? and what clear stream	- / - / - / - / - \ - / - Farei meu lar? E qual regato cristalino
- \ - / - / - / - / Shall with its murmur lull me into rest?	- \ - / - / - / - / - / - Embalará com seu murmúrio meu repouso?
- / - / - / - \ - / The earth is all before me. With a heart	- \ - / - / - / - \ - / À minha frente está a terra. Com um coração
/ - - / - \ - \ - / Joyous, nor scared at its own liberty,	- / - \ - / - / - \ - / - Alegre, sem temer a própria liberdade,
- / - / - / - / - / I look about; and should the chosen guide	- / - / - / - / - / - / - Eu olho à volta; e caso o guia eleito venha
- / - / - / - / - / Be nothing better than a wandering cloud,	- / - / - / - / - \ - / - A ser não mais do que uma nuvem itinerante,
- / - / - / - / - / I cannot miss my way. I breathe again!	- / - / - / - / - / - / - Não posso errar meu curso. Outra vez respiro!

Como resultado, atingimos os mesmos efeitos que em nossa tradução de ‘*Tintern Abbey*’. No entanto, com o prosseguimento da tradução, notamos que na leitura dos versos produzidos faltava, em muitas partes, o efeito de continuidade rítmica entre um verso e outro que caracteriza quase que a totalidade do verso branco de Wordsworth, como nos versos 6-7 (“Virá a alguém mais grato do que eu; fugido / Da vasta urbe, onde deplorei por tempos”), onde, enquanto cada verso constitui por si próprio um verso iâmbico regular, tal padrão perde-se na passagem de um a outro devido à sílaba excedente após o último acento (-**gi**do), caso que não ocorre no original, onde a quase que exclusiva terminação oxítone do verso permite que ao último pé de um verso siga o primeiro pé do verso seguinte de forma natural, como se ambos fizessem parte do mesmo verso. Tal caso, um defeito dentro dos parâmetros que buscávamos,

fez-se evidente precisamente por insistirmos em uma métrica marcadamente regular, enquanto que, nos versos de acentuação mais solta da tradução anterior, a transição entre versos não se destacava como uma zona particularmente relevante. Assim, se desejássemos produzir versos iâmbicos como os originais, seria necessário trazer o período à frente do verso como a unidade rítmica basilar, e, portanto, tratar (nesse quesito) a composição como prosa metrificada em uma longa corrente de iambos.

Por outro lado, em alguns versos de nossa tradução notamos ocorrer o efeito desejado: versos terminados em oxítonas ou em paroxítonas, cuja sílaba extra pode elidir com primeira do verso seguinte. Desse modo, encontramos nesse artifício, i.e., emprego de versos com terminação oxítona, paroxítona em que ocorre elisão e, ocasionalmente, proparoxítona (considerando-se a última sílaba como semi-tônica), a solução para nossa versão da métrica. Além disso, onde a paroxítona final não fornece elisão, consideramos a sílaba extra como parte do verso seguinte, iniciando-o numa tônica e, formando, portanto, um hendecassílabo trocaico. Aplicando as regras estipuladas, revisamos a tradução do seguinte modo:

O Prelúdio (vv. 1-18) Nossa tradução, 1ª versão	O Prelúdio (vv. 1-18) Nossa tradução, 2ª versão
- / - / - / - / - \ - / - Ah, há uma bênção nesta brisa delicada,	- / - / - / - / - \ - / (- Ah, há uma bênção nesta brisa delicada,
- \ - / - \ - / - / - / - Um visitante que ao soprar em minha face	-) / - / - \ - / - \ - / (- Um visitante que ao soprar em minha face
- / - / - / - / - \ - / Parece até saber do encanto que conduz	-) / - / - \ - / - \ - / Até parece consciente do prazer
- / - / - \ - / - / - / Dos verdes campos e o distante céu azul.	- / - / - / - \ - / - / Que traz dos verdes campos e do céu azul.
- / - / - / - / - / - / Qualquer o seu dever, a doce brisa não	- / - / - / - / - / - / Qualquer que seja o seu dever, a doce brisa
- / - / - / - \ - / - / - Virá a alguém mais grato do que eu; fugido	/ - / - / - / - / - \ - / Não virá a alguém mais grato do que eu;
- / - / - / - \ - / - / - Da vasta urbe, onde deplorei por tempos	- / - \ - / - / - \ - / Fugido da cidade, onde deflinhei
- \ - / - \ - / - / - / - Um peregrino descontente: agora livre,	- / - / - / - / - / - / - / Por tempo, triste peregrino; agora livre,
/ - / - / - \ - / - / - Livre como um pássaro pra encontrar meu ninho.	/ - / - / - \ - / - / - / Livre como um pássaro pra achar meu lar.
- \ - / - / - \ - / - / - Que moradia me há de receber? Que vale	- \ - / - \ - / - / - / (- Que moradia me receberá? Que vale
- / - / - \ - / - Será meu porto? Sob que arvoredo	-) \ - / - / - - \ - / (- Abarcará meu porto? Sob que arvoredo
- / - / - / - / - \ - / - Farei meu lar? E qual regato cristalino	-) \ - / - / - / - \ - / (- Habitaréi? E qual regato cristalino
- \ - / - / - / - / - / - Embarará com seu murmúrio meu repouso?	-) \ - / - / - / - / - / - Embarará com seu murmúrio meu repouso?
- \ - / - / - / - \ - / À minha frente está a terra. Com um coração	- / - \ / - / - / - \ - / A terra está toda diante mim. Co'um coração
- / - \ - / - / - \ - / -	- / - \ - / - / - / - / (-

Por tempo, triste peregrino; agora livre, / - / - / - \ - / - / - / Livre como um pássaro pra achar meu lar.	Um peregrino descontente; agora livre, / - / - / - \ - / - / - / - Livre como a ave pra escolher meu pouso.
- \ - / - \ - \ - / - / (- Que moradia me receberá? Que vale	- \ - / - / - \ - / - / - / - Que moradia me há de receber? Que vale
-) \ - / - / - - \ - / (- Abarcará meu porto? Sob que arvoredo	/ - / - / - / - \ - / - / (- Há de ser meu porto? Embaixo de que bosque
-) \ - / - / - / - \ - / (- Habitaréi? E qual regato cristalino	-) \ - / - / - / - / - / (- Habitaréi? E qual regato cristalino
-) \ - / - / - / - / - / - Embarará com seu murmúrio meu repouso?	-) \ - / - / - / - / - / - Embarará com seu murmúrio meu repouso?
- / - \ / - / - / - \ - / A terra está toda diante mim. Co'um coração	- / - / - / - \ - \ - / A terra se abre à minha frente. Um coração
- / - \ - / - / - / - / (- Alegre, nem temendo a própria liberdade,	- / - / - / - / - \ - / (- Alegre, nem temendo a própria liberdade,
-) / - / - / - / - / - / (- Eu olho à volta; e caso o guia eleito venha	-) / - / - / - / - / - / (- Eu olho à volta; e caso venha o guia eleito
-) / - / - / - / - \ - / - A ser não mais do que uma nuvem passageira,	-) / - / - / - / - / - / - A ser não mais do que uma nuvem passageira,
- / - / - / (-) - / - \ - / - Não posso errar meu curso. Respiro novamente!	- / - / - / - - / - - / Não posso errar meu curso. Respiro outra vez!

Dessa vez, corrigimos inconsistências métricas, mas não hesitamos em manter ou empregar desvios onde o sacrifício formal seria recompensado por um ganho em força de expressão. Outrossim, revisamos algumas escolhas lexicais e de ordem sintática, e ampliamos nossa compreensão de elisões permissíveis, tanto de sílabas precedendo pausas, quanto no caso de vogais nasais, fazendo um uso mais extensivo da tensão entre ritmo métrico e o ritmo da língua falada.

Chegamos, desse modo, a um paradigma tradutório que nos satisfaz e que consideramos propício para abarcar e reproduzir aquelas qualidades que julgamos centrais (e traduzíveis) na nossa visão do *Prelúdio*. A seguir, apresentaremos nossa tradução do texto²²⁶ e, após, teceremos comentários sobre nossas escolhas e nosso trabalho na terceira etapa do modelo tradutório proposto por Paulo Henrique Britto, “(iii) recriar as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas — ou seja, tentar encontrar correspondências para elas” (BRITTO, 2020, p. 4), sejam formais ou funcionais.

²²⁶ Sendo nossa intenção publicar a tradução, omitimos do presente arquivo os livros 9-14.

6 TRADUÇÃO DE *THE PRELUDE*

The Prelude

William Wordsworth

Book First

Introduction – Childhood and School-Time

O THERE is blessing in this gentle breeze,
 A visitant that while it fans my cheek
 Doth seem half-conscious of the joy it brings
 From the green fields, and from yon azure sky.
 Whate'er its mission, the soft breeze can come
 To none more grateful than to me; escaped
 From the vast city, where I long had pined
 A discontented sojourner: now free,
 Free as a bird to settle where I will.
 What dwelling shall receive me? in what vale
 Shall be my harbour? underneath what grove
 Shall I take up my home? and what clear stream
 Shall with its murmur lull me into rest?
 The earth is all before me. With a heart
 Joyous, nor scared at its own liberty,
 I look about; and should the chosen guide
 Be nothing better than a wandering cloud,
 I cannot miss my way. I breathe again!
 Trances of thought and mountings of the mind
 Come fast upon me: it is shaken off,
 That burthen of my own unnatural self,
 The heavy weight of many a weary day
 Not mine, and such as were not made for me.
 Long months of peace (if such bold word accord
 With any promises of human life),
 Long months of ease and undisturbed delight
 Are mine in prospect; whither shall I turn,
 By road or pathway, or through trackless field,
 Up hill or down, or shall some floating thing
 Upon the river point me out my course?

Dear Liberty! Yet what would it avail
 But for a gift that consecrates the joy?
 For I, methought, while the sweet breath of heaven
 Was blowing on my body, felt within
 A correspondent breeze, that gently moved
 With quickening virtue, but is now become
 A tempest, a redundant energy,
 Vexing its own creation. Thanks to both,
 And their congenial powers, that, while they join
 In breaking up a long-continued frost,
 Bring with them vernal promises, the hope
 Of active days urged on by flying hours,—
 Days of sweet leisure, taxed with patient thought
 Abstruse, nor wanting punctual service high,
 Matins and vespers of harmonious verse!

Thus far, Friend! did I, not used to make

O Prelúdio

William Wordsworth

Livro Primeiro

Introdução – Infância e Anos Escolares

Oh, há uma bênção nesta brisa delicada,
 Um visitante que ao soprar na minha face
 Até parece cômico do prazer que traz
 Dos verdes campos e daquele céu azul.
 Qualquer que seja a sua missão, a doce brisa
 Não virá a alguém mais grato que eu; fugido
 Da cidade vasta, onde definhei
 Por tempo, um hóspede infeliz; agora livre,
 Livre como a ave pra escolher meu pouso.
 Que moradia me há de receber? Que vale
 Há de ser meu porto? Embaixo de que bosque
 Habitarei? E qual regato cristalino
 Embalará com seu murmúrio meu repouso?
 A terra toda está à minha frente. Um coração
 Alegre, nem temendo a própria liberdade,
 Eu olho à volta; e caso o guia que escolhi
 Não seja mais do que uma nuvem passageira,
 Não erro meu curso. Respiro outra vez!
 Trances do pensamento e elevações do espírito
 Vem rápido por sobre mim: está largado
 O peso do meu próprio ser inatural,
 O fardo de incontáveis dias fatigantes
 Que não meus, e tais que a mim não foram feitos.
 Longos meses de paz (se tal palavra audaz
 Convém ao prometido pela vida humana),
 Longos meses de repouso e calmo gozo
 Espero no porvir; para onde devo ir,
 Por trilha ou estrada, ou por campina sem caminho,
 Morro acima ou abaixo, ou algo que flutua
 Sobre rio acaso indicará meu curso?

Amada Liberdade! Mas pra que ela vale
 Se não for um dom que santifique o gozo?
 Pois eu, pensava, enquanto o doce ar do céu
 Soprava no meu corpo, dentro em mim sentia
 Uma brisa correlata, que gentil movia-se
 Com força renovante, mas que agora é feita
 Tempestade, uma energia sobejante,
 Atormentando a própria obra. Grato às duas
 E aos seus benéficos poderes que, se unindo
 Pra romper a crosta dum longo gelo,
 Trazem as vernais promessas, a esperança
 Em ágeis dias urgidos por aladas horas -
 Dias de ócio, cheios com pensar paciente
 E abstruso, sem faltar co' ofício pontual:
 Matinas, vésperas de harmonioso verso!

Até aqui, Oh Amigo!, eu, não afeito a urdir

A present joy the matter of a song,
 Pour forth that day my soul in measured strains
 That would not be forgotten, and are here
 Recorded: to the open fields I told
 A prophecy: poetic numbers came
 Spontaneously to clothe in priestly robe
 A renovated spirit singled out,
 Such hope was mine, for holy services.
 My own voice cheered me, and, far more, the mind's
 Internal echo of the imperfect sound;
 To both I listened, drawing from them both
 A cheerful confidence in things to come.

Content and not unwilling now to give
 A respite to this passion, I paced on
 With brisk and eager steps; and came, at length,
 To a green shady place, where down I sate
 Beneath a tree, slackening my thoughts by choice,
 And settling into gentler happiness.
 'Twas autumn, and a clear and placid day,
 With warmth, as much as needed, from a sun
 Two hours declined towards the west; a day
 With silver clouds, and sunshine on the grass,
 And in the sheltered and the sheltering grove
 A perfect stillness. Many were the thoughts
 Encouraged and dismissed, till choice was made
 Of a known Vale, whither my feet should turn,
 Nor rest till they had reached the very door
 Of the one cottage which methought I saw.
 No picture of mere memory ever looked
 So fair; and while upon the fancied scene
 I gazed with growing love, a higher power
 Than Fancy gave assurance of some work
 Of glory there forthwith to be begun,
 Perhaps too there performed. Thus long I mused,
 Nor e'er lost sight of what I mused upon,
 Save when, amid the stately grove of oaks,
 Now here, now there, an acorn, from its cup
 Dislodged, through sere leaves rustled, or at once
 To the bare earth dropped with a startling sound.
 From that soft couch I rose not, till the sun
 Had almost touched the horizon; casting then
 A backward glance upon the curling cloud
 Of city smoke, by distance ruralised;
 Keen as a Truant or a Fugitive,
 But as a Pilgrim resolute, I took,
 Even with the chance equipment of that hour,
 The road that pointed toward the chosen Vale.
 It was a splendid evening, and my soul
 Once more made trial of her strength, nor lacked
 Æolian visitations; but the harp
 Was soon defrauded, and the banded host
 Of harmony dispersed in straggling sounds,
 And lastly utter silence! "Be it so;
 Why think of any thing but present good?"
 So, like a home-bound labourer I pursued
 My way beneath the mellowing sun, that shed
 Mild influence; nor left in me one wish
 Again to bend the Sabbath of that time
 To a servile yoke. What need of many words?

Duma alegria atual um tema de canção,
 Verti esse dia a alma em raptos mensurados
 Que não seriam esquecidos, e aqui se encontram
 Registrados: eu ditei aos vastos campos
 Uma profecia: versos espontâneos
 Vieram revestir de mantos clericais
 Um renovado espírito já assinalado,
 Tal minha esperança, por sagrado ofício.
 A minha própria voz moveu-me e, ainda mais,
 O eco interno do imperfeito som na mente;
 A ambos escutei, de ambos apanhando
 Uma animada fé naquilo que há por vir.

Contente e não contrário agora a conceder
 Descanso a tal paixão, avante caminhei
 Com passos ávidos e vivos; e enfim cheguei
 A um verde e umbroso bosque, onde me sentei
 Sob uma árvore, abrandando os pensamentos
 E entregando-me a alegria mais gentil.
 Outono era, e um dia límpido e sereno,
 Que aquecia, o quanto necessário, um sol
 Já duas horas declinado a oeste; um dia
 De nuvens prateadas e de sol na relva,
 E, no arvoredado protegido e protetor,
 Perfeita calma. Muitos foram os pensamentos
 Vistos e revistos, 'té que opção foi feita
 Por um Vale conhecido, aonde iria,
 Nem descansaria até atingir a porta
 Do chalé que imaginei ter avistado.
 Nunca uma imagem da memória pareceu
 Tão bela; e enquanto sobre a cena imaginada
 Olhava com amor crescente, um poder maior
 Que a Fantasia assegurou-me duma obra
 Gloriosa a ser em breve lá iniciada,
 E lá, talvez, também concluída. Assim, por tempos
 Meditei, nem nunca descuidei da imagem,
 Salvo quando, em meio ao bosque de carvalhos,
 Aqui e ali, uma bolota, de seu cálice
 Caída, entre as secas folhas farfalhava,
 Ou despencava à terra com um baque brusco.
 Daquele leito não me ergui até que o sol
 Quase tocasse no horizonte; então lançando
 Um olhar atrás pr'as espirais de fumo
 Da cidade, de ar rural com a distância;
 Alerta como um Mata-aula ou Fugitivo,
 Mas qual Peregrino resolute, tomei,
 Embora co'a equipagem casual da hora,
 A estrada que apontava para ao Vale eleito.
 Era uma tarde encantadora, e a minha alma
 Outra vez testou sua força, nem faltou-lhe
 Inspirações eólicas; porém a harpa
 Logo foi fraudada, e a congregada tropa
 De harmonia, debandada em sons dispersos,
 E, por fim, total silêncio! 'Que assim seja;
 Por que pensar no que não for o bem presente?'
 Então, qual camponês voltando ao lar, segui
 Meu rumo sob um sol ameno, que vertia
 Branda influência; nem deixava um só desejo
 De outra vez dobrar aquele sacro tempo
 A um jugo escravo. Para que tanta palavra?

A pleasant loitering journey, through three days
Continued, brought me to my hermitage.
I spare to tell of what ensued, the life
In common things—the endless store of things,
Rare, or at least so seeming, every day
Found all about me in one neighbourhood—
The self-congratulation, and, from morn
To night, unbroken cheerfulness serene.
But speedily an earnest longing rose
To brace myself to some determined aim,
Reading or thinking; either to lay up
New stores, or rescue from decay the old
By timely interference: and therewith
Came hopes still higher, that with outward life
I might endue some airy phantasies
That had been floating loose about for years,
And to such beings temperately deal forth
The many feelings that oppressed my heart.
That hope hath been discouraged; welcome light
Dawns from the east, but dawns to disappear
And mock me with a sky that ripens not
Into a steady morning: if my mind,
Remembering the bold promise of the past,
Would gladly grapple with some noble theme,
Vain is her wish; where'er she turns she finds
Impediments from day to day renewed.

And now it would content me to yield up
Those lofty hopes awhile, for present gifts
Of humbler industry. But, oh, dear Friend!
The Poet, gentle creature as he is,
Hath, like the Lover, his unruly times;
His fits when he is neither sick nor well,
Though no distress be near him but his own
Unmanageable thoughts: his mind, best pleased
While she as duteous as the mother dove
Sits brooding, lives not always to that end,
But like the innocent bird, hath goadings on
That drive her as in trouble through the groves;
With me is now such passion, to be blamed
No otherwise than as it lasts too long.

When, as becomes a man who would prepare
For such an arduous work, I through myself
Make rigorous inquisition, the report
Is often cheering; for I neither seem
To lack that first great gift, the vital soul,
Nor general Truths, which are themselves a sort
Of Elements and Agents, Under-powers,
Subordinate helpers of the living mind:
Nor am I naked of external things,
Forms, images, nor numerous other aids
Of less regard, though won perhaps with toil
And needful to build up a Poet's praise.
Time, place, and manners do I seek, and these
Are found in plenteous store, but nowhere such
As may be singled out with steady choice;
No little band of yet remembered names
Whom I, in perfect confidence, might hope
To summon back from lonesome banishment,

Uma aprazente e lenta viagem, por três dias
Seguida, me levou ao meu eremitério.
Eu poupo recontar o que ocorreu, a vida
Em coisas simples – a infinda profusão de coisas,
Raras, ou que o pareciam, todo dia
Achava à minha volta em uma vizinhança -
A exultação pessoal, e, desde o alvorecer
Até o poente, plácida alegria assídua.
Mas logo um genuíno anseio sobreveio
De aprestar-me para um fim determinado,
Lendo ou refletindo; se pra armazenar
Um novo estoque, ou resgatar da ruína antigos
Co' oportuna intervenção; e junto a isso
Vieram sonhos mais sublimes, de dotar
Com vida externa certas vagas fantasias
Que por tempos flutuaram à minha volta,
E a seres tais, com temperança, transmitir
Os sentimentos que oprimiam o coração.
Aquele sonho foi frustrado; luz bem-vinda
Nasce a oeste, mas só nasce pra sumir
E escarnecer de mim co'um sol que não matura
Em uma sólida manhã: se a minha mente,
Recordando as bravas juras do passado,
Com prazer quisesse arcar co'um tema nobre,
Vão é o seu desejo; aonde quer que vá
Encontra obstáculos dia a dia renovados.

E ora me contentaria renunciar um tempo
Àqueles altos sonhos por dádivas presentes
De obra mais modesta. Mas, ah, amado amigo!
O Poeta, criatura afável como o é,
Tem, como o Amante, suas horas de desmando;
Suas crises, sem estar doente ou são,
Embora angústia alguma o cerque, salvo o próprio
Indômito pensar: sua mente, mais contente
Enquanto, atenta como a pomba mãe no ninho,
Senta-se a incubar, não vive sempre a isso,
Mas, como o inocente pássaro, tem ímpetos
Que a impelem como se em perigo pelos bosques;
Em mim agora há tal paixão, a ser culpada
Não por outra causa que durar demais.

Quando, como convém a um homem que se apronta
Pr'um trabalho tão difícil, de mim mesmo
Faço austera inquisição, o resultado
É amiúde animador; pois nem parece
Que me falta o dom primeiro, o espírito vital,
Nem mais gerais Verdades, que em si são espécies
De Elementos e de Agentes, Subpoderes,
Auxiliares súditos da mente viva:
Nem acho-me despido do que é exterior,
Imagens, formas, nem inúmeros auxílios
Secundários, embora ganhos com esforço
E necessários para a glória dum Poeta.
Tempo, lugar e modos eu procuro, e esses
Acho em abundância, mas em parte alguma
Tais que possam ser eleitos com certeza;
Nem uns poucos nomes inda recordados
Que eu, com fé perfeita, poderia ansiar
Por conjurar de seu exílio solitário,

And make them dwellers in the hearts of men
 Now living, or to live in future years.
 Sometimes the ambitious Power of choice, mistaking
 Proud spring-tide swellings for a regular sea,
 Will settle on some British theme, some old
 Romantic tale by Milton left unsung;
 More often turning to some gentle place
 Within the groves of Chivalry, I pipe
 To shepherd swains, or seated harp in hand,
 Amid reposing knights by a river side
 Or fountain, listen to the grave reports
 Of dire enchantments faced and overcome
 By the strong mind, and tales of warlike feats,
 Where spear encountered spear, and sword with sword
 Fought, as if conscious of the blazonry
 That the shield bore, so glorious was the strife;
 Whence inspiration for a song that winds
 Through ever changing scenes of votive quest
 Wrongs to redress, harmonious tribute paid
 To patient courage and unblemished truth,
 To firm devotion, zeal unquenchable,
 And Christian meekness hallowing faithful loves.
 Sometimes, more sternly moved, I would relate
 How vanquished Mithridates northward passed,
 And, hidden in the cloud of years, became
 Odin, the Father of a race by whom
 Perished the Roman Empire: how the friends
 And followers of Sertorius, out of Spain
 Flying, found shelter in the Fortunate Isles,
 And left their usages, their arts and laws,
 To disappear by a slow gradual death,
 To dwindle and to perish one by one,
 Starved in those narrow bounds: but not the soul
 Of Liberty, which fifteen hundred years
 Survived, and, when the European came
 With skill and power that might not be withstood,
 Did, like a pestilence, maintain its hold
 And wasted down by glorious death that race
 Of natural heroes: or I would record
 How, in tyrannic times, some high-souled man,
 Unnamed among the chronicles of kings,
 Suffered in silence for Truth's sake: or tell,
 How that one Frenchman, through continued force
 Of meditation on the inhuman deeds
 Of those who conquered first the Indian Isles,
 Went single in his ministry across
 The Ocean; not to comfort the oppressed,
 But, like a thirsty wind, to roam about
 Withering the Oppressor: how Gustavus sought
 Help at his need in Dalecarlia's mines:
 How Wallace fought for Scotland; left the name
 Of Wallace to be found, like a wild flower,
 All over his dear Country; left the deeds
 Of Wallace, like a family of Ghosts,
 To people the steep rocks and river banks,
 Her natural sanctuaries, with a local soul
 Of independence and stern liberty.
 Sometimes it suits me better to invent
 A tale from my own heart, more near akin
 To my own passions and habitual thoughts;

E dar-lhes por morada o coração dos homens
 Que ora vivem, ou que um dia viverão.
 Por vez, a ambiciosa Escolha, confundindo
 O altivo inchaço da maré co'o mar comum,
 Decide por um tema inglês, algum antigo
 Conto romanesco que Milton não cantou;
 Mais vezes, me voltando a algum recanto ameno
 Em bosques da Cavalaria, entoo a flauta
 A jovens pastoris, ou sentado de harpa em mãos
 Com cavaleiros que repousam à beira-rio
 Ou junto à fonte, escuto as graves narrativas
 De feitiços afrontados e vencidos
 Pela mente firme, e feitos da batalha,
 Onde a lança opunha a lança, e a espada à espada
 Combatia, qual se cõscias do brasão
 De cada escudo, tão glorioso era o embate;
 Disso, inspiração a um poema que serpeia
 Em meio a cenas várias de votiva empresa
 Pra erros reparar, tributo harmonioso
 Ao brio assíduo e à verdade imaculada,
 À firme devoção, ao zelo inextinguível,
 E a mansidão cristã sagrando amores fiéis.
 Por vez, com ânimo mais sério, eu contaria
 Como Mitrídates, vencido, fugiu ao norte
 E, oculto pela bruma de anos, se tornou
 Odin, o Pai daquela raça pela qual
 Ruiu o Império Romano: como os seguidores
 E amigos de Sertório, à Espanha abandonando,
 Se abrigaram junto às Ilhas Fortunadas,
 E deixaram seus costumes, leis e artes,
 Pra sumir com morte lenta e gradual,
 Pra definhar e perecerem um a um,
 Famintos numa terra estreita: mas não o espírito
 Da Liberdade, o qual durante quinze séculos
 Sobreviveu, e, quando os europeus vieram
 Com poder e engenho além de oposição,
 Manteve, como a peste, seu domínio
 E devastou com morte ilustre aquela raça
 De naturais herois: ou eu relataria
 Como, em tempos crueis, um homem de alma nobre,
 Não nomeado em meio às crônicas dos reis,
 Sofreu calado em nome da Verdade; ou mesmo
 Como aquele francês, co'a força pertinaz
 Do meditar acerca das ações crueis
 Dos que primeiro conquistaram as Antilhas,
 Solitário no seu ministério atravessou
 O oceano; não pra confortar os oprimidos,
 Mas, qual vento seco, pra vagar a esmo
 Definhando o Opressor: como buscou Gustavo
 Auxílio ao seu dever nas minas de Dolorna:
 Como Wallace defendeu a Escócia, deixou o nome
 De Wallace espalhado, como flor silvestre,
 Em todo o seu amado País; deixou os feitos
 De Wallace para, qual família de Fantasmas,
 Povoarem os rochedos e riachos,
 Seus santuários naturais, co' alma local
 De independência e rigorosa liberdade.
 Algumas vezes, mais me agrada imaginar
 Um conto do meu próprio coração, mais próximo
 Das minhas paixões e pensamentos regulares;

Some variegated story, in the main
 Lofty, but the unsubstantial structure melts
 Before the very sun that brightens it,
 Mist into air dissolving! Then a wish,
 My best and favourite aspiration, mounts
 With yearning toward some philosophic song
 Of Truth that cherishes our daily life;
 With meditations passionate from deep
 Recesses in man's heart, immortal verse
 Thoughtfully fitted to the Orphean lyre;
 But from this awful burthen I full soon
 Take refuge and beguile myself with trust
 That mellow years will bring a riper mind
 And clearer insight. Thus my days are past
 In contradiction; with no skill to part
 Vague longing, haply bred by want of power,
 From paramount impulse not to be withstood,
 A timorous capacity from prudence,
 From circumspection, infinite delay.
 Humility and modest awe themselves
 Betray me, serving often for a cloak
 To a more subtle selfishness; that now
 Locks every function up in blank reserve,
 Now dupes me, trusting to an anxious eye
 That with intrusive restlessness beats off
 Simplicity and self-presented truth.
 Ah! better far than this, to stray about
 Voluptuously through fields and rural walks,
 And ask no record of the hours, resigned
 To vacant musing, unreprieved neglect
 Of all things, and deliberate holiday.
 Far better never to have heard the name
 Of zeal and just ambition, than to live
 Baffled and plagued by a mind that every hour
 Turns recreant to her task; takes heart again,
 Then feels immediately some hollow thought
 Hang like an interdict upon her hopes.
 This is my lot; for either still I find
 Some imperfection in the chosen theme,
 Or see of absolute accomplishment
 Much wanting, so much wanting, in myself,
 That I recoil and droop, and seek repose
 In listlessness from vain perplexity,
 Unprofitably travelling toward the grave,
 Like a false steward who hath much received
 And renders nothing back.

Was it for this

That one, the fairest of all rivers, loved
 To blend his murmurs with my nurse's song,
 And, from his alder shades and rocky falls,
 And from his fords and shallows, sent a voice
 That flowed along my dreams? For this, didst thou,
 O Derwent! winding among grassy holms
 Where I was looking on, a babe in arms,
 Make ceaseless music that composed my thoughts
 To more than infant softness, giving me
 Amid the fretful dwellings of mankind
 A foretaste, a dim earnest, of the calm
 That Nature breathes among the hills and groves.

Uma estória variegada, o mais das vezes
 Elevada, mas a frágil estrutura
 Se derrete ante o próprio sol que a aclara,
 Névoa ao ar se dissolvendo! Então, um desejo,
 Minha última e mais cara aspiração, ascende
 Com anseio rumo a um hino filosófico
 À Verdade que ame a nossa vida diária;
 Com meditações ardentes vindas do âmago
 Do coração do homem, versos imortais
 Zelosamente à lira órfica adequados;
 Porém desse tenebroso fardo eu logo
 Encontro abrigo e deixo-me iludir co'a fé
 Que os anos trazem uma mente mais madura
 E intuição mais clara. Assim, meus dias passam
 Em contradição; sem distinguir ao certo
 Um vago anseio, talvez nutrido por fraqueza,
 Dum impulso soberano e irresistível,
 Um talento timorato de prudência,
 De ponderação, intérmina tardança.
 Modéstia e sóbria reverência, elas próprias
 Traem-me, servindo amiúde como um manto
 Para um egoísmo mais sutil; que ora
 Tranca todas as funções em vã reserva,
 Ora engana-me, confiando em um olho ansioso,
 Que com intrusiva inquietação espanta
 A simplicidade e a verdade autoevidente.
 Ah!, tão melhor que isso, vaguear a esmo
 Languemente por estradas e campinas
 Sem querer saber das horas, entregado
 A ociosos devaneios, negligência livre
 A toda coisa, e voluntário feriado.
 Muito melhor jamais ter escutado o nome
 De ambição honesta e zelo, que viver
 Perplexo e aflito co'uma mente que hora a hora
 Foge à sua tarefa; de novo toma alento,
 Então de pronto sente um pensamento vão
 Pesar como interdito em suas esperanças.
 Este é o meu fado; pois ou eu ainda encontro
 Alguma imperfeição no tema que escolhi,
 Ou vejo duma realização completa
 Tanta falta, tanta, tanta falta, em mim,
 Que eu me recuo e desanimo, e busco paz
 Na indiferença dessa vã perplexidade,
 Inutilmente viajando à sepultura,
 Como um servo infiel que muito recebeu
 E nada tem a dar.

Acaso foi por isto

Que um, o mais belo rio, amava misturar
 Os seus murmúrios co'as canções da minha ama
 E, de suas sombras de amieiros e cascatas,
 E seus vaus e seus baixios, lançava voz
 Que fluia ao longo dos meus sonhos? Por isto tu,
 Oh Derwent!, coleando em meio a ilhéus relvados,
 Para onde eu olhava, uma criança ao colo,
 Criava música que me acalmava a mente
 Para além de infante suavidade, dando-me,
 Entre as agitadas moradias dos homens,
 Uma prévia, um vago índice da paz
 Que a Natureza inspira em montes e arvoredos.

When he had left the mountains and received
 On his smooth breast the shadow of those towers
 That yet survive, a shattered monument
 Of feudal sway, the bright blue river passed
 Along the margin of our terrace walk;
 A tempting playmate whom we dearly loved.
 Oh, many a time have I, a five years' child,
 In a small mill-race severed from his stream,
 Made one long bathing of a summer's day;
 Basked in the sun, and plunged and basked again
 Alternate, all a summer's day, or scoured
 The sandy fields, leaping through flowery groves
 Of yellow ragwort; or when rock and hill,
 The woods, and distant Skiddaw's lofty height,
 Were bronzed with deepest radiance, stood alone
 Beneath the sky, as if I had been born
 On Indian plains, and from my mother's hut
 Had run abroad in wantonness, to sport
 A naked savage, in the thunder shower.

Fair seed-time had my soul, and I grew up
 Fostered alike by beauty and by fear:
 Much favoured in my birth-place, and no less
 In that beloved Vale to which erelong
 We were transplanted—there were we let loose
 For sports of wider range. Ere I had told
 Ten birth-days, when among the mountain slopes
 Frost, and the breath of frosty wind, had snapped
 The last autumnal crocus, 'twas my joy
 With store of springes o'er my shoulder hung
 To range the open heights where woodcocks run
 Along the smooth green turf. Through half the night,
 Scudding away from snare to snare, I plied
 That anxious visitation;—moon and stars
 Were shining o'er my head. I was alone,
 And seemed to be a trouble to the peace
 That dwelt among them. Sometimes it befel
 In these night wanderings, that a strong desire
 O'erpowered my better reason, and the bird
 Which was the captive of another's toil
 Became my prey; and when the deed was done
 I heard among the solitary hills
 Low breathings coming after me, and sounds
 Of undistinguishable motion, steps
 Almost as silent as the turf they trod.

Nor less when spring had warmed the cultured Vale,
 Moved we as plunderers where the mother-bird
 Had in high places built her lodge; though mean
 Our object and inglorious, yet the end
 Was not ignoble. Oh! when I have hung
 Above the raven's nest, by knots of grass
 And half-inch fissures in the slippery rock
 But ill sustained, and almost (so it seemed)
 Suspended by the blast that blew amain,
 Shouldering the naked crag, oh, at that time
 While on the perilous ridge I hung alone,
 With what strange utterance did the loud dry wind
 Blow through my ear! the sky seemed not a sky

Quando ele havia deixado as serras e apanhado
 Em seu suave seio a sombra dessas torres
 Que inda sobrevivem, um monumento em ruínas
 Do poder feudal, o claro rio passava
 Junto à margem do passeio em nosso pátio;
 Um companheiro sedutor que tanto amávamos.
 Oh, muitas vezes, eu, criança de cinco anos,
 Numa estreita levada longe do seu rio
 Fazia um longo banho dum dia de verão;
 Deitava ao sol, e mergulhava e me deitava
 Novamente, o dia todo, e percorria
 Os areais, saltando pelos flóreos bosques
 De tasneira flava; ou quando rocha e outeiro,
 As matas e o alto cume do longínquo Skiddaw
 Se abronzavam de esplendor, ficava a sós
 Debaixo o firmamento, como se nascido
 Em campo indígena, e da cabana maternal
 Houvesse saído alegremente pra brincar,
 Selvagem nu, debaixo da tormenta brava.

Bom tempo de semeio minh'alma teve, e cresci
 Nutrido ambos por beleza e por temor:
 Bendito pela terra em que nasci, e não menos
 Por aquele Vale amado ao qual nós logo
 Nos mudamos – lá ganhamos liberdade
 A jogos mais diversos. Antes de eu contar
 Dez anos, quando nas encostas das montanhas
 A geada e o ar gelado haviam partido
 O último açafraão do outono, meu prazer
 Era, com laços pendurados sobre os ombros,
 Cruzar os montes onde corre a galinhola
 Sobre tenra e verde relva. Por meia noite,
 Indo de armadilha em armadilha, fiz
 Aquela inquieta vistoria; - lua e estrelas
 Reluziam sobre mim. Estava à sós,
 E parecia ser um incômodo pra paz
 Que havia entre elas. Certas vezes ocorria,
 Errando pela noite, que um desejo intenso
 Dominava o meu melhor juízo, e a ave
 Que era a prisioneira do trabalho d'outro
 Se tornava minha presa; e após o feito
 Eu escutava em meio aos montes solitários
 Surdos alentos vindo atrás de mim, e sons
 De movimento indistinguível, passos quietos
 Quase tanto quanto a grama em que pisavam.

Não menos, quando a primavera aquecera o Vale,
 Íamos quais saqueadores onde a ave
 Fez no alto sua morada; embora mal
 O nosso intento e inglório, ainda assim o fim
 Não era vil. Oh, quando estive pendurado
 Sobre o ninho do corvo, pelos tufos de erva
 E fendas finas na escorregadia rocha
 Mal seguro, e quase (assim o parecia)
 Alçado por um vento que soprava forte,
 O ombro contra a fraga nua, oh, então,
 Enquanto ao cume eu me agarrava solitário,
 Com que estranha voz o alto e seco vento
 Me soprava ao ouvido!, o céu não era um céu

Of earth—and with what motion moved the clouds!

Dust as we are, the immortal spirit grows
 Like harmony in music; there is a dark
 Inscrutable workmanship that reconciles
 Discordant elements, makes them cling together
 In one society. How strange that all
 The terrors, pains, and early miseries,
 Regrets, vexations, lassitudes interfused
 Within my mind, should e'er have borne a part,
 And that a needful part, in making up
 The calm existence that is mine when I
 Am worthy of myself! Praise to the end!
 Thanks to the means which Nature deigned to employ;
 Whether her fearless visitings, or those
 That came with soft alarm, like hurtless light
 Opening the peaceful clouds; or she may use
 Severer interventions, ministry
 More palpable, as best might suit her aim.

One summer evening (led by her) I found
 A little boat tied to a willow tree
 Within a rocky cave, its usual home.
 Straight I unloosed her chain, and stepping in
 Pushed from the shore. It was an act of stealth
 And troubled pleasure, nor without the voice
 Of mountain-echoes did my boat move on;
 Leaving behind her still, on either side,
 Small circles glittering idly in the moon,
 Until they melted all into one track
 Of sparkling light. But now, like one who rows,
 Proud of his skill, to reach a chosen point
 With an unswerving line, I fixed my view
 Upon the summit of a craggy ridge,
 The horizon's utmost boundary; far above
 Was nothing but the stars and the grey sky.
 She was an elfin pinnace; lustily
 I dipped my oars into the silent lake,
 And, as I rose upon the stroke, my boat
 Went heaving through the water like a swan;
 When, from behind that craggy steep till then
 The horizon's bound, a huge peak, black and huge,
 As if with voluntary power instinct
 Upreared its head. I struck and struck again,
 And growing still in stature the grim shape
 Towered up between me and the stars, and still,
 For so it seemed, with purpose of its own
 And measured motion like a living thing,
 Strode after me. With trembling oars I turned,
 And through the silent water stole my way
 Back to the covert of the willow tree;
 There in her mooring-place I left my bark,—
 And through the meadows homeward went, in grave
 And serious mood; but after I had seen
 That spectacle, for many days, my brain
 Worked with a dim and undetermined sense
 Of unknown modes of being; o'er my thoughts
 There hung a darkness, call it solitude
 Or blank desertion. No familiar shapes
 Remained, no pleasant images of trees,

Da terra – e com que impulso se moviam as nuvens!

Embora somos pó, o espírito imortal cresce
 Como em música a harmonia; há uma obscura
 E inescrutável arte que reconcilia
 Os elementos discordantes, faz se unirem
 Numa só sociedade. Quão estranho
 Que os terrores, dores, e aflições primeiras,
 Vexações, remorsos, lassidão mesclados
 Na minha mente, alguma vez tiveram parte,
 E uma parte necessária, em construir
 A calma vida a qual é minha quando eu
 Sou digno de mim mesmo! Glória até o fim!
 Graças aos meios que empregou a Natureza;
 Quer suas intrépidas visistas, ou aquelas
 De suave alarme, como luz inócua
 Abrindo as nuvens brandas; ou ela usaria
 Mais severa intervenção, um ministério
 Mais palpável, que mais cabe ao seu intento.

Num dia de verão (guiado por ela), achei
 Uma pequena barca atada num salgueiro
 Em uma gruta, sua casa habitual.
 De pronto desprendi a corrente, e entrando nela,
 Me afastei da margem. Foi uma ação furtiva
 E de prazer apreensivo, nem sem a voz
 Dos ecos da montanha a barca prosseguiu.
 Deixando atrás de si, ainda, em cada lado,
 Círculos luzindo ociosos ao luar,
 Até se dissolverem em um só caminho
 De brilhante luz. Mas ora, qual quem rema,
 Com orgulho da perícia, a um ponto eleito
 Sem desviar seu curso, eu pôs o meu olhar
 No cume duma pedregosa cordilheira,
 A linha mais longínqua do horizonte; acima
 Nada havia, exceto os astros e o céu gris.
 Ela era um feérico batel; com energia
 Eu mergulhava os remos no silente lago,
 E, enquanto eu me elevava co'a remada, a barca
 Ia ondeando pelas águas como um cisne;
 Quando, atrás daquela escarpa, até então
 A orla do horizonte, um pico, imenso e negro,
 Como que com força própria impulsionado,
 Ergueu a cabeça. Eu remei e remei de novo
 E, aumentando ainda em porte, a forma torva
 Se elevou por entre mim e os astros, e ainda,
 Pois o parecia, com intento próprio
 E movimento lento como coisa viva,
 Veio atrás de mim. Co'os remos a tremer
 Volvi, e pelas águas quietas fui embora,
 De regresso ao esconderijo do salgueiro;
 Lá deixei a barca em seu ancoradouro, -
 E pelos prados fui pra minha casa, em grave
 E sério estado; mas depois que tinha visto
 Aquela cena, por diversos dias, meu cérebro
 Se perturbou co'um senso vago e indefinido
 D'outros modos de existência; em meu pensar
 Pairava uma penumbra, chama-a solitude
 Ou deserção. Nenhuma forma familiar
 Restava, nem imagens aprazíveis de árvores,

Of sea or sky, no colours of green fields;
But huge and mighty forms, that do not live
Like living men, moved slowly through the mind
By day, and were a trouble to my dreams.

Wisdom and Spirit of the universe!
Thou Soul that art the eternity of thought,
That givest to forms and images a breath
And everlasting motion, not in vain
By day or star-light thus from my first dawn
Of childhood didst thou intertwine for me
The passions that build up our human soul;
Not with the mean and vulgar works of man,
But with high objects, with enduring things—
With life and nature, purifying thus
The elements of feeling and of thought,
And sanctifying, by such discipline,
Both pain and fear, until we recognise
A grandeur in the beatings of the heart.
Nor was this fellowship vouchsafed to me
With stinted kindness. In November days,
When vapours rolling down the valley made
A lonely scene more lonesome, among woods,
At noon and 'mid the calm of summer nights,
When, by the margin of the trembling lake,
Beneath the gloomy hills homeward I went
In solitude, such intercourse was mine;
Mine was it in the fields both day and night,
And by the waters, all the summer long.

And in the frosty season, when the sun
Was set, and visible for many a mile
The cottage windows blazed through twilight gloom,
I heeded not their summons: happy time
It was indeed for all of us—for me
It was a time of rapture! Clear and loud
The village clock tolled six,—I wheeled about,
Proud and exulting like an untired horse
That cares not for his home. All shod with steel,
We hissed along the polished ice in games
Confederate, imitative of the chase
And woodland pleasures,—the resounding horn,
The pack loud chiming, and the hunted hare.
So through the darkness and the cold we flew.
And not a voice was idle; with the din
Smitten, the precipices rang aloud;
The leafless trees and every icy crag
Tinkled like iron; while far distant hills
Into the tumult sent an alien sound
Of melancholy not unnoticed, while the stars
Eastward were sparkling clear, and in the west
The orange sky of evening died away.
Not seldom from the uproar I retired
Into a silent bay, or sportively
Glanced sideways, leaving the tumultuous throng,
To cut across the reflex of a star
That fled, and, flying still before me, gleamed
Upon the glassy plain; and oftentimes,
When we had given our bodies to the wind,
And all the shadowy banks on either side

Nem mar ou céu, nem cores de campinas verdes;
Mas vastas e imponentes formas, que não vivem
Como nós, moviam-se lentas pela mente
De dia, e eram o tormento dos meus sonhos.

Espírito e Sabedoria do universo!
Tu, Alma que és a eternidade do pensar,
Que dás às formas e às imagens um alento
E um sempiterno movimento; não em vão,
À luz do dia ou estrelas, desde o meu primeiro
Alvor de infância, entrelaçaste para mim
As paixões que criam a nossa alma humana;
Não co'as obras vis e habituais dos homens,
Mas co' objetos nobres, coisas duradouras –
Vida e natureza – assim purificando
Os elementos da emoção e pensamento,
E consagrando, co'essa disciplina, ambos
Dor e medo, até que nós reconhecemos
Uma grandeza no pulsar do coração.
Nem foi a mim tal irmandade concedida
Com bondade avara. Em dias de novembro,
Quando brumas a descer o val tornavam
Uma cena erma mais deserta, em bosques,
Ao meio-dia e em calmas noites de verão,
Quando, junto às margens do ondulante lago,
Sob os montes lúgubres, pra casa eu ia
Em solidão, tal intercurso era meu;
Meu era nas campinas, ambos noite e dia,
E junto às águas, todo o curso do verão.

E na estação gelada, quando já o Sol
Se pora, e se podia ver por muitas milhas
Reluzir ao poente os vidros dos chalés,
Eu não ouvia seus chamados: tempo alegre
Era mesmo pra nós todos – para mim
Era um tempo de euforia! Alto e claro
O sino soava às seis – eu dava meia-volta
Ufano e alegre qual corcel infatigável
Que não quer saber do lar. Calçados de aço,
Silvávamos ao longo do polido gelo
Em jogos aliados, que imitavam a caça
E os gozos da floresta – a trompa ressoante,
Os cães ladrando alto, e a lebre perseguida.
Assim, por entre a escuridão e o frio voávamos,
E voz alguma era ociosa; co'o ruído
Dado, os precipícios ressoavam alto;
As árvores sem folha e as fragas congeladas
Tiniam qual ferro; enquanto os montes na distância
Enviavam ao meio do tumulto um som estranho
De melancolia não despercebida, e os astros
No oriente cintilavam claro, e a oeste
O céu laranja do poente esvanecia.
Não raramente do alvoroço eu me afastava
Até uma enseada silenciosa, ou brincalhão,
Mudava a rota, abandonando a turba inquieta,
Pra cruzar sobre o reflexo duma estrela
Que fugia, e indo à frente, cintilava
Sobre o plaino cristalino; e muitas vezes,
Quando ao vento havíamos dado nossos corpos,
E as sombrias margens de ambos lados vinham

Came sweeping through the darkness, spinning still
 The rapid line of motion, then at once
 Have I, reclining back upon my heels,
 Stopped short; yet still the solitary cliffs
 Wheeled by me—even as if the earth had rolled
 With visible motion her diurnal round!
 Behind me did they stretch in solemn train,
 Feebler and feebler, and I stood and watched
 Till all was tranquil as a dreamless sleep.

Ye Presences of Nature in the sky
 And on the earth! Ye Visions of the hills!
 And Souls of lonely places! can I think
 A vulgar hope was yours when ye employed
 Such ministry, when ye through many a year
 Haunting me thus among my boyish sports,
 On caves and trees, upon the woods and hills,
 Impressed upon all forms the characters
 Of danger or desire; and thus did make
 The surface of the universal earth
 With triumph and delight, with hope and fear,
 Work like a sea?

Not uselessly employed,
 Might I pursue this theme through every change
 Of exercise and play, to which the year
 Did summon us in his delightful round.

We were a noisy crew; the sun in heaven
 Beheld not vales more beautiful than ours;
 Nor saw a band in happiness and joy
 Richer, or worthier of the ground they trod.
 I could record with no reluctant voice
 The woods of autumn, and their hazel bowers
 With milk-white clusters hung; the rod and line,
 True symbol of hope's foolishness, whose strong
 And unproved enchantment led us on
 By rocks and pools shut out from every star,
 All the green summer, to forlorn cascades
 Among the windings hid of mountain brooks.
 —Unfading recollections! at this hour
 The heart is almost mine with which I felt,
 From some hill-top on sunny afternoons,
 The paper kite high among fleecy clouds
 Pull at her rein like an impetuous courser;
 Or, from the meadows sent on gusty days,
 Beheld her breast the wind, then suddenly
 Dashed headlong, and rejected by the storm.

Ye lowly cottages wherein we dwelt,
 A ministration of your own was yours;
 Can I forget you, being as you were
 So beautiful among the pleasant fields
 In which ye stood? or can I here forget
 The plain and seemly countenance with which
 Ye dealt out your plain comforts? Yet had ye
 Delights and exultations of your own.
 Eager and never weary we pursued
 Our home-amusements by the warm peat-fire
 At evening, when with pencil, and smooth slate
 In square divisions parcelled out and all

A varrer a escuridão, girando ainda
 A veloz linha de moção, então, de pronto,
 Eu, me reclinando sobre os calcanhares,
 Me detinha; mas ainda as fragas ermas
 Rodopiavam – qual se a terra volteasse
 Com moção visível sua rota diária!
 Atrás de mim somente se alinhavam,
 Cada vez mais débeis, e eu ficava e olhava
 Até ser tudo calmo como um sono fundo.

Vós, Presenças da Natureza pelos céus
 E sobre a terra! Vós, Aparições dos montes!
 E Almas dos lugares ermos!, posso crer
 Que o vosso era um anseio simples quando usastes
 Esse ministério, quando vós, por anos
 Me assombrando nos meus jogos infantis,
 Em grutas e árvores, nos bosques e colinas,
 Imprimistes, sobre toda forma, o signo
 Do perigo ou do desejo; e assim fizestes
 Com que a vastidão da terra universal,
 Com triunfo e com deleite, co' esperança e medo,
 Sacudisse como um mar?

Não em vão empregue,
 Possa eu perseguir tal tema em toda forma
 De exercício e jogo, para o qual o ano
 Convocou-nos em sua volta deleitosa.

Éramos um bando barulhento; o sol no céu
 Não via vales mais amáveis do que os nossos;
 Nem mirava um grupo de alegria e júbilo
 Mais rico, ou digno da terra em que pisavam.
 Eu poderia registrar sem voz avessa
 Os bosques outonais, e as ramas de aveleira
 Cheias de seus alvos cachos; a vara e linha,
 Vero símbolo do engano da esperança,
 Cujo forte e puro encanto nos levava
 Por rochedo e lago oculto a toda estrela,
 O inteiro verde estio, a cachoeiras ermas
 Entre os meandros dos regatos das montanhas.
 - Recordações imperecíveis!, nesta hora
 O coração é quase meu com que senti,
 Num cume de colina em tardes soalheiras,
 A pipa de papel alta entre as nuvens brancas,
 Puxar as rédeas qual corcel impetuoso;
 Ou, das campinas solta em dias procelosos,
 Via-a confrontar o vento, então de súbito
 Jogada, e rejeitada pela tempestade.

Vós, chalés humildes onde nós morávamos,
 Uma ministração própria vos pertencia;
 Posso me esquecer de vós, sendo como éreis
 Tão formosos entre os campos aprazíveis
 Em que vos erguíeis?, ou posso aqui esquecer
 O simples e discreto porte com o qual
 Servíeis vosso simples gozos? Mas vós tínheis
 Alegrias e deleites vossos próprios.
 Ardentes e jamais cansados, perseguíamos
 Os nossos jogos junto ao fogo da lareira
 À noite, quando, com o giz, e a lisa lousa
 Em divisões quadradas parcelada e toda

With crosses and with cyphers scribbled o'er,
 We schemed and puzzled, head opposed to head
 In strife too humble to be named in verse:
 Or round the naked table, snow-white deal,
 Cherry or maple, sate in close array,
 And to the combat, Loo or Whist, led on
 A thick-ribbed army; not, as in the world,
 Neglected and ungratefully thrown by
 Even for the very service they had wrought,
 But husbanded through many a long campaign.
 Uncouth assemblage was it, where no few
 Had changed their functions; some, plebeian cards
 Which Fate, beyond the promise of their birth,
 Had dignified, and called to represent
 The persons of departed potentates.
 Oh, with what echoes on the board they fell!
 Ironic diamonds,—clubs, hearts, diamonds, spades,
 A congregation piteously akin!
 Cheap matter offered they to boyish wit,
 Those sooty knaves, precipitated down
 With scoffs and taunts, like Vulcan out of heaven:
 The paramount ace, a moon in her eclipse,
 Queens gleaming through their splendour's last decay,
 And monarchs surly at the wrongs sustained
 By royal visages. Meanwhile abroad
 Incessant rain was falling, or the frost
 Raged bitterly, with keen and silent tooth;
 And, interrupting oft that eager game,
 From under Esthwaite's splitting fields of ice
 The pent-up air, struggling to free itself,
 Gave out to meadow grounds and hills a loud
 Protracted yelling, like the noise of wolves
 Howling in troops along the Bothnic Main.

Nor, sedulous as I have been to trace
 How Nature by extrinsic passion first
 Peopled the mind with forms sublime or fair,
 And made me love them, may I here omit
 How other pleasures have been mine, and joys
 Of subtler origin; how I have felt,
 Not seldom even in that tempestuous time,
 Those hallowed and pure motions of the sense
 Which seem, in their simplicity, to own
 An intellectual charm; that calm delight
 Which, if I err not, surely must belong
 To those first-born affinities that fit
 Our new existence to existing things,
 And, in our dawn of being, constitute
 The bond of union between life and joy.

Yes, I remember when the changeful earth,
 And twice five summers on my mind had stamped
 The faces of the moving year, even then
 I held unconscious intercourse with beauty
 Old as creation, drinking in a pure
 Organic pleasure from the silver wreaths
 Of curling mist, or from the level plain
 Of waters coloured by impending clouds.

The sands of Westmoreland, the creeks and bays

Com seus círculos e cruces rabiscada,
 Meditávamos, com fronte contra fronte,
 Em luta muito humilde pra ter nome em verso:
 Ou à volta a mesa nua, de madeira branca,
 Bordo ou cerejeira, juntos nos sentávamos,
 E pr'o combate, *Loo* ou *Whist*, conduzíamos
 Um exército puido; não, qual no mundo,
 Desprezados e co' ingratidão largados,
 Mesmo pelo próprio encargo que cumpriram,
 Mas cuidados através das suas campanhas.
 Um rude agrupamento era, em que não poucos
 Tinham novo ofício; algumas, cartas plebeias,
 Que o Destino, além do prometido ao nascimento,
 Havia exaltado e eleito pra representar
 A personagem de monarcas que se foram.
 Oh, com que eco despencavam sobre a mesa!
 Ouros irônicos – copas, ouros, paus, espadas,
 Um conjunto tristemente semelhante!
 Parca matéria davam ao engenho juvenil,
 Aqueles valetes encardidos, despenhados
 Com gracejo e escárnio, qual do céu Vulcano:
 O ás supremo, uma lua em seu eclipse,
 Rainhas rútilas no fim do seu esplendor,
 E reis zangados co'as injúrias suportadas
 Pelos rostos reais. Enquanto isso, fora,
 Chuva sem cessar caía, ou a geada
 Esbravejava austera com silentes presas;
 E, parando amiúde aquele jogo ardente,
 Sob o extenso gelo que fendia no Esthwaite,
 O ar preso, lutando pra se libertar,
 Lançava aos prados e às colinas um extenso
 E alto grito, como o ruído da alcateia
 Uivando em bando ao longo da baía báltica.

Nem, sédulo qual fui em retrazar o modo
 Como a Natureza, por paixão extrínseca,
 Povoou a mente com formas belas ou sublimes,
 E me fez amá-las, possa eu aqui omitir
 Como outros gozos foram meus, e enlevos
 Duma origem mais sutil; como eu senti,
 Não raro mesmo nesse tempo tempestuoso,
 Os puros e sagrados impulsos dos sentidos,
 Que parecem, em sua simpleza, possuir
 Um encanto espiritual; o plácido deleite
 O qual, se não me engano, é certo que pertença
 Àquelas simpatias primeiras que acomodam
 A nossa nova vida a coisas existentes,
 E, no alvor do nosso ser, estabelecem
 O laço de união entre a alegria e a vida.

Sim, me recordo quando a terra mutatória
 E dez verões na mente haviam estampado
 As faces do ano itinerante, mesmo então
 Mantive um intercurso incôscio com beleza
 Velha como a criação, haurindo em puro
 E orgânico prazer de argêntas espirais
 De névoa convoluta, ou da planície plana
 De águas matizadas pelas nuvens pênseis.

As praias de Westmoreland, as angras e baías

Of Cumbria's rocky limits, they can tell
 How, when the Sea threw off his evening shade,
 And to the shepherd's hut on distant hills
 Sent welcome notice of the rising moon,
 How I have stood, to fancies such as these
 A stranger, linking with the spectacle
 No conscious memory of a kindred sight,
 And bringing with me no peculiar sense
 Of quietness or peace; yet have I stood,
 Even while mine eye hath moved o'er many a league
 Of shining water, gathering as it seemed
 Through every hair-breadth in that field of light
 New pleasure like a bee among the flowers.

Thus oft amid those fits of vulgar joy
 Which, through all seasons, on a child's pursuits
 Are prompt attendants, 'mid that giddy bliss
 Which, like a tempest, works along the blood
 And is forgotten; even then I felt
 Gleams like the flashing of a shield;—the earth
 And common face of Nature spake to me
 Rememberable things; sometimes, 'tis true,
 By chance collisions and quaint accidents
 (Like those ill-sorted unions, work supposed
 Of evil-minded fairies), yet not vain
 Nor profitless, if haply they impressed
 Collateral objects and appearances,
 Albeit lifeless then, and doomed to sleep
 Until maturer seasons called them forth
 To impregnate and to elevate the mind.
 —And if the vulgar joy by its own weight
 Wearied itself out of the memory,
 The scenes which were a witness of that joy
 Remained in their substantial lineaments
 Depicted on the brain, and to the eye
 Were visible, a daily sight; and thus
 By the impressive discipline of fear,
 By pleasure and repeated happiness,
 So frequently repeated, and by force
 Of obscure feelings representative
 Of things forgotten, these same scenes so bright,
 So beautiful, so majestic in themselves,
 Though yet the day was distant, did become
 Habitually dear, and all their forms
 And changeful colours by invisible links
 Were fastened to the affections.

I began

My story early—not misled, I trust,
 By an infirmity of love for days
 Disowned by memory—fancying flowers where none,
 Not even the sweetest, do or can survive
 For him at least whose dawning day they cheered.
 Nor will it seem to thee, O Friend! so prompt
 In sympathy, that I have lengthened out
 With fond and feeble tongue a tedious tale.
 Meanwhile, my hope has been, that I might fetch
 Invigorating thoughts from former years;
 Might fix the wavering balance of my mind,
 And haply meet reproaches too, whose power
 May spur me on, in manhood now mature,

Das rochosas raias de Cúmbria, elas contam
 Como, quando o mar despia a sombra poente,
 E às choças dos pastores nos distantes montes
 Enviou bem-vinda nova da nascente lua,
 Como me quedei, a fantasias tais
 Alheio, sem associar com o espetáculo
 Qualquer memória cônica de visão afim,
 E sem trazer comigo um senso singular
 De quietude e paz; no entanto ali quedei-me,
 Mesmo enquanto o olhar cobria muitas léguas
 De águas luzidias, colhendo, parecia,
 A cada fio daquele campo luminoso,
 Novos gozos como a abelha em meio às flores.

Assim, amiúde, em meio às alegrias comuns
 Que, em todas estações, nos jogos duma criança
 São servos zelosos, no estonteante júbilo,
 Que, como uma tormenta, corre pelo sangue,
 E é esquecido; até essa época eu senti
 Fulgores como o cintilar do escudo; - a terra
 E a face usual da Natureza me falavam
 Coisas memoráveis; às vezes, é verdade,
 Por encontro casual e estranho acaso
 (Como as uniões discordes, obra, diz-se,
 De malvadas fadas), porém não em vão,
 Nem sem proveito, se ao acaso tenham impresso
 Paralelos objetos e aparências,
 Sem vida então, e destinados a dormir
 Até que tempos mais maduros os chamassem
 Para fecundar e engrandecer a mente.
 - E se o prazer comum, com o seu próprio peso
 Se cansasse e vanescesse da memória,
 As cenas que eram testemunhas desse gozo
 Perduraram em seus traços essenciais
 Representadas na minha mente, e para o olhar
 Eram visíveis, uma vista diária; e assim
 Pela impressiva disciplina do temor,
 Pelo prazer e por contento repetido,
 Tão amiúde repetido, e pela força
 De nublosos sentimentos retratando
 Coisas esquecidas, essas mesmas cenas
 Tão brilhantes, tão sublimes em si próprias,
 Embora o dia estivesse longe, se tornaram
 Comumente caras, e as suas formas todas
 E variáveis cores, co' invisíveis elos
 Foram atadas aos afetos.

Comecei

A minha estória cedo – não logrado, creio,
 Por uma fraqueza de paixão por dias
 Que a memória renegou – sonhando flores
 Onde mesmo a mais amável não perdura,
 Pra ele, ao menos, cuja aurora celebravam.
 Nem para ti parecerá, Oh meu Amigo!,
 Tão ligeiro à simpatia, que alonguei
 Com débil e melosa língua um conto chato.
 Enquanto isso, meu anseio é por colher
 Revigorantes pensamentos do passado;
 Restaurar ao equilíbrio o meu espírito,
 E, talvez, ouvir censuras, cuja força
 Possa me incitar, agora já maduro,

To honourable toil. Yet should these hopes
 Prove vain, and thus should neither I be taught
 To understand myself, nor thou to know
 With better knowledge how the heart was framed
 Of him thou lovest; need I dread from thee
 Harsh judgments, if the song be loth to quit
 Those recollected hours that have the charm
 Of visionary things, those lovely forms
 And sweet sensations that throw back our life,
 And almost make remotest infancy
 A visible scene, on which the sun is shining?

One end at least hath been attained; my mind
 Hath been revived, and if this genial mood
 Desert me not, forthwith shall be brought down
 Through later years the story of my life.
 The road lies plain before me;—'tis a theme
 Single and of determined bounds; and hence
 I choose it rather at this time, than work
 Of ampler or more varied argument,
 Where I might be discomfited and lost:
 And certain hopes are with me, that to thee
 This labour will be welcome, honoured Friend!

Num trabalho honrado. Mas, se esses anseios
 Se provarem vãos, e assim eu nem aprenda
 A me compreender, nem tu a conhecer
 Com mais clareza como o coração foi feito
 Dele a quem tu amas; devo recear-te
 Duros juízos, se a canção não quer deixar
 As horas recordadas que possuem o encanto
 De coisas visionárias, as amáveis formas
 E suaves sensações que nos remontam a vida,
 E quase tornam a mais remota infância
 Uma cena vívida em que o sol reluz?

Um fim ao menos foi logrado: minha mente
 Foi reavivada, e se este fértil ânimo
 Não me deixar, em breve há de ser traçada
 Até o presente a crônica da minha vida.
 A estrada se abre plana à minha frente: - é um tema
 Único e de raias definidas; e assim
 Eu o prefiro nesta hora, do que obra
 De argumento mais extenso ou mais variado,
 Onde eu possa me frustrar ou me perder:
 E certas esperanças há em mim, que a ti
 Este labor será bem-vindo, honrado Amigo!

Book Two
School-Time – (Continued)

THUS far, Friend! have we, though leaving much
Unvisited, endeavoured to retrace
The simple ways in which my childhood walked;
Those chiefly that first led me to the love
Of rivers, woods, and fields. The passion yet
Was in its birth, sustained as might befall
By nourishment that came unsought; for still
From week to week, from month to month, we lived
A round of tumult. Duly were our games
Prolonged in summer till the day-light failed:
No chair remained before the doors; the bench
And threshold steps were empty; fast asleep
The labourer, and the old man who had sate
A later lingerer; yet the revelry
Continued and the loud uproar: at last,
When all the ground was dark, and twinkling stars
Edged the black clouds, home and to bed we went,
Feverish with weary joints and beating minds.
Ah! is there one who ever has been young,
Nor needs a warning voice to tame the pride
Of intellect and virtue's self-esteem?
One is there, though the wisest and the best
Of all mankind, who covets not at times
Union that cannot be;—who would not give,
If so he might, to duty and to truth
The eagerness of infantine desire?
A tranquillising spirit presses now
On my corporeal frame, so wide appears
The vacancy between me and those days
Which yet have such self-presence in my mind,
That, musing on them, often do I seem
Two consciousnesses, conscious of myself
And of some other Being. A rude mass
Of native rock, left midway in the square
Of our small market village, was the goal
Or centre of these sports; and when, returned
After long absence, thither I repaired,
Gone was the old grey stone, and in its place
A smart Assembly-room usurped the ground
That had been ours. There let the fiddle scream,
And be ye happy! Yet, my Friends! I know
That more than one of you will think with me
Of those soft starry nights, and that old Dame
From whom the stone was named, who there had sate,
And watched her table with its huckster's wares
Assiduous, through the length of sixty years.

We ran a boisterous course; the year span round
With giddy motion. But the time approached
That brought with it a regular desire
For calmer pleasures, when the winning forms
Of Nature were collaterally attached
To every scheme of holiday delight
And every boyish sport, less grateful else
And languidly pursued.

Livro Segundo
Anos Escolares - (Continuado)

Até agora, Amigo!, deixando ainda muito
Por rever, nos ocupamos em seguir
Os modos simples com que andava a minha infância;
Especialmente os que primeiro me levaram
A amar florestas, rios e campos. A paixão
Se achava ainda em gestação, sustida ao acaso
Por sustento não buscado; pois ainda,
Semana após semana, mês a mês, vivíamos
Um tumulto em série. Como é certo, nossos jogos
Se alongavam no verão até o poente;
Nem cadeira havia em frente às portas; vagos
Eram a soleira e o banco; adormecidos
O trabalhador e o velho que sentava
Se tardando; ainda assim, a confusão
Continuava e o alto rebuliço: enfim,
Já todo o chão escuro e os astros cintilantes
Margeando as nuvens, para casa íamos,
Febri com juntas lassas e animadas mentes.
Ah!, por acaso há alguém que alguma vez foi jovem
Sem carência de uma voz que dome o orgulho
Do intelecto e a autoestima da virtude?
Há alguém, ainda que o mais sábio e o mais ilustre
Dentre os homens, que por vezes não cobice
União que não se pode ter; - que não daria
Se pudesse, pr'a verdade e pr'o dever
O entusiasmo do desejo de criança?
Um espírito tranquilizante agora preme
Por sobre o meu corpo, tão extenso vejo
O espaço vago entre mim e aqueles dias,
Que inda têm presença tal em minha mente,
Que, pensando neles, muita vez pareço
Duas consciências, cõnscio de mim mesmo
E d'outro Ser. Um tosco bloco de calhau
Da região, deixado bem no meio da praça
Do mercado da aldeola, era a meta
Ou centro desses jogos; e quando, regressado
Depois duma longa ausência, lá voltei,
Sumida estava a velha pedra, e em seu lugar
Um fino Clube se apossara do terreno
Que era nosso. Deixem que a rabeca grite
E se contentem! Porém, meus Amigos!, sei
Que mais que um de vocês há de lembrar comigo
As doces noites estreladas, e a Senhora
Que deu nome àquela pedra, e lá sentava
E vigiava a mesa com mercadorias,
Diligente, ao longo de sessenta anos.

Levamos uma vida alvoroçada; o ano
Volteou vertiginoso. Mas o tempo veio
Que consigo trouxe uma vontade usual
Por calmos gozos, quando as cativantes formas
Da Natura foram em paralelo unidas
Junto a todo plano de lazer em férias
E de jogos, menos gratos doutro modo
E com langor buscados.

When summer came,
 Our pastime was, on bright half-holidays,
 To sweep along the plain of Windermere
 With rival oars; and the selected bourne
 Was now an Island musical with birds
 That sang and ceased not; now a Sister Isle
 Beneath the oaks' umbrageous covert, sown
 With lilies of the valley like a field;
 And now a third small Island, where survived
 In solitude the ruins of a shrine
 Once to Our Lady dedicate, and served
 Daily with chaunted rites. In such a race
 So ended, disappointment could be none,
 Uneasiness, or pain, or jealousy:
 We rested in the shade, all pleased alike,
 Conquered and conqueror. Thus the pride of strength,
 And the vain-glory of superior skill,
 Were tempered; thus was gradually produced
 A quiet independence of the heart;
 And to my Friend who knows me I may add,
 Fearless of blame, that hence for future days
 Ensued a diffidence and modesty,
 And I was taught to feel, perhaps too much,
 The self-sufficing power of Solitude.

Our daily meals were frugal, Sabine fare!
 More than we wished we knew the blessing then
 Of vigorous hunger—hence corporeal strength
 Unsapped by delicate viands; for, exclude
 A little weekly stipend, and we lived
 Through three divisions of the quartered year
 In penniless poverty. But now to school
 From the half-yearly holidays returned,
 We came with weightier purses, that sufficed
 To furnish treats more costly than the Dame
 Of the old grey stone, from her scant board, supplied.
 Hence rustic dinners on the cool green ground,
 Or in the woods, or by a river side
 Or shady fountains, while among the leaves
 Soft airs were stirring, and the mid-day sun
 Unfelt shone brightly round us in our joy.
 Nor is my aim neglected if I tell
 How sometimes, in the length of those half-years,
 We from our funds drew largely;—proud to curb,
 And eager to spur on, the galloping steed;
 And with the courteous inn-keeper, whose stud
 Supplied our want, we haply might employ
 Sly subterfuge, if the adventure's bound
 Were distant: some famed temple where of yore
 The Druids worshipped, or the antique walls
 Of that large abbey, where within the Vale
 Of Nightshade, to St. Mary's honour built,
 Stands yet a mouldering pile with fractured arch,
 Belfry, and images, and living trees,
 A holy scene! Along the smooth green turf
 Our horses grazed. To more than inland peace
 Left by the west wind sweeping overhead
 From a tumultuous ocean, trees and towers
 In that sequestered valley may be seen,
 Both silent and both motionless alike;

Quando o verão chegava,
 Nosso passatempo, em dias ensolarados,
 Era deslizar ao longo do Windermere
 Com remos oponentes; e a nossa meta eleita
 Ora era uma ilha musical, com aves
 Que cantavam sem cessar; ora uma Ilha Irmã
 À densa sombra dos carvalhos, semeada
 Por lírios-do-vale como uma campina;
 E ora uma terceira Ilhota, em que restavam
 Solitárias as ruínas duma ermida,
 Outrora à Virgem dedicada, e venerada
 A cada dia em rituais cantados. Assim
 Findado o curso, frustração não tinha espaço,
 Nem inquietação ou dor ou mesmo inveja:
 À sombra descansávamos, feliz igual
 Vencido e vencedor. Assim, o orgulho da força,
 E a soberbia da destreza mais perfeita,
 Se abrandavam; assim se dava, pouco a pouco,
 Uma tranquila independência do coração;
 E ao meu Amigo, que conhece a mim, incluo,
 Sem temer censura, que daí ao futuro
 Decorreu uma modéstia e timidez,
 E a mim foi ensinado a sentir, talvez demais,
 O autossuficiente poder da solidão.

Parca era nossa refeição, sabina dieta!
 Mais do que o desejado, a bênção conhecíamos
 Da fome vigorosa – disto, uma pujança
 Não minada por regalos; pois, exclui
 A excassa paga semanal, e nós vivíamos
 Durante três repartes do ano trimestral
 Em mísera pobreza. Mas agora, à escola,
 Dos recessos semestrais regressos, vínhamos
 Levando bolsas mais pesadas, que bastavam
 A prazeres mais custosos que a Senhora
 Do calhau, em sua pobre banca, tinha.
 Daí, repastos pastoris na terra verde,
 Ou na floresta, ou junto à beira dum riacho
 Ou fonte sombreada, enquanto, em meio às folhas,
 Suaves ares se agitavam, e o sol acima
 Refulgia sobre nós em nosso gozo.
 Nem é o meu alvo descurado se eu contar
 Como, por vezes, no decurso desses meses,
 Esbanjávamos; - altivos em guiar,
 E ardentes ao incitar o célere corcel;
 E co'o gentil estalajadeiro, cujo estábulo
 Servia ao nosso anseio, nós talvez usássemos
 De astuto subterfúgio, se as raias da aventura
 Fossem longe: um templo ilustre onde outrora
 Os Druidas cultuavam, ou os antigos muros
 Do grande monastério, onde, em meio ao Val
 De Nightshade, construído em honra de Maria,
 Ainda se ergue uma ruína co' arcos rotos,
 Campanário, e imagens, e árvores viventes;
 Sacra cena! – Ao longo do macio relvado
 Paciam os corceis. A mais que paz rural,
 Deixada pelo vento oeste afluindo acima
 Desde um mar revolto, árvores e torres
 São naquele vale ermo divisadas,
 Ambas quietas e ambas igualmente imóveis;

Such the deep shelter that is there, and such
The safeguard for repose and quietness.

Our steeds remounted and the summons given,
With whip and spur we through the chauntry flew
In uncouth race, and left the cross-legged knight,
And the stone-abbot, and that single wren
Which one day sang so sweetly in the nave
Of the old church, that—though from recent showers
The earth was comfortless, and touched by faint
Internal breezes, sobbings of the place
And respirations, from the roofless walls
The shuddering ivy dripped large drops—yet still
So sweetly 'mid the gloom the invisible bird
Sang to herself, that there I could have made
My dwelling-place, and lived for ever there
To hear such music. Through the walls we flew
And down the valley, and, a circuit made
In wantonness of heart, through rough and smooth
We scampered homewards. Oh, ye rocks and streams,
And that still spirit shed from evening air!
Even in this joyous time I sometimes felt
Your presence, when with slackened step we breathed
Along the sides of the steep hills, or when
Lighted by gleams of moonlight from the sea
We beat with thundering hoofs the level sand.

Midway on long Winander's eastern shore,
Within the crescent of a pleasant bay,
A tavern stood; no homely-featured house,
Primeval like its neighbouring cottages,
But 'twas a splendid place, the door beset
With chaises, grooms, and liveries, and within
Decanters, glasses, and the blood-red wine.
In ancient times, and ere the Hall was built
On the large island, had this dwelling been
More worthy of a poet's love, a hut,
Proud of its own bright fire and sycamore shade.
But—though the rhymes were gone that once inscribed
The threshold, and large golden characters,
Spread o'er the spangled sign-board, had dislodged
The old Lion and usurped his place, in slight
And mockery of the rustic painter's hand—
Yet, to this hour, the spot to me is dear
With all its foolish pomp. The garden lay
Upon a slope surmounted by a plain
Of a small bowling-green; beneath us stood
A grove, with gleams of water through the trees
And over the tree-tops; nor did we want
Refreshment, strawberries and mellow cream.
There, while through half an afternoon we played
On the smooth platform, whether skill prevailed
Or happy blunder triumphed, bursts of glee
Made all the mountains ring. But, ere night-fall,
When in our pinnace we returned at leisure
Over the shadowy lake, and to the beach
Of some small island steered our course with one,
The Minstrel of the Troop, and left him there,
And rowed off gently, while he blew his flute
Alone upon the rock—oh, then, the calm

Tal é o fundo abrigo que lá há, e tal
A salvaguarda pr'o repouso e pr'a quietude.

Nossos corcéis montados e a chamada feita,
Com chicote e espora pelo altar voávamos
Em disparada, atrás deixando o cavaleiro
E o pétreo abade, e a solitária carruira
Que cantou tão docemente um dia na nave
Da abadia, que – embora por recentes chuvas
A terra se encontrasse incômoda e, tocada
Por internas brisas, soluços do lugar
E seu respiro, das paredes destelhadas
Gotejasse a hera trêmula – ainda assim,
Tão doce em meio às trevas a invisível ave
A si cantava, que eu teria feito ali
A minha casa, e para sempre ali vivido
Para ouvir tal canto. Pelos muros voávamos
E vale abaixo, e, co'um circuito percorrido
Eufóricos do coração, por relva e terra
Nós chispávamos pra casa. Oh, rios e fragas,
E aquele quieto espírito do ar da tarde!
Mesmo nesse alegre tempo eu sentia às vezes
Vossa presença, quando, exaustos, respirávamos
Ao lado das colinas íngremes, ou quando
Iluminados pela lua sobre o mar,
Varávamos a areia com troantes cascos.

Ao meio da costa oriental do longo Winander,
Dentro do crescente duma enseada amena,
Havia uma taverna; não uma casa humilde,
Primitiva como as choças vizinhas,
Mas um sítio suntuoso, a porta ornada
Com cabriolés, cocheiros e currais,
Decantadores, taça e o vinho cor de sangue.
Outrora, e antes de erigirem o Salão
Na grande ilha, esta moradia era
Mais digna do amor dum poeta, uma cabana,
Ufana de seu fogo e a sombra dos sicômoros.
Mas – embora tenham-se apagado as rimas que antes
Inscreveram a entrada, e grandes letras áureas,
Sobre a placa reluzente, tenham expulso
O velho Leão e pego seu lugar, por troça
E menosprezo à mão do rústico pintor –
Mas, mesmo até agora, o sítio me é querido
E toda a sua tola pompa. O jardim se achava
Numa encosta recoberta por um curto
Campo para boules; logo abaixo havia
Um bosque, co'o luzir de água em meio às árvores
E sobre as copas; nem a nós faltava
Refeição, morangos e um suave creme.
Ali, enquanto a tarde afora nós brincávamos
Na relva amena, se vencia a habilidade
Ou se um sortudo erro, rasgos de alegria
Ecoavam pelos montes. Mas antes do poente,
Quando em nossa barca com vagar voltávamos
Por sobre o lago umbroso, e rumo a praia
Dum pequeno ilhéu remávamos com um,
O Menestrel do Bando, e lá nós o deixávamos
E regressávamos enquanto entoava a flauta
Solitário sobre a rocha – ah, a calma

And dead still water lay upon my mind
 Even with a weight of pleasure, and the sky,
 Never before so beautiful, sank down
 Into my heart, and held me like a dream!
 Thus were my sympathies enlarged, and thus
 Daily the common range of visible things
 Grew dear to me: already I began
 To love the sun; a boy I loved the sun,
 Not as I since have loved him, as a pledge
 And surety of our earthly life, a light
 Which we behold and feel we are alive;
 Nor for his bounty to so many worlds—
 But for this cause, that I had seen him lay
 His beauty on the morning hills, had seen
 The western mountain touch his setting orb,
 In many a thoughtless hour, when, from excess
 Of happiness, my blood appeared to flow
 For its own pleasure, and I breathed with joy.
 And, from like feelings, humble though intense,
 To patriotic and domestic love
 Analogous, the moon to me was dear;
 For I could dream away my purposes,
 Standing to gaze upon her while she hung
 Midway between the hills, as if she knew
 No other region, but belonged to thee,
 Yea, appertained by a peculiar right
 To thee and thy grey huts, thou one dear Vale!

Those incidental charms which first attached
 My heart to rural objects, day by day
 Grew weaker, and I hasten on to tell
 How Nature, intervenient till this time
 And secondary, now at length was sought
 For her own sake. But who shall parcel out
 His intellect by geometric rules,
 Split like a province into round and square?
 Who knows the individual hour in which
 His habits were first sown, even as a seed?
 Who that shall point as with a wand and say
 "This portion of the river of my mind
 Came from yon fountain?" Thou, my Friend! art one
 More deeply read in thy own thoughts; to thee
 Science appears but what in truth she is,
 Not as our glory and our absolute boast,
 But as a succedaneum, and a prop
 To our infirmity. No officious slave
 Art thou of that false secondary power
 By which we multiply distinctions, then
 Deem that our puny boundaries are things
 That we perceive, and not that we have made.
 To thee, unblinded by these formal arts,
 The unity of all hath been revealed,
 And thou wilt doubt, with me less aptly skilled
 Than many are to range the faculties
 In scale and order, class the cabinet
 Of their sensations, and in voluble phrase
 Run through the history and birth of each
 As of a single independent thing.
 Hard task, vain hope, to analyse the mind,
 If each most obvious and particular thought,

E imóvel água, então, fluía em minha mente,
 Mesmo com um peso de prazer, e o céu,
 Jamais outrora tão bonito, mergulhava
 Em meu coração, e como um sonho me tomava!
 Assim se ampliavam as minhas simpatias, e assim,
 Diariamente, a gama usual do que é visível
 Se tornava a mim mais cara: já eu começava
 A amar o Sol; criança, eu amava o Sol
 Não como desde então o amo, como jura
 E garantia da vida nesta terra, uma luz
 Que contemplamos e sentimos estar vivos;
 Nem por sua caridade a tantos mundos —
 Mas por esta causa, que eu o vi deitar
 A sua beleza nas colinas da manhã, vi
 O monte ocidental tocar sua esfera poente,
 Em muitas horas de ócio, quando, por excesso
 De alegria, meu sangue parecia fluir
 Por gozo próprio, e eu respirava co' alegria.
 E, por emoções iguais, humildes mas intensas,
 À patriótica e à doméstica afeição
 Análogas, a lua era-me querida;
 Pois podia esquecer da vida em devaneios,
 Levantando-me pra vê-la enquanto alçava-se
 Por entre os montes, como se ela não soubesse
 Doutra região, mas pertencesse a ti,
 Sim, pertencida por um singular direito
 A ti e às tuas gris cabanas, caro Vale!

Os casuais encantos que primeiro uniram
 O meu coração ao campo, dia a dia
 Definharam, e eu me apresso em relatar
 Como a Natureza, interventora até então
 E secundária, agora era enfim buscada
 Por si própria. Mas quem há de repartir
 O seu espírito com regras geométricas,
 Partido qual província em círculo e quadrado?
 Quem conhece a hora singular na qual
 Seus hábitos primeiro foram semeados?
 Quem há de apontar com vara e perguntar
 'Esta porção do rio da minha mente veio
 Lá daquela fonte'? Tu, Amigo!, és um
 Mais bem versado em teus pensares; para ti
 A Ciência mostra-se como ela é de fato,
 Não a nossa glória e nosso sumo orgulho,
 Mas somente um sucedâneo e mero amparo
 À nossa tibiez. Nenhum zeloso escravo
 És daquele falso e inferior poder
 Co'o qual multiplicamos distinções, e então
 Julgamos nossas pobres raias como coisas
 Que nós vemos, e não coisas que criamos.
 A ti, não enganado por tais artifícios,
 A união de tudo foi-te revelada,
 E hás de duvidar comigo, menos apto
 Do que muitos pra dispor as faculdades
 Em escala e ordem, rotular a estante
 Das suas sensações, e com fraseado fluido
 Percorrer de cada a história e o nascimento
 Qual se duma coisa independente e única.
 Árduo afã, vã esperança, perscrutar a mente,
 Se os mais óbvios e distintos pensamentos,

Not in a mystical and idle sense,
But in the words of Reason deeply weighed,
Hath no beginning.

Blest the infant Babe,
(For with my best conjecture I would trace
Our Being's earthly progress,) blest the Babe,
Nursed in his Mother's arms, who sinks to sleep
Rocked on his Mother's breast; who with his soul
Drinks in the feelings of his Mother's eye!
For him, in one dear Presence, there exists
A virtue which irradiates and exalts
Objects through widest intercourse of sense.
No outcast he, bewildered and depressed:
Along his infant veins are interfused
The gravitation and the filial bond
Of nature that connect him with the world.
Is there a flower, to which he points with hand
Too weak to gather it, already love
Drawn from love's purest earthly fount for him
Hath beautified that flower; already shades
Of pity cast from inward tenderness
Do fall around him upon aught that bears
Unsightly marks of violence or harm.
Emphatically such a Being lives,
Frail creature as he is, helpless as frail,
An inmate of this active universe.
For feeling has to him imparted power
That through the growing faculties of sense
Doth like an agent of the one great Mind
Create, creator and receiver both,
Working but in alliance with the works
Which it beholds.—Such, verily, is the first
Poetic spirit of our human life,
By uniform control of after years,
In most, abated or suppressed; in some,
Through every change of growth and of decay,
Pre-eminent till death.

From early days,
Beginning not long after that first time
In which, a Babe, by intercourse of touch
I held mute dialogues with my Mother's heart,
I have endeavoured to display the means
Whereby this infant sensibility,
Great birthright of our being, was in me
Augmented and sustained. Yet is a path
More difficult before me; and I fear
That in its broken windings we shall need
The chamois' sinews, and the eagle's wing:
For now a trouble came into my mind
From unknown causes. I was left alone
Seeking the visible world, nor knowing why.
The props of my affections were removed,
And yet the building stood, as if sustained
By its own spirit! All that I beheld
Was dear, and hence to finer influxes
The mind lay open to a more exact
And close communion. Many are our joys
In youth, but oh! what happiness to live
When every hour brings palpable access
Of knowledge, when all knowledge is delight,

Não em um sentido místico e vazio,
Mas nas palavras da Razão bem ponderada,
Não possuem início.

Abençoada a Criança,
(Pois desejo descrever a evolução
Do nosso Ser no mundo); abençoada a Criança,
Acalentada aos braços da sua Mãe; que dorme
Junto ao seio da sua Mãe; que com sua alma
Sorve as emoções do olhar da sua Mãe!
Para ela, numa única Presença amada,
Existe uma virtude que irradia e exalta
Objetos num comércio amplo dos sentidos.
Nenhum proscrito é ele, atônito e abatido:
Ao longo das suas veias infantis se mesclam
A gravidade com o laço filial
Da natureza que o conecta co' o mundo.
Se há uma flor, à qual aponta co' uma mão
Demais infirme pra colhê-la, já o amor,
Vertido do mais puro manacial terreno,
Embeleceu a ele aquela flor; já traços
De piedade, vindos de ternura interna,
Caem à sua volta sobre o que carrega
Marcas hediondas de violência ou mal.
Um Ser como esse vive vigorosamente,
Embora frágil criatura, fraca e frágil,
Um habitante deste enérgico universo;
Pois o sentimento a ele deu poder
Que co' as crescentes faculdades dos sentidos,
Tal como um agente da uma grande Mente,
Cria, ambos criador e quem recebe,
Obrando sempre em aliança com as obras
Que contempla. — Tal, de fato, é o primeiro
Espírito poético da nossa vida,
Com a disciplina do passar dos anos,
Em muitos, mitigado ou suprimido; em outros,
Através de todo crescimento e queda,
Preeminente até a morte.

Desde a infância,
Começando pouco após a vez primeira
Em que, Criança, co' intercurso do contato
Eu tinha mudos diálogos co' o coração
Da minha Mãe, lidei por demonstrar os meios
Pelos quais tal sensibilidade infante,
Grande privilégio do nosso ser, em mim
Foi aumentada e preservada. Mas há um curso
Mais penoso à minha frente: e eu receio
Que em suas curvas descontínuas precisamos
Dos tendões da camurça e as asas da águia:
Pois uma aflição me veio agora à mente
Sem que eu saiba a causa. Eu fui deixado a sós
Buscando o mundo visível, sem saber porquê.
O amparo dos meus sentimentos foi tirado,
E entanto o prédio se firmou, qual se sustido
Por seu próprio espírito! Tudo o que avistava
Me era caro, e assim, a influxos mais sutis
A mente se encontrava aberta, a mais exata
E estreita comunhão. Muitos são nossos júbilos
Na juventude, mas, ah!, que alegria viver
Quando cada hora traz distinto aumento
De saber, quando todo saber é deleite

And sorrow is not there! The seasons came,
 And every season wheresoe'er I moved
 Unfolded transitory qualities,
 Which, but for this most watchful power of love,
 Had been neglected; left a register
 Of permanent relations, else unknown.
 Hence life, and change, and beauty, solitude
 More active even than "best society"—
 Society made sweet as solitude
 By silent inobtrusive sympathies,
 And gentle agitations of the mind
 From manifold distinctions, difference
 Perceived in things, where, to the unwatchful eye,
 No difference is, and hence, from the same source,
 Sublimity joy; for I would walk alone,
 Under the quiet stars, and at that time
 Have felt whate'er there is of power in sound
 To breathe an elevated mood, by form
 Or image unprofaned; and I would stand,
 If the night blackened with a coming storm,
 Beneath some rock, listening to notes that are
 The ghostly language of the ancient earth,
 Or make their dim abode in distant winds.
 Thence did I drink the visionary power;
 And deem not profitless those fleeting moods
 Of shadowy exultation: not for this,
 That they are kindred to our purer mind
 And intellectual life; but that the soul,
 Remembering how she felt, but what she felt
 Remembering not, retains an obscure sense
 Of possible sublimity, whereto
 With growing faculties she doth aspire,
 With faculties still growing, feeling still
 That whatsoever point they gain, they yet
 Have something to pursue.

And not alone,
 'Mid gloom and tumult, but no less 'mid fair
 And tranquil scenes, that universal power
 And fitness in the latent qualities
 And essences of things, by which the mind
 Is moved with feelings of delight, to me
 Came, strengthened with a superadded soul,
 A virtue not its own. My morning walks
 Were early;—oft before the hours of school
 I travelled round our little lake, five miles
 Of pleasant wandering. Happy time! more dear
 For this, that one was by my side, a Friend,
 Then passionately loved; with heart how full
 Would he peruse these lines! For many years
 Have since flowed in between us, and, our minds
 Both silent to each other, at this time
 We live as if those hours had never been.
 Nor seldom did I lift our cottage latch
 Far earlier, ere one smoke-wreath had risen
 From human dwelling, or the vernal thrush
 Was audible; and sate among the woods
 Alone upon some jutting eminence,
 At the first gleam of dawn-light, when the Vale,
 Yet slumbering, lay in utter solitude.
 How shall I seek the origin? where find

E não existe dor! As estações chegavam,
 E cada uma delas, onde quer que eu fosse,
 Revelava qualidades transitórias
 Que, não fosse o vigilante dom do amor,
 Teriam-se perdido; deixaram um registro
 De elos permanente, doutra forma ignotos.
 Disso, mudança, e vida, e encanto, solitude
 Mais ativa mesmo que 'a melhor sociedade' –
 Sociedade feita doce como o exílio
 Por concórdia interna, quieta, comedida,
 E agitações gentis do pensamento
 Com infindas distinções, diversidade
 Vista em coisas onde, ao olho desatento,
 Diferença falta, e disso, com a mesma fonte,
 Gozo mais sublime; pois andava a sós,
 Debaixo dos silentes astros, e nesse tempo
 Sentia o que é que existe de poder no som
 Pra sugerir um elevado humor, por forma
 E imagem não violado; e eu me deixava estar,
 Se a noite escurecia com tormenta próxima,
 Debaixo dum rochedo, ouvindo os sons que formam
 A linguagem espiritual da terra antiga,
 Ou fazem sua sombria morada em ventos longes.
 Daí sorvi a faculdade visionária;
 E julgo não inúteis os humores breves
 De sombria exultação: mas não por isso,
 Pois são próximos da nossa mente pura
 E vida espiritual; mas antes porque a alma,
 Recordando como se sentia, mas
 O que sentia não, conserva um vago senso
 De potencial sublimidade, à qual
 Com florescentes faculdades ela aspira,
 Faculdades graduais, sentindo ainda
 Que qualquer a meta que conquistem, inda
 Algo têm a perseguir.

E não sozinho,
 Em meio à dor e à angústia, mas também em plácidas
 E belas cenas, aquela força universal
 E apropriada nas latentes qualidades
 E essências das coisas, pela qual o espírito
 É movido por deleite, para mim
 Viera reforçado co'uma alma a mais,
 Virtude alheia. Meus passeios matutinos
 Eram cedo; - amiúde antes de ir à escola
 Eu percorria o nosso lago, cinco milhas
 De agradável marcha. Feliz tempo!, e mais
 Por isto, pois havia alguém comigo, um Amigo,
 Tão amado então; co'um coração quão cheio
 Sondaria estes versos! Pois já muito anos
 Decorreram entre nós, e, nossos espíritos
 Silentes um à outro, hoje nós vivemos
 Como se essas horas não tivessem sido.
 Nem rara vez ergui o trinco do chalé
 Mais cedo, antes que espiral de fumo alçasse
 De morada, ou o sabiá da primavera
 Fosse ouvido; e me sentava em meio às árvores,
 Sozinho sobre algum relevo saliente,
 Na primeira luz da aurora, quando o Vale,
 Ainda adormecido, jazia em solidão.
 Como procurarei a origem? Onde encontrar

Faith in the marvellous things which then I felt?
 Oft in these moments such a holy calm
 Would overspread my soul, that bodily eyes
 Were utterly forgotten, and what I saw
 Appeared like something in myself, a dream,
 A prospect in the mind.

'Twere long to tell

What spring and autumn, what the winter snows,
 And what the summer shade, what day and night,
 Evening and morning, sleep and waking, thought
 From sources inexhaustible, poured forth
 To feed the spirit of religious love
 In which I walked with Nature. But let this
 Be not forgotten, that I still retained
 My first creative sensibility;
 That by the regular action of the world
 My soul was unsubdued. A plastic power
 Abode with me; a forming hand, at times
 Rebellious, acting in a devious mood;
 A local spirit of his own, at war
 With general tendency, but, for the most,
 Subservient strictly to external things
 With which it communed. An auxiliary light
 Came from my mind, which on the setting sun
 Bestowed new splendour; the melodious birds,
 The fluttering breezes, fountains that run on
 Murmuring so sweetly in themselves, obeyed
 A like dominion, and the midnight storm
 Grew darker in the presence of my eye:
 Hence my obeisance, my devotion hence,
 And hence my transport.

Nor should this, perchance,

Pass unrecorded, that I still had loved
 The exercise and produce of a toil,
 Than analytic industry to me
 More pleasing, and whose character I deem
 Is more poetic as resembling more
 Creative agency. The song would speak
 Of that interminable building reared
 By observation of affinities
 In objects where no brotherhood exists
 To passive minds. My seventeenth year was come;
 And, whether from this habit rooted now
 So deeply in my mind, or from excess
 In the great social principle of life
 Coercing all things into sympathy,
 To unorganic natures were transferred
 My own enjoyments; or the power of truth
 Coming in revelation, did converse
 With things that really are; I, at this time,
 Saw blessings spread around me like a sea.
 Thus while the days flew by, and years passed on,
 From Nature and her overflowing soul,
 I had received so much, that all my thoughts
 Were steeped in feeling; I was only then
 Contented, when with bliss ineffable
 I felt the sentiment of Being spread
 O'er all that moves and all that seemeth still;
 O'er all that, lost beyond the reach of thought
 And human knowledge, to the human eye

Fé nas maravilhas que eu então sentia?
 Amiúde nessas horas, tão sagrada calma
 Me inundava a alma, que os olhos corporais
 Eram de todo abandonados, e o que eu via
 Parecia alguma coisa em mim, um sonho,
 Uma visão na mente.

Longo seria contar

O que o outono e a primavera, as neves do inverno
 E as sombras do verão, o que o dia e a noite,
 Tarde e manhã, sono e despertar, pensar
 Provindo de infindáveis fontes, derramavam
 Pra nutrir o espírito de amor sagrado
 Em que eu andava junto à Natureza. Mas que isto
 Seja recordado, que eu mantive ainda
 A minha sensibilidade criativa;
 E assim, co'a regular ação do mundo,
 A minha alma não rendeu-se. Um poder plástico
 Mantinha-se comigo; mão formante, às vezes
 Insurreta, agindo de maneira oblíqua;
 Um espírito local seu próprio, em guerra
 Co'as inclinações comuns, mas em geral,
 Servil estritamente às coisas exteriores
 Com que comungava. Uma segunda luz
 Vinha da minha mente, a qual ao sol poente
 Dava um brilho novo; os pássaros melódicos,
 As brisas tremulantes, fontes que corriam
 Murmurando tão amenas, acatavam
 Igual domínio, e a tempestade à meia-noite
 Escurecia mais e mais ao meu olhar;
 Daí minha reverência, minha devoção
 E meu enlevo.

Nem isto deveria, talvez,

Passar sem um registro, que eu ainda amara
 A execução e o resultado dum trabalho,
 Que analítico exercício para mim
 Mais aprazente, e cuja natureza, julgo,
 É mais poética por mais se assemelhar
 À agência criativa. O poema contaria
 Daquele intermimo edifício, construído
 Pela observação de afinidades que há
 Em objetos que não tem fraternidade alguma
 A espíritos passivos. Meus dezessete vieram;
 E, se por este hábito arraigado agora
 Tão profundo em minha mente, ou por excesso
 Do grande princípio social da vida
 Coagindo tudo à mútua relação,
 A naturezas inorgânicas passaram
 Meus prazeres próprios; ou a força da verdade,
 Vindo por revelação, se associou
 Com coisas que de fato existem; nesse tempo,
 Eu via bênçãos me cercarem como um mar.
 Assim, enquanto os dias voavam e anos iam,
 Da Natureza e sua alma transbordante
 Eu tanto recebi, que todo o meu pensar
 Se mergulhava em sentimento; então, só era
 Satisfeito quando, co' inefável júbilo,
 Sentia a sensação do Ser disperso
 Em tudo o que se move e o que parece inerte;
 Em tudo o que, perdido além do pensamento
 E o entendimento humano, para o olhar humano

Invisible, yet liveth to the heart;
 O'er all that leaps and runs, and shouts and sings,
 Or beats the gladsome air; o'er all that glides
 Beneath the wave, yea, in the wave itself,
 And mighty depth of waters. Wonder not
 If high the transport, great the joy I felt,
 Communing in this sort through earth and heaven
 With every form of creature, as it looked
 Towards the Uncreated with a countenance
 Of adoration, with an eye of love.
 One song they sang, and it was audible,
 Most audible, then, when the fleshly ear,
 O'ercome by humblest prelude of that strain,
 Forgot her functions, and slept undisturbed.

If this be error, and another faith
 Find easier access to the pious mind,
 Yet were I grossly destitute of all
 Those human sentiments that make this earth
 So dear, if I should fail with grateful voice
 To speak of you, ye mountains, and ye lakes
 And sounding cataracts, ye mists and winds
 That dwell among the hills where I was born.
 If in my youth I have been pure in heart,
 If, mingling with the world, I am content
 With my own modest pleasures, and have lived
 With God and Nature communing, removed
 From little enmities and low desires,
 The gift is yours; if in these times of fear,
 This melancholy waste of hopes overthrown,
 If, 'mid indifference and apathy,
 And wicked exultation when good men
 On every side fall off, we know not how,
 To selfishness, disguised in gentle names
 Of peace and quiet and domestic love,
 Yet mingled not unwillingly with sneers
 On visionary minds; if, in this time
 Of dereliction and dismay, I yet
 Despair not of our nature, but retain
 A more than Roman confidence, a faith
 That fails not, in all sorrow my support,
 The blessing of my life; the gift is yours,
 Ye winds and sounding cataracts! 'tis yours,
 Ye mountains! thine, O Nature! Thou hast fed
 My lofty speculations; and in thee,
 For this uneasy heart of ours, I find
 A never-failing principle of joy
 And purest passion.

Thou, my Friend! wert reared
 In the great city, 'mid far other scenes;
 But we, by different roads, at length have gained
 The self-same bourne. And for this cause to thee
 I speak, unapprehensive of contempt,
 The insinuated scoff of coward tongues,
 And all that silent language which so oft
 In conversation between man and man
 Blots from the human countenance all trace
 Of beauty and of love. For thou hast sought
 The truth in solitude, and, since the days
 That gave thee liberty, full long desired

Oculto, mas que vive para o coração;
 Em tudo o que saltita e corre, e grita e canta,
 Ou cruza o ar alegre; em tudo o que desliza
 Sob as ondas, sim, na própria onda em si,
 E o imenso abismo do oceano. Não te admires
 Se elevado o enlevo, grande o gozo que senti,
 Ao comungar assim por toda terra e céu
 Com cada forma de criatura, enquanto olhavam
 Em direção ao Incriado co'um semblante
 De veneração, com um olhar de amor.
 Uma única canção cantavam, e era audível,
 Mais audível, quando o ouvido corporal,
 Tomado por um só prelúdio dessa ária,
 Deixava suas funções, e adormecia em paz.

Se isto for um erro, e alguma fé diversa
 Achar acesso mais direto à mente pia,
 Ainda em grave falta eu estaria de todas
 Emoções humanas que a esta terra tornam
 Tão amada, se esquecesse de em voz grata
 Referir-me a vós, vós montes e vós lagos,
 E estrondosas cataratas, névoas e ventos
 Que habitais entre as colinas que nasci.
 Se fui na juventude puro em coração,
 Se, associando-me co'o mundo, sou contente
 Com meus módicos prazeres, e tenho vivido
 Em comunhão com Deus e a Natureza, longe
 De pequenos ódios e desejos baixos,
 É vosso o dom; se nessas horas de temor,
 No triste ermo de esperanças derrocadas,
 Se, no meio de frieza e indiferença,
 E júbilo perverso, quando homens nobres
 Ao redor sucumbem, sem sabermos como,
 Ao egoísmo, disfarçado em doces nomes
 De quietude e placidez e amor doméstico,
 E entanto unido não com relutância a escárnios
 Contra mentes visionárias; se, nesse tempo
 De abandono e desalento, ainda assim
 Não perco a fé na nossa essência, mas conservo
 Uma certeza mais do que romana, crença
 Que não falha, em toda angústia meu apoio,
 A bênção da minha vida; é vosso o dom,
 Vós ventos e estrondosas cataratas!, vosso,
 Ó montes!, teu, Ó Natureza! Tu nutriste
 Minhas altas especulações; e em ti,
 Pra este nosso coração inquieto, encontro
 Um sempre sólido princípio de alegria
 E de paixão.

Tu, meu Amigo!, foste criado
 Na cidade grande, em meio a outras cenas,
 Mas, por diferentes vias, atingimos
 Uma mesma meta. E por esta causa a ti
 Me volto, sem apreensão de menosprezo,
 O escárnio insinuado de covardes línguas,
 E tudo o que a linguagem tácita, que amiúde
 No diálogo do homem com o homem
 Apaga do semblante humano todo o traço
 De beleza e amor. Pois tu tens procurado
 A verdade na solidão, e, desde os dias
 Que a ti deram liberdade, há muito quista,

To serve in Nature's temple, thou hast been
 The most assiduous of her ministers;
 In many things my brother, chiefly here
 In this our deep devotion.

Fare thee well!

Health and the quiet of a healthful mind
 Attend thee! seeking oft the haunts of men,
 And yet more often living with thyself,
 And for thyself, so haply shall thy days
 Be many, and a blessing to mankind.

Pra servir na ermida da Natura, tens sido
 O mais assíduo dentre todos seus ministros,
 Em muitas coisas meu irmão, mais aqui,
 Nesta nossa devoção profunda.

Vai com Deus!

Saúde e a quietude de uma mente sã
 Te assistam!, procurando amiúde os antros de homens,
 E no entanto mais vivendo com ti mesmo
 E por ti mesmo, e então teus dias hão de ser,
 Quem sabe, muitos, e uma bênção à humanidade.

Book Third
Residence at Cambridge

It was a dreary morning when the wheels
Rolled over a wide plain o'erhung with clouds,
And nothing cheered our way till first we saw
The long-roofed chapel of King's College lift
Turrets and pinnacles in answering files,
Extended high above a dusky grove.

Advancing, we espied upon the road
A student clothed in gown and tasselled cap,
Striding along as if o'ertasked by Time,
Or covetous of exercise and air;
He passed—nor was I master of my eyes
Till he was left an arrow's flight behind.
As near and nearer to the spot we drew,
It seemed to suck us in with an eddy's force.
Onward we drove beneath the Castle; caught,
While crossing Magdalene Bridge, a glimpse of Cam;
And at the *Hoop* alighted, famous Inn.

My spirit was up, my thoughts were full of hope;
Some friends I had, acquaintances who there
Seemed friends, poor simple school-boys, now hung round
With honour and importance: in a world
Of welcome faces up and down I roved;
Questions, directions, warnings and advice,
Flowed in upon me, from all sides; fresh day
Of pride and pleasure! to myself I seemed
A man of business and expense, and went
From shop to shop about my own affairs,
To Tutor or to Tailor, as befel,
From street to street with loose and careless mind.

I was the Dreamer, they the Dream; I roamed
Delighted through the motley spectacle;
Gowns grave, or gaudy, doctors, students, streets,
Courts, cloisters, flocks of churches, gateways, towers:
Migration strange for a stripling of the hills,
A northern villager.

As if the change
Had waited on some Fairy's wand, at once
Behold me rich in monies, and attired
In splendid garb, with hose of silk, and hair
Powdered like rimy trees, when frost is keen.
My lordly dressing-gown, I pass it by,
With other signs of manhood that supplied
The lack of beard.—The weeks went roundly on,
With invitations, suppers, wine and fruit,
Smooth housekeeping within, and all without
Liberal, and suiting gentleman's array.

The Evangelist St. John my patron was:
Three Gothic courts are his, and in the first
Was my abiding-place, a nook obscure;
Right underneath, the College kitchens made
A humming sound, less tuneable than bees,

Livro Terceiro
Estadia em Cambridge

Era uma manhã soturna quando as rodas
Se arrastaram sobre um campo escurecido,
E nada divertia o trajeto, até que vimos
A capela do King's College levantar
Pináculos e torreões em renques pares,
Estendidos altos sobre o bosque umbroso.

Seguindo em frente, divisamos pela estrada
Um estudante que trajava gorro e toga,
Andando às pressas qual se instado pelo Tempo,
Ou desejoso de exercício e um pouco de ar;
Passou – nem pude reaver o meu olhar
Até que esteve a uma flechada de distância.
Ao mais e mais nos achegamos do destino,
Parecia nos puxar qual turbilhão.
Avante transcorremos o Castelo; vimos,
Ao cruzar a Ponte de Magdalene, o Cam;
E no *Hoop* nós descemos, célebre estalagem.

Meu espírito estava vivo, e cheio de esperança;
Alguns amigos tinha, conhecidos que ali
Pareciam amigos, estudantes pobres, ora
Cheios de honra e de importância; em meio a um mundo
De faces cordiais, eu ia e vinha sem parar;
Perguntas, direções, avisos e conselhos
Vinham a mim, de todo lado; um novo dia
De prazer e orgulho!, a mim eu parecia
Um homem de negócios e despesas, e ia
De loja em loja perseguindo meus assuntos,
Pra Alfaiate ou pra Tutor, conforme o caso,
Rua a rua co'uma mente incauta e livre.

Eu era o Sonhador, eles, o Sonho; andava
Deleitado co' espetáculo diverso;
Togas graves, ou vistosas, mestres, estudantes,
Pátios, claustros, igrejas, portões e torres:
Estranha migração para um rapaz dos montes,
Um aldeão do norte.

Como se a mudança
Fosse o efeito da varinha duma Fada,
Me acho de repente rico e ataviado
Em trajes nobres, meias de seda, e meus cabelos
Empoados como a árvore na geada.
A minha suntuosa toga, deixo-a estar,
Com outras marcas de adultez que compensavam
A escassez da barba. – As semanas voavam,
Fartas de convites, ceias, vinho e frutos,
Vida calma em casa, e fora, liberal,
E a combinar, vestido como um cavalheiro.

São João, o Evangelista, era o meu patrono:
Três pátios góticos são seus, e no primeiro
Havia o meu alojamento, um canto obscuro;
Embaixo, as cozinhas do colégio faziam
Um zumbido, menos doce que o de abelhas,

But hardly less industrious; with shrill notes
 Of sharp command and scolding intermixed.
 Near me hung Trinity's loquacious clock,
 Who never let the quarters, night or day,
 Slip by him unproclaimed, and told the hours
 Twice over with a male and female voice.
 Her pealing organ was my neighbour too;
 And from my pillow, looking forth by light
 Of moon or favouring stars, I could behold
 The antechapel where the statue stood
 Of Newton with his prism and silent face,
 The marble index of a mind for ever
 Voyaging through strange seas of Thought, alone.

Of College labours, of the Lecturer's room
 All studded round, as thick as chairs could stand,
 With loyal students faithful to their books,
 Half-and-half idlers, hardy recusants,
 And honest dunces—of important days,
 Examinations, when the man was weighed
 As in a balance! of excessive hopes,
 Tremblings withal and commendable fears,
 Small jealousies, and triumphs good or bad,
 Let others that know more speak as they know.
 Such glory was but little sought by me,
 And little won. Yet from the first crude days
 Of settling time in this untried abode,
 I was disturbed at times by prudent thoughts,
 Wishing to hope without a hope, some fears
 About my future worldly maintenance,
 And, more than all, a strangeness in the mind,
 A feeling that I was not for that hour,
 Nor for that place. But wherefore be cast down?
 For (not to speak of Reason and her pure
 Reflective acts to fix the moral law
 Deep in the conscience, nor of Christian Hope,
 Bowing her head before her sister Faith
 As one far mightier), hither I had come,
 Bear witness Truth, endowed with holy powers
 And faculties, whether to work or feel.
 Oft when the dazzling show no longer new
 Had ceased to dazzle, oftimes did I quit
 My comrades, leave the crowd, buildings and groves,
 And as I paced alone the level fields
 Far from those lovely sights and sounds sublime
 With which I had been conversant, the mind
 Drooped not; but there into herself returning,
 With prompt rebound seemed fresh as heretofore.
 At least I more distinctly recognised
 Her native instincts: let me dare to speak
 A higher language, say that now I felt
 What independent solaces were mine,
 To mitigate the injurious sway of place
 Or circumstance, how far soever changed
 In youth, or to be changed in manhood's prime;
 Or for the few who shall be called to look
 On the long shadows in our evening years,
 Ordained precursors to the night of death.
 As if awakened, summoned, roused, constrained,
 I looked for universal things; perused

Mas não menos diligente, com agudas
 Notas de censura e mando misturadas.
 Perto, encontrava-se o loquaz relógio de Trinity,
 Que nunca via os quartos de hora, noite ou dia,
 Sem que os proclamasse, e anunciava as horas
 Uma vez com voz de homem e outra de mulher.
 Seu carrilhão também achava-se ali perto;
 E do meu leito, olhando em frente sob a luz
 Da lua ou estrelas oportunas, eu podia
 Contemplar o pórtico onde a estátua erguia-se
 De Newton, com seu prisma e rosto silencioso,
 A mão marmórea de um espírito pra sempre
 Viajando estranhos mares do Pensar, sozinho.

Das lidas acadêmicas, da sala de aula
 Abarrotada, o quanto o espaço permitia,
 Com alunos leais, fieis aos seus volumes,
 Parte ociosos, parte firmes dissidentes
 E imbecis totais – de dias importantes,
 Testes, quando o homem era então pesado
 Como se em balança!, de sonhos desmedidos,
 Com tremores e louváveis aflições,
 Pequenos ciúmes e triunfos bons ou maus –
 Que outros que melhor sabem digam o que sabem.
 Tal glória pouco procurada foi por mim,
 E pouco ganha. Mas, desde os primeiros dias
 De instalar-me nesta nova habitação,
 Por vez me perturbaram cautos pensamentos,
 Desejando ansiar sem um anseio, medos
 Quanto aos meus futuros meios de sustento,
 E ainda, mais que tudo, uma estranhez na mente,
 Um sentimento de eu não ser pra aquela hora
 Nem pra tal lugar. Mas pra que desanimar?
 Pois (não falando da Razão e de seus puros
 Atos reflexivos, que fixam a lei moral
 No âmago da mente, nem da Esperança Cristã,
 Curvando a frente diante a sua irmã, a Fé,
 Como a um muito mais poderoso), aqui vim ter,
 Verdade ateste, cheio de sagrados dons
 E faculdades, pra criar ou pra sentir.
 Amiúde, quando o espetáculo já velho
 Não mais deslumbrava, amiúde abandonava
 Meus amigos, prédios, bosques, multidões,
 E, enquanto pelos campos caminhava a sós,
 Longe daquelas belas vistas e sons sublimes
 Com os quais eu era familiar, o espírito
 Não se abatia; mas lá, voltando pra si mesmo,
 Com ressalto presto parecia novo.
 Ao menos mais distintamente eu discernia
 Seus instintos natos: ousarei falar
 Em língua mais sublime, dizer que então senti
 Que independentes refrigérios eram meus
 Pra mitigar a vil influência de lugar
 Ou circunstância, não importa o quão mudado
 Em juventude, ou a ser mudado quando adulto;
 Ou aos poucos que serão chamados para ver
 As longas sombras em nossos anos vespertinos,
 Precursores ordenados da noite da morte.
 Qual se acordado, convocado, compelido,
 Eu procurava por coisas universais:

The common countenance of earth and sky:
 Earth, nowhere unembellished by some trace
 Of that first Paradise whence man was driven;
 And sky, whose beauty and bounty are expressed
 By the proud name she bears—the name of Heaven.
 I called on both to teach me what they might;
 Or turning the mind in upon herself
 Pored, watched, expected, listened, spread my thoughts
 And spread them with a wider creeping; felt
 Incumbencies more awful, visitings
 Of the Upholder of the tranquil soul,
 That tolerates the indignities of Time,
 And, from the centre of Eternity
 All finite motions overruling, lives
 In glory immutable. But peace! enough
 Here to record that I was mounting now
 To such community with highest truth.

A track pursuing, not untrod before,
 From strict analogies by thought supplied
 Or consciousnesses not to be subdued.
 To every natural form, rock, fruit or flower,
 Even the loose stones that cover the high-way,
 I gave a moral life: I saw them feel,
 Or linked them to some feeling: the great mass
 Lay bedded in a quickening soul, and all
 That I beheld respired with inward meaning.
 Add that whatever of Terror or of Love
 Or Beauty, Nature's daily face put on
 From transitory passion, unto this
 I was as sensitive as waters are
 To the sky's influence in a kindred mood
 Of passion; was obedient as a lute
 That waits upon the touches of the wind.
 Unknown, unthought of, yet I was most rich—
 I had a world about me—'twas my own;
 I made it, for it only lived to me,
 And to the God who sees into the heart.
 Such sympathies, though rarely, were betrayed
 By outward gestures and by visible looks:
 Some called it madness—so indeed it was,
 If child-like fruitfulness in passing joy,
 If steady moods of thoughtfulness matured
 To inspiration, sort with such a name;
 If prophecy be madness; if things viewed
 By poets in old time, and higher up
 By the first men, earth's first inhabitants,
 May in these tutored days no more be seen
 With undisordered sight. But leaving this,
 It was no madness, for the bodily eye
 Amid my strongest workings evermore
 Was searching out the lines of difference
 As they lie hid in all external forms,
 Near or remote, minute or vast, an eye
 Which from a tree, a stone, a withered leaf,
 To the broad ocean and the azure heavens
 Spangled with kindred multitudes of stars,
 Could find no surface where its power might sleep;
 Which spake perpetual logic to my soul,
 And by an unrelenting agency

Sondava a face habitual do céu e terra;
 Terra, em parte alguma falta dalgum traço
 Da beleza do primeiro Paraíso;
 E céu, cuja beleza e graça são expressos
 Pelo seu altivo nome – o nome Céu.
 Chamei a ambos pra ensinar-me o que pudessem;
 Ou, voltando o meu espírito em si mesmo,
 Meditei, vigiei, ouvi, verti meus pensamentos
 E verti-os co'um medrar mais amplo; senti
 Obrigações mais graves, e visitas
 Daquele que sustém o espírito sereno,
 Que tolera as detrações do tempo, e que,
 Do âmago da Eternidade, governando
 Todo movimento transitório, vive
 Em glória eterna. Mas paz!, é já o bastante
 Aqui gravar que estava agora me elevando
 À comunhão com a verdade mais suprema.

Um curso perseguindo, não inexplorado,
 Desde analogias pela mente dadas
 Ou consciências nunca a serem subjugadas.
 A cada forma natural, flor, futo ou rocha,
 Mesmo as pedras soltas que recobrem a estrada,
 Eu dei uma vida moral: vi-as sentir,
 Ou as liguei a um sentimento: a grande massa
 Repousava numa alma ativa, e tudo
 Que avistava respirava com sentido interno.
 Acresce que o quer que de Terror ou Amor
 Ou Encanto a face diária da Natura usasse
 Vindo de paixões efêmeras, a isso
 Eu era tão sensível como as águas são
 À influência do céu: num semelhante ardor,
 Eu era obediente como um alaúde
 À espera pelos toque que lhe tange o vento.
 Esquecido, ignorado, mas eu era rico -
 Eu tinha um mundo à minha volta – ele era meu;
 Eu o criei, pois existia só pra mim,
 E para o Deus que vê adentro o coração.
 Tais simpatias, bem que raro, revelavam-se
 Por gestos exteriores e ares perceptíveis:
 Uns chamavam-lhe loucura – e assim o era,
 Se o infantil excesso na alegria breve,
 Se a meditação contínua maturada
 A inspiração concordam co'esse nome;
 Se profecia for loucura; se as coisas vistas
 Pelos poetas do passado, e mais ainda,
 Pelos homens que primeiro habitaram a terra,
 Não mais nesta era instruída sejam vistas
 Co'um olhar imperturbado. Mas, fora isto,
 Não era loucura, pois o olhar corpóreo,
 Em meio aos meus labores mais severos, sempre
 Esteve em busca pelas linhas de contraste
 Como se ocultavam em toda forma externa,
 Próxima ou distante, exígua ou vasta: olhar
 Que, duma árvore, uma rocha ou folha seca
 Até o imenso oceano e o firmamento azul,
 Coberto por miríades de irmãos estrelas,
 Não achava espaço em que pousasse o seu poder;
 O qual falava à minha alma eterna lógica,
 E que, através de sua agência infatigável,

Did bind my feelings even as in a chain.

And here, Friend! have I retraced my life
Up to an eminence, and told a tale
Of matters which not falsely may be called
The glory of my youth. Of genius, power,
Creation and divinity itself
I have been speaking, for my theme has been
What passed within me. Not of outward things
Done visibly for other minds, words, signs,
Symbols or actions, but of my own heart
Have I been speaking, and my youthful mind.
O Heavens! how awful is the might of souls,
And what they do within themselves while yet
The yoke of earth is new to them, the world
Nothing but a wild field where they were sown.
This is, in truth, heroic argument,
This genuine prowess, which I wished to touch
With hand however weak, but in the main
It lies far hidden from the reach of words.
Points have we all of us within our souls
Where all stand single; this I feel, and make
Breathings for incommunicable powers;
But is not each a memory to himself,
And, therefore, now that we must quit this theme,
I am not heartless, for there's not a man
That lives who hath not known his god-like hours,
And feels not what an empire we inherit
As natural beings in the strength of Nature.

No more: for now into a populous plain
We must descend. A Traveller I am,
Whose tale is only of himself; even so,
So be it, if the pure of heart be prompt
To follow, and if thou, my honoured Friend!
Who in these thoughts art ever at my side,
Support, as heretofore, my fainting steps.

It hath been told, that when the first delight
That flashed upon me from this novel show
Had failed, the mind returned into herself;
Yet true it is, that I had made a change
In climate, and my nature's outward coat
Changed also slowly and insensibly.
Full oft the quiet and exalted thoughts
Of loneliness gave way to empty noise
And superficial pastimes; now and then
Forced labour, and more frequently forced hopes;
And, worst of all, a treasonable growth
Of indecisive judgments, that impaired
And shook the mind's simplicity.—And yet
This was a gladsome time. Could I behold—
Who, less insensible than sodden clay
In a sea-river's bed at ebb of tide,
Could have beheld,—with undelighted heart,
So many happy youths, so wide and fair
A congregation in its budding-time
Of health, and hope, and beauty, all at once
So many divers samples from the growth
Of life's sweet season—could have seen unmoved

Liava as minhas emoções como em cadeia.

E aqui, oh Amigo!, retracei a minha vida
Até um ponto alto, e relatei um conto
Sobre o que não falso possa ser chamado
A glória da minha juventude. Sobre gênio,
Criação, poder e mesmo o que é divino
Eu tenho dito, pois o meu tema tem sido
O que passou em mim. Não de coisas externas
Manifestas a outras mentes, símbolos, palavras
Signos ou ações, mas do meu coração
Eu tenho dito, e meu espírito juvenil.
Oh Céus!, quão assombroso é o poder das almas,
E o que fazem em si mesmas, enquanto ainda
O jugo desta terra lhes é novo, o mundo,
Só um campo bravo onde são semeadas.
É isto, de verdade, um argumento heróico,
Esta proeza autêntica, que eu quis tocar
Com mão embora fraca, mas que no geral
Se encontra oculta além do alcance das palavras.
Lugares temos todos nós em nossas almas
Onde tudo é uno; isto sinto, e faço
Enunciações a forças incommunicáveis;
Mas não é cada um uma memória pra si mesmo?
E, assim, ora que temos de deixar o tema,
Não me sinto triste, pois não há ninguém
Que vive que não conheceu suas horas célebres,
E que não sinta o império que nós recebemos,
Como seres naturais, da Natureza.

Já basta: pois agora a um plaino populoso
Temos de descer. Um viajante eu sou,
De quem o conto é apenas sobre si: mesmo assim,
Assim o seja, se o de puro coração
For presto pra seguir, e tu, honrado Amigo!,
Que nestes pensamentos sempre estás comigo
Apoies, qual tens feito, meus incertos passos.

Foi já contado que, quando o primeiro encanto
Que raiou em mim desse espetáculo novel
Falhou, o espírito voltou-se sobre si:
Mas é verdade, que eu fizera uma mudança
De ambiente, e a veste externa do meu ser
Mudou também de forma lenta e imperceptível.
Amiúde, os quietos e exaltados pensamentos
De solidão deram espaço a ruídos vãos
E a distrações vazias; ou, de vez em quando,
Lida imposta, ou mais amiúde, imposto anseio.
E, pior que tudo, o crescimento traiçoeiro
De juízos indecisos, que minavam
E abalavam a simplez da mente. — E entanto,
Era um tempo alegre. Poderia eu ver —
Quem, menos insensível do que a argila húmida
Na volta da maré na foz dum rio marinho,
Poderia ver — co'um coração alheio
Tantos jovens joviais, tão vasta e bela
Uma congregação na sua floração
De saúde e de esperança e encanto, ao mesmo tempo
Tantas e diversas mostras do viçar
Da amável estação da vida — ver apático

That miscellaneous garland of wild flowers
 Decking the matron temples of a place
 So famous through the world? To me, at least,
 It was a goodly prospect: for, in sooth,
 Though I had learnt betimes to stand unpropped,
 And independent musings pleased me so
 That spells seemed on me when I was alone,
 Yet could I only cleave to solitude
 In lonely places; if a throng was near
 That way I leaned by nature; for my heart
 Was social, and loved idleness and joy.

Not seeking those who might participate
 My deeper pleasures (nay, I had not once,
 Though not unused to mutter lonesome songs,
 Even with myself divided such delight,
 Or looked that way for aught that might be clothed
 In human language), easily I passed
 From the remembrances of better things,
 And slipped into the ordinary works
 Of careless youth, unburthened, unalarmed.
Caverns there were within my mind which sun
 Could never penetrate, yet did there not
 Want store of leafy *arbours* where the light
 Might enter in at will. Companionships,
 Friendships, acquaintances, were welcome all.
 We sauntered, played, or rioted; we talked
 Unprofitable talk at morning hours;
 Drifted about along the streets and walks,
 Read lazily in trivial books, went forth
 To gallop through the country in blind zeal
 Of senseless horsemanship, or on the breast
 Of Cam sailed boisterously, and let the stars
 Come forth, perhaps without one quiet thought.

Such was the tenor of the second act
 In this new life. Imagination slept,
 And yet not utterly. I could not print
 Ground where the grass had yielded to the steps
 Of generations of illustrious men,
 Unmoved. I could not always lightly pass
 Through the same gateways, sleep where they had slept,
 Wake where they waked, range that inclosure old,
 That garden of great intellects, undisturbed.
 Place also by the side of this dark sense
 Of noble feeling, that those spiritual men,
 Even the great Newton's own ethereal self,
 Seemed humbled in these precincts thence to be
 The more endeared. Their several memories here
 (Even like their persons in their portraits clothed
 With the accustomed garb of daily life)
 Put on a lowly and a touching grace
 Of more distinct humanity, that left
 All genuine admiration unimpaired.

Beside the pleasant Mill of Trompington
 I laughed with Chaucer in the hawthorn shade;
 Heard him, while birds were warbling, tell his tales
 Of amorous passion. And that gentle Bard,
 Chosen by the Muses for their Page of State—

A grinalda vária de silvestres flores
 Adornando a fronte matronal dum sítio
 Tão famoso em todo o mundo? A mim, ao menos,
 Era um belo panorama: pois, de fato,
 Embora houvesse já aprendido a estar à sós,
 E livres devaneios me agradassem tanto
 Que eu sozinho parecia enfeitado,
 Ainda eu só podia me prender à solidão
 Em sítios ermos; caso houvesse um grupo perto,
 Para lá eu pendia; pois meu coração
 Era social, e amava o ócio e a diversão.

Não procurando aqueles que pudessem partilhar
 Dos meus prazers mais profundos (não, jamais,
 Embora afeito a murmurar canções sozinho,
 Nem comigo dividia tal deleite,
 Ou lá buscava algo que pudesse usar
 Linguagem humana), facilmente eu me afastava
 Das lembranças do que me era mais querido,
 E me lançava nas ações habituais
 Da incauta juventude, calmo, imperturbado.
Grutas havia em minha mente onde o sol
 Não conseguia penetrar, mas lá jamais
 Faltavam *pérgolas* frondosas onde a luz
 Pudesse entrar ao seu querer. Companhia,
 Amigos, conhecidos, eram todos bem-vindos.
 Passeios, jogos e arruaças perseguíamos,
 E vãs conversas logo cedo de manhã;
 Seguíamos ao acaso em ruas e alamedas,
 Líamos de livros triviais, corríamos
 À galope pelo campo em cego ardor
 De incauta equitação, e pelo Cam singrávamos
 Com algazarra, até as estrelas despontarem,
 Sem, talvez, sequer um quieto pensamento.

Tal era a qualidade do segundo ato
 Nessa nova vida. A imaginação dormia,
 Não, porém, de todo. Eu não podia andar
 Lá onde a relva havia se rendido aos passos
 De diversas gerações de homens célebres,
 Não comovido. Eu não podia atravessar
 Os mesmos pórticos, dormir onde dormiram,
 Percorrer aquele antigo espaço, aquele
 Jardim de grandes intelectos, imperturbado.
 Acresce ainda junto a este senso obscuro
 De nobre sentimento, que esses grandes homens,
 Mesmo o etéreo espírito do grande Newton,
 Pareciam mais humildes nesse ambiente,
 E assim, mais caros. Suas recordações aqui
 (Tal como as suas aparências nos retratos,
 Com o traje habitual da vida diária)
 Tinham uma humilde e comovente graça
 De mais viva humanidade, que deixava
 Toda genuína estima inalterada.

Junto ao agradável Moinho de Trompington,
 Eu ri com Chaucer; à sombra do espinheiro-alvar
 Ouvi-o, ao som das aves, relatar seu conto
 De paixão ardente. E aquele meigo Bardo,
 Eleito pelas Musas como seu Pajém —

Sweet Spenser, moving through his clouded heaven
 With the moon's beauty and the moon's soft pace,
 I called him Brother, Englishman, and Friend!
 Yea, our blind Poet, who, in his later day,
 Stood almost single; uttering odious truth—
 Darkness before, and danger's voice behind,
 Soul awful—if the earth has ever lodged
 An awful soul—I seemed to see him here
 Familiarly, and in his scholar's dress
 Bounding before me, yet a stripling youth—
 A boy, no better, with his rosy cheeks
 Angelical, keen eye, courageous look,
 And conscious step of purity and pride.
 Among the band of my compeers was one
 Whom chance had stationed in the very room
 Honoured by Milton's name. O temperate Bard!
 Be it confest that, for the first time, seated
 Within thy innocent lodge and oratory,
 One of a festive circle, I poured out
 Libations, to thy memory drank, till pride
 And gratitude grew dizzy in a brain
 Never excited by the fumes of wine
 Before that hour, or since. Then, forth I ran
 From the assembly; through a length of streets,
 Ran, ostrich-like, to reach our chapel door
 In not a desperate or opprobrious time,
 Albeit long after the importunate bell
 Had stopped, with wearisome Cassandra voice
 No longer haunting the dark winter night.
 Call back, O Friend! a moment to thy mind
 The place itself and fashion of the rites.
 With careless ostentation shouldering up
 My surplice, through the inferior throng I clove
 Of the plain Burghers, who in audience stood
 On the last skirts of their permitted ground,
 Under the pealing organ. Empty thoughts!
 I am ashamed of them: and that great Bard,
 And thou, O Friend! who in thy ample mind
 Hast placed me high above my best deserts,
 Ye will forgive the weakness of that hour,
 In some of its unworthy vanities,
 Brother to many more.

In this mixed sort

The months passed on, remissly, not given up
 To wilful alienation from the right,
 Or walks of open scandal, but in vague
 And loose indifference, easy likings, aims
 Of a low pitch—duty and zeal dismissed,
 Yet Nature, or a happy course of things
 Not doing in their stead the needful work.
 The memory languidly revolved, the heart
 Reposed in noontide rest, the inner pulse
 Of contemplation almost failed to beat.
 Such life might not inaptly be compared
 To a floating island, an amphibious spot
 Unsound, of spongy texture, yet withal
 Not wanting a fair face of water weeds
 And pleasant flowers. The thirst of living praise,
 Fit reverence for the glorious Dead, the sight
 Of those long vistas, sacred catacombs,

Amável Spenser, percorrendo um céu de nuvens
 Co'a beleza e o suave passo do luar,
 Chamei-o meu Irmão, Inglês e Camarada!
 Sim, nosso Poeta cego, quem, ao fim da vida,
 Esteve quase só; entoando atroz verdade –
 Breu à frente e o brado do perigo atrás,
 Alma assombrosa – se jamais a terra teve
 Uma assombrosa alma – eu quase o via aqui
 Familiarmente, e em sua beca de erudito,
 Andando a passos largos, inda um tenro jovem –
 Um garoto apenas, com sua rósea face
 Angelical, olhar vivaz, valente vista,
 E consciente passo de pureza e brio.
 No bando dos meus companheiros tinha um
 A quem o acaso havia posto bem no quarto
 Honrado pelo nome de Milton. Ó sóbrio Bardo!
 Seja confessado que, à primeira vez
 Sentado em teu inocente quarto e oratório,
 Um dentre um círculo festivo, libações
 Verti, bebi à tua memória, até que o orgulho
 E a gratidão ficassem turvas numa mente
 Nunca afervorada por vapor de vinho
 Outrora ou outra vez. Entao, saí correndo
 Da assembléia; percorrendo algumas ruas,
 Me apressei, como a avestruz, até a capela,
 Não em hora oprobriosa ou desolada,
 Embora muito após o inoportuno sino
 Ter parado, com voz chata de Cassandra
 Não mais assombrando a negra noite de inverno.
 Evoca, Ó Amigo!, um momento à tua memória,
 O sítio em si e a condição da cerimônia.
 Com imprudente ostentação, levando ao ombros
 A sobrepeliz, por entre a turba fui
 Dos módicos Burgueses, que em reunião se achavam
 No limite do terreno permitido,
 Sob o órgão ressoante. Vãs ideias!
 Delas me envergonho: e aquele grande Bardo
 E tu, Ó Amigo!, quem, em tua vasta mente
 Pôs-me acima dos meus maiores méritos,
 Vós heis de perdoar a tibiez daquela hora,
 Quanto a certas de suas indignas vaidades,
 Irmã de muitas mais.

Dessa maneira mista

Os meses se passaram, negligentes, não dados
 A alienação intencional do certo,
 Ou mostras de patente afronta, mas em vaga
 E lassa indiferença, gostos fáceis, metas
 Sem paixão – dever e empenho dispensados,
 Mas a Natureza, ou o feliz rumar das coisas,
 Não fazendo em seu lugar o afã devido.
 A memória lenta revolvía, o coração
 Dormia no vagar da sesta, o interno pulso
 Da contemplação já quase não batia.
 Tal vida pode, com razão, ser comparada
 Co'uma ilha flutuante, amfíbio sítio
 Doentio, de aspecto esponjoso, entanto
 Não faltando a bela face de ervas d'água
 E doces flores. A sede por louvor vivente,
 Justo apreço aos nobres Mortos, a visão
 Daquelas vastas cenas, sacras catacumbas,

Where mighty *minds* lie visibly entombed,
 Have often stirred the heart of youth, and bred
 A fervent love of rigorous discipline.—
 Alas! such high emotion touched not me.
 Look was there none within these walls to shame
 My easy spirits, and discountenance
 Their light composure, far less to instil
 A calm resolve of mind, firmly addressed
 To puissant efforts. Nor was this the blame
 Of others but my own; I should, in truth,
 As far as doth concern my single self,
 Misdemean most widely, lodging it elsewhere:
 For I, bred up 'mid Nature's luxuries,
 Was a spoiled child, and rambling like the wind,
 As I had done in daily intercourse
 With those crystalline rivers, solemn heights,
 And mountains, ranging like a fowl of the air,
 I was ill-tutored for captivity;
 To quit my pleasure, and, from month to month,
 Take up a station calmly on the perch
 Of sedentary peace. Those lovely forms
 Had also left less space within my mind,
 Which, wrought upon instinctively, had found
 A freshness in those objects of her love,
 A winning power, beyond all other power.
 Not that I slighted books,—that were to lack
 All sense,—but other passions in me ruled,
 Passions more fervent, making me less prompt
 To in-door study than was wise or well,
 Or suited to those years. Yet I, though used
 In magisterial liberty to rove,
 Culling such flowers of learning as might tempt
 A random choice, could shadow forth a place
 (If now I yield not to a flattering dream)
 Whose studious aspect should have bent me down
 To instantaneous service; should at once
 Have made me pay to science and to arts
 And written lore, acknowledged my liege lord,
 A homage frankly offered up, like that
 Which I had paid to Nature. Toil and pains
 In this recess, by thoughtful Fancy built,
 Should spread from heart to heart; and stately groves,
 Majestic edifices, should not want
 A corresponding dignity within.
 The congregating temper that pervades
 Our unripe years, not wasted, should be taught
 To minister to works of high attempt—
 Works which the enthusiast would perform with love.
 Youth should be awed, religiously possessed
 With a conviction of the power that waits
 On knowledge, when sincerely sought and prized
 For its own sake, on glory and on praise
 If but by labour won, and fit to endure.
 The passing day should learn to put aside
 Her trappings here, should strip them off abashed
 Before antiquity and steadfast truth
 And strong book-mindedness; and over all
 A healthy sound simplicity should reign,
 A seemly plainness, name it what you will,
 Republican or pious.

Onde grandes *mentes* jazem sepultadas,
 Amiúde instaram o coração da juventude
 E criaram um amor ardente à austera disciplina. —
 Ah!, tal altiva comoção não me tocou.
 Olhar algum se achava lá pra censurar
 Meu langue espírito e desaprovar meu porte
 Displicente, ainda menos pra instilar
 Uma calma resolução mental, voltada
 A esforços poderosos. Nem foi isso culpa
 De outros mas só minha; eu julgaria, de fato,
 O quanto diz respeito ao meu ser singular,
 De forma assaz errônea, incriminando a outro:
 Pois, criado em meio aos dons da Natureza,
 Era uma criança mimada e, errante como o vento,
 Tal como o fizera no convívio diário
 Com aqueles riachos claros, graves cumes,
 E montanhas, voava como a ave do ar,
 Eu era mal domado para o cativoiro,
 Pra deixar o meu prazer e, mês a mês,
 Tomar um posto calmamente no poleiro
 Do repouso ocioso. Aquelas formas caras
 Também deixaram menos espaço em minha mente,
 A qual, instintamente trabalhada, achou
 Um brilho novo em tudo aquilo que ela amava,
 Uma força triunfante, além de toda força.
 Não que eu desprezasse os livros, - seria perder
 Todo juízo, - mas outras paixões regiam-me,
 Paixões mais vivas, me tornando menos pronto
 Ao estudo recluso que era bom ou sábio
 Ou próprio àqueles anos. Mas, embora afeito
 A caminhar em liberdade magistral,
 Colhendo as flores do saber que seduzissem
 A escolha casual, podia antever um sítio
 (Se ora não me entrego a um sonho lisonjeiro)
 Que, propício ao estudo, me teria dobrado
 À pronta obediência; me teria logo
 Feito dedicar às artes e à ciência
 E à erudição escrita, meu senhor confesso,
 Uma homenagem tão sincera como aquela
 Que prestara à Natureza. Afã e empenho
 Nesse sítio, erguido pela Fantasia,
 Espalharia-se entre os corações; e bosques
 Graves, nobres prédios, não careceriam
 Duma análoga grandeza interior.
 O gênio congregante que há em nosso anos
 Imaturos, não malgasto, seria instruído
 A dirigir-se a obras de elevado intento —
 Obras que o entusiasta com amor faria.
 A juventude pasmaria, possuída
 Co'uma confiança num poder que serve
 Ao saber, quando seriamente procurado
 E amado por si próprio, a glória e o aplauso,
 Se co' esforço ganhos, e feitos a durar.
 O breve dia aprenderia a por à parte
 Seus ardis aqui, despojaria-os vexado
 Diante a antiguidade e a sólida verdade
 E a devoção aos livros; e, por sobre tudo,
 Uma simpleza sã e saudável reinaria,
 Uma apta modéstia, chame-a do que for,
 Republicana ou pia.

If these thoughts

Are a gratuitous emblazonry
 That mocks the recreant age we live in, then
 Be Folly and False-seeming free to affect
 Whatever formal gait of discipline
 Shall raise them highest in their own esteem—
 Let them parade among the Schools at will,
 But spare the House of God. Was ever known
 The witless shepherd who persists to drive
 A flock that thirsts not to a pool disliked?
 A weight must surely hang on days begun
 And ended with such mockery. Be wise,
 Ye Presidents and Deans, and, till the spirit
 Of ancient times revive, and youth be trained
 At home in pious service, to your bells
 Give seasonable rest, for 'tis a sound
 Hollow as ever vexed the tranquil air;
 And your officious doings bring disgrace
 On the plain steeples of our English Church,
 Whose worship, 'mid remotest village trees,
 Suffers for this. Even Science, too, at hand
 In daily sight of this irreverence,
 Is smitten thence with an unnatural taint,
 Loses her just authority, falls beneath
 Collateral suspicion, else unknown.
 This truth escaped me not, and I confess,
 That having 'mid my native hills given loose
 To a schoolboy's vision, I had raised a pile
 Upon the basis of the coming time,
 That fell in ruins round me. Oh, what joy
 To see a sanctuary for our country's youth
 Informed with such a spirit as might be
 Its own protection; a primeval grove,
 Where, though the shades with cheerfulness were filled,
 Nor indigent of songs warbled from crowds
 In under-coverts, yet the countenance
 Of the whole place should bear a stamp of awe;
 A habitation sober and demure
 For ruminating creatures; a domain
 For quiet things to wander in; a haunt
 In which the heron should delight to feed
 By the shy rivers, and the pelican
 Upon the cypress spire in lonely thought
 Might sit and sun himself.—Alas! Alas!
 In vain for such solemnity I looked;
 Mine eyes were crossed by butterflies, ears vexed
 By chattering popinjays; the inner heart
 Seemed trivial, and the impresses without
 Of a too gaudy region.

Different sight

Those venerable Doctors saw of old,
 When all who dwelt within these famous walls
 Led in abstemiousness a studious life;
 When, in forlorn and naked chambers cooped
 And crowded, o'er the ponderous books they hung
 Like caterpillars eating out their way
 In silence, or with keen devouring noise
 Not to be tracked or fathered. Princes then
 At matins froze, and couched at curfew-time,
 Trained up through piety and zeal to prize

Se esses pensamentos

Forem só um adorno gratuito
 Que escarnece a era infiel em que vivemos,
 Então que a Insânia e a Farsa possam simular
 Qualquer afetação formal de disciplina
 Que as eleve ao ápice de sua estima –
 Que elas marchem à vontade nas Escolas,
 Mas que poupem a Casa de Deus. Já se viu
 Algum tolo pastor que insite em conduzir
 A sua rês sem sede a um lago indesejado?
 Por certo há um peso sobre os dias começados
 E acabados com tal farsa. Sede sábios,
 Vós Deões e Presidentes, e, até que o espírito
 De outrora volte, e a juventude seja instruída
 Em casa no serviço pio, aos vossos sinos
 Dai a folga apropriada, pois tão oco
 Um som jamais atormentou o ar tranquilo;
 E o vosso zelo oficioso traz desonra
 Aos simples campanários de nossa Igreja Inglesa,
 Cujo culto, em meio às árvores da aldeia,
 Sofre com isso. Até o Saber, também, vizinho
 Em vista diária dessa irreverência,
 É então golpeado co' uma nódoa inatural,
 Perde a sua justa autoridade, fica sob
 Colateral suspeita, doutro modo ignota.
 Essa verdade não me escapou, e confesso
 Que, tendo em meus nativos montes dado-me
 A visões de aluno, levantei uma pilha
 Sobre a fundação do tempo porvindouro,
 Que ruiu ao meu redor. Ó, que alegria
 Ver um santuário aos jovens deste país
 Imbuído de um espírito que possa ser
 A sua própria proteção; um bosque antigo,
 Onde, embora cheio de alegria às sombras,
 Nem carente de canções que trinam bandos
 Nos arbustos, inda assim o aspecto todo
 Do lugar traria uma impressão de assombro;
 Uma moradia sóbria e comedida
 Para seres que ruminam: um domínio
 Para coisas quietas passearem; um sítio
 Onde a garça adoraria alimentar-se
 Junto aos riachos tímidos, e o pelicano
 No cipreste, em solitário pensamento,
 Sentaria e tomaria sol. – Ai! Ai!
 Em vão busquei por uma tal solenidade;
 Ao olhos me cruzavam borboletas, e ao ouvido
 Atormentavam papagaios: o coração
 Parecia banal, e as impressões de fora,
 Dum lugar demais berrante.

Visão diversa

Aqueles célebres Doutores tinham outrora,
 Quando os que moravam neste espaço ilustre
 Tinham, abstêmios, uma vida estudiosa;
 Quando, em desolados claustros confinados
 Juntos, sobre enormes tomos se curvavam,
 Quais lagartas devorando seu caminho
 Quietos, ou com vivo ruído roedor,
 Sem rastro nem origem. Príncipes, então,
 Gelados de manhã, e deitados ao poente,
 Praticavam em zelo e piedade a estima

Spare diet, patient labour, and plain weeds.
 O seat of Arts! renowned throughout the world!
 Far different service in those homely days
 The Muses' modest nurslings underwent
 From their first childhood: in that glorious time
 When Learning, like a stranger come from far,
 Sounding through Christian lands her trumpet, roused
 Peasant and king; when boys and youths, the growth
 Of ragged villages and crazy huts,
 Forsook their homes, and, errant in the quest
 Of Patron, famous school or friendly nook,
 Where, pensioned, they in shelter might sit down,
 From town to town and through wide scattered realms
 Journeyed with ponderous folios in their hands;
 And often, starting from some covert place,
 Saluted the chance comer on the road,
 Crying, "An obolus, a penny give
 To a poor scholar!"—when illustrious men,
 Lovers of truth, by penury constrained,
 Bucer, Erasmus, or Melancthon, read
 Before the doors or windows of their cells
 By moonshine through mere lack of taper light.

But peace to vain regrets! We see but darkly
 Even when we look behind us, and best things
 Are not so pure by nature that they needs
 Must keep to all, as fondly all believe,
 Their highest promise. If the mariner,
 When at reluctant distance he hath passed
 Some tempting island, could but know the ills
 That must have fallen upon him had he brought
 His bark to land upon the wished-for shore,
 Good cause would oft be his to thank the surf
 Whose white belt scared him thence, or wind that blew
 Inexorably adverse: for myself
 I grieve not; happy is the gownèd youth,
 Who only misses what I missed, who falls
 No lower than I fell.

I did not love,
 Judging not ill perhaps, the timid course
 Of our scholastic studies; could have wished
 To see the river flow with ampler range
 And freer pace; but more, far more, I grieved
 To see displayed among an eager few,
 Who in the field of contest persevered,
 Passions unworthy of youth's generous heart
 And mounting spirit, pitiably repaid,
 When so disturbed, whatever palms are won.
 From these I turned to travel with the shoal
 Of more unthinking natures, easy minds
 And pillow; yet not wanting love that makes
 The day pass lightly on, when foresight sleeps,
 And wisdom and the pledges interchanged
 With our own inner being are forgot.

Yet was this deep vacation not given up
 To utter waste. Hitherto I had stood
 In my own mind remote from social life,
 (At least from what we commonly so name,)
 Like a lone shepherd on a promontory

À dieta rara, afã paciente, e roupas simples.
 Ó, lar das Artes!, célebre por todo o mundo!
 Bem diferente lida nesses dias rústicos
 Os filhos módicos das Musas suportavam
 Desde a sua infância: nesse tempo ilustre
 Quando o Ensino, como um estrangeiro de longe,
 Soando pela Europa a trompa, despertava
 Rei e aldeão; quando jovens e garotos, frutos
 De povoados pobres e cabanas loucas,
 Deixavam os seus lares, e errantes na procura
 De Patrono, escola ou canto acolhedor,
 Onde, alojados, sob um teto sentariam,
 De burgo em burgo e vastos e dispersos reinos
 Viajavam com pesados fólhos em suas mãos;
 E, muita vez, saltando dum lugar coberto,
 Saudavam quem acaso viesse pela estrada,
 Com um grito, 'Um óbulo, uma moeda dai
 Pr'um estudante pobre!' – quando homens célebres,
 Amantes da verdade, por penúria constritos,
 Erasmo, Bucer, ou Melancton, estudavam
 Diante as portas ou janelas dos seus claustros
 Ao luar por simples falta duma vela.

Mas paz às mágoas vãs! Só vemos turvamente,
 Mesmo olhando para trás, e as melhores coisas
 Não são em si tão puras que elas deveriam
 Manter a todos, como ingênuos todos crêem,
 Suas promessas mais altivas. Se o marujo,
 Quando a uma distância relutante passa
 Alguma ilha tentadora, soubesse os males
 Que haveriam de advir-lhe se tivesse
 Lá ancorado seu navio na costa ansiada,
 Muito haveria de agradecer a ressaca
 Cujá branca faixa o afungentou, ou vento
 Que soprou adverso e inexorável: por mim
 Eu não lamento; feliz é o jovem estudante
 Que somente perde o que perdi, não cai
 Mais baixo do que eu caí.

Eu não amava,
 Não julgando mal, talvez, o curso tímido
 De nosso estudo: poderia ter ansiado
 Ver o rio correr com extensão mais ampla
 E livre andar; mas mais, ainda mais, chorei
 Por ver mostrado em meio a uns poucos desejosos,
 Que no campo do concurso persistiam,
 Paixões indignas do coração generoso
 E brio da juventude, pobremente compensada,
 Quando assim aflita, não importa o prêmio.
 Desses voltei-me pra viajar com um tropel
 De naturezas mais incautas, mentes fáceis
 E macias; mas sem faltar o amor que faz
 O dia passar sereno, quando o senso dorme,
 E o juízo e os juramentos, permutados
 Com o nosso ser interno, são esquecidos.

Porém, essas profundas férias não se deram
 Ao desperdício. Até agora eu havia estado
 Em minha mente, longe da vida social
 (Ao menos do que é assim chamado habitualmente),
 Qual pastor que, solitário num outeiro,

Who lacking occupation looks far forth
 Into the boundless sea, and rather makes
 Than finds what he beholds. And sure it is,
 That this first transit from the smooth delights
 And wild outlandish walks of simple youth
 To something that resembles an approach
 Towards human business, to a privileged world
 Within a world, a midway residence
 With all its intervenient imagery,
 Did better suit my visionary mind,
 Far better, than to have been bolted forth,
 Thrust out abruptly into Fortune's way
 Among the conflicts of substantial life;
 By a more just gradation did lead on
 To higher things; more naturally matured,
 For permanent possession, better fruits,
 Whether of truth or virtue, to ensue.
 In serious mood, but oftener, I confess,
 With playful zest of fancy did we note
 (How could we less?) the manners and the ways
 Of those who lived distinguished by the badge
 Of good or ill report; or those with whom
 By frame of Academic discipline
 We were perforce connected, men whose sway
 And known authority of office served
 To set our minds on edge, and did no more.
 Nor wanted we rich pastime of this kind,
 Found everywhere, but chiefly in the ring
 Of the grave Elders, men unscoured, grotesque
 In character, tricked out like aged trees
 Which through the lapse of their infirmity
 Give ready place to any random seed
 That chooses to be reared upon their trunks.

Here on my view, confronting vividly
 Those shepherd swains whom I had lately left,
 Appeared a different aspect of old age;
 How different! yet both distinctly marked,
 Objects embossed to catch the general eye,
 Or portraitures for special use designed,
 As some might seem, so aptly do they serve
 To illustrate Nature's book of rudiments—
 That book upheld as with maternal care
 When she would enter on her tender scheme
 Of teaching comprehension with delight,
 And mingling playful with pathetic thoughts.

The surfaces of artificial life
 And manners finely wrought, the delicate race
 Of colours, lurking, gleaming up and down
 Through that state arras woven with silk and gold;
 This wily interchange of snaky hues,
 Willingly or unwillingly revealed,
 I neither knew nor cared for; and as such
 Were wanting here, I took what might be found
 Of less elaborate fabric. At this day
 I smile, in many a mountain solitude
 Conjuring up scenes as obsolete in freaks
 Of character, in points of wit as broad,
 As aught by wooden images performed

Carecendo ocupação, perscruta longe
 Adentro o mar ilimitado, e antes cria
 Do que encontra o que contempla. E certo é,
 Que essa primeira transição dos gozos suaves
 E excêntricos passeios da simples juventude
 A algo que parece uma aproximação
 À lida humana, a um mundo privilegiado
 Dentro doutro mundo, uma morada a meia via
 Com todo o seu imaginário mediador,
 Melhor convinha à minha mente visionária,
 Muito mais do que ter sido arremessado,
 Jogado bruscamente ao curso da Fortuna
 Em meio aos embates da vida fatural;
 Por uma gradação mais justa prosseguiu
 A fins mais altos; mais naturalmente maturados,
 Por posse permanente, melhores frutos,
 Se de virtude ou de verdade, a resultar.
 Com seriedade, mas mais vezes, eu confesso,
 Co'o prazer da fantasia, examinávamos
 (Que mais podíamos fazer?) os modos e hábitos
 Daqueles que viviam distintos pela insígnia
 De bom ou mau renome; ou deles com os quais,
 Por conta do sistema de ordem Acadêmica,
 Nós éramos ligados, homens cujo mando
 E autoridade de função serviam
 Pra testar a nossa calma, e nada mais.
 Nem nos faltava igual fecundo passatempo,
 Achado em toda parte, e ainda mais no círculo
 Dos graves Deões, homens sórdidos, grotescos
 De feitio, ornados como velhas árvores
 Que pelo lapso da sua tibiez,
 Dão pronto espaço pra qualquer semente ao acaso
 Que deseje ser criada nos seus troncos.

Aqui à minha vista, opondo vivamente
 Os jovens pastoris que há pouco havia deixado,
 Apareceu-me um outro aspecto da velhice;
 Quão distinto!, entanto ambos bem marcados,
 Objetos relevados pra apanhar o olhar,
 Ou quadros pra uso especial delineados,
 Como uns podem parecer, tão bem se adequam
 Pra ilustrar o livro elementar da Natureza –
 Aquele livro tido em zelo maternal
 Quando ela dava início ao seu projeto afável
 De ensinar entendimento com deleite
 E misturar joviais ideias e solenes.

As superfícies duma vida artificial
 E modos esmerados, o sutil correr
 De cores, a espreitar, raiando acima e abaixo
 Na tapeçaria urdida de ouro e seda,
 Tal astuta troca de matizes sérpeos,
 Revelados voluntariamente ou não,
 Não conhecia nem notava; e como tais
 Faltavam aqui, tomei o que se pode achar
 De trama menos refinada. Neste dia
 Sorrio; em muitas solitudes montanhescas
 Conjurando cenas velhas em caprichos
 De papeis, em rasgos de agudez tão amplas,
 Qual quaisquer imagens de madeira atuavam

For entertainment of the gaping crowd
 At wake or fair. And oftentimes do flit
 Remembrances before me of old men—
 Old humourists, who have been long in their graves,
 And having almost in my mind put off
 Their human names, have into phantoms passed
 Of texture midway between life and books.

I play the loiterer: 'tis enough to note
 That here in dwarf proportions were expressed
 The limbs of the great world; its eager strifes
 Collaterally pourtrayed, as in mock fight,
 A tournament of blows, some hardly dealt
 Though short of mortal combat; and whate'er
 Might in this pageant be supposed to hit
 An artless rustic's notice, this way less,
 More that way, was not wasted upon me—
 And yet the spectacle may well demand
 A more substantial name, no mimic show,
 Itself a living part of a live whole,
 A creek in the vast sea; for, all degrees
 And shapes of spurious fame and short-lived praise
 Here sate in state, and fed with daily alms
 Retainers won away from solid good;
 And here was Labour, his own bond-slave; Hope,
 That never set the pains against the prize;
 Idleness halting with his weary clog,
 And poor misguided Shame, and witless Fear,
 And simple Pleasure foraging for Death;
 Honour misplaced, and Dignity astray;
 Feuds, factions, flatteries, enmity, and guile
 Murmuring submission, and bald government,
 (The idol weak as the idolator,)
 And Decency and Custom starving Truth,
 And blind Authority beating with his staff
 The child that might have led him; Emptiness
 Followed as of good omen, and meek Worth
 Left to herself unheard of and unknown.

Of these and other kindred notices
 I cannot say what portion is in truth
 The naked recollection of that time,
 And what may rather have been called to life
 By after-meditation. But delight
 That, in an easy temper lulled asleep,
 Is still with Innocence its own reward,
 This was not wanting. Carelessly I roamed
 As through a wide museum from whose stores
 A casual rarity is singled out
 And has its brief perusal, then gives way
 To others, all supplanted in their turn;
 Till 'mid this crowded neighbourhood of things
 That are by nature most unneighbourly,
 The head turns round and cannot right itself;
 And though an aching and a barren sense
 Of gay confusion still be uppermost,
 With few wise longings and but little love,
 Yet to the memory something cleaves at last,
 Whence profit may be drawn in times to come.

Para a diversão da turba boquiaberta
 Numa festa ou feira. E muitas vezes cruzam
 Diante mim recordações de velhos homens –
 Humoristas, que já há muito estão nos túmulos,
 E, tendo quase em minha mente se despido
 De seus nomes, transformaram-se em fantasmas
 De textura algo entre a vida e os livros,

Faço-me de ocioso: basta reparar
 Que aqui, em proporções menores, foram expressas
 As feições do grande mundo: seus embates
 Retratados como em luta simulada,
 Um torneio de socos, uns com força dados,
 Mas jamais ao ponto de mortal: e o que quer
 Que nessa mostra se suponha possa alçar
 O olhar dum camponês inculto, assim pra menos,
 Mais assim, não se desperdiçava em mim -
 E entanto, a cena bem que pode demandar
 Um nome mais vultoso, mais que pantomima,
 Uma parte viva doutro vivo todo,
 Um córrego no mar imenso: pois cada grau
 E forma de sucesso espúrio e glória breve
 Aqui sentava em pompa, e com esmolas diárias
 Desviava seus vassallos do bem sólido;
 E aqui havia o Labor, seu próprio escravo; o Anseio,
 Que nunca confrontou as dores com o prêmio;
 Ócio a claudicar com seu tamanco exausto,
 E o pobre Pejo mal guiado, e o néscio Medo,
 E o Gozo simples procurando pela Morte;
 Honra mal focada, e Dignidade perdida;
 Rixa, briga, adulação, insídia, e engodo,
 Murmurante submissão, e rude mando
 (O ídolo tão fraco quanto o adorador,)
 E Hábito e Decência esfomeando a Verdade,
 E a Autoridade cega surrando co'o cajado
 A criança que a teria conduzido; o Vazio
 Seguido qual se bom augúrio, e o dócil Mérito
 Deixado a si, desconhecido e desprezado.

Sobre essas e outras considerações afins
 Não saberia dizer que parte é deveras
 A lembrança autêntica daquele tempo
 E o que antes bem se pode ter chamado à vida
 Por meditação tardia. Mas deleite
 Que, num plácido repouso acalentado,
 É ainda co'a Inocência a própria recompensa,
 Isto não faltava. Incauto eu vagueava
 Qual se num museu imenso, em cujo estoque
 Alguma raridade casual é eleita
 E tem sua breve vistoria, então dá espaço
 A outras, todas suplantadas pela vez;
 Até que em meio dessa multidão de coisas
 Que por natureza são insociáveis,
 A cabeça gira e não consegue voltar;
 E embora um doloroso e estéril sentimento
 De alegre confusão ainda predomine,
 Com só certo anseio sábio e algum amor,
 Ainda na memória algo enfim se agarra,
 Que se pode ter proveito no futuro.

Thus in submissive idleness, my Friend!
The labouring time of autumn, winter, spring,
Eight months! rolled pleasingly away; the ninth
Came and returned me to my native hills.

Assim, com dócil indolência, meu Amigo!,
O tempo de labor, do outono à primavera,
- Oito meses! – transcorreu ameno; o nono
Veio e devolveu-me às aos meus montes natais.

**Book Fourth
Summer Vacation**

BRIGHT was the summer's noon when quickening steps
 Followed each other till a dreary moor
 Was crossed, a bare ridge clomb, upon whose top
 Standing alone, as from a rampart's edge,
 I overlooked the bed of Windermere,
 Like a vast river, stretching in the sun.
 With exultation, at my feet I saw
 Lake, islands, promontories, gleaming bays,
 A universe of Nature's fairest forms
 Proudly revealed with instantaneous burst,
 Magnificent, and beautiful, and gay.
 I bounded down the hill shouting amain
 For the old Ferryman; to the shout the rocks
 Replied, and when the Charon of the flood
 Had staid his oars, and touched the jutting pier,
 I did not step into the well-known boat
 Without a cordial greeting. Thence with speed
 Up the familiar hill I took my way
 Towards that sweet Valley⁽⁴⁾ where I had been reared;
 'Twas but a short hour's walk, ere veering round
 I saw the snow-white church upon her hill
 Sit like a thronèd Lady, sending out
 A gracious look all over her domain.
 Yon azure smoke betrays the lurking town;
 With eager footsteps I advance and reach
 The cottage threshold where my journey closed.
 Glad welcome had I, with some tears, perhaps,
 From my old Dame, so kind and motherly,
 While she perused me with a parent's pride.
 The thoughts of gratitude shall fall like dew
 Upon thy grave, good creature! While my heart
 Can beat never will I forget thy name.
 Heaven's blessing be upon thee where thou liest
 After thy innocent and busy stir
 In narrow cares, thy little daily growth
 Of calm enjoyments, after eighty years,
 And more than eighty, of untroubled life,
 Childless, yet by the strangers to thy blood
 Honoured with little less than filial love.
 What joy was mine to see thee once again,
 Thee and thy dwelling, and a crowd of things
 About its narrow precincts all beloved,
 And many of them seeming yet my own!
 Why should I speak of what a thousand hearts
 Have felt, and every man alive can guess?
 The rooms, the court, the garden were not left
 Long unsaluted, nor the sunny seat
 Round the stone table under the dark pine,
 Friendly to studious or to festive hours;
 Nor that unruly child of mountain birth,
 The famous brook, who, soon as he was boxed
 Within our garden, found himself at once,
 As if by trick insidious and unkind,
 Stripped of his voice and left to dimple down
 (Without an effort and without a will)

**Livro Quarto
Férias de Verão**

Clara era a tarde de verão quando passos rápidos
 Seguiam-se um ao outro até que um triste ermo
 Foi cruzado, um cume nu subido, em cujo topo,
 Solitário, qual se em pé num baluarte,
 Eu divisei ao longe o leito do Windermere,
 Tal como um rio extenso se estirando ao sol.
 Com júbilo aos meus pés eu avistava lagos,
 Ilhas, promontórios, angras cintilantes,
 Um mundo das mais belas formas da Natura
 Reveladas numa súbita explosão
 Co' orgulho, esplêndidas e belas e brilhantes.
 Desci aos saltos a colina, gritando alto
 Pro velho Barqueiro; com meu grito as rochas
 Responderam, e quando o Caronte dessas águas
 Suspendeu seus remos e tocou o cais,
 Eu não entrei naquela barca conhecida
 Sem afável saudação. Dali, com pressa,
 Acima um monte familiar tomei meu curso
 Rumo àquele doce Vale em que cresci;
 Foi só uma curta andada antes de, virando,
 Eu ver a nívea igreja acima da colina
 Entronizada como Dama, derramando
 Um gracioso olhar por sobre seu domínio.
 Aquela azul fumaça trai a vila à espreita:
 Com passadas ávidas, avanço e atinjo
 A porta do chalé no qual findava a viagem.
 Alegre acolhida tive, talvez com lágrimas
 Da minha velha Hospedeira, tão afetuosas
 Ao inspecionar-me com o orgulho duma mãe.
 A gratidão há de cair tal como orvalho
 Em tua tumba, boa criatura! Enquanto bater
 Meu coração, jamais hei de esquecer teu nome.
 Que as bênçãos do céu desçam onde tu repousas
 Após tua inocente e ativa diligência
 Em teus pequenos zelos, teu cultivado diário
 De prazeres calmos, após oitenta anos,
 E ainda mais que oitenta, duma vida plácida,
 Sem filhos, mas, por quem não era de teu sangue,
 Honrada por amor não menos que filial.
 Quanta alegria a minha ao ver-te uma vez mais,
 A ti e à tua casa, e tantas outras coisas
 Tão amadas espalhadas pelos quartos,
 E inda muitas delas parecendo minhas!
 Por que falar do que incontáveis corações
 Conhecem e todo homem pode adivinhar?
 O pátio, os quartos e o jardim não aguardaram
 Muito por visita, nem o banco ao sol
 Com sua mesa embaixo do pinheiro negro,
 Acolhedor ao estudo tanto quanto à festa;
 Nem aquele indócil filho da montanha,
 O caprichoso riacho, o qual tão logo fora
 Preso no jardim, de súbito se achou,
 Como que por um truque insidioso e cruel,
 Privado da sua voz e destinado a escoar
 (Sem qualquer esforço e sem qualquer vontade)

A channel paved by man's officious care.
 I looked at him and smiled, and smiled again,
 And in the press of twenty thousand thoughts,
 "Ha," quoth I, "pretty prisoner, are you there!"
 Well might sarcastic Fancy then have whispered,
 "An emblem here behold of thy own life;
 In its late course of even days with all
 Their smooth enthrallment;" but the heart was full,
 Too full for that reproach. My aged Dame
 Walked proudly at my side: she guided me;
 I willing, nay—nay, wishing to be led.
 —The face of every neighbour whom I met
 Was like a volume to me; some were hailed
 Upon the road, some busy at their work,
 Unceremonious greetings interchanged
 With half the length of a long field between.
 Among my schoolfellows I scattered round
 Like recognitions, but with some constraint
 Attended, doubtless, with a little pride,
 But with more shame, for my habiliments,
 The transformation wrought by gay attire.
 Not less delighted did I take my place
 At our domestic table: and, dear Friend!
 In this endeavour simply to relate
 A Poet's history, may I leave untold
 The thankfulness with which I laid me down
 In my accustomed bed, more welcome now
 Perhaps than if it had been more desired
 Or been more often thought of with regret;
 That lowly bed whence I had heard the wind
 Roar and the rain beat hard, where I so oft
 Had lain awake on summer nights to watch
 The moon in splendour couched among the leaves
 Of a tall ash, that near our cottage stood;
 Had watched her with fixed eyes while to and fro
 In the dark summit of the waving tree
 She rocked with every impulse of the breeze.

Among the favourites whom it pleased me well
 To see again, was one by ancient right
 Our inmate, a rough terrier of the hills;
 By birth and call of nature pre-ordained
 To hunt the badger and unearth the fox
 Among the impervious crags, but having been
 From youth our own adopted, he had passed
 Into a gentler service. And when first
 The boyish spirit flagged, and day by day
 Along my veins I kindled with the stir,
 The fermentation, and the vernal heat
 Of poesy, affecting private shades
 Like a sick Lover, then this dog was used
 To watch me, an attendant and a friend,
 Obsequious to my steps early and late,
 Though often of such dilatory walk
 Tired, and uneasy at the halts I made.
 A hundred times when, roving high and low,
 I have been harassed with the toil of verse,
 Much pains and little progress, and at once
 Some lovely Image in the song rose up
 Full-formed, like Venus rising from the sea;

Por um canal criado pelo zelo humano.
 Olhei-o e sorri, e outra vez sorri,
 E sob a prensa dum milhão de pensamentos,
 'Ahá', disse eu, 'belo prisioneiro, aí estás!'
 E a Fantasia poderia ter-me dito,
 'Um símbolo aqui vês da tua própria vida;
 Ao termo de seus dias usuais, com toda
 Sua branda escravidão;' porém, o coração
 Se achava cheio demais pra ouvir. Minha hospedeira
 Andava com orgulho junto a mim: me guiava;
 Eu deixando, não, querendo ser levado.
 — O rosto de todo vizinho que encontrava
 Era um livro para mim; a alguns saudava
 Pela estrada, alguns às voltas com trabalho,
 Saudações sem cerimônia permutadas
 À distância quase de um extenso campo.
 Em meio aos meus colegas eu lançava à volta
 Saudações iguais, mas dum constrangimento
 Acompanhadas, certo, com algum orgulho,
 Porém com mais vergonha pelas minhas vestes,
 A mudança feita por vistosos trajes.
 Não menos deleitado me assentei de novo
 Em nossa mesa familiar: e, caro Amigo!,
 Neste empenho em tão somente relatar
 A história dum Poeta, possa eu não contar
 A gratidão co'a qual de novo me deitei
 Em minha antiga cama, mais, talvez, bem-vinda
 Agora que se houvesse sido mais sonhada
 Ou mais amiúde lembrada com pesar;
 A pobre cama donde eu ouvia o vendaval
 Rugir, e a chuva fustigar; onde eu tanta vez
 Deitei desperto em noites de verão pra ver
 A lua em glória aconchegada em meio às folhas
 Dum altivo freixo junto à nossa casa;
 Olhava-a fixo, enquanto que dum lado ao outro,
 Sobre o cume escuro da ondulante árvore,
 Ela oscilava a cada ímpeto da brisa.

Entre os que mais amava e mais me deleitou
 Rever havia um que por direito antigo
 Ali morava, um rude *terrier* dos montes;
 De nascença e vocação já preordenado
 Pra caçar texugo e destocar raposa
 Em meio à ínvia escarpa, mas já tendo sido
 Desde jovem o nosso adotado, teve
 Uma função mais suave. E quando à vez primeira
 O espírito infantil murhcou, e dia a dia
 Eu ardia em minhas veias co'o fervor e a febre,
 A fértil efervescência e o ardor primaveril
 Da poesia, amando sombras privativas
 Como um Amante enfermo, então o cão dispunha-se
 A me vigiar, um companheiro e amigo,
 Atento aos meus passeios, cedo e ao entardecer,
 Embora amiúde co' essa ampla caminhada
 Exausto, e inquieto com as pausas que eu fazia.
 Por tantas vezes quando, andando acima e abaixo,
 Eu era atormentado co'o labor do verso,
 Muito afã e pouco avanço, e duma vez,
 Alguma bela Imagem na canção surgia
 Já acabada, como Vênus dentre as ondas;

Then have I darted forwards to let loose
 My hand upon his back with stormy joy,
 Caressing him again and yet again.
 And when at evening on the public way
 I sauntered, like a river murmuring
 And talking to itself when all things else
 Are still, the creature trotted on before;
 Such was his custom; but whene'er he met
 A passenger approaching, he would turn
 To give me timely notice, and straightway,
 Grateful for that admonishment, I hushed
 My voice, composed my gait, and, with the air
 And mien of one whose thoughts are free, advanced
 To give and take a greeting that might save
 My name from piteous rumours, such as wait
 On men suspected to be crazed in brain.

Those walks well worthy to be prized and loved—
 Regretted!—that word, too, was on my tongue,
 But they were richly laden with all good,
 And cannot be remembered but with thanks
 And gratitude, and perfect joy of heart—
 Those walks in all their freshness now came back
 Like a returning Spring. When first I made
 Once more the circuit of our little lake,
 If ever happiness hath lodged with man,
 That day consummate happiness was mine,
 Wide-spreading, steady, calm, contemplative.
 The sun was set, or setting, when I left
 Our cottage door, and evening soon brought on
 A sober hour, not winning or serene,
 For cold and raw the air was, and untuned;
 But as a face we love is sweetest then
 When sorrow damps it, or, whatever look
 It chance to wear, is sweetest if the heart
 Have fulness in herself; even so with me
 It fared that evening. Gently did my soul
 Put off her veil, and, self-transmuted, stood
 Naked, as in the presence of her God.
 While on I walked, a comfort seemed to touch
 A heart that had not been disconsolate:
 Strength came where weakness was not known to be,
 At least not felt; and restoration came
 Like an intruder knocking at the door
 Of unacknowledged weariness. I took
 The balance, and with firm hand weighed myself.
 —Of that external scene which round me lay,
 Little, in this abstraction, did I see;
 Remembered less; but I had inward hopes
 And swellings of the spirit, was rapt and soothed,
 Conversed with promises, had glimmering views
 How life pervades the undecaying mind;
 How the immortal soul with God-like power
 Informs, creates, and thaws the deepest sleep
 That time can lay upon her; how on earth,
 Man, if he do but live within the light
 Of high endeavours, daily spreads abroad
 His being armed with strength that cannot fail.
 Nor was there want of milder thoughts, of love
 Of innocence, and holiday repose;

Então eu me jogava à frente pra lançar
 Com euforia a minha mão às suas costas,
 Afagando-o muito e muitas vezes mais.
 E quando ao fim da tarde, pela via pública
 Eu andava, como um riacho murmurando
 E conversando a sós comigo, e todo o resto
 Estava mudo, ele trotava à minha frente;
 Esse era o seu costume, mas quando encontrava
 Alguém que vinha pela estrada, ele virava
 Pra me dar o anúncio na hora certa, e pronto,
 Grato por aquele aviso, eu silenciava
 Minha voz, me recompunha, e com o porte
 E o ar de alguém despreocupado, prosseguia
 Pra trocar um cumprimento que salvasse
 Meu renome de rumores condóidos
 Que acompanham quem se julga desvairado.

Esses passeios bem dignos de serem amados –
 Lastimados! – também isso me veio aos lábios,
 Porém eram todos cheios de riquezas,
 E não podem ser lembrados sem apreço
 E gratidão, e júbilo de coração –
 Esses passeios com frescor voltavam agora
 Como a primavera. Quando uma vez mais
 Refiz o círculo de nosso exíguo lago,
 Se algum dia o enlevo se alojou num homem,
 Nesse dia o enlevo pleno era meu,
 Imenso, firme, plácido, contemplativo.
 O sol se pôs, ou já se punha, quando saí
 Da nossa casa, e o fim da tarde logo trouxe
 Uma hora sóbria, nem charmosa nem serena,
 Pois frio e agreste era o ar, e dissonante;
 Mas como um rosto amado que é mais doce então,
 Quando a pesar o molha, ou, qualquer a feição
 Que ao acaso vista, é mais doce se o coração
 Tiver em si a plenitude; assim comigo
 Se passou então. Docemente minha alma
 Se despiu do véu e, transmudando-se, ficou
 Desnuda, como se em presença de seu Deus.
 Enquanto eu prosseguia, um alento pareceu
 Tochar um coração que não se achava triste;
 Força veio onde a fraqueza não morava,
 Ao menos não sentida; e restauração veio
 Tal como um intruso que batesse à porta
 De um cansaço inconfessado. Eu tomei
 A balança, e com mãos firmes me pesei.
 - Daquela cena exterior à minha volta,
 Pouco nessa abstração eu via; menos
 Relembrava; mas eu tinha anseios na alma
 E o espírito expandido, calmo e arrebatado,
 Conversava com promessas, vislumbrava
 Como a vida embebe a mente imorredoura;
 Como a alma eterna com poder divino
 Enforma, cria, solve o mais profundo sono
 Em que lhe pode pôr o tempo; como na terra
 O homem, se ele apenas habitar na luz
 De altivos zelos, diariamente alastra ao longe
 O seu ser cheio duma força que não falha.
 Nem falta havia de mais brandos pensamentos,
 De inocência, amor e paz de feriado;

And more than pastoral quiet, 'mid the stir
 Of boldest projects, and a peaceful end
 At last, or glorious, by endurance won.
 Thus musing, in a wood I sate me down
 Alone, continuing there to muse: the slopes
 And heights meanwhile were slowly overspread
 With darkness, and before a rippling breeze
 The long lake lengthened out its hoary line,
 And in the sheltered coppice where I sate,
 Around me from among the hazel leaves,
 Now here, now there, moved by the stragglings wind,
 Came ever and anon a breath-like sound,
 Quick as the pantings of the faithful dog,
 The off and on companion of my walk;
 And such, at times, believing them to be,
 I turned my head to look if he were there;
 Then into solemn thought I passed once more.

A freshness also found I at this time
 In human Life, the daily life of those
 Whose occupations really I loved;
 The peaceful scene oft filled me with surprise
 Changed like a garden in the heat of spring
 After an eight-days' absence. For (to omit
 The things which were the same and yet appeared
 Far otherwise) amid this rural solitude,
 A narrow Vale where each was known to all,
 'Twas not indifferent to a youthful mind
 To mark some sheltering bower or sunny nook,
 Where an old man had used to sit alone,
 Now vacant; pale-faced babes whom I had left
 In arms, now rosy prattlers at the feet
 Of a pleased grandame tottering up and down;
 And growing girls whose beauty, filched away
 With all its pleasant promises, was gone
 To deck some slighted playmate's homely cheek.

Yes, I had something of a subtler sense,
 And often looking round was moved to smiles
 Such as a delicate work of humour breeds;
 I read, without design, the opinions, thoughts,
 Of those plain-living people now observed
 With clearer knowledge; with another eye
 I saw the quiet woodman in the woods,
 The shepherd roam the hills. With new delight,
 This chiefly, did I note my grey-haired Dame;
 Saw her go forth to church or other work
 Of state, equipped in monumental trim;
 Short velvet cloak, (her bonnet of the like),
 A mantle such as Spanish Cavaliers
 Wore in old time. Her smooth domestic life,
 Affectionate without disquietude,
 Her talk, her business, pleased me; and no less
 Her clear though shallow stream of piety
 That ran on Sabbath days a fresher course;
 With thoughts unfelt till now I saw her read
 Her Bible on hot Sunday afternoons,
 And loved the book, when she had dropped asleep
 And made of it a pillow for her head.

E mais que mansidão campestre, em meio ao afã
 De intrépidos projetos, e um final pacífico
 Por fim, ou glorioso, por afincos obtido.
 Pensando assim, num arvoredo me sentei
 Sozinho, ali seguindo meu pensar: os cumes
 E as encostas lentamente se cobriram
 De negror, e diante duma ondeante brisa
 O longo lago ampliava a sua linha branca,
 E na floresta recoberta em que eu me achava,
 À minha volta, dentre as folhas de aveleira,
 Aqui e ali, movido pelo vento esparso,
 Vinha intermitente um som como um alento,
 Lento como o arquejo do fiel cachorro,
 O companheiro ocasional dos meus passeios;
 E tal que às vezes, crendo sê-lo realmente,
 Eu me virava para ver se era ele,
 Então ao meu pensar solene retornava.

Um brilho novo nesse tempo achei também
 Na Vida humana, a vida habitual daqueles
 Cujos afazeres eu de fato amava;
 A branda cena amiúde me surpreendia,
 Mudada tal como um jardim na primavera
 Após ausência de oito dias. Pois (já omitindo
 As coisas que eram as mesmas, mas que aparentavam
 O oposto) em meio a esta solidão rural,
 Um vale estreito, onde todos se conhecem,
 Não era indiferente a um jovem espírito
 Avistar alguma pérgola ou recanto
 Onde sempre um velho se assentara a sós,
 Agora vagos; pálidos bebês que eu vira
 Em colo, agora já corados tagarelas,
 Tropeçando às voltas duma avó contente;
 E garotas a crescer, cuja beleza, roubada
 Junto com suas doces esperanças, se fora
 Ornar as faces duma amiga desdenhada.

Sim, eu tinha um certo senso mais sutil,
 E amiúde, olhando à volta, punha-me a sorrir
 Como se lesse um livro de aguçado humor;
 Eu lia, sem intento oculto, os pensamentos
 Dessa gente simples, ora contemplada
 Com mais claro entendimento; co'outro olhar
 Eu via o quieto lenhador entrar no bosque,
 O pastor cruzar montes. Com um novo agrado,
 Sobretudo, eu observava a minha hospedeira;
 Via-a ir à igreja ou outra cerimônia,
 Adereçada de atavios monumentais:
 Um curto manto de veludo (e touca acorde)
 Um pálio tal que Cavaleiros Espanhóis
 Trajavam outrora. Sua calma vida usual,
 Afetuosa sem qualquer inquietação,
 Sua fala e afãs me deleitavam; e não menos
 Sua pura embora rasa piedade,
 Que aos Sabás corria um curso renovado;
 Com novos pensamentos eu a via ler
 A sua Bíblia em tardes quentes de domingo,
 E eu amava o livro quando ela dormia
 E o fazia de almofada pra cabeça.

Nor less do I remember to have felt,
 Distinctly manifested at this time,
 A human-heartedness about my love
 For objects hitherto the absolute wealth
 Of my own private being and no more:
 Which I had loved, even as a blessed spirit
 Or Angel, if he were to dwell on earth,
 Might love in individual happiness.
 But now there opened on me other thoughts
 Of change, congratulation or regret,
 A pensive feeling! It spread far and wide;
 The trees, the mountains shared it, and the brooks,
 The stars of Heaven, now seen in their old haunts—
 White Sirius glittering o'er the southern crags,
 Orion with his belt, and those fair Seven,
 Acquaintances of every little child,
 And Jupiter, my own beloved star!
 Whatever shadings of mortality,
 Whatever imports from the world of death
 Had come among these objects heretofore,
 Were, in the main, of mood less tender: strong,
 Deep, gloomy were they, and severe; the scatterings
 Of awe or tremulous dread, that had given way
 In later youth to yearnings of a love
 Enthusiastic, to delight and hope.

As one who hangs down-bending from the side
 Of a slow-moving boat, upon the breast
 Of a still water, solacing himself
 With such discoveries as his eye can make
 Beneath him in the bottom of the deep,
 Sees many beauteous sights—weeds, fishes, flowers,
 Grots, pebbles, roots of trees, and fancies more,
 Yet often is perplexed and cannot part
 The shadow from the substance, rocks and sky,
 Mountains and clouds, reflected in the depth
 Of the clear flood, from things which there abide
 In their true dwelling; now is crossed by gleam
 Of his own image, by a sun-beam now,
 And wavering motions sent he knows not whence,
 Impediments that make his task more sweet;
 Such pleasant office have we long pursued
 Incumbent o'er the surface of past time
 With like success, nor often have appeared
 Shapes fairer or less doubtfully discerned
 Than these to which the Tale, indulgent Friend!
 Would now direct thy notice. Yet in spite
 Of pleasure won, and knowledge not withheld,
 There was an inner falling off—I loved,
 Loved deeply all that had been loved before,
 More deeply even than ever: but a swarm
 Of heady schemes jostling each other, gawds,
 And feast and dance, and public revelry,
 And sports and games (too grateful in themselves,
 Yet in themselves less grateful, I believe,
 Than as they were a badge glossy and fresh
 Of manliness and freedom) all conspired
 To lure my mind from firm habitual quest
 Of feeding pleasures, to depress the zeal
 And damp those yearnings which had once been mine—

Nem menos me recordo ter sentido então
 Distintamente manifesto nesse tempo,
 Uma ternura humana em meu amor por coisas
 Que eram até agora a riqueza absoluta
 Do meu ser interior e nada mais;
 Que amara mesmo como um espírito bendito
 Ou Anjo, se na terra acaso ele habitasse,
 Poderia amar com alegria sua.
 Porém, rompiam agora outros pensamentos
 De mudança, de alegria ou de remorso,
 Um desalento! Ele se espalhava longe:
 Árvores e montes partilhavam-no, e os riachos,
 As estrelas, vistas ora em seu refúgios –
 Sírio cintilando nas escarpas do sul,
 Órion com seu cinturão, e as belas Sete,
 Velhas conhecidas de todas crianças,
 E Júpiter, a minha própria estrela amada!
 Quaisquer matizes tênues de mortalidade,
 Quaisquer sinais que venham do mundo do outro lado
 Que se achassem até agora nessas coisas
 Eram, em geral, de aspecto menos brando;
 Fortes, graves, tristes eram, e severos;
 Centelhas de terror e assombro que cederam
 Em minha juventude a anseios dum amor
 Entusiástico, ao deleite e à esperança.

Tal como alguém que se debruça sobre o lado
 Duma barca vagarosa, sobre o seio
 De águas plácidas, consolando-se a si mesmo
 Com as descobertas que seu olho encontra
 Embaixo dele, lá na profundez do abismo,
 Enxerga tantas vistas belas – algas, peixes,
 Grutas, seixos, flores, e imagina mais,
 Porém amiúde fica pasmo e não separa
 A sombra da matéria, pedra e firmamento,
 Nuvem e montanha, a refletir no fundo
 De águas límpidas, das coisas que lá habitam
 De verdade; ora cruza-lhe em relance
 Sua própria imagem, ora um raio de sol,
 E ondulações que vinham não se sabe de onde,
 Obstáculos que tornam seu labor mais doce;
 Esse ofício deleitoso perseguimos,
 Debruçados sobre a face do passado
 Com igual sucesso, e raro apareceram
 Formas tão vistosas e tão menos vagas
 Como às quais meu Conto, generoso Amigo!,
 Agora chama-te a atenção. Mas apesar
 Do gozo ganho, e do saber não reprimido,
 Havia um abatimento interior – eu amava,
 Amava vivamente tudo o que já amara,
 E agora mais que nunca: mas um turbilhão
 De planos impulsivos disputando espaço,
 Baile, e festa e dança, e diversão social,
 E esportes, jogos (agradáveis por si próprios,
 Mas não tanto por si próprios, creio eu,
 E mais por serem a vistosa e fresca insígnia
 De vigor e liberdade), tudo obrava
 Pra afastar-me da procura resoluta
 Por prazeres sérios, pra abater o zelo
 E refrear anseios que já foram meus –

A wild, unworldly-minded youth, given up
 To his own eager thoughts. It would demand
 Some skill, and longer time than may be spared,
 To paint these vanities, and how they wrought
 In haunts where they, till now, had been unknown.
 It seemed the very garments that I wore
 Preyed on my strength, and stopped the quiet stream
 Of self-forgetfulness.

Yes, that heartless chase

Of trivial pleasures was a poor exchange
 For books and nature at that early age.
 'Tis true, some casual knowledge might be gained
 Of character or life; but at that time,
 Of manners put to school I took small note,
 And all my deeper passions lay elsewhere.
 Far better had it been to exalt the mind
 By solitary study, to uphold
 Intense desire through meditative peace;
 And yet, for chastisement of these regrets,
 The memory of one particular hour
 Doth here rise up against me. 'Mid a throng
 Of maids and youths, old men, and matrons staid,
 A medley of all tempers, I had passed
 The night in dancing, gaiety, and mirth,
 With din of instruments and shuffling feet,
 And glancing forms, and tapers glittering,
 And unaimed prattle flying up and down;
 Spirits upon the stretch, and here and there
 Slight shocks of young love-liking interspersed,
 Whose transient pleasure mounted to the head,
 And tingled through the veins. Ere we retired,
 The cock had crowed, and now the eastern sky
 Was kindling, not unseen, from humble copse
 And open field, through which the pathway wound,
 And homeward led my steps. Magnificent
 The morning rose, in memorable pomp,
 Glorious as e'er I had beheld—in front,
 The sea lay laughing at a distance; near,
 The solid mountains shone, bright as the clouds,
 Grain-tinctured, drenched in empyrean light;
 And in the meadows and the lower grounds
 Was all the sweetness of a common dawn—
 Dews, vapours, and the melody of birds,
 And labourers going forth to till the fields.
 Ah! need I say, dear Friend! that to the brim
 My heart was full? I made no vows, but vows
 Were then made for me; bond unknown to me
 Was given, that I should be, else sinning greatly,
 A dedicated Spirit. On I walked
 In thankful blessedness, which yet survives.

Strange rendezvous! My mind was at that time
 A parti-coloured show of grave and gay,
 Solid and light, short-sighted and profound;
 Of inconsiderate habits and sedate,
 Consorting in one mansion unreprieved.
 The worth I knew of powers that I possessed,
 Though slighted and too oft misused. Besides,
 That summer, swarming as it did with thoughts
 Transient and idle, lacked not intervals

Um jovem indômito e de todo absorto, entregue
 Aos seus ansiosos pensamentos. Pediria
 Certa arte, e tempo a mais do que se têm,
 Pintar tais pretensões e como floresceram
 Onde, até agora, eram ignoradas.
 Os próprios trajés que eu vestia pareciam
 Me exaurir e interromper o quieto curso
 De auto-esquecimento.

Sim, tal fria busca

Por prazeres triviais foi troca ingrata
 Pela natureza e livros nessa idade.
 É fato, algum saber qualquer se pode obter
 Da vida ou de caráter; porém nesse tempo,
 A assuntos escolares pouco me apliquei,
 E o que eu amava com paixão se achava algures.
 Muito melhor teria sido alçar a mente
 Pelo estudo solitário, encorajar
 Desejo intenso co'uma paz meditativa;
 E entanto, como punição por tais remorsos,
 A memória duma hora em especial
 Aqui me afronta. Em meio duma multidão
 De moças e rapazes, velhos e matronas,
 Uma mescla variada, eu havia passado
 A noite em danças, alegria e diversão,
 Com ruído de instrumentos e arrastar de pés,
 E formas fugidias, velas cintilantes,
 E um murmúrio fútil a cruzar o ar;
 Espíritos exaltados, e aqui e ali
 Pequenos choques de paixão entremesclados,
 Cujo efêmero prazer subia até a cabeça
 E fervilhava as veias. Antes de partirmos,
 Já cantara o galo, e agora o céu no oriente
 Se acendia à vista, desde a humilde mata
 E o campo aberto, pelo qual serpeava a senda
 E à casa me guiava os pés. Magnificante
 Ergueu-se a aurora, numa pompa memorável,
 Gloriosa qual jamais a vira – à frente,
 O mar quedava rindo na distância; próximo,
 As montanhas refulgiam como as nuvens,
 Abrasadas, cheias de fulgor empíreo;
 E nas campinas e nas terras mais abaixo
 Havia todo o encanto duma aurora usual—
 Orvalho, cerração, e a música das aves,
 E os trabalhadores indo arar os campos.
 Ah!, preciso dizer, Amigo!, que meu peito
 Transbordava? Não fiz juras, porém juras
 Foram-me então feitas; voto oculto a mim
 Foi dado, que eu seria, ou pecaria em muito,
 Um consagrado Espírito. Avante caminhei,
 Em grata beatitude, que perdura ainda.

Estranha mescla! Minha mente era, então,
 Um quadro variegado de feliz e de grave,
 Sólido e sutil, profundo e imponderado;
 De hábitos irrefletidos e sensatos,
 Congregando sem censura em um só lar.
 O mérito eu sabia dos poderes meus,
 Embora amiúde mal-usados. Ademais,
 A esse verão, repleto de ponderações
 Fugazes e indolentes, não faltavam lapsos

When Folly from the frown of fleeting Time
Shrunk, and the mind experienced in herself
Conformity as just as that of old
To the end and written spirit of God's works,
Whether held forth in Nature or in Man,
Through pregnant vision, separate or conjoined.

When from our better selves we have too long
Been parted by the hurrying world, and droop,
Sick of its business, of its pleasures tired,
How gracious, how benign, is Solitude;
How potent a mere image of her sway;
Most potent when impressed upon the mind
With an appropriate human centre—hermit,
Deep in the bosom of the wilderness;
Votary (in vast cathedral, where no foot
Is treading, where no other face is seen)
Kneeling at prayers; or watchman on the top
Of lighthouse, beaten by Atlantic waves;
Or as the soul of that great Power is met
Sometimes embodied on a public road,
When, for the night deserted, it assumes
A character of quiet more profound
Than pathless wastes.

Once, when those summer months
Were flown, and autumn brought its annual show
Of oars with oars contending, sails with sails,
Upon Winander's spacious breast, it chanced
That—after I had left a flower-decked room
(Whose in-door pastime, lighted up, survived
To a late hour), and spirits overwrought
Were making night do penance for a day
Spent in a round of strenuous idleness—
My homeward course led up a long ascent,
Where the road's watery surface, to the top
Of that sharp rising, glittered to the moon
And bore the semblance of another stream
Stealing with silent lapse to join the brook
That murmured in the vale. All else was still;
No living thing appeared in earth or air,
And, save the flowing water's peaceful voice,
Sound there was none—but, lo! an uncouth shape,
Shown by a sudden turning of the road,
So near that, slipping back into the shade
Of a thick hawthorn, I could mark him well,
Myself unseen. He was of stature tall,
A span above man's common measure, tall,
Stiff, lank, and upright; a more meagre man
Was never seen before by night or day.
Long were his arms, pallid his hands; his mouth
Looked ghastly in the moonlight: from behind,
A mile-stone propped him; I could also ken
That he was clothed in military garb,
Though faded, yet entire. Companionless,
No dog attending, by no staff sustained,
He stood, and in his very dress appeared
A desolation, a simplicity,
To which the trappings of a gaudy world
Make a strange back-ground. From his lips, ere long,
Issued low muttered sounds, as if of pain

Em que a Tolice, frente à repreensão do Tempo,
Se encolhia, e a mente vivenciava em si
Conformidade justa como aquela outrora
Aos fins e ao espírito escrito das obras de Deus,
Se proclamados no Homem ou na Natureza,
Com visão fecunda, juntos ou distantes.

Quando de nossa essência estamos há já muito
Separados pelo mundo, e esmorecemos,
Cheios da sua lida, de seus gozos fartos,
Quão graciosa, quão bondosa é a Solidão:
Quão poderosa a mera imagem de seu mando;
Mais potente quando impressa sobre a mente
Co'um propício centro humano – um eremita,
Fundo no âmago das ermas regiões;
Devoto (em vasta catedral, onde pé algum
Caminha, onde nenhum outro rosto é visto)
Ajoelhado em prece; ou um vigia no alto
Do farol, golpeado pelo mar do Atlântico;
Ou como o espírito daquela grande Força
É vista às vezes encarnada numa estrada,
Quando, abandonada pela noite, assume
Uma aparência de quietude mais profunda
Que desertos.

Um dia, quando esse verão
Passou, e o outono trouxe seu anual espetáculo
De remos contra remos, velas contra velas,
Sobre o amplo seio do Winander, deu-se
Que – depois de eu ter deixado um salão florido
(Onde, à luz de vela, os jogos se alongaram
Noite adentro), e espíritos extenuados
Obrigavam a noite a redimir um dia
Gasto em séries de exaustiva ociosidade –
Meu caminho percorria um longo aclave,
Onde o pavimento úmido, até o topo
Da íngreme subida, cintilava à lua
E tinha a semelhança doutro curso d'água,
Deslizando quieto pra encontrar o riacho
Que no vale murmurava. Tudo estava mudo,
Nada vivo se avistava em terra ou ar,
E salvo a mansa voz das águas corredias,
Não havia som – mas, eis!, estranha forma,
Desvelada pela curva do caminho,
Tão próxima que eu, recuando para a sombra
Dum arbusto, bem podia distingui-la,
Eu próprio oculto. Ele era de estatura alta,
Um palmo a mais que em média um homem mede, alto
Hirto, tesos e esguio; um homem tão franzino
Nunca antes fora visto, noite ou dia.
Longos seus braços, pálidas suas mãos; sua boca
Parecia esquelética ao luar: atrás,
Um marco o suportava; pude ver também
Que usava farda militar, embora gasta,
Ainda inteira. Sem alguma companhia,
Nem um cão ao lado, nem bordão de apoio,
Lá ficava, e em suas vestes parecia
Uma desolação, uma simplicidade,
Aos quais os atavios dum mundo apavonado
Fazem um estranho fundo. De seus lábios logo
Veio um baixo murmurar, qual se de dor

Or some uneasy thought; yet still his form
 Kept the same awful steadiness—at his feet
 His shadow lay, and moved not. From self-blame
 Not wholly free, I watched him thus; at length
 Subduing my heart's specious cowardice,
 I left the shady nook where I had stood
 And hailed him. Slowly from his resting-place
 He rose, and with a lean and wasted arm
 In measured gesture lifted to his head
 Returned my salutation; then resumed
 His station as before; and when I asked
 His history, the veteran, in reply,
 Was neither slow nor eager; but, unmoved,
 And with a quiet uncomplaining voice,
 A stately air of mild indifference,
 He told in few plain words a soldier's tale—
 That in the Tropic Islands he had served,
 Whence he had landed scarcely three weeks past;
 That on his landing he had been dismissed,
 And now was travelling towards his native home.
 This heard, I said, in pity, "Come with me."
 He stooped, and straightway from the ground took up
 An oaken staff by me yet unobserved—
 A staff which must have dropt from his slack hand
 And lay till now neglected in the grass.
 Though weak his step and cautious, he appeared
 To travel without pain, and I beheld,
 With an astonishment but ill suppressed,
 His ghostly figure moving at my side;
 Nor could I, while we journeyed thus, forbear
 To turn from present hardships to the past,
 And speak of war, battle, and pestilence,
 Sprinkling this talk with questions, better spared,
 On what he might himself have seen or felt.
 He all the while was in demeanour calm,
 Concise in answer; solemn and sublime
 He might have seemed, but that in all he said
 There was a strange half-absence, as of one
 Knowing too well the importance of his theme,
 But feeling it no longer. Our discourse
 Soon ended, and together on we passed
 In silence through a wood gloomy and still.
 Up-turning, then, along an open field,
 We reached a cottage. At the door I knocked,
 And earnestly to charitable care
 Commended him as a poor friendless man,
 Belated and by sickness overcome.
 Assured that now the traveller would repose
 In comfort, I entreated that henceforth
 He would not linger in the public ways,
 But ask for timely furtherance and help
 Such as his state required. At this reproof,
 With the same ghastly mildness in his look,
 He said, "My trust is in the God of Heaven,
 And in the eye of him who passes me!"

The cottage door was speedily unbarred,
 And now the soldier touched his hat once more
 With his lean hand, and in a faltering voice,
 Whose tone bespoke reviving interests

Ou pensamento aflito; mas sua forma ainda
 Tinha a fixidez terrível – aos seus pés
 Deitava sua sombra, e não movia. De culpa
 Não inteiro livre, assim eu o observava;
 Por fim, vencendo minha falsa covardia,
 Me afastei do canto escuro em que estivera
 E o saudei. Com lentidão, de seu lugar
 Ergueu-se, e com um braço magro e enfraquecido,
 Em gesto calculado alçado até a cabeça,
 Respondeu à saudação; então voltou
 Ao posto anterior; e quando perguntei
 De sua história, o veterano, ao responder,
 Não teve entusiasmo nem vagar; mas firme,
 E co'uma voz serena e sem se lamentar,
 Um ar altivo de suave indiferença,
 Relatou em breve a estória dum soldado –
 Que nas Ilhas Tropicais havia servido,
 Onde regressara há apenas três semanas;
 Que ao aportar havia sido dispensado,
 E agora viajava até seu lar natal.
 Então, apiedado, eu disse, "Vêm comigo."
 Ele abaixou-se e logo recolheu do chão
 Um bordão de carvalho que eu não tinha visto,
 O qual caiu por certo de sua mão infirme
 E esteve até então na grama abandonado.
 Embora fracos os seus passos, e prudentes,
 Parecia andar sem dor, e eu contemplei
 Com um assombro parcamente suprimido,
 Sua figura espectral movendo-se ao meu lado;
 Nem pude eu evitar, enquanto assim viajávamos,
 Passar das lástimas presentes ao passado,
 E comentar de guerra, de batalha e peste,
 Intercalando indagações, melhor poupadas,
 Sobre o que ele próprio possa ter vivido.
 Ele, entrementes, era de conduta calmo,
 Breve nas respostas; grave e grandioso
 Parecia, mas em tudo o que dizia
 Havia certa ausência, como se de alguém
 Que bem sabia a relevância de seu tema,
 Mas que não sentia mais. Nosso colóquio
 Logo teve fim, e juntos prosseguimos
 Em silêncio por um bosque triste e mudo..
 Voltando acima, então, cruzando um campo aberto,
 Nós chegamos a um chalé. Bati na porta,
 E com sinceridade ao zelo caridoso
 Confiei-o como um homem desvalido,
 Adoentado e que na estrada se tardara.
 Certo de que ele agora iria repousar
 Com aconchego, eu lhe roguei que doravante
 Não se demorasse pelas vias públicas,
 Mas que pedisse a tempo o auxílio e a proteção
 Que seu estado requiriria. A tal censura,
 Co'uma lúgubre doçura em seu olhar,
 Me disse, 'Minha confiança está em Deus
 E com o olhar dos que me cruzam o caminho!'

A porta do chalé foi logo destrancada,
 E agora ele outra vez tocou o seu chapéu
 Co'a magra mão, e co'uma voz que vacilava,
 Cujo tom traía interesses reavivados,

Till then unfelt, he thanked me; I returned
The farewell blessing of the patient man,
And so we parted. Back I cast a look,
And lingered near the door a little space,
Then sought with quiet heart my distant home.

Não sentidos 'té o momento, agradeceu-me;
Devolvi o adeus do homem paciente
E assim nos despedimos. Voltei o olhar pra trás
E demorei-me à porta por um breve instante,
Então, co'um coração em paz, busquei meu lar.

**Book Fifth
Books**

WHEN Contemplation, like the night-calm felt
Through earth and sky, spreads widely, and sends deep
Into the soul its tranquillising power,
Even then I sometimes grieve for thee, O Man,
Earth's paramount Creature! not so much for woes
That thou endurest; heavy though that weight be,
Cloud-like it mounts, or touched with light divine
Doth melt away; but for those palms achieved,
Through length of time, by patient exercise
Of study and hard thought; there, there, it is
That sadness finds its fuel. Hitherto,
In progress through this Verse, my mind hath looked
Upon the speaking face of earth and heaven
As her prime teacher, intercourse with man
Established by the sovereign Intellect,
Who through that bodily image hath diffused,
As might appear to the eye of fleeting time,
A deathless spirit. Thou also, man! hast wrought,
For commerce of thy nature with herself,
Things that aspire to unconquerable life;
And yet we feel—we cannot choose but feel—
That they must perish. Tremblings of the heart
It gives, to think that our immortal being
No more shall need such garments; and yet man,
As long as he shall be the child of earth,
Might almost "weep to have" what he may lose,
Nor be himself extinguished, but survive,
Abject, depressed, forlorn, disconsolate.
A thought is with me sometimes, and I say,—
Should the whole frame of earth by inward throes
Be wrenched, or fire come down from far to scorch
Her pleasant habitations, and dry up
Old Ocean, in his bed left singed and bare,
Yet would the living Presence still subsist
Victorious, and composure would ensue,
And kindlings like the morning—presage sure
Of day returning and of life revived.
But all the meditations of mankind,
Yea, all the adamantine holds of truth
By reason built, or passion, which itself
Is highest reason in a soul sublime;
The consecrated works of Bard and Sage,
Sensuous or intellectual, wrought by men,
Twin labourers and heirs of the same hopes;
Where would they be? Oh! why hath not the Mind
Some element to stamp her image on
In nature somewhat nearer to her own?
Why, gifted with such powers to send abroad
Her spirit, must it lodge in shrines so frail?

One day, when from my lips a like complaint
Had fallen in presence of a studious friend,
He with a smile made answer, that in truth
'Twas going far to seek disquietude;
But on the front of his reproof confessed

**Livro Quinto
Livros**

Quando a Contemplação, tal como a paz da noite
Sobre a terra e o céu, se alastra vasta e envia
Fundo na alma seu poder tranquilizante,
Assim por vez me entristeci por ti, oh Homem,
Sumo Ser da Terra!, menos pelos males
Que suportas; grande embora seja o peso,
Como nuvem sobe, ou sob a luz divina
Se dissolve; do que pelas palmas ganhas,
Através do tempo e paciente afincio
No árduo estudo e pensamento; lá, é lá
Que a mágoa encontra o seu sustento. Até agora,
Ao longo deste Poema, a minha mente olhou
Para a eloquente face do céu e da terra
Como sua maior mentora, trato co'o homem
Criado pela Inteligência soberana,
Que por essa imagem corporal verteu,
Qual pode parecer ao tempo fugidio,
Um espírito imortal. Também tu, homem!, criaste,
Ao trato entre a tua essência e ela mesma,
Coisas que se lançam à vida inconquistável;
Mas sentimos – não se pode não sentir –
Que devem perecer. Choques do coração
Nos dá, pensar que nosso ser imorredouro
Não mais usará tais vestes; mas, o homem,
Sendo ainda ele um filho desta terra,
Poderia 'chorar por ter' o que pode perder
Nem ser ele mesmo extinto, mas perdura
Abjeto, deprimido, aflito, abandonado.
Um pensamento às vezes me acompanha, e eu digo, –
Caso a terra toda em convulsões internas
Rebentasse, ou fogo viesse causticar
As suas afáveis moradias, e ressecar
O velho Oceano, o abismo seco e desolado,
Ainda a vívida Presença restaria
Triunfante, e a calma então seguir-se-ia,
E claridades como a aurora – augúrio certo
Ao dia que regressa e vida renascida.
Mas todas as meditações da humanidade,
Sim, todas as firmes bases da verdade
Pela mente erguidas, ou paixão, a qual
É o sumo juízo numa alma grandiosa;
As obras consagadas de Poeta e Sábio,
Intelectuais ou sensoriais, por homens criadas,
Artesãos irmãos e herdeiros do mesmo anseio;
Onde estariam? Ah!, por que não tem a Mente
Um elemento pra estampar a sua imagem
Co'uma natureza mais conforme à sua?
Por que, dotada de poderes pra espalhar
Sua alma, deve pô-la em vasos tão precários?

Um dia, quando dos meus lábios queixa igual
Caiu diante dum amigo estudioso,
Ele, co'um sorriso disse que, de fato,
Isso era ir longe em busca de aflição;
Mas em seguida à sua censura, confessou-me

That he himself had oftentimes given way
 To kindred hauntings. Whereupon I told,
 That once in the stillness of a summer's noon,
 While I was seated in a rocky cave
 By the sea-side, perusing, so it chanced,
 The famous history of the errant knight
 Recorded by Cervantes, these same thoughts
 Beset me, and to height unusual rose,
 While listlessly I sate, and, having closed
 The book, had turned my eyes toward the wide sea.
 On poetry and geometric truth,
 And their high privilege of lasting life,
 From all internal injury exempt,
 I mused, upon these chiefly: and at length,
 My senses yielding to the sultry air,
 Sleep seized me, and I passed into a dream.
 I saw before me stretched a boundless plain
 Of sandy wilderness, all black and void,
 And as I looked around, distress and fear
 Came creeping over me, when at my side,
 Close at my side, an uncouth shape appeared
 Upon a dromedary, mounted high.
 He seemed an Arab of the Bedouin tribes:
 A lance he bore, and underneath one arm
 A stone, and in the opposite hand a shell
 Of a surpassing brightness. At the sight
 Much I rejoiced, not doubting but a guide
 Was present, one who with unerring skill
 Would through the desert lead me; and while yet
 I looked and looked, self-questioned what this freight
 Which the new-comer carried through the waste
 Could mean, the Arab told me that the stone
 (To give it in the language of the dream)
 Was "Euclid's Elements;" and "This," said he,
 "Is something of more worth;" and at the word
 Stretched forth the shell, so beautiful in shape,
 In colour so resplendent, with command
 That I should hold it to my ear. I did so,
 And heard that instant in an unknown tongue,
 Which yet I understood, articulate sounds,
 A loud prophetic blast of harmony;
 An Ode, in passion uttered, which foretold
 Destruction to the children of the earth
 By deluge, now at hand. No sooner ceased
 The song, than the Arab with calm look declared
 That all would come to pass of which the voice
 Had given forewarning, and that he himself
 Was going then to bury those two books:
 The one that held acquaintance with the stars,
 And wedded soul to soul in purest bond
 Of reason, undisturbed by space or time;
 The other that was a god, yea many gods,
 Had voices more than all the winds, with power
 To exhilarate the spirit, and to soothe,
 Through every clime, the heart of human kind.
 While this was uttering, strange as it may seem,
 I wondered not, although I plainly saw
 The one to be a stone, the other a shell;
 Nor doubted once but that they both were books,
 Having a perfect faith in all that passed.

Que ele próprio havia amiúde dado ensejo
 A angústias semelhantes. Nisso lhe contei
 Que um dia, numa calma tarde de verão,
 Enquanto me sentava à gruta dum rochedo
 À beira-mar, sondando, como deu-se o acaso,
 A ilustre crônica do errante cavaleiro
 Relatada por Cervantes, esses pensamentos
 Me assaltaram e a rara altura se elevaram,
 Enquanto langue me sentava e, já fechado
 O livro, me voltava para o mar imenso.
 Na poesia e na verdade geométrica,
 Seus privilégios duma vida duradora,
 Quanto a todo ferimento interno livre,
 Eu meditei, sobre isso mais que tudo: e, enfim,
 Cedendo os meus sentidos ao mormaço do ar,
 O sono me tomou, e mergulhei num sonho.
 Eu vi à minha frente abrir-se um vasto plano
 De árido deserto, todo negro e ermo,
 E enquanto olhava à volta, pânico e terror
 Apoderaram-se de mim, quando ao meu lado,
 Próximo, uma forma estranha apareceu
 Num dromedário, alto em sua montaria.
 Parecia um Árabe das tribos Beduínas:
 Uma lança carregava e, sob o braço,
 Uma pedra, à mão oposta, uma concha
 Dum fulgor incomparável. Co' essa vista
 Muito me alegrei, sem duvidar que um guia
 Ali se achava, alguém que com saber seguro
 Iria guiar-me no deserto; e enquanto ainda
 Olhava e olhava, cogitando o que essa carga
 Que o viajante carregava pelo ermo
 Poderia ser, o Árabe contou que a pedra
 (Pra servir-me das palavras do meu sonho)
 Era "Os Elementos de Euclides", e "Isto", disse,
 "É algo ainda mais valioso"; e, dito isso,
 Me estendeu a concha, tão vistosa em forma,
 Em cor tão resplendente, dando-me a instrução
 Pra que a pusesse em meu ouvido. Assim o fiz,
 E ouvi naquele instante, numa língua estranha,
 Que entendi entretanto, sons articulados,
 Uma explosão profética de melodia:
 Uma Ode declamada que anunciava
 A destruição dos filhos todos desta terra
 Por dilúvio, agora perto. Mal findou
 O canto, o Árabe, com calmo olhar, falou
 Que tudo assim ocorreria como a voz
 Havia dado a anunciação, e que ele próprio
 Então seguia pra enterrar os dois volumes:
 Um, o que guardava a ciência das estrelas,
 E que unia as almas no mais puro elo
 Da razão, imperturbadas pelo espaço ou tempo;
 O outro, que era ele um deus, sim, muitos deuses,
 Tinha vozes mais que os ventos, com poder
 Para animar o espírito e tranquilizar,
 Por todo o mundo, o coração da humanidade.
 Enquanto assim falava, estranho que pareça
 Não me surpreendi, embora visse claro
 Que um era uma pedra e o outro, uma concha;
 Nem duvidei sequer que fossem ambos livros,
 Tendo plena fé em tudo que ocorria.

Far stronger, now, grew the desire I felt
 To cleave unto this man; but when I prayed
 To share his enterprise, he hurried on
 Reckless of me: I followed, not unseen,
 For oftentimes he cast a backward look,
 Grasping his twofold treasure.—Lance in rest,
 He rode, I keeping pace with him; and now
 He, to my fancy, had become the knight
 Whose tale Cervantes tells; yet not the knight,
 But was an Arab of the desert too;
 Of these was neither, and was both at once.
 His countenance, meanwhile, grew more disturbed;
 And, looking backwards when he looked, mine eyes
 Saw, over half the wilderness diffused,
 A bed of glittering light: I asked the cause:
 "It is," said he, "the waters of the deep
 Gathering upon us;" quickening then the pace
 Of the unwieldy creature he bestrode,
 He left me: I called after him aloud;
 He heeded not; but, with his twofold charge
 Still in his grasp, before me, full in view,
 Went hurrying o'er the illimitable waste,
 With the fleet waters of a drowning world
 In chase of him; whereat I waked in terror,
 And saw the sea before me, and the book,
 In which I had been reading, at my side.

Full often, taking from the world of sleep
 This Arab phantom, which I thus beheld,
 This semi-Quixote, I to him have given
 A substance, fancied him a living man,
 A gentle dweller in the desert, crazed
 By love and feeling, and internal thought
 Protracted among endless solitudes;
 Have shaped him wandering upon this quest!
 Nor have I pitied him; but rather felt
 Reverence was due to a being thus employed;
 And thought that, in the blind and awful lair
 Of such a madness, reason did lie couched.
 Enow there are on earth to take in charge
 Their wives, their children, and their virgin loves,
 Or whatsoever else the heart holds dear;
 Enow to stir for these; yea, will I say,
 Contemplating in soberness the approach
 Of an event so dire, by signs in earth
 Or heaven made manifest, that I could share
 That maniac's fond anxiety, and go
 Upon like errand. Oftentimes at least
 Me hath such strong entrancement overcome,
 When I have held a volume in my hand,
 Poor earthly casket of immortal verse,
 Shakespeare, or Milton, labourers divine!

Great and benign, indeed, must be the power
 Of living nature, which could thus so long
 Detain me from the best of other guides
 And dearest helpers, left unthanked, unpraised,
 Even in the time of lisping infancy;
 And later down, in prattling childhood even,
 While I was travelling back among those days,

Mais forte agora era o anseio que eu sentia
 De juntar-me a ele; mas ao lhe rogar
 Pra que eu pudesse acompanhá-lo, se apressou
 Alheio a mim: segui-o, não despercebido,
 Pois amiúde atrás lançava o seu olhar,
 Cingindo os dois tesouros. – Lança em riste,
 Cavalgava; eu mantendo o passo; e agora,
 À minha fantasia, ele era o cavaleiro
 Que Cervantes narra; não só o cavaleiro,
 Mas também ele era um Árabe do deserto;
 Desses nenhum ele era, e ambos a um só tempo.
 Seu rosto, enquanto isso, mais se perturbava;
 E, olhando para trás quando ele olhava, vi,
 Já recobrando a maior parte do deserto,
 Um mar de luz brilhante: perguntei-lhe a causa:
 "Essas são", disse ele, "as águas do abismo
 Que se juntam contra nós"; instando, então, o passo
 Da pesada criatura em que montava,
 Me deixou: chamei por ele com um grito:
 Não me ouviu; porém, com sua dupla carga
 Ainda em mãos, à minha frente, todo à vista,
 Ia às pressas através do ermo infundo,
 Co'as águas céleres dum mundo a submergir
 O perseguindo; nisso eu acordei em pânico,
 E divisei o mar à minha frente, e o livro
 O qual eu estivera lendo, do meu lado.

Muitas vezes, tomando do mundo do sono
 Tal fantasma Árabe, que assim eu vi,
 Esse quase-Quixote, eu a ele dei
 Substância, imaginei-o como um homem vivo,
 Um habitante do deserto, enlouquecido
 Por amor e sentimento, e um pensamento
 Prolongado em meio às solidões infundas;
 Dei-lhe a forma dum viajante em sua empresa!
 Nem lastimei-o; mas senti que reverência
 Era necessária a um ser assim empregue;
 E imaginei que, no terrível e cego antro
 Duma tal loucura, ocultava-se a razão.
 Muitos já há na terra que têm de cuidar
 De esposas, filhos, e de amores virginais
 Ou o que quer que seja caro ao coração;
 Muitos que já se empenham nisso; sim, direi,
 Enquanto fico a contemplar tranquilo a vinda
 Dum evento tão funesto, por sinais
 Na terra ou céu predito, que eu partilharia
 A vã aflição daquele louco, e empreenderia
 Igual demanda. Muitas vezes, pelo menos,
 Um encanto assim tão forte me tomou,
 Enquanto em minhas mãos eu segurava um livro,
 Pobre urna efêmera de versos imortais,
 De Shakespeare ou de Milton, artesões divinos!

Grande e benévolo, por certo, é o poder
 Da Natureza, que por tanto tempo pôde
 Conservar-me longe doutros guias hábeis
 E ajudantes, sem louvor, ou gratidão,
 Mesmo na época da infância ciciante,
 E até depois, na meninice tagarela,
 Mesmo quando eu recordava aqueles dias,

How could I ever play an ingrate's part?
 Once more should I have made those bowers resound,
 By intermingling strains of thankfulness
 With their own thoughtless melodies; at least
 It might have well beseemed me to repeat
 Some simply fashioned tale, to tell again,
 In slender accents of sweet verse, some tale
 That did bewitch me then, and soothes me now.
 O Friend! O Poet! brother of my soul,
 Think not that I could pass along untouched
 By these remembrances. Yet wherefore speak?
 Why call upon a few weak words to say
 What is already written in the hearts
 Of all that breathe?—what in the path of all
 Drops daily from the tongue of every child,
 Wherever man is found? The trickling tear
 Upon the cheek of listening Infancy
 Proclaims it, and the insuperable look
 That drinks as if it never could be full.

That portion of my story I shall leave
 There registered: whatever else of power
 Or pleasure sown, or fostered thus, may be
 Peculiar to myself, let that remain
 Where still it works, though hidden from all search
 Among the depths of time. Yet is it just
 That here, in memory of all books which lay
 Their sure foundations in the heart of man,
 Whether by native prose, or numerous verse,
 That in the name of all inspirèd souls,
 From Homer the great Thunderer, from the voice
 That roars along the bed of Jewish song,
 And that more varied and elaborate,
 Those trumpet-tones of harmony that shake
 Our shores in England,—from those loftiest notes
 Down to the low and wren-like warblings, made
 For cottagers and spinners at the wheel,
 And sun-burnt travellers resting their tired limbs,
 Stretched under wayside hedge-rows, ballad tunes,
 Food for the hungry ears of little ones,
 And of old men who have survived their joys:
 'Tis just that in behalf of these, the works,
 And of the men that framed them, whether known,
 Or sleeping nameless in their scattered graves,
 That I should here assert their rights, attest
 Their honours, and should, once for all, pronounce
 Their benediction; speak of them as Powers
 For ever to be hallowed; only less,
 For what we are and what we may become,
 Than Nature's self, which is the breath of God,
 Or His pure Word by miracle revealed.

Rarely and with reluctance would I stoop
 To transitory themes; yet I rejoice,
 And, by these thoughts admonished, will pour out
 Thanks with uplifted heart, that I was reared
 Safe from an evil which these days have laid
 Upon the children of the land, a pest
 That might have dried me up, body and soul.
 This verse is dedicate to Nature's self,

Como pude alguma vez ter sido ingrato?
 Outra vez teria feito ressoar os bosques,
 Misturando notas de agradecimento
 Às suas melodias naturais; ao menos
 Bem teria-me convidado repetir
 Um conto despretençioso, recontar
 Em gráceis tons de doces versos uma estória
 Que me deleitava então, e agora acalma.
 Óh Amigo! Óh Poeta!, irmão da minha alma,
 Não pense que eu passaria indiferente
 Por essas lembranças. Mas pra que falar?
 Por que invocar palavras fracas pra dizer
 O que já se acha escrito sobre os corações
 De todos que respiram? O que no seu caminho
 A cada dia cai dos lábios das crianças,
 Onde houver um homem? A lágrima a escorrer
 Descendo pela face da atenciosa Infância
 O anuncia, e o insuperável olhar que bebe
 Como se jamais pudesse saciar-se.

Aquela parte do meu conto eu deixarei
 Lá registrada: tudo o mais que de poder
 Ou de prazer semeado, ou cultivado, seja
 Peculiar a mim, que aquilo permaneça
 Onde ainda age, embora oculto à busca
 Em meio ao âmago do tempo. Mas, é justo
 Que aqui, em memória aos livros que lançaram
 Suas fundações no coração do homem,
 Se em nativa prosa ou versos numerosos,
 Que em nome de todas almas inspiradas –
 Desde o Retumbante Homero, desde a voz
 Que ruge na torrente das canções hebraicas,
 E a outra mais variada e trabalhada, os timbres
 De clarim harmoniosos que estremecem
 Nossas costas da Inglaterra, - dessas notas
 'Té os trinados baixos como os da carriça,
 De aldeões e fiandeiras junto à roca,
 E viajantes descansando os membros lassos,
 Estirados sob as sebes, melodias,
 Alimento ao ouvido ávido das crianças
 E dos velhos que viveram além das alegrias –
 É justo que em favor de tudo isso, as obras
 E dos homens que as criaram, se famosos
 Ou dormindo anônimos em suas tumbas,
 Que eu aqui afirme seus direitos, diga
 Suas honras, e que dum vez profira
 Sua bênção; fale deles como Forças
 Para sempre veneráveis; menos só,
 Pelo que nós somos e podemos ser,
 Que a Natureza, que é o alento do Divino
 Ou o puro Verbo por milagre revelado.

Raro e com relutância me rebaixaria
 A temas transitórios; entretanto alegre-me,
 E, por esses pensamentos exortado,
 Graças dou co'um coração contente por crescer
 A salvo dum flagelo que hoje tem caído
 Sobre as crianças desta terra, uma peste
 Que teria me secado, corpo e alma.
 Esta canção dedico à própria Natureza

And things that teach as Nature teaches: then,
 Oh! where had been the Man, the Poet where,
 Where had we been, we two, beloved Friend!
 If in the season of unperilous choice,
 In lieu of wandering, as we did, through vales
 Rich with indigenous produce, open ground
 Of Fancy, happy pastures ranged at will,
 We had been followed, hourly watched, and noosed,
 Each in his several melancholy walk
 Stringed like a poor man's heifer at its feed,
 Led through the lanes in forlorn servitude;
 Or rather like a stallèd ox debarred
 From touch of growing grass, that may not taste
 A flower till it have yielded up its sweets
 A prelibation to the mower's scythe.

Behold the parent hen amid her brood,
 Though fledged and feathered, and well pleased to part
 And straggle from her presence, still a brood,
 And she herself from the maternal bond
 Still undischarged; yet doth she little more
 Than move with them in tenderness and love,
 A centre to the circle which they make;
 And now and then, alike from need of theirs
 And call of her own natural appetites,
 She scratches, ransacks up the earth for food,
 Which they partake at pleasure. Early died
 My honoured Mother, she who was the heart
 And hinge of all our learnings and our loves:
 She left us destitute, and, as we might,
 Trooping together. Little suits it me
 To break upon the sabbath of her rest
 With any thought that looks at others' blame;
 Nor would I praise her but in perfect love.
 Hence am I checked: but let me boldly say,
 In gratitude, and for the sake of truth,
 Unheard by her, that she, not falsely taught,
 Fetching her goodness rather from times past,
 Than shaping novelties for times to come,
 Had no presumption, no such jealousy,
 Nor did by habit of her thoughts mistrust
 Our nature, but had virtual faith that He
 Who fills the mother's breast with innocent milk,
 Doth also for our nobler part provide,
 Under His great correction and control,
 As innocent instincts, and as innocent food;
 Or draws for minds that are left free to trust
 In the simplicities of opening life
 Sweet honey out of spurned or dreaded weeds.
 This was her creed, and therefore she was pure
 From anxious fear of error or mishap,
 And evil, overweeningly so called;
 Was not puffed up by false unnatural hopes,
 Nor selfish with unnecessary cares,
 Nor with impatience from the season asked
 More than its timely produce; rather loved
 The hours for what they are, than from regard
 Glanced on their promises in restless pride.
 Such was she—not from faculties more strong
 Than others have, but from the times, perhaps,

E às coisas que como ela nos ensinam; assim,
 Óh!, onde estaria o homem, onde o Poeta,
 Onde estaríamos nós dois, amado amigo!,
 Se na idade das escolhas sem perigo,
 Em vez de andarmos, qual fazíamos, por vales
 Ricos com nativos frutos, campo aberto
 À Fantasia, alegres pastos percorridos,
 Fossemos seguidos, vigiados, presos,
 Cada qual nos passeios taciturnos,
 Amarrados qual bezerra no seu pasto,
 Conduzidos pela estrada em servidão;
 Ou antes, como um boi no estábulo, privado
 De tocar a erva fresca, sem provar
 A flor até que tenha entregue o seu dulçor
 Como antegosto para a foice do ceifeiro.

Vede a galinha mãe em meio à sua ninhada,
 Embora já emplumada e pronta pra partir
 E errar pra longe dela, ainda uma ninhada,
 E ela própria do elo maternal ainda
 Não isenta; mas, faz ela pouco mais
 Que se mover com eles com amor e afeto,
 Um centro para o círculo que à volta fazem;
 E, de vez em quando, tanto por pedirem
 Quanto por seu apetite natural,
 Ela remexe e esmiuça a terra por comida,
 Que partilham à vontade. cedo morreu
 A minha honrada Mãe, a que era o coração
 E o eixo de todo o nosso aprendizado e amor:
 Deixou-nos sem amparo e, como conseguimos,
 Continuando juntos. Pouco me convém
 Importunar a paz do seu descanso
 Com um pensamento para a culpa de outros:
 Nem a louvaria sem perfeito amor,
 Por isso hesito: mas que com audácia eu diga,
 Em gratidão, e sem faltar com a verdade,
 Que ela, que não pode ouvir, não falso instruída,
 Tendo sua bondade antes do passado
 Que moldando novidades pr'o porvir,
 Não tinha presunção, nem tal desconfiança,
 Nem possuía o hábito de duvidar
 Da nossa natureza, mas tinha a fé de que Ele
 Que enche o seio maternal de puro leite
 Assim também a nossa melhor parte guarda,
 Sob a Sua correção e seu controle,
 Como instintos puros e alimento puro;
 Ou extrai a mentes livres pra confiar,
 Nas singelezas duma vida florescente,
 O mel das ervas desprezadas ou temidas.
 Esta era a sua crença e, assim, ela era livre
 Do temor ansioso do erro ou de acidentes
 E do mal, com presunção assim chamado;
 Não se enchia de esperanças ilusórias,
 Nem de zelos dispensáveis e egoístas,
 Nem, co' impaciência, da estação pedia
 Mais que o fruto do seu tempo, amava mais
 As horas pelo que eram do que por estima
 Vista em suas promessas com orgulho inquieto.
 Assim era ela – não por faculdades fortes
 Mais que de outros, mas, quem sabe, pelos tempos

And spot in which she lived, and through a grace
Of modest meekness, simple-mindedness,
A heart that found benignity and hope,
Being itself benign.

My drift I fear
Is scarcely obvious; but, that common sense
May try this modern system by its fruits,
Leave let me take to place before her sight
A specimen portrayed with faithful hand.
Full early trained to worship seemliness,
This model of a child is never known
To mix in quarrels; that were far beneath
Its dignity; with gifts he bubbles o'er
As generous as a fountain; selfishness
May not come near him, nor the little throng
Of flitting pleasures tempt him from his path;
The wandering beggars propagate his name,
Dumb creatures find him tender as a nun,
And natural or supernatural fear,
Unless it leap upon him in a dream,
Touches him not. To enhance the wonder, see
How arch his notices, how nice his sense
Of the ridiculous; not blind is he
To the broad follies of the licensed world,
Yet innocent himself withal, though shrewd,
And can read lectures upon innocence;
A miracle of scientific lore,
Ships he can guide across the pathless sea,
And tell you all their cunning; he can read
The inside of the earth, and spell the stars;
He knows the policies of foreign lands;
Can string you names of districts, cities, towns,
The whole world over, tight as beads of dew
Upon a gossamer thread; he sifts, he weighs;
All things are put to question; he must live
Knowing that he grows wiser every day
Or else not live at all, and seeing too
Each little drop of wisdom as it falls
Into the dimpling cistern of his heart:
For this unnatural growth the trainer blame,
Pity the tree.—Poor human vanity,
Wert thou extinguished, little would be left
Which he could truly love; but how escape?
For, ever as a thought of purer birth
Rises to lead him toward a better clime,
Some intermeddler still is on the watch
To drive him back, and pound him, like a stray,
Within the pinfold of his own conceit.
Meanwhile old grandame earth is grieved to find
The playthings, which her love designed for him,
Unthought of: in their woodland beds the flowers
Weep, and the river sides are all forlorn.
Oh! give us once again the wishing cap
Of Fortunatus, and the invisible coat
Of Jack the Giant-killer, Robin Hood,
And Sabra in the forest with St. George!
The child, whose love is here, at least, doth reap
One precious gain, that he forgets himself.

These mighty workmen of our later age,

E o lugar em que vivia, e pela graça
De modesta mansidão, simplicidade,
Um coração que descobria a esperança e o bem,
Sendo ele em si bondoso.

Meu intento, temo,
É pouco óbvio; mas, a fim de que o bom senso
Julgue esta nova escola por seus frutos,
Dá-me a liberdade de pôr diante dele
Um exemplar representado fielmente.
Desde bem cedo instruído a venerar decoro,
Tal modelo de criança nunca costumou
Meter-se em desavenças; isso estava abaixo
Da sua honra; com diversos dons transborda
Generoso como um chafariz; egoísmo
Não se achega dele, nem a exígua turba
De prazeres fugidios lhe tira o rumo;
Os andarilhos disseminam o seu nome,
Seres mudos vêm-no meigo como freira,
E o medo natural ou sobrenatural,
A menos que lhe venha acometer num sonho,
Não o toca. Pra aumentar o assombro, vede
Quão sutis seus juízos, quão sagaz seu senso
Do ridículo; e cego ele não é
Aos vastos desvarios do mundo licencioso,
Mas em si inocente entanto, embora astuto,
E pode discorrer acerca da inocência;
Um milagre de sapiência científica,
Navios pode ele guiar pelo oceano ínvio
E vos contar de sua destreza; pode ler
O interior da terra, e interpretar os astros;
Sabe das políticas de outros países;
Pode enumerar distritos, vilas e cidades
Pelo mundo inteiro, tantos como orvalho
Sobre um fio de teia; ele peneira, pesa,
Tudo é posto em causa; deve ele viver
Sabendo que conhece mais a cada dia,
Ou então não viveria, e observando também
Cada pequena gota de saber caindo
Na cisterna ondeante do seu coração;
Por esse fruto inatural o mestre culpa,
Acusa a árvore. — Pobre vaidade humana,
Fosse tu extinta, pouco restaria
Que de fato amasse; mas como escapar?
Pois, sempre que um mais puro pensamento surge
Para conduzi-lo a um clima mais propício,
Outro intrometido encontra-se de guarda
Pra enxotá-lo como um bicho desgarrado
Novamente à cerca do seu próprio engenho.
Enquanto isso, a terra, velha avó, sofre ao ver
As diversões que seu amor criou pra ele
Desprezadas: no seu leito ao bosque as flores
Choram, e as margens do riacho são esquecidas.
Oh!, dai-nos novamente o mágico capuz
De Fortunatus, e a túnica invisível
De Jack, o Matador de Gigantes, Robin Hood
E Sabra na floresta junto de São Jorge!
A criança, cujo amor está aqui, ao menos
Colhe um ganho caro, que ela esquece a si.

Esses grandes artífices de nossa era,

Who, with a broad highway, have overbridged
 The froward chaos of futurity,
 Tamed to their bidding; they who have the skill
 To manage books, and things, and make them act
 On infant minds as surely as the sun
 Deals with a flower; the keepers of our time,
 The guides and wardens of our faculties,
 Sages who in their prescience would control
 All accidents, and to the very road
 Which they have fashioned would confine us down,
 Like engines; when will their presumption learn,
 That in the unreasoning progress of the world
 A wiser spirit is at work for us,
 A better eye than theirs, most prodigal
 Of blessings, and most studious of our good,
 Even in what seem our most unfruitful hours?

There was a Boy: ye knew him well, ye cliffs
 And islands of Winander!—many a time
 At evening, when the earliest stars began
 To move along the edges of the hills,
 Rising or setting, would he stand alone
 Beneath the trees or by the glimmering lake,
 And there, with fingers interwoven, both hands
 Pressed closely palm to palm, and to his mouth
 Uplifted, he, as through an instrument,
 Blew mimic hootings to the silent owls,
 That they might answer him; and they would shout
 Across the watery vale, and shout again,
 Responsive to his call, with quivering peals,
 And long halloos and screams, and echoes loud,
 Redoubled and redoubled, concourse wild
 Of jocund din; and, when a lengthened pause
 Of silence came and baffled his best skill,
 Then sometimes, in that silence while he hung
 Listening, a gentle shock of mild surprise
 Has carried far into his heart the voice
 Of mountain torrents; or the visible scene
 Would enter unawares into his mind,
 With all its solemn imagery, its rocks,
 Its woods, and that uncertain heaven, received
 Into the bosom of the steady lake.

This Boy was taken from his mates, and died
 In childhood, ere he was full twelve years old.
 Fair is the spot, most beautiful the vale
 Where he was born; the grassy churchyard hangs
 Upon a slope above the village school,
 And through that churchyard when my way has led
 On summer evenings, I believe that there
 A long half hour together I have stood
 Mute, looking at the grave in which he lies!
 Even now appears before the mind's clear eye
 That self-same village church; I see her sit
 (The throned Lady whom erewhile we hailed)
 On her green hill, forgetful of this Boy
 Who slumbers at her feet,—forgetful, too,
 Of all her silent neighbourhood of graves,
 And listening only to the gladsome sounds
 That, from the rural school ascending, play

Que, com uma ampla estrada, transpuseram
 O caos rebelde do futuro, subjugado
 Ao seu comando; que possuem a habilidade
 De usar livros, coisas, e os fazer agir
 Em mentes infantis, tão certo como o sol
 O faz com flores; os guardiões de nosso tempo,
 Os guias e vigias das nossas faculdades,
 Sábios que em sua presciência conteriam
 Todos os revéses, e na própria via
 Que eles construíram nos confinariam
 Como trens; quando seu orgulho há de aprender
 Que no progresso irracional do nosso mundo
 Um espírito mais sábio está em trabalho,
 Co'um olhar melhor que o deles, mais profuso
 Em dádivas, e mais atento ao nosso bem,
 Mesmo inclusive em nossas horas mais estéreis?

Havia um Garoto: vós o conheciéis bem,
 Rochedos e ilhas do Winander! – muitas vezes,
 No poente, quando os astros começavam
 A mover-se pelas cristas das colinas,
 Se elevando ou pondo-se, ficava a sós
 Nas árvores ou junto ao lago cintilante,
 E lá, com dedos enlaçados, ambas mãos
 Premidas perto, palma a palma, e à sua boca
 Erguidas, ele, como se num instrumento,
 Pios soprava pras corujas silenciosas
 Para que elas respondessem; e elas piavam
 Através do vale, e novamente piavam
 Em resposta ao apelo, com troadas trêmulas
 E longos gritos e clamores, e ecos altos,
 Redobrados e dobrados, fera fluência
 De ruído alegre; e, quando longa pausa
 De silêncio vinha e lhe frustrava a arte,
 Então, por vez, na calma enquanto suspendia-se
 A ouvir, um choque brando de gentil surpresa
 Carregava ao fundo da sua alma a voz
 Dos riachos da montanha; ou a cena à vista
 Penetrava inconsciente em seu espírito
 Com todas suas imagens graves, seus rochedos,
 Suas árvores, e aquele céu incerto,
 Recebido ao seio da lagoa imóvel.

Ele foi tirado dos amigos, e morreu
 Na infância, antes que contasse doze anos.
 Esplêndido é o lugar, sublime aquele vale
 Em que nasceu; o cemitério ervado fica
 Numa encosta sobre a escola da aldeola,
 E pelo cemitério quando ali passava
 Em tardes de verão, parece-me que ali
 Por uma longa meia hora me quedava
 Mudo, olhando para a tumba em que jazia!
 Ainda agora surge ao puro olhar da mente
 Aquela mesma igreja; vejo-a se sentar
 (A Dama entronizada que antes já saudamos)
 Sobre o verde monte, alheia do Garoto
 Que repousa nos seus pés, - também alheia
 Da silente vizinhança de sepulcros,
 E escutando apenas os alegres sons
 Que, desde a escola rural se elevando, brincam

Beneath her and about her. May she long
Behold a race of young ones like to those
With whom I herded!—(easily, indeed,
We might have fed upon a fatter soil
Of arts and letters—but be that forgiven)—
A race of real children; not too wise,
Too learned, or too good; but wanton, fresh,
And bandied up and down by love and hate;
Not unresentful where self-justified;
Fierce, moody, patient, venturous, modest, shy;
Mad at their sports like withered leaves in winds;
Though doing wrong and suffering, and full oft
Bending beneath our life's mysterious weight
Of pain, and doubt, and fear, yet yielding not
In happiness to the happiest upon earth.
Simplicity in habit, truth in speech,
Be these the daily strengtheners of their minds;
May books and Nature be their early joy!
And knowledge, rightly honoured with that name—
Knowledge not purchased by the loss of power!

Well do I call to mind the very week
When I was first intrusted to the care
Of that sweet Valley; when its paths, its shores,
And brooks were like a dream of novelty
To my half-infant thoughts; that very week,
While I was roving up and down alone,
Seeking I knew not what, I chanced to cross
One of those open fields, which, shaped like ears,
Make green peninsulas on Esthwaite's Lake:
Twilight was coming on, yet through the gloom
Appeared distinctly on the opposite shore
A heap of garments, as if left by one
Who might have there been bathing. Long I watched,
But no one owned them; meanwhile the calm lake
Grew dark with all the shadows on its breast,
And, now and then, a fish up-leaping snapped
The breathless stillness. The succeeding day,
Those unclaimed garments telling a plain tale
Drew to the spot an anxious crowd; some looked
In passive expectation from the shore,
While from a boat others hung o'er the deep,
Sounding with grappling irons and long poles.
At last, the dead man, 'mid that beautiful scene
Of trees and hills and water, bolt upright
Rose, with his ghastly face, a spectre shape
Of terror; yet no soul-debasing fear,
Young as I was, a child not nine years old,
Possessed me, for my inner eye had seen
Such sights before, among the shining streams
Of faëry land, the forest of romance.
Their spirit hallowed the sad spectacle
With decoration of ideal grace;
A dignity, a smoothness, like the works
Of Grecian art, and purest poesy.

A precious treasure had I long possessed,
A little yellow, canvas-covered book,
A slender abstract of the Arabian tales;
And, from companions in a new abode,

Embaixo dela e à sua volta. Que ela possa
Ver por muito tempo jovens como aqueles
Com que eu me juntava! – (facilmente, é certo,
Poderíamos ter pastado em chão mais fértil
De artes e de letras – mas perdoe-se isso) –
Um bando de crianças reais: não muito sábias,
Muito instruídas, ou bondosas; mas travessas,
Tenras, e movidas por amor e ódio;
Não sem ressentimento quando com razão;
Indômitas, voláteis, mansas, bravas, tímidas;
Loucas nos jogos como folhas pelo vento;
Embora errando e se afligindo, e muitas vezes
Sucumbindo sob o peso misterioso
Da aflição, receio, e medo, mas ainda
Alegres, como os mais alegres desta terra.
Simpleza em hábitos, verdade no falar,
Sejam o mantimento diário ao seus espíritos;
Que a Natureza e os livros sejam a sua alegria!
E o saber, honrado certo co'esse nome –
Um saber não ganho às custa de poder!

Bem me recordo da semana exatamente
Em que primeiro foi-me confiado o zelo
Desse doce Vale; quando as sendas, praias,
E riachos me eram como um sonho de surpresa
Ao espírito infantil; nessa semana exata,
Enquanto eu vagueava acima e abaixo a sós,
Em busca de não sei o que, cruzei ao acaso
Um desses campos que, co'a forma duma orelha,
São penínsulas relvadas no Esthwaite:
O ocaso se achegava, mas da escuridão
Aparecia claramente na outra margem
Um monte de roupas, qual se lá deixadas
Por alguém a se banhar. Muito vigiei,
Mas ninguém buscou-as; enquanto isso, o lago
Escurecia com as sombras no seu seio,
E, vez ou outra, um peixe no saltar quebrava
A quietude sepulcral. No dia seguinte,
Aqueles roupas, contando uma história clara,
Atraíram lá uma multidão ansiosa;
Uns, da margem, olhavam com passiva expectativa,
Enquanto outros debruçavam-se dum bote,
Perscrutando o lago com arpéus e varas.
Por fim, o morto, em meio àquela bela cena
De árvores e montes e água, reto e rígido
Emergiu, co'a face lívida, um espectro
De terror; mas medo algum que avilta a alma,
Jovem como eu era, nem com nove anos,
Me tomou, pois o olho interno havia visto
Cenas tais outrora, entre os riachos cintilantes
Do país das fadas, a floresta dos romances.
Seu espírito santificava a triste cena
Com os adereços duma graça ideal;
Uma dignidade, uma doçura, como as obras
Da arte Grega, e da mais pura poesia.

Um valioso tesouro há tempo eu possuía,
Um livrinho amarelo, recoberta em lona,
Um módico resumo das estórias Árabes;
E, de colegas numa nova moradia,

When first I learnt, that this dear prize of mine
 Was but a block hewn from a mighty quarry—
 That there were four large volumes, laden all
 With kindred matter, 'twas to me, in truth,
 A promise scarcely earthly. Instantly,
 With one not richer than myself, I made
 A covenant that each should lay aside
 The moneys he possessed, and hoard up more,
 Till our joint savings had amassed enough
 To make this book our own. Through several months,
 In spite of all temptation, we preserved
 Religiously that vow; but firmness failed,
 Nor were we ever masters of our wish.

And when thereafter to my father's house
 The holidays returned me, there to find
 That golden store of books which I had left,
 What joy was mine! How often in the course
 Of those glad respites, though a soft west wind
 Ruffled the waters to the angler's wish
 For a whole day together, have I lain
 Down by thy side, O Derwent! murmuring stream,
 On the hot stones, and in the glaring sun,
 And there have read, devouring as I read,
 Defrauding the day's glory, desperate!
 Till with a sudden bound of smart reproach,
 Such as an idler deals with in his shame,
 I to the sport betook myself again.

A gracious spirit o'er this earth presides,
 And o'er the heart of man: invisibly
 It comes, to works of unreprieved delight,
 And tendency benign, directing those
 Who care not, know not, think not what they do.
 The tales that charm away the wakeful night
 In Araby, romances; legends penned
 For solace by dim light of monkish lamps;
 Fictions, for ladies of their love, devised
 By youthful squires; adventures endless, spun
 By the dismantled warrior in old age,
 Out of the bowels of those very schemes
 In which his youth did first extravagate;
 These spread like day, and something in the shape
 Of these will live till man shall be no more.
 Dumb yearnings, hidden appetites, are ours,
 And *they must* have their food. Our childhood sits,
 Our simple childhood, sits upon a throne
 That hath more power than all the elements.
 I guess not what this tells of Being past,
 Nor what it augurs of the life to come;
 But so it is, and, in that dubious hour,
 That twilight when we first begin to see
 This dawning earth, to recognise, expect,
 And in the long probation that ensues,
 The time of trial, ere we learn to live
 In reconciliation with our stunted powers;
 To endure this state of meagre vassalage,
 Unwilling to forego, confess, submit,
 Uneasy and unsettled, yoke-fellows
 To custom, mettlesome, and not yet tamed

Quando eu soube que esse meu tesouro amado
 Era só uma rocha duma imensa mina –
 Que haviam quatro grandes volumes, todos cheios
 Com igual assunto, foi pra mim, de fato,
 Uma promessa quase divinal. De pronto,
 Junto co'outro não mais rico que eu, eu fiz
 Um pacto de que cada iria pôr à parte
 Todo o seu dinheiro, e juntaria mais,
 Até que as nossas posses fossem o bastante
 Pra fazer do livro nosso. Por muitos meses,
 Apesar das tentações, nós preservamos
 Piamente o voto; mas falhou a força,
 Nem ficamos donos do que desejavamos.

E quando, depois disso, à casa do meu pai
 As férias me tornaram, lá para encontrar
 A cara provisão de livros que eu deixara,
 Que alegria a minha! Quão amiúde, ao longo
 Dessa doce folga, embora um vento plácido
 Crispasse as águas ao querer do pescador,
 Durante um dia inteiro me quedei deitado
 Junto a ti, Óh Derwent!, riacho murmurante,
 Em pedras quentes, e no sol ofuscante,
 E lá eu lia, devorando enquanto lia,
 Desfraudando o resplendor do dia, aflito!,
 Até que com um presto salto de censura,
 Tal como o ocioso enfrenta em sua vergonha,
 Eu à pesca me levava novamente.

Um grácil espírito preside sobre a terra
 E sobre o coração do homem: invisível
 Vem, para obras de deleite imaculado
 E de pendor bondoso, conduzindo aqueles
 Que não cuidam, pensam, sabem o que fazem.
 Os contos que cativam as despertas noites
 Árabes, romances; lendas redigidas
 Por consolo à luz de lâmpadas monásticas;
 Ficções, pras senhoras de seus amores, feitas
 Por jovens escudeiros; aventuras infindas,
 Fiadas por guerreiro desmontado na velhice
 Dentre o âmago daqueles próprios feitos
 Pelos quais de início andou sua juventude;
 Tais se alastram como o dia, e algo assim
 Há de viver até que o homem não mais seja.
 Mudos anseios, ocultas ambições são nossos,
 E *devem* ser alimentados. Nossa infância,
 Nossa simples infância, senta sobre um trono
 De poder maior que todos elementos.
 Não sei o que isso conta sobre o Ser passado,
 Nem o que prediz da vida que virá;
 Mas assim o é, e, naquela dúbia hora,
 O ocaso quando começamos a enxergar
 A terra alvorecente, a discernir, ansiar,
 E, através da longa provação que segue,
 O tempo antes de aprendermos a viver
 Em harmonia com nossos poucos poderes;
 A suportar esta estéril vassalagem,
 Relutantes em render-se, renunciar,
 Inquietos e agitados, irmãos sob o jugo
 Do costume, vivos e inda não domados

And humbled down; oh! then we feel, we feel,
 We know where we have friends. Ye dreamers, then,
 Forgers of daring tales! we bless you then,
 Impostors, drivellers, dotards, as the ape
 Philosophy will call you: *then* we feel
 With what, and how great might ye are in league,
 Who make our wish, our power, our thought a deed,
 An empire, a possession,—ye whom time
 And seasons serve; all Faculties to whom
 Earth crouches, the elements are potter's clay,
 Space like a heaven filled up with northern lights,
 Here, nowhere, there, and everywhere at once.

Relinquishing this lofty eminence
 For ground, though humbler, not the less a tract
 Of the same isthmus, which our spirits cross
 In progress from their native continent
 To earth and human life, the Song might dwell
 On that delightful time of growing youth,
 When craving for the marvellous gives way
 To strengthening love for things that we have seen;
 When sober truth and steady sympathies,
 Offered to notice by less daring pens,
 Take firmer hold of us, and words themselves
 Move us with conscious pleasure.

I am sad

At thought of raptures now for ever flown;
 Almost to tears I sometimes could be sad
 To think of, to read over, many a page,
 Poems withal of name, which at that time
 Did never fail to entrance me, and are now
 Dead in my eyes, dead as a theatre
 Fresh emptied of spectators. Twice five years
 Or less I might have seen, when first my mind
 With conscious pleasure opened to the charm
 Of words in tuneful order, found them sweet
 For their own *sakes*, a passion, and a power;
 And phrases pleased me chosen for delight,
 For pomp, or love. Oft, in the public roads
 Yet unfrequented, while the morning light
 Was yellowing the hill tops, I went abroad
 With a dear friend, and for the better part
 Of two delightful hours we strolled along
 By the still borders of the misty lake,
 Repeating favourite verses with one voice,
 Or conning more, as happy as the birds
 That round us chaunted. Well might we be glad,
 Lifted above the ground by airy fancies,
 More bright than madness or the dreams of wine;
 And, though full oft the objects of our love
 Were false, and in their splendour overwrought,
 Yet was there surely then no vulgar power
 Working within us,—nothing less, in truth,
 Than that most noble attribute of man,
 Though yet untutored and inordinate,
 That wish for something loftier, more adorned,
 Than is the common aspect, daily garb,
 Of human life. What wonder, then, if sounds
 Of exultation echoed through the groves!
 For, images, and sentiments, and words,

Ou curvados; - Óh!, é então que nós sentimos,
 Conhecemos os amigos. Vós, sonhadores,
 Que forjais audazes contos!, vos louvamos,
 Impostores, tontos, néscios, como a símia
 Filosofia vos chamará: *então* sentimos
 Com qual e quão grande poder estais ligados,
 Que tornais o anseio em força; ideia em ato,
 Num império, a possse, - vós, a quem o tempo
 Serve, e as estações, as Faculdades; - a quem
 Se curva a terra, os elementos são argila,
 O espaço como um céu de auroras boreais,
 Lá, ali, em toda e parte alguma ao mesmo tempo.

Abandonando esta nobre elevação
 Por chão, embora humilde, ainda uma porção
 Do mesmo istmo que nossas almas cruzam
 Em viagem desde seu nativo continente
 À terra e à vida, o Poema poderia deter-se
 Nessa alegre época da juventude,
 Quando o anseio do maravilhoso cede
 Ao amor crescente pelas coisas que nós vimos;
 Quando a verdade sóbria e firmes simpatias,
 Divulgadas por penas não tão audazes,
 Tomam-nos com mais vigor, e até as palavras
 Nos impelem com prazer consciente.

Fico triste

Quando penso em êxtases que não retornam;
 Quase às lágrimas às vezes me entristeço
 Quando penso em, ou releio muitas páginas,
 Poemas de renome, os quais, naquela época
 Jamais deixaram de enlevar-me, e estão agora
 Mortos aos meus olhos, mortos como um teatro
 Sem audiência. Duas vezes cinco anos
 Ou menos devia ter, quando a minha mente
 Com prazer consciente abriu-se para o encanto
 Da harmonia das palavras, achou-as doces
 Por si próprias, um poder, e uma paixão,
 E frases me agradavam eleitas por deleite,
 Pompa ou por amor. Amiúde, em vias públicas,
 Ainda ermas, enquanto a luz da manhã
 Dourava o cume das colinas, eu seguia
 Com um caro amigo, e na melhor porção
 De duas deleitosas horas, nós passeávamos
 Junto das quietas margens da lagoa brumosa,
 Repetindo unidos versos favoritos,
 Ou gravando mais, alegres como as aves
 Que ao redor cantavam. Assim nos contentávamos,
 Alçados sobre o chão por leves fantasias,
 Mais brilhantes que loucura ou sonhos ébrios;
 E apesar de que amiúde o objeto de nossa estima
 Fosse falso, e em seu esplendor exagerado,
 Ainda assim não havia então poder vulgar
 Agindo sobre nós, - de fato, nada menos
 Do que a mais altiva faculdade humana,
 Embora ainda não instruída e desregrada,
 O anseio de algo mais sublime, mais ornado
 Que a feição comum, a veste habitual
 Da vida humana. Que prodígio, então, se sons
 De exultação ecoassem através dos bosques!
 Pois imagens, sentimentos e palavras,

And everything encountered or pursued
 In that delicious world of poesy,
 Kept holiday, a never-ending show,
 With music, incense, festival, and flowers!

Here must we pause: this only let me add,
 From heart-experience, and in humblest sense
 Of modesty, that he, who in his youth
 A daily wanderer among woods and fields
 With living Nature hath been intimate,
 Not only in that raw unpractised time
 Is stirred to extasy, as others are,
 By glittering verse; but further, doth receive,
 In measure only dealt out to himself,
 Knowledge and increase of enduring joy
 From the great Nature that exists in works
 Of mighty Poets. Visionary power
 Attends the motions of the viewless winds,
 Embodied in the mystery of words:
 There, darkness makes abode, and all the host
 Of shadowy things work endless changes,—there,
 As in a mansion like their proper home,
 Even forms and substances are circumfused
 By that transparent veil with light divine,
 And, through the turnings intricate of verse,
 Present themselves as objects recognised,
 In flashes, and with glory not their own.

Tudo o que era procurado ou encontrado
 Nesse delicioso mundo da poesia
 Celebrava, um espetáculo sem fim,
 Com música, perfume, festival e flores!

Aqui devo parar: apenas isto acresço,
 De experiência interna, e co'um humilde senso
 De modéstia, que ele, quem na juventude,
 Um andarilho diário em campos e florestas,
 Fora íntimo da Natureza viva,
 Não só nesse tempo fresco e inexperiente
 É comovido ao êxtase, como outros são,
 Por versos cintilantes; mas além, recebe,
 Em quantidade apenas dada a ele mesmo,
 Ciência e aumento da alegria duradoura
 Da elevada Natureza que há nas obras
 De grandiosos Poetas. Poder visionário
 Sustém a moção dos ventos invisíveis,
 Encarnados no mistério das palavras:
 Aí a escuridão faz casa, e todo o exército
 De coisas vagas geram mutações sem fim, —
 Aí, qual se em mansão igual à própria casa,
 Até as formas e substâncias são banhadas
 Pelo transparente véu de luz divina
 E, pelas intrincadas voltas do poema,
 Se apresentam como algo reconhecido,
 Por lampejos, e com glória não sua própria.

**Book Sixth
Cambridge and the Alps**

THE leaves were fading when to Esthwaite's banks
And the simplicities of cottage life
I bade farewell; and, one among the youth
Who, summoned by that season, reunite
As scattered birds troop to the fowler's lure,
Went back to Granta's cloisters, not so prompt
Or eager, though as gay and undepressed
In mind, as when I thence had taken flight
A few short months before. I turned my face
Without repining from the coves and heights
Clothed in the sunshine of the withering fern;
Quitted, not loth, the mild magnificence
Of calmer lakes and louder streams; and you,
Frank-hearted maids of rocky Cumberland,
You and your not unwelcome days of mirth,
Relinquished, and your nights of revelry,
And in my own unlovely cell sate down
In lightsome mood—such privilege has youth
That cannot take long leave of pleasant thoughts.

The bonds of indolent society
Relaxing in their hold, henceforth I lived
More to myself. Two winters may be passed
Without a separate notice: many books
Were skimmed, devoured, or studiously perused,
But with no settled plan. I was detached
Internally from academic cares;
Yet independent study seemed a course
Of hardy disobedience toward friends
And kindred, proud rebellion and unkind.
This spurious virtue, rather let it bear
A name it now deserves, this cowardice,
Gave treacherous sanction to that over-love
Of freedom which encouraged me to turn
From regulations even of my own
As from restraints and bonds. Yet who can tell—
Who knows what thus may have been gained, both then
And at a later season, or preserved;
What love of nature, what original strength
Of contemplation, what intuitive truths,
The deepest and the best, what keen research,
Unbiased, unbewildered, and unawed?

The Poet's soul was with me at that time;
Sweet meditations, the still overflow
Of present happiness, while future years
Lacked not anticipations, tender dreams,
No few of which have since been realised;
And some remain, hopes for my future life.
Four years and thirty, told this very week,
Have I been now a sojourner on earth,
By sorrow not unsmitten; yet for me
Life's morning radiance hath not left the hills,
Her dew is on the flowers. Those were the days
Which also first emboldened me to trust

**Livro Sexto
Cambridge e os Alpes**

As folhas feneciam quando aos bancos do Esthwaite
E às simplezas duma vida campesina
Eu disse adeus; e eu, um em meio àqueles jovens
Que, chamados por essa estação, reúnem-se
Como aves rumo ao chamariz do caçador,
Voltei aos claustros de Granta, não tão presto
Ou ansioso, embora tão feliz e firme
Em minha mente como quando, há uns poucos meses,
Tinha alçado voo dali. Voltei meu rosto
Sem queixar-me pelas angras e as colinas
Revestidas com o sol dos fetos secos;
Deixei, não relutante, o amável esplendor
De lagos calmos e riachos ruidosos;
Vós, singelas jovens da rochosa Cumberland,
E vossos desejados dias de alegria
Renunciei, e vossas noites de festejo,
E em minha própria triste cela me sentei
Co'um humor feliz – tal privilégio tem o jovem
De não muito se apartar de alegres pensamentos.

As solicitações da sociedade ociosa,
Relaxando a força, então passei a viver
Mais pra mim mesmo. Dois invernos são lembrados
Sem um traço especial: diversos livros
Folheados, devorados, ou sondados
Sem um plano em vista. Eu estava alheio
Internamente aos meus deveres acadêmicos;
No entanto, o estudo livre parecia uma ação
De ousada indisciplina para com amigos
E parentes, rebeldia ativa e rude.
Essa virtude espúria, que antes ela tenha
O nome que merece, essa covardia,
Trouxe uma sanção traiçoeira ao excessivo amor
Da liberdade, o qual me instou a desviar-me
De regulamentos, mesmo dos meus próprios,
Qual se de grilhões e amarras. Mas quem dirá –
Quem sabe o que teria sido ganho, então
E numa época mais tarde, ou preservado;
Que amor à natureza, força originária
De contemplação, verdades intuitivas,
Grandes e profundas, que pesquisa intensa,
Imparcial, imperturbável e impassível?

A alma do Poeta estava em mim naquele tempo;
Doces reflexões, o transbordar tranquilo
Do prazer presente, enquanto pro futuro
Não faltavam esperanças, sonhos brandos,
Dentre os quais não poucos tem se realizado;
E alguns perdem, anseios para o meu futuro.
Há quatro e trinta anos, bem esta semana,
Tenho sido um peregrino nesta terra,
Pela dor não intocado; mas, pra mim,
O alvor da vida não abandonou os montes,
Seu rocío está nas flores. Esses foram os dias
Que primeiro me animaram a acreditar

With firmness, hitherto but lightly touched
 By such a daring thought, that I might leave
 Some monument behind me which pure hearts
 Should reverence. The instinctive humbleness,
 Maintained even by the very name and thought
 Of printed books and authorship, began
 To melt away; and further, the dread awe
 Of mighty names was softened down and seemed
 Approachable, admitting fellowship
 Of modest sympathy. Such aspect now,
 Though not familiarly, my mind put on,
 Content to observe, to achieve, and to enjoy.

All winter long, whenever free to choose,
 Did I by night frequent the College groves
 And tributary walks; the last, and oft
 The only one, who had been lingering there
 Through hours of silence, till the porter's bell,
 A punctual follower on the stroke of nine,
 Rang with its blunt unceremonious voice,
 Inexorable summons! Lofty elms,
 Inviting shades of opportune recess,
 Bestowed composure on a neighbourhood
 Unpeaceful in itself. A single tree
 With sinuous trunk, boughs exquisitely wreathed,
 Grew there; an ash which Winter for himself
 Decked as in pride, and with outlandish grace:
 Up from the ground, and almost to the top,
 The trunk and every master branch were green
 With clustering ivy, and the lightsome twigs
 And outer spray profusely tipped with seeds
 That hung in yellow tassels, while the air
 Stirred them, not voiceless. Often have I stood
 Foot-bound uplooking at this lovely tree
 Beneath a frosty moon. The hemisphere
 Of magic fiction, verse of mine perchance
 May never tread; but scarcely Spenser's self
 Could have more tranquil visions in his youth,
 Or could more bright appearances create
 Of human forms with superhuman powers,
 Than I beheld loitering on calm clear nights
 Alone, beneath this fairy work of earth.

On the vague reading of a truant youth
 'Twere idle to descant. My inner judgment
 Not seldom differed from my taste in books,
 As if it appertained to another mind,
 And yet the books which then I valued most
 Are dearest to me *now*; for, having scanned,
 Not heedlessly, the laws, and watched the forms
 Of Nature, in that knowledge I possessed
 A standard, often usefully applied,
 Even when unconsciously, to things removed
 From a familiar sympathy.—In fine,
 I was a better judge of thoughts than words,
 Mised in estimating words, not only
 By common inexperience of youth,
 But by the trade in classic niceties,
 The dangerous craft of culling term and phrase
 From languages that want the living voice

Co' afinco, apenas mal tocado, até então,
 Por uma ideia tão audaz, que eu deixaria
 Atrás de mim um monumento que almas puras
 Honrariam. A humildade natural,
 Mantida mesmo pelo nome e pensamento
 De obra impressa e de autoria, começou
 A dissipar-se; e, além do mais, o assombro pálido
 Dos grandes nomes abrandou e parecia
 Aproximável, aceitando a companhia
 De modesta simpatia. Tal semblante,
 Embora não afeita, minha mente pôs,
 Contento em observar, lograr e desfrutar.

O inverno inteiro, sempre que podia optar,
 Eu frequentava à noite os bosques do Colégio
 E vias tributárias; o último e, amiúde,
 O único que ali ficava a demorar-se
 Ao longo de horas de silêncio, até que o sino,
 Um pontual acólito ao tanger das nove,
 Ressoava com sua rude e brusca voz,
 Convocações inexoráveis! Altivos olmos,
 Sombras chamativas de oportuna folga,
 Concediam calma a uma vizinhança
 Em si inquieta. Uma árvore singular,
 De tronco sinuoso e ramos enredados,
 Lá crescia; um freixo, que o Inverno ornou
 Pra si, como se em orgulho e graça caprichosa:
 Desde o solo e quase até o topo, o tronco
 E cada ramo principal se achavam verdes
 De hera em tufo e ramalhetes delicados
 E rebentos recobertos com sementes
 Que pendiam em louras borlas, enquanto o ar
 As agitava, não silente. Amiúde achei-me
 Imóvel, contemplando tal amável árvore
 Debaixo duma lua glacial. O hemisfério
 Da mágica ficção, verso meu, talvez,
 Jamais explorará; mas mal o próprio Spenser
 Poderia, quando jovem, ter visões
 Mais calmas, ou criar imagens mais esplêndidas
 De humanas formas com poderes sobre-humanos
 Que as que eu via, passeando em noites claras,
 Só, sob esta obra feérica da terra.

Sobre as leituras vagas dum ocioso jovem
 Seria inútil discorrer. Meu juízo interno
 Não raro diferia do meu gosto em livros,
 Como se ele pertencesse a outra mente,
 E, entanto, os livros que eu então mais estimava
 São-me os mais amados; pois, tendo examinado,
 Não sem atenção, as leis e contemplado as formas
 Da Natureza, em tal saber eu possuía
 Um critério, com frequência bem empregue,
 Mesmo sem saber, a coisas afastadas
 Duma simpatia habitual. Em suma,
 Eu era um juiz melhor de ideias que palavras,
 Enganado ao avaliá-las, não tão-só
 Pela in experiência própria à juventude,
 Mas pela ocupação com sutilezas clássicas,
 O ofício incerto de colher termo e expressão
 De línguas que carecem duma voz vivente

To carry meaning to the natural heart;
To tell us what is passion, what is truth,
What reason, what simplicity and sense.

Yet may we not entirely overlook
The pleasure gathered from the rudiments
Of geometric science. Though advanced
In these inquiries, with regret I speak,
No farther than the threshold, there I found
Both elevation and composed delight:
With Indian awe and wonder, ignorance pleased
With its own struggles, did I meditate
On the relation those abstractions bear
To Nature's laws, and by what process led,
Those immaterial agents bowed their heads
Duly to serve the mind of earth-born man;
From star to star, from kindred sphere to sphere,
From system on to system without end.

More frequently from the same source I drew
A pleasure quiet and profound, a sense
Of permanent and universal sway,
And paramount belief; there, recognised
A type, for finite natures, of the one
Supreme Existence, the surpassing life
Which—to the boundaries of space and time,
Of melancholy space and doleful time,
Superior, and incapable of change,
Nor touched by welterings of passion—is,
And hath the name of, God. Transcendent peace
And silence did await upon these thoughts
That were a frequent comfort to my youth.

'Tis told by one whom stormy waters threw,
With fellow-sufferers by the shipwreck spared,
Upon a desert coast, that having brought
To land a single volume, saved by chance,
A treatise of Geometry, he went,
Although of food and clothing destitute,
And beyond common wretchedness depressed,
To part from company and take this book
(Then first a self-taught pupil in its truths)
To spots remote, and draw his diagrams
With a long staff upon the sand, and thus
Did oft beguile his sorrow, and almost
Forget his feeling: so (if like effect
From the same cause produced, 'mid outward things
So different, may rightly be compared),
So was it then with me, and so will be
With Poets ever. Mighty is the charm
Of those abstractions to a mind beset
With images, and haunted by herself,
And specially delightful unto me
Was that clear synthesis built up aloft
So gracefully; even then when it appeared
Not more than a mere plaything, or a toy
To sense embodied: not the thing it is
In verity, an independent world,
Created out of pure intelligence.

Pra levar sentido ao coração genuíno;
Pra contar o que é paixão, o que é verdade,
O que razão, o que simpleza e bom juízo.

Mas, que possamos não de todo descuidar
O gozo recolhido dentre os rudimentos
Do saber geométrico. Ainda que avançando
Em tais indagações, lamento relatar,
Não para além do limiar, que ali encontrei
Ambos elevação e plácido deleite:
Com o temor dum índio e o espanto, ignorância
Satisfeita com suas lutas, meditei
Na relação que aquelas abstrações mantém
Co'as leis da Natureza, e qual processo fez
Esses agentes imateriais cuvarem
Suas cabeças pra servir à mente do homem;
De estrela a estrela, esfera a semelhante esfera,
De sistema pra sistema, assim sem fim.

Com mais frequência eu apanhei da mesma fonte
Uma alegria plácida e profunda, um senso
De perene e universal autoridade,
E soberana fé; ali reconheci
Um tipo, pra finitas naturezas, da una
E altíssima Existência, a vida incomparável
Que – para os limites do espaço e do tempo,
Do espaço melancólico e do triste tempo,
Soberana e inatingida por mudança,
Nem tocada por tumultos da paixão – é,
E tem por nome, Deus. Silêncio transcendente
E paz acompanhavam estes pensamentos
Que eram um conforto à minha juventude.

Conta-se que um, a quem lançou a tempestade,
Junto de outros que o naufrágio conservou,
Sobre uma costa erma, que tendo trazido
À terra um só volume, salvo pela sorte,
Um tomo sobre geometria, costumava,
Embora de comida e roupas destituito,
E mais do que o infortúnio usual desalentado,
Se afastar dos companheiros e ir co'o livro
(Então de início autodata em suas verdades)
A locais remotos, e traçar diagramas
Co'uma longa vara sobre a areia, e assim
Amiúde distraía o seu pesar, e quase
Esquecia o seu estado: assim (se efeito igual,
Da mesma causa advindo, em meio a externas coisas
Tão distinto, pode com razão ser comparado).
Assim o era então comigo, e assim será
Pra sempre com Poetas. Poderoso é o encanto
Dessas abstrações para uma mente envolta
Por imagens e assombrada por si própria,
E especialmente deleitosa era pra mim
Aquela clara síntese elevada aos céus
Tão gracilmente; mesmo quando parecia
Nada mais do que um brinquedo ou um brinquedo
Pros sentidos encarnados: não aquilo
Que ela é em verdade, um mundo independente,
Originado duma pura inteligência.

Such dispositions then were mine unearned
 By aught, I fear, of genuine desert—
 Mine, through heaven's grace and inborn aptitudes.
 And not to leave the story of that time
 Imperfect, with these habits must be joined,
 Moods melancholy, fits of spleen, that loved
 A pensive sky, sad days, and piping winds,
 The twilight more than dawn, autumn than spring;
 A treasured and luxurious gloom of choice
 And inclination mainly, and the mere
 Redundancy of youth's contentedness.
 —To time thus spent, add multitudes of hours
 Pilfered away, by what the Bard who sang
 Of the Enchanter Indolence hath called
 "Good-natured lounging," and behold a map
 Of my collegiate life—far less intense
 Than duty called for, or, without regard
 To duty, *might* have sprung up of itself
 By change of accidents, or even, to speak
 Without unkindness, in another place.
 Yet why take refuge in that plea?—the fault,
 This I repeat, was mine; mine be the blame.

In summer, making quest for works of art,
 Or scenes renowned for beauty, I explored
 That streamlet whose blue current works its way
 Between romantic Dovedale's spiry rocks;
 Pried into Yorkshire dales, or hidden tracts
 Of my own native region, and was blest
 Between these sundry wanderings with a joy
 Above all joys, that seemed another morn
 Risen on mid noon; blest with the presence, Friend!
 Of that sole Sister, her who hath been long
 Dear to thee also, thy true friend and mine,
 Now, after separation desolate,
 Restored to me—such absence that she seemed
 A gift then first bestowed. The varied banks
 Of Emont, hitherto unnamed in song,
 And that monastic castle, 'mid tall trees,
 Low-standing by the margin of the stream,
 A mansion visited (as fame reports)
 By Sidney, where, in sight of our Helvellyn,
 Or stormy Cross-fell, snatches he might pen
 Of his Arcadia, by fraternal love
 Inspired;—that river and those mouldering towers
 Have seen us side by side, when, having clomb
 The darksome windings of a broken stair,
 And crept along a ridge of fractured wall,
 Not without trembling, we in safety looked
 Forth, through some Gothic window's open space,
 And gathered with one mind a rich reward
 From the far-stretching landscape, by the light
 Of morning beautified, or purple eve;
 Or, not less pleased, lay on some turret's head,
 Catching from tufts of grass and hare-bell flowers
 Their faintest whisper to the passing breeze,
 Given out while mid-day heat oppressed the plains.

Another maid there was, who also shed
 A gladness o'er that season, then to me,

Tais ânimos, então, meus eram, não logrados
 Por qualquer, eu temo, mérito genuíno –
 Meus, pela graça do céu e inatas aptidões.
 E para não deixar a história desse tempo
 Falha, a esses hábitos se deve unir
 Humores melancólicos, e esplim, que amavam
 Ventos sibilantes, dias tristes e um céu lúgubre,
 O ocaso mais que a aurora, outono à primavera;
 Um caro e luxuoso enfado, por escolha
 Eleito e inclinação principalmente, e a mera
 Redundância do contento juvenil.
 - Ao tempo assim passado, junta a turba de horas
 Usurpadas ao que o Bardo, que cantava
 Da Indolência Feiticeira, havia chamado
 "O agradável ócio", e eis, então, um mapa
 Da minha vida estudantil – menos intensa
 Que o dever rogava, ou, sem considerar
 Dever, o que talvez *tivesse* acontecido
 Noutras circunstâncias ou, para falar
 Sem desrespeito, em algum outro lugar.
 Porém, por que tomar refúgio nesse apelo?
 O erro, repito-o, foi meu; minha seja a culpa.

No verão, em busca obras de arte ou cenas
 Afamadas por beleza, eu explorei
 Aquele riacho cuja azul torrente avança
 Em meio às rochas espirais do belo Dovedale;
 Sondei os vales de Yorkshire, ou regiões recônditas
 Da minha própria terra, e fui abençoado,
 Nessas várias caminhadas, por um gozo
 Sem igual, que parecia uma alvorada nova
 Ao meio-dia; bendito co' a presença, Amigo!,
 Daquela única Irmã, a que tem sido há tempos
 Cara a ti também, tua fiel amiga e minha,
 Agora, após separação desoladora,
 Retornada – ausência tal que parecia
 Um presente inesperado. As margens matizadas
 Do Emont, inda não nomeadas em canção,
 E aquele monacal castelo, em meio às árvores,
 Erguendo-se num baixo rente à correnteza,
 Moradia visitada (como conta-se)
 Por Sydney, onde, às vistas da nossa Helvellyn,
 Ou da tempestuosa Cross-fell, traçaria
 Partes de sua *Arcádia*, por amor fraterno
 Inspirado; - o rio e as torres em ruína
 Viram-nos lado a lado, quando, tendo alçado
 As negras voltas duma ruída escadaria
 E rastejado sobre um muro carcomido,
 Não sem medo, em segurança avante olhamos
 Pelo espaço duma gótica janela
 E juntos coletamos rica recompensa
 Da paisagem, pelo brilho matinal
 Embelecida ou pelo púrpuro poente;
 Ou, com igual prazer, deitamos numa torre
 Recolhendo de campânulas e tufos de erva
 Seu cicio à brisa passageira, ouvido
 Enquanto o meio-dia abraseava o campo.

Uma outra jovem havia, que também vertia
 Uma alegria nesse tempo, então a mim,

By her exulting outside look of youth
 And placid under-countenance, first endeared;
 That other spirit, Coleridge! who is now
 So near to us, that meek confiding heart,
 So revered by us both. O'er paths and fields
 In all that neighbourhood, through narrow lanes
 Of eglantine, and through the shady woods,
 And o'er the Border Beacon, and the waste
 Of naked pools, and common crags that lay
 Exposed on the bare fell, were scattered love,
 The spirit of pleasure, and youth's golden gleam.
 O Friend! we had not seen thee at that time,
 And yet a power is on me, and a strong
 Confusion, and I seem to plant thee there.
 Far art thou wandered now in search of health
 And milder breezes,—melancholy lot!
 But thou art with us, with us in the past,
 The present, with us in the times to come.
 There is no grief, no sorrow, no despair,
 No languor, no dejection, no dismay,
 No absence scarcely can there be, for those
 Who love as we do. Speed thee well! divide
 With us thy pleasure; thy returning strength,
 Receive it daily as a joy of ours;
 Share with us thy fresh spirits, whether gift
 Of gales Etesian or of tender thoughts.

I, too, have been a wanderer; but, alas!
 How different the fate of different men.
 Though mutually unknown, yea nursed and reared
 As if in several elements, we were framed
 To bend at last to the same discipline,
 Predestined, if two beings ever were,
 To seek the same delights, and have one health,
 One happiness. Throughout this narrative,
 Else sooner ended, I have borne in mind
 For whom it registers the birth, and marks the growth,
 Of gentleness, simplicity, and truth,
 And joyous loves, that hallow innocent days
 Of peace and self-command. Of rivers, fields,
 And groves I speak to thee, my Friend! to thee,
 Who, yet a liveried schoolboy, in the depths
 Of the huge city, on the leaded roof
 Of that wide edifice, thy school and home,
 Wert used to lie and gaze upon the clouds
 Moving in heaven; or, of that pleasure tired,
 To shut thine eyes, and by internal light
 See trees, and meadows, and thy native stream,
 Far distant, thus beheld from year to year
 Of a long exile. Nor could I forget,
 In this late portion of my argument,
 That scarcely, as my term of pupilage
 Ceased, had I left those academic bowers
 When thou wert thither guided. From the heart
 Of London, and from cloisters there, thou camest,
 And didst sit down in temperance and peace,
 A rigorous student. What a stormy course
 Then followed. Oh! it is a pang that calls
 For utterance, to think what easy change
 Of circumstances might to thee have spared

Por sua jovial feição de juventude
 E plácida feitio, primeiro feito amada;
 Aquela outra alma, Coleridge!, que ora está
 Tão junto a nós, aquele manso coração,
 Por nós tão venerado. Em campos e caminhos
 Nessa vizinhança, por estreitas sendas
 De eglantinas, através de umbrosos bosques,
 E além do Farol do Marco, e a solidão
 De lagos nus e escarpas simples que jaziam
 Expostas na charneca, se esparziam o amor,
 O espírito do prazer e o alvor da juventude.
 Óh, Amigo!, não havíamos te visto então,
 E, entanto, há um poder comigo, e uma forte
 Confusão, e penso que te planto lá.
 Longe te encontras ora em busca de saúde
 E brisas mais amenas – infeliz destino!
 Mas tu estás conosco, conosco no passado,
 No presente, estás conosco no porvir.
 Não há tristeza, nem pesar, nem desespero,
 Nem langor, nem desalento, nem desgosto,
 Nem ausência pode mal haver pr'aqueles
 Que amam como nós. Que Deus te ampare!, parte
 Conosco teu prazer; a volta da tua força,
 Acolha-a a cada dia como um gozo nosso;
 Compartilha teu novo ânimo, se dádiva
 De etésias brisas ou de ternos pensamentos.

Também fui eu um andarilho; porém, ai!,
 Quão díspar o destino de homens diferentes.
 Embora um ao outro ignotos, criados e nutridos
 Qual se em meios separados, fomos feitos
 Para enfim curvarmo-nos ao mesmo ofício,
 Destinados, se jamais dois seres foram,
 A buscar os mesmos gozos, ter um só vigor,
 Uma alegria. Ao longo desta narrativa,
 Doutro modo finda antes, tive em mente
 A quem registra a origem e marca o crescimento
 Da simpleza, gentileza e da verdade,
 E amores ledos, que consagram dias puros
 De quietude e autodomínio. De campos, rios
 E bosques falo a ti, oh, meu Amigo!, a ti,
 Que, ainda um aluno de uniforme, nos recessos
 Da cidade vasta, sobre o teto chumbado
 Daquele amplo edifício, tua escola e casa,
 Costumava te deitar e olhar as nuvens
 Se mover no céu; ou, farto de tal prazer,
 Fechar teus olhos e, co'a luz interior,
 Ver árvores, e prados, e teu rio nativo,
 Ao longe, contemplamos ano a ano assim
 Num longo exílio. Nem poderia me esquecer,
 Nesta porção tardia do meu argumento,
 Que, findado meu período de pupilo,
 Mal deixara aqueles bosques acadêmicos,
 Tu foste para lá guiado. Do coração
 De Londres, e de claustros lá, vieste tu,
 E te sentaste então em temperança e paz.
 Um estudante austero. Que curso tormentoso
 Então seguiu-se. Ah!, é uma aflição que clama
 Ser expressa, imaginar que leve alteração
 De circunstâncias poderia ter poupado

A world of pain, ripened a thousand hopes,
 For ever withered. Through this retrospect
 Of my collegiate life I still have had
 Thy after-sojourn in the self-same place
 Present before my eyes, have played with times
 And accidents as children do with cards,
 Or as a man, who, when his house is built,
 A frame locked up in wood and stone, doth still,
 As impotent fancy prompts, by his fireside,
 Rebuild it to his liking. I have thought
 Of thee, thy learning, gorgeous eloquence,
 And all the strength and plumage of thy youth,
 Thy subtle speculations, toils abstruse
 Among the schoolmen, and Platonic forms
 Of wild ideal pageantry, shaped out
 From things well-matched or ill, and words for things,
 The self-created sustenance of a mind
 Debarred from Nature's living images,
 Compelled to be a life unto herself,
 And unrelentingly possessed by thirst
 Of greatness, love, and beauty. Not alone,
 Ah! surely not in singleness of heart
 Should I have seen the light of evening fade
 From smooth Cam's silent waters: had we met,
 Even at that early time, needs must I trust
 In the belief, that my maturer age,
 My calmer habits, and more steady voice,
 Would with an influence benign have soothed,
 Or chased away, the airy wretchedness
 That battered on thy youth. But thou hast trod
 A march of glory, which doth put to shame
 These vain regrets; health suffers in thee, else
 Such grief for thee would be the weakest thought
 That ever harboured in the breast of man.

A passing word erewhile did lightly touch
 On wanderings of my own, that now embraced
 With livelier hope a region wider far.

When the third summer freed us from restraint,
 A youthful friend, he too a mountaineer,
 Not slow to share my wishes, took his staff,
 And sallying forth, we journeyed side by side,
 Bound to the distant Alps. A hardy slight
 Did this unprecedented course imply
 Of college studies and their set rewards;
 Nor had, in truth, the scheme been formed by me
 Without uneasy forethought of the pain,
 The censures, and ill-omening of those
 To whom my worldly interests were dear.
 But Nature then was sovereign in my mind,
 And mighty forms, seizing a youthful fancy,
 Had given a charter to irregular hopes.
 In any age of uneventful calm
 Among the nations, surely would my heart
 Have been possessed by similar desire;
 But Europe at that time was thrilled with joy,
 France standing on the top of golden hours,
 And human nature seeming born again.

Tanta dor, maturado esperanças mil,
 Murchadas para sempre. Neste recordar
 Da minha vida de colégio ainda tive
 A tua estada ulterior no mesmo sítio
 Viva diante o meu olhar, brinquei com tempos
 E acidentes, como crianças com as cartas,
 Ou um homem que, sua casa já erigida,
 Uma estrutura de madeira e pedra, ainda,
 Como incita a fantasia, na lareira,
 Reconstroi-a ao seu capricho. Eu pensei
 Em ti, no teu saber, tua esplêndida eloquência,
 E a força e resplendor da tua juventude,
 Tuas sutis meditações, afãs abstrusos
 Junto aos escolásticos, e formas ideais
 De pompa viva, feitas a partir de coisas
 Bem ou mal harmonizadas, e palavras,
 O auto-criado nutrimento dum espírito
 Privado das imagens vivas da Natureza,
 Feito a ser a própria vida de si mesmo
 E duramente possuído pela sede
 De grandeza, amor e de beleza. Não sozinho,
 Ah!, por certo não co'um coração tão-só,
 Teria eu visto a luz do ocaso esvaecer
 Nas águas suaves do silente Cam: tivéssemos
 Nos encontrado nesse tempo, sou levado
 A acreditar, que a minha idade mais madura,
 Hábitos mais calmos e uma voz mais firme
 Tinham co'um benigno influxo atenuado
 Ou espantado aquela inane desventura
 Que roubou a tua juventude. Mas
 Trilhaste um curso glorioso, que envergonha
 Estes vãos remorsos; tua saúde sofre,
 Ou tal pesar por ti seria a maior fraqueza
 Que já se alojou no coração dum homem.

Uma palavra breve antes já tocou
 Em minhas vagueações, que agora incorporavam,
 Com mais vivo anseio, região mais vasta.

Quando o verão terceiro deu-nos liberdade,
 Um jovem amigo, também ele um montanhês,
 Presto em me acompanhar, pegou o seu bordão
 E, lado a lado, nós partimos em viagem
 Rumo aos longínquos Alpes. Num audaz descaso,
 Tal ação sem precedentes implicou
 Aos meus estudos e suas recompensas fixas;
 Nem, de fato, havia ideado tal projeto
 Sem presságio apreensivo do pesar,
 Da repreensão e más premonições daqueles
 Para os quais meus interesses eram caros.
 Mas a Natureza, então, reinava em minha mente
 E formas vastas, tomando a jovem fantasia,
 Deram poder a esperanças irregulares.
 Em qualquer era duma calma inexpressiva
 Entre as nações, por certo meu coração
 Seria possuído por igual desejo;
 Mas a Europa, então, fremia de alegria,
 França erguendo-se no topo de horas áureas,
 E a humanidade parecia renascer.

Lightly equipped, and but a few brief looks
 Cast on the white cliffs of our native shore
 From the receding vessel's deck, we chanced
 To land at Calais on the very eve
 Of that great federal day; and there we saw,
 In a mean city, and among a few,
 How bright a face is worn when joy of one
 Is joy for tens of millions. Southward thence
 We held our way, direct through hamlets, towns,
 Gaudy with reliques of that festival,
 Flowers left to wither on triumphal arcs,
 And window-garlands. On the public roads,
 And, once, three days successively, through paths
 By which our toilsome journey was abridged,
 Among sequestered villages we walked
 And found benevolence and blessedness
 Spread like a fragrance everywhere, when spring
 Hath left no corner of the land untouched:
 Where elms for many and many a league in files
 With their thin umbrage, on the stately roads
 Of that great kingdom, rustled o'er our heads,
 For ever near us as we paced along:
 How sweet at such a time, with such delight
 On every side, in prime of youthful strength,
 To feed a Poet's tender melancholy
 And fond conceit of sadness, with the sound
 Of undulations varying as might please
 The wind that swayed them; once, and more than once,
 Unhoused beneath the evening star we saw
 Dances of liberty, and, in late hours
 Of darkness, dances in the open air
 Deftly prolonged, though grey-haired lookers on
 Might waste their breath in chiding.

Under hills—

The vine-clad hills and slopes of Burgundy,
 Upon the bosom of the gentle Saone
 We glided forward with the flowing stream.
 Swift Rhone! thou wert the *wings* on which we cut
 A winding passage with majestic ease
 Between thy lofty rocks. Enchanting show
 Those woods and farms and orchards did present,
 And single cottages and lurking towns,
 Reach after reach, succession without end
 Of deep and stately vales! A lonely pair
 Of strangers, till day closed, we sailed along,
 Clustered together with a merry crowd
 Of those emancipated, a blithe host
 Of travellers, chiefly delegates returning
 From the great spousals newly solemnised
 At their chief city, in the sight of Heaven.
 Like bees they swarmed, gaudy and gay as bees;
 Some vapoured in the unruliness of joy,
 And with their swords flourished as if to fight
 The saucy air. In this proud company
 We landed—took with them our evening meal,
 Guests welcome almost as the angels were
 To Abraham of old. The supper done,
 With flowing cups elate and happy thoughts
 We rose at signal given, and formed a ring
 And, hand in hand, danced round and round the board;

Co'uma bagagem leve, e só um breve olhar
 Lançado do navio que se afastava às brancas
 Escarpas da nossa costa, deu-se o acaso
 De aportarmos em Calais na própria véspera
 Daquele dia federal; e lá nós vimos,
 Numa vil cidade, e em meio a pouca gente,
 Quão luzente é um rosto se a alegria de um
 Também é a mesma de milhões. Pro sul, então,
 Rumamos, através de aldeias e cidades,
 Decoradas com relíquias dessa festa,
 Flores a secar em arcos triunfais
 E nas grinaldas das janelas. Por estradas
 E, uma vez, três dias através de trilhas
 Que encurtavam nossa fatigante viagem,
 Entre aldeias isoladas caminhamos
 E encontramos boa vontade e regozijo
 Em toda a parte esparsos qual fragrância quando
 A primavera se espalhou por toda a terra;
 Onde, por muitas léguas, olmos em fileiras
 Com suas tênues sombras, nas estradas vastas
 Desse grande reino, farfalhavam acima,
 Sempre próximos enquanto caminhávamos:
 Quão doce nessa hora, com um tal deleite
 Em derredor, na flor da força juvenil,
 Nutrir o terno desalento dum Poeta
 Ou devaneio de tristeza, com o som
 De ondulações que variavam ao sabor
 Do vento; uma vez, e mais de uma, vimos,
 Sem um teto, sob a estrela do crepúsculo,
 Danças de liberdade, e em horas já tardias
 Noite adentro, hábeis danças ao ar livre,
 Embora espectadores de cabelos gris
 Gastassem o alento com censuras.

Sob os montes

De vinhas vestidos e encostas da Borgonha,
 Ao longo do tranquilo seio do Saône,
 Deslizamos pela fluente correnteza.
 Veloz Ródano!, foste as asas em que abrimos
 Um caminho coleante com destreza
 Em meio aos teus rochedos. Cena encantadora
 Os bosques, quintas e pomares exibiam,
 E casas solitárias, vilas quase ocultas,
 Trato após trato, numa sucessão sem fim
 De vales imponentes! Um solitário par
 De forasteiros, 'té o ocaso navegamos
 Ajuntados a uma alegre multidão
 Emancipada, um bando alegre de viajantes,
 Sobretudo delegados, retornando
 Do grande matrimônio há pouco celebrado
 Em sua capital, perante o olhar do Céu.
 Eram como um enxame de alegres abelhas;
 Uns, ébrios com a revelia da alegria,
 E com espada em punho como se lutassem
 O ar ousado. Co'essa ufana companhia
 Nós portamos – juntos deles nós ceiamos,
 Convidados quase como os anjos foram
 Por Abraão outrora. A ceia terminada,
 Taças cheias e felizes pensamentos,
 Nos erguemos a um sinal, formando um círculo,
 E, juntas mãos, dançamos ao redor da mesa;

All hearts were open, every tongue was loud
 With amity and glee; we bore a name
 Honoured in France, the name of Englishmen,
 And hospitably did they give us hail,
 As their forerunners in a glorious course;
 And round and round the board we danced again.
 With these blithe friends our voyage we renewed
 At early dawn. The monastery bells
 Made a sweet jingling in our youthful ears;
 The rapid river flowing without noise,
 And each uprising or receding spire
 Spoke with a sense of peace, at intervals
 Touching the heart amid the boisterous crew
 By whom we were encompassed. Taking leave
 Of this glad throng, foot-travellers side by side,
 Measuring our steps in quiet, we pursued
 Our journey, and ere twice the sun had set
 Beheld the Convent of Chartreuse, and there
 Rested within an awful *solitude*:
 Yes, for even then no other than a place
 Of soul-affecting *solitude* appeared
 That far-famed region, though our eyes had seen,
 As toward the sacred mansion we advanced,
 Arms flashing, and a military glare
 Of riotous men commissioned to expel
 The blameless inmates, and belike subvert
 That frame of social being, which so long
 Had bodied forth the ghostliness of things
 In silence visible and perpetual calm.
 —"Stay, stay your sacrilegious hands!"—The voice
 Was Nature's, uttered from her Alpine throne;
 I heard it then and seem to hear it now—
 "Your impious work forbear, perish what may,
 Let this one temple last, be this one spot
 Of earth devoted to eternity!"
 She ceased to speak, but while St. Bruno's pines
 Waved their dark tops, not silent as they waved,
 And while below, along their several beds,
 Murmured the sister streams of Life and Death,
 Thus by conflicting passions pressed, my heart
 Responded; "Honour to the patriot's zeal!
 Glory and hope to new-born Liberty!
 Hail to the mighty projects of the time!
 Discerning sword that Justice wields, do thou
 Go forth and prosper; and, ye purging fires,
 Up to the loftiest towers of Pride ascend,
 Fanned by the breath of angry Providence.
 But oh! if Past and Future be the wings
 On whose support harmoniously conjoined
 Moves the great spirit of human knowledge, spare
 These courts of mystery, where a step advanced
 Between the portals of the shadowy rocks
 Leaves far behind life's treacherous vanities,
 For penitential tears and trembling hopes
 Exchanged—to equalise in God's pure sight
 Monarch and peasant: be the house redeemed
 With its unworldly votaries, for the sake
 Of conquest over sense, hourly achieved
 Through faith and meditative reason, resting
 Upon the word of heaven-impacted truth,

Os corações abertos, toda voz repleta
 De irmandade e gozo; tínhamos um nome
 Honrado em França, o nome aquele de ingleses,
 E com hospitalidade nos saudavam,
 Como precursores num glorioso curso;
 E em volta à mesa nós dançamos novamente.
 Com tais amigos renovamos a viagem
 Ao raiar do dia. Os sinos do mosteiro
 Retiniram docemente em nosso ouvido;
 A rápida torrente fluindo sem ruído,
 E cada torre que se erguia ou recuava,
 Falava co'um sentimento de paz, por vezes
 Nos tocando o coração em meio à turba
 Que se achava à nossa volta. Despedindo-nos
 Da alegre gente, viajantes lado a lado,
 Caminhando em quietude, prosseguimos,
 E antes de o sol ter-se posto duas vezes,
 Vimos o Convento de Chartreuse, e lá
 Nós repousamos numa imensa *solitude*:
 Sim, pois mesmo então, apenas um lugar
 De comovente 'solitude' parecia
 Aquela sítio, embora houvésemos visto,
 Ao avançarmos rumo à sagrada mansão,
 Armas reluzindo, e um militar alarde
 De homens bárbaros, mandados pra expulsar
 De lá seus inocentes e, talvez, destruir
 Aquela sociedade, que por tanto tempo
 Incorporou a própria espiritualidade
 No silêncio manifesto e paz eterna.
 - "Parai, parai as vossas ímpias mãos!" – A voz
 Da Natureza vinha do seu trono Alpino;
 Ouvi-a então e penso que eu a ouço agora –
 "Vossa obra atroz parai, tudo pereça,
 Mas que este templo fique, seja este um lugar
 Da terra devotado à eternidade!" Então,
 Calou-se, mas enquanto os pinhos de São Bruno
 Ondeavam suas negras frondes, não silentes,
 E enquanto abaixo, ao longo de seus vários leitos,
 Murmuravam os rios irmãos da Vida e Morte,
 Meu peito, premido por paixões opostas,
 Respondeu; "Honra ao desvelo patriótico!
 Glória e esperança à nova infante Liberdade!
 Salve os esplêndidos projetos deste tempo!
 Tu, sábia espada que a Justiça empunha, adianta-te
 E prospera, e vós, purificantes chamas,
 Ascendei até os pináculos do Orgulho,
 Infladas pela tempestuosa Providência.
 Mas, oh!, se o Passado e o Futuro forem as asas
 Sobre as quais harmoniosamente unido
 Move-se o grande espírito do saber humano,
 Poupei estes átrios do mistério, onde
 Um passo entre os portais dos lúgubres rochedos
 Deixa para trás as presunções da vida
 Pelas lágrimas e as esperanças trêmulas
 Trocadas – pra igualar ao puro olhar de Deus
 Monarca e camponês: a casa seja salva
 Com os seus devotos santos, à conquista
 Dos sentidos, hora a hora realizada
 Pela fé e razão meditativa, alçadas
 Pelo verbo da verdade celestial,

Calmly triumphant; and for humbler claim
 Of that imaginative impulse sent
 From these majestic floods, yon shining cliffs,
 The untransmuted shapes of many worlds,
 Cerulean ether's pure inhabitants,
 These forests unapproachable by death,
 That shall endure as long as man endures,
 To think, to hope, to worship, and to feel,
 To struggle, to be lost within himself
 In trepidation, from the blank abyss
 To look with bodily eyes, and be consoled."
 Not seldom since that moment have I wished
 That thou, O Friend! the trouble or the calm
 Hadst shared, when, from profane regards apart,
 In sympathetic reverence we trod
 The floors of those dim cloisters, till that hour,
 From their foundation, strangers to the presence
 Of unrestricted and unthinking man.
 Abroad, how cheeringly the sunshine lay
 Upon the open lawns! Vallombre's groves
 Entering, we fed the soul with darkness; thence
 Issued, and with uplifted eyes beheld,
 In different quarters of the bending sky,
 The cross of Jesus stand erect, as if
 Hands of angelic powers had fixed it there,
 Memorial revered by a thousand storms;
 Yet then, from the indiscriminating sweep
 And rage of one State-whirlwind, insecure.

'Tis not my present purpose to retrace
 That variegated journey step by step.
 A march it was of military speed,
 And Earth did change her images and forms
 Before us, fast as clouds are changed in heaven.
 Day after day, up early and down late,
 From hill to vale we dropped, from vale to hill
 Mounted—from province on to province swept,
 Keen hunters in a chase of fourteen weeks,
 Eager as birds of prey, or as a ship
 Upon the stretch, when winds are blowing fair:
 Sweet coverts did we cross of pastoral life,
 Enticing valleys, greeted them and left
 Too soon, while yet the very flash and gleam
 Of salutation were not passed away.
 Oh! sorrow for the youth who could have seen
 Unchastened, unsubdued, unawed, unraised
 To patriarchal dignity of mind,
 And pure simplicity of wish and will,
 Those sanctified abodes of peaceful man,
 Pleased (though to hardship born, and compassed round
 With danger, varying as the seasons change),
 Pleased with his daily task, or, if not pleased,
 Contented, from the moment that the dawn
 (Ah! surely not without attendant gleams
 Of soul-illumination) calls him forth
 To industry, by glistenings flung on rocks,
 Whose evening shadows lead him to repose.

Well might a stranger look with bounding heart
 Down on a green recess, the first I saw

Triunfante em paz; e por apelo mais humilde
 Daquele imaginativo impulso vindo
 De majésticos caudais e penhas claras,
 As formas intocadas de diversos mundos,
 Puros habitantes do cerúleo éter,
 Estas matas intocáveis pela morte,
 Que hão de perdurar enquanto o homem vive,
 Pra esperar, pensar, sentir e venerar,
 Lutar, para perder-se dentro de si mesmo
 Em ansiedade, do vazio abismo olhar
 Com olhos corporais e ser reconfortado."
 Não raro, desde aquele instante, desejei
 Que tu, oh, Amigo!, houvesse partilhado a angústia
 Ou a calma, quando, longe de profanos olhos,
 Numa afável reverência caminhamos
 Pelo chão daqueles claustros, 'té o momento,
 Desde a fundação, estranhos à presença
 De homens insensatos e sem restrições.
 Lá fora, quão alegre a luz do sol jazia
 Sobre a relva! Os bosques de Vallombre entrando,
 Alimentamos a alma de negror; de lá
 Partimos e, com olhos elevados, vimos
 Em quadrantes vários do arqueante céu,
 A cruz de Cristo erguer-se ereta, qual se mãos
 Angelicais tivessem colocado-a lá.
 Memorial por mil tormentas venerado;
 Mas nesse instante, do indiscriminado golpe
 E fúria do tufão do Estado, não a salvo.

Não é minha intenção presente retrair
 Aquela viagem variegada passo a passo.
 Foi uma marcha de presteza militar,
 E a Terra transformava sua aparência e formas
 Diante nós, veloz qual nuvens pelo céu.
 Dia após dia, cedo em pé e deitando tarde,
 Monte a vale nós descemos, vale a monte
 Nós galgamos – percorremos as províncias,
 Caçadores numa caça de três meses,
 Ávidos quais aves de rapina, ou nau
 Singrando o leito quando os ventos são propícios:
 Doces bosques pastoris atravessamos,
 Belos vales, os saudamos e deixamos
 Muito cedo, enquanto o próprio brilho e a luz
 Da saudação não tinham ainda se apagado.
 Ah!, infeliz o jovem que tivesse visto
 Sem prostrar-se, comover-se, atemoriar-se,
 Alçar-se à dignidade patriarcal do espírito
 E simpleza pura de vontade e anseio,
 Aquelas santas casas do homem manso,
 Alegre (embora em privação nascido e em meio
 De perigos que variam às estações),
 Alegre co'o labor diário, ou, caso não,
 Contento ainda, desde o instante em que a alvorada
 (Ah!, por certo não sem o assistir lampejos
 De iluminação da alma) o vem chamar
 Para o trabalho, reluzindo sobre as rochas,
 Cujá sombra à tarde o leva pro repouso.

Bem pode alguém olhar co'o coração pulsante
 A um verde sítio abaixo, o primeiro que enxerguei

Of those deep haunts, an aboriginal vale,
 Quiet and lorded over and possessed
 By naked huts, wood-built, and sown like tents
 Or Indian cabins over the fresh lawns
 And by the river side.

That very day,
 From a bare ridge we also first beheld
 Unveiled the summit of Mont Blanc, and grieved
 To have a soulless image on the eye
 That had usurped upon a living thought
 That never more could be. The wondrous Vale
 Of Chamouny stretched far below, and soon
 With its dumb cataracts and streams of ice,
 A motionless array of mighty waves,
 Five rivers broad and vast, made rich amends,
 And reconciled us to realities;
 There small birds warble from the leafy trees,
 The eagle soars high in the element,
 There doth the reaper bind the yellow sheaf,
 The maiden spread the haycock in the sun,
 While Winter like a well-tamed lion walks,
 Descending from the mountain to make sport
 Among the cottages by beds of flowers.

Whate'er in this wide circuit we beheld,
 Or heard, was fitted to our unripe state
 Of intellect and heart. With such a book
 Before our eyes, we could not choose but read
 Lessons of genuine brotherhood, the plain
 And universal reason of mankind,
 The truths of young and old. Nor, side by side
 Pacing, two social pilgrims, or alone
 Each with his humour, could we fail to abound
 In dreams and fictions, pensively composed:
 Dejection taken up for pleasure's sake,
 And gilded sympathies, the willow wreath,
 And sober posies of funereal flowers,
 Gathered among those solitudes sublime
 From formal gardens of the lady Sorrow,
 Did sweeten many a meditative hour.

Yet still in me with those soft luxuries
 Mixed something of stern mood, an under-thirst
 Of vigour seldom utterly allayed.
 And from that source how different a sadness
 Would issue, let one incident make known.
 When from the Vallais we had turned, and clomb
 Along the Simplon's steep and rugged road,
 Following a band of muleteers, we reached
 A halting-place, where all together took
 Their noon-tide meal. Hastily rose our guide,
 Leaving us at the board; awhile we lingered,
 Then paced the beaten downward way that led
 Right to a rough stream's edge, and there broke off;
 The only track now visible was one
 That from the torrent's further brink held forth
 Conspicuous invitation to ascend
 A lofty mountain. After brief delay
 Crossing the unbridged stream, that road we took,
 And clomb with eagerness, till anxious fears

Daqueles fundos cantos, um vale originário,
 Plácido e regido por choupanas simples,
 De madeira, e semeadas como tendas
 Ou cabanas de índios sobre a fresca relva
 E à beira do riacho.

Nesse mesmo dia,
 Desde um cume nu também primeiro vimos
 Desvelado o Monte Branco, e lamentamos
 Ter em frente aos olhos uma imagem morta
 Que nos usurpara um vivo pensamento
 Que jamais retornaria. O belo Val
 De Chamouny estendia-se longe abaixo, e logo,
 Com seus mudos saltos e seus rios de gelo,
 Num arranjo imóvel de ondas imponentes,
 Cinco vastos e amplos rios, nos compensou
 E reconciliou-nos com a realidade;
 Lá, pequenas aves cantam das ramagens,
 A águia eleva-se às alturas no elemento,
 Lá o ceifeiro colhe e ata o feixe fulvo,
 A jovem espalha a exígua meda sob o sol,
 Enquanto o Inverno, como um leão domado, marcha,
 Vindo da montanha para divertir-se
 Em meio às casas, junto às flores dos canteiros.

Tudo o que nesse curso vimos ou ouvimos
 Se ajustava ao nosso âmbito imaturo
 De intelecto e coração. Co'um livro tal
 Perante os olhos, não deixávamos de ler
 Lições de autêntica fraternidade, a simples
 E universal razão da humanidade, as verdades
 Da juventude e da velhice. Nem, andando
 Juntos, peregrinos sociais, ou sós,
 Cada um com seu humor, podia nos faltar
 Ficções e sonhos, pensativamente urdidos:
 Um desalento que tomamos por prazer,
 E ornados lutos, a grinalda de salgueiro,
 E rama lúgubre de flores funerais,
 Colhidas, entre aquelas solidões sublimes,
 Dos jardins formais da dama Contrição,
 Atenuaram muitas horas pensativas.

No entanto, em mim, ainda àqueles suaves gozos
 Se mesclava um humor austero, sede interna
 De pujança raro inteiro saciada:
 E, dessa fonte, quão distinto o desalento
 Que fluia, que um evento dê a saber.
 Quando nos afastamos de Vallais e subimos
 Pela estrada árdua e íngreme do Simplon,
 Junto a um grupo de arrieiros, alcançamos
 Um lugar de pausa, onde todos juntos
 Almoçamos. Presto ergueu-se nosso guia
 Nos deixando à mesa; um instante nos detemos,
 Então descemos o caminho que levava
 À beira dum violento riacho, e aí parava;
 O único caminho agora visto era um
 Que do outro lado da torrente oferecia
 Um inequívoco convite pra ascender
 Uma montanha altiva. Após um breve atraso
 Atravessando o rio, seguimos essa estrada
 Acima com anseio, até um temor aflito

Intruded, for we failed to overtake
 Our comrades gone before. By fortunate chance,
 While every moment added doubt to doubt,
 A peasant met us, from whose mouth we learned
 That to the spot which had perplexed us first
 We must descend, and there should find the road,
 Which in the stony channel of the stream
 Lay a few steps, and then along its banks;
 And, that our future course, all plain to sight,
 Was downwards, with the current of that stream.
 Loth to believe what we so grieved to hear,
 For still we had hopes that pointed to the clouds,
 We questioned him again, and yet again;
 But every word that from the peasant's lips
 Came in reply, translated by our feelings,
 Ended in this,—*that we had crossed the Alps.*

Imagination—here the Power so called
 Through sad incompetence of human speech,
 That awful Power rose from the mind's abyss
 Like an unfathered vapour that enwraps,
 At once, some lonely traveller. I was lost;
 Halted without an effort to break through;
 But to my conscious soul I now can say—
 "I recognise thy glory:" in such strength
 Of usurpation, when the light of sense
 Goes out, but with a flash that has revealed
 The invisible world, doth greatness make abode,
 There harbours; whether we be young or old,
 Our destiny, our being's heart and home,
 Is with infinitude, and only there;
 With hope it is, hope that can never die,
 Effort, and expectation, and desire,
 And something evermore about to be.
 Under such banners militant, the soul
 Seeks for no trophies, struggles for no spoils
 That may attest her prowess, blest in thoughts
 That are their own perfection and reward,
 Strong in herself and in beatitude
 That hides her, like the mighty flood of Nile
 Poured from his fount of Abyssinian clouds
 To fertilise the whole Egyptian plain.

The melancholy slackening that ensued
 Upon those tidings by the peasant given
 Was soon dislodged. Downwards we hurried fast,
 And, with the half-shaped road which we had missed,
 Entered a narrow chasm. The brook and road
 Were fellow-travellers in this gloomy strait,
 And with them did we journey several hours
 At a slow pace. The immeasurable height
 Of woods decaying, never to be decayed,
 The stationary blasts of waterfalls,
 And in the narrow rent at every turn
 Winds thwarting winds, bewildered and forlorn,
 The torrents shooting from the clear blue sky,
 The rocks that muttered close upon our ears,
 Black drizzling crags that spake by the way-side
 As if a voice were in them, the sick sight
 And giddy prospect of the raving stream,

Nos tomar, pois não pudemos alcançar
 Os nossos companheiros. Por feliz acaso,
 Enquanto cada instante avolumava dúvidas,
 Um camponês nos encontrou, de quem soubemos
 Que ao local que nos havia confundido
 Deveríamos descer e achar a estrada,
 A qual do leito pedregoso da corrente
 Se encontrava perto e, então, seguia a margem;
 E que a rota a ser tomada, toda à vista,
 Achava-se descendo co' o fluir das águas.
 Relutantes em crer no que afligia ouvir,
 Pois nossas esperanças se voltavam ao céu,
 Interrogamo-lo outra vez, e ainda outra;
 Mas cada palavra que ele respondia,
 Traduzida pelas nossas emoções,
 Findava assim, - *que havíamos cruzado os Alpes.*

Imaginação – aqui o Poder assim chamado
 Por incompetência da linguagem humana,
 Tal Poder terrível ergueu-se do abismo da mente
 Como inesperada bruma que envolvesse
 Um viajante solitário. Eu estava perdido;
 Parado sem esforço para prosseguir;
 Mas para minha alma posso então dizer –
 “Eu reconheço a tua glória:” em tal poder
 De usurpação, quando se apaga dos sentidos
 Sua luz, mas co'um clarão que revelou
 Aquilo que é invisível, a grandeza habita,
 Ali se abriga; quer sejamos velho ou jovem,
 O nosso destino, o coração e o lar
 Do nosso ser é no infinito, e apenas lá;
 Co'a esperança está, esperança que não morre,
 Com esforço, e expectativa, e com desejo,
 E algo para sempre prestes a existir.
 Sendo sob tais bandeiras militante, a alma
 Não busca prêmios, não combate por espólios
 Que lhe dêem valor, bendita num pensar
 Que é a sua própria recompensa e perfeição,
 Forte em si mesma, e forte na beatitude
 Em que se oculta, como o aluvião do Nilo,
 Vindo de sua fonte em nuvens abissínicas
 Para fecundar toda a planície egípcia.

O melancólico abandono que seguiu
 Àquelas novas pelo camponês expressas
 Logo foi expulsa. Às pressas nós descemos,
 E, seguindo a vaga trilha que perdêramos,
 Entramos num desfiladeiro. O riacho e a estrada
 Eram companheiros nesse escuro sítio
 E várias horas viajamos juntos deles
 Numa marcha vagarosa. A altura imensurável
 De florestas moribundas, nunca mortas,
 A rajada estacionária de cascatas,
 E na estreita brecha, a cada curva, ventos
 Opondo ventos, confundidos e perdidos,
 As torrentes vindo desde um céu azul,
 As rochas que rumorejavam em nosso ouvido,
 Escarpas negras borrifando junto à estrada
 Como se falassem, a vista atordoante
 E tonteante imagem do riacho em fúria,

The unfettered clouds and region of the Heavens,
Tumult and peace, the darkness and the light—
Were all like workings of one mind, the features
Of the same face, blossoms upon one tree;
Characters of the great Apocalypse,
The types and symbols of Eternity,
Of first, and last, and midst, and without end.

That night our lodging was a house that stood
Alone within the valley, at a point
Where, tumbling from aloft, a torrent swelled
The rapid stream whose margin we had trod;
A dreary mansion, large beyond all need,
With high and spacious rooms, deafened and stunned
By noise of waters, making innocent sleep
Lie melancholy among weary bones.

Uprisen betimes, our journey we renewed,
Led by the stream, ere noon-day magnified
Into a lordly river, broad and deep,
Dimpling along in silent majesty,
With mountains for its neighbours, and in view
Of distant mountains and their snowy tops,
And thus proceeding to Locarno's Lake,
Fit resting-place for such a visitant.
Locarno! spreading out in width like Heaven,
How dost thou cleave to the poetic heart,
Bask in the sunshine of the memory;
And Como! thou, a treasure whom the earth
Keeps to herself, confined as in a depth
Of Abyssinian privacy. I spake
Of thee, thy chestnut woods, and garden plots
Of Indian corn tended by dark-eyed maids;
Thy lofty steeps, and pathways roofed with vines,
Winding from house to house, from town to town,
Sole link that binds them to each other; walks,
League after league, and cloistral avenues,
Where silence dwells if music be not there:
While yet a youth undisciplined in verse,
Through fond ambition of that hour, I strove
To chant your praise; nor can approach you now
Ungreeted by a more melodious Song,
Where tones of Nature smoothed by learned Art
May flow in lasting current. Like a breeze
Or sunbeam over your domain I passed
In motion without pause; but ye have left
Your beauty with me, a serene accord
Of forms and colours, passive, yet endowed
In their submissiveness with power as sweet
And gracious, almost might I dare to say,
As virtue is, or goodness; sweet as love,
Or the remembrance of a generous deed,
Or mildest visitations of pure thought,
When God, the giver of all joy, is thanked
Religiously, in silent blessedness;
Sweet as this last herself, for such it is.

With those delightful pathways we advanced,
For two days' space, in presence of the Lake,
That, stretching far among the Alps, assumed

As nuvens libertadas e a região dos céus,
Tumulto e quietude, a luz e a escuridão –
Eram todos como as obras duma mente,
Traços duma face, flores numa árvore;
Os caracteres do grandioso Apocalipse,
Os ícones e símbolos da Eternidade,
O que é primeiro, e último, e do meio e infindo.

Aquela noite, pernoitamos numa casa
Que num vale achava-se sozinha, onde,
Despencando do alto, uma torrente inchava
O lesto riacho cuja margem percorremos;
Uma lúgubre mansão, demais imensa,
Com enormes aposentos, aturdidos
Pelo ruído de águas, e fazendo o sono
Repousar em meio a ossos fatigados.

Despertos cedo, nossa viagem renovamos,
Guiados pelo riacho, antes do meio-dia
Feito em majestoso rio, profundo e amplo,
Ondeando avante em silenciosa majestade,
Com montanhas por vizinhos, e diante
De longínquos montes e seus topos níveos,
E assim, seguindo até o lago de Locarno,
Uma parada digna pra tal visitante.
Locarno!, se espriando amplo como o céu,
Como te prendes junto ao coração poético,
Te aqueces sob a soalheira da memória;
E Como!, tu, que és um tesouro o qual a terra
Guarda pra si mesma, qual se num abismo
De abissínia reclusão. De ti falei,
Teus bosques de castanhas, teus jardins com milhos
Cultivados por garotas de olhos negros;
Tuas altas penhas, sendas cheias de vinha,
Coleando entre as casas, entre as vilas,
O elo singular que as une; alamedas
Estendidas légua a légua, e ruas claustrais
Em que o silêncio habita se música não há;
Enquanto ainda um jovem não instruído em versos,
Co'a ambição daquela hora, pretendi
Cantar o teu louvor; nem venho a vós agora
Sem saudar-te com um Canto mais sonoro,
Onde os tons da Natureza, suavizados
Pela Arte, fluem num rio perene. Qual brisa
Ou raio de sol passei por sobre a vossa terra
Em movimento sem descanso; mas deixastes
Vossa beleza em mim, uma harmonia calma
De formas e cores, passivas, mas dotadas
Em sua submissão com um poder tão doce
E gracioso, quase, posso ousar dizer,
Como é a virtude ou o bem; afável como o amor,
Ou a recordação dum ato generoso,
Ou suaves visitações de puro pensamento,
Quando Deus, o doador de todo gozo,
É agradecido em quieta beatitude;
Doce como esta, pois assim o é.

Com aquelas trilhas aprazíveis avançamos,
Pelo espaço de dois dias, junto ao Lago,
Que, estirando-se entre os Alpes, assumia

A character more stern. The second night,
 From sleep awakened, and misled by sound
 Of the church clock telling the hours with strokes
 Whose import then we had not learned, we rose
 By moonlight, doubting not that day was nigh,
 And that meanwhile, by no uncertain path,
 Along the winding margin of the lake,
 Led, as before, we should behold the scene
 Hushed in profound repose. We left the town
 Of Gravedona with this hope; but soon
 Were lost, bewildered among woods immense,
 And on a rock sate down, to wait for day.
 An open place it was, and overlooked,
 From high, the sullen water far beneath,
 On which a dull red image of the moon
 Lay bedded, changing oftentimes its form
 Like an uneasy snake. From hour to hour
 We sate and sate, wondering, as if the night
 Had been ensnared by witchcraft. On the rock
 At last we stretched our weary limbs for sleep,
 But *could not* sleep, tormented by the stings
 Of insects, which, with noise like that of noon,
 Filled all the woods; the cry of unknown birds;
 The mountains more by blackness visible
 And their own size, than any outward light;
 The breathless wilderness of clouds; the clock
 That told, with unintelligible voice,
 The widely parted hours; the noise of streams,
 And sometimes rustling motions nigh at hand,
 That did not leave us free from personal fear;
 And, lastly, the withdrawing moon, that set
 Before us, while she still was high in heaven;—
 These were our food; and such a summer's night
 Followed that pair of golden days that shed
 On Como's Lake, and all that round it lay,
 Their fairest, softest, happiest influence.

But here I must break off, and bid farewell
 To days, each offering some new sight, or fraught
 With some untried adventure, in a course
 Prolonged till sprinklings of autumnal snow
 Checked our unwearied steps. Let this alone
 Be mentioned as a parting word, that not
 In hollow exultation, dealing out
 Hyperboles of praise comparative;
 Not rich one moment to be poor for ever;
 Not prostrate, overborne, as if the mind
 Herself were nothing, a mere pensioner
 On outward forms—did we in presence stand
 Of that magnificent region. On the front
 Of this whole Song is 'written that my heart
 Must, in such Temple, needs have offered up
 A different worship. Finally, whate'er
 I saw, or heard, or felt, was but a stream
 That flowed into a kindred stream; a gale,
 Confederate with the current of the soul,
 To speed my voyage; every sound or sight,
 In its degree of power, administered
 To grandeur or to tenderness,—to the one
 Directly, but to tender thoughts by means

Uma feição mais grave. Na segunda noite,
 Despertados e enganados pelo som
 Dos sinos que soavam as horas com pancadas
 Cujo intento, então, não compreendemos, levantamo-nos
 Com o luar, pensando que a manhã chegava,
 E que, entretanto, não por uma incerta trilha,
 Junto à orla coleante da lagoa,
 Guiados, como antes, veríamos a cena
 Imersa em quietude. Deixamos a cidade
 De Gravedona co'esse anseio, mas logo
 Nos perdemos entre florestas imensas,
 E sentamos numa rocha pra aguardar o dia.
 Era um espaço descoberto, e dominava,
 Do alto, as águas lúgubres lá longe abaixo,
 Onde uma turva e rubra imagem do luar
 Jazia, transmutando amiúde sua forma
 Como uma serpente inquieta. De hora a hora
 Nos sentamos, questionando-nos se a noite
 Fora aprisionada num feitiço. Na rocha,
 Enfim, nós estiramos nossos membros lassos,
 Mas *não conseguíamos* dormir, vexados
 Por insetos, que, com ruído como à tarde,
 Enchiam o bosque todo; o vozear das aves;
 As montanhas mais pelo negror visíveis
 E tamanho, que por luz exterior;
 O ermo estático das nuvens; o relógio
 Que soava, co'uma voz incompreensível,
 Horas apartadas; o rumor de riachos,
 E, por vezes, um farfalho muito perto,
 Que não nos deixava livres de temor;
 E enfim, a lua que se punha diante nós,
 Enquanto ainda achava-se alta sobre o céu; -
 Tal foi nosso alimento; e essa noite de verão
 Seguiu-se àqueles dias áureos que brilharam
 Sobre o Como, e tudo o que ao redor havia,
 Sua mais bela, mais suave, e alegre influência.

Mas aqui tenho de parar, e dar adeus
 Aos dias, cada qual com nova vista, ou cheio
 Duma inédita aventura, num percurso
 Prolongado até que as neves outonais
 Sustassem nossos passos incansados. Que isto
 Apenas seja dito como adeus, que não
 Com uma vã exultação, distribuindo
 Hipérboles de louvação comparativa;
 Nem ricos uma hora e pobre para sempre;
 Nem prostrados, subjugados, qual se a mente
 Em si não fosse nada, um mero pensionário
 Das externas formas – nós ficamos diante
 Aquele esplêndido lugar. Está, no início
 Deste Poema, escrito que o meu coração
 Devia, nesse Templo, ter oferecido
 Uma outra adoração. Por fim, aquilo tudo
 Que eu ouvi, ou vi, senti, foi só um rio
 Que fluia para um rio irmão; uma brisa
 Aliada co'a corrente d'alma, pra apressar
 A minha viagem; toda vista ou todo som,
 Conforme o grau de seu poder, servido
 Pra grandezas ou pra ternuras – pro primeiro
 De imediato, mas, pra ternos pensamentos,

Less often instantaneous in effect;
 Led me to these by paths that, in the main,
 Were more circuitous, but not less sure
 Duly to reach the point marked out by Heaven.

Oh, most belovèd Friend! a glorious time,
 A happy time that was; triumphant looks
 Were then the common language of all eyes;
 As if awaked from sleep, the Nations hailed
 Their great expectancy: the fife of war
 Was then a spirit-stirring sound indeed,
 A black-bird's whistle in a budding grove.
 We left the Swiss exulting in the fate
 Of their near neighbours; and, when shortening fast
 Our pilgrimage, nor distant far from home,
 We crossed the Brabant armies on the fret
 For battle in the cause of Liberty.
 A stripling, scarcely of the household then
 Of social life, I looked upon these things
 As from a distance; heard, and saw, and felt,
 Was touched, but with no intimate concern;
 I seemed to move along them, as a bird
 Moves through the air, or as a fish pursues
 Its sport, or feeds in its proper element;
 I wanted not that joy, I did not need
 Such help; the ever-living universe,
 Turn where I might, was opening out its glories,
 And the independent spirit of pure youth
 Called forth, at every season, new delights
 Spread round my steps like sunshine o'er green fields.

Através de meios menos instantâneos;
 Me levaram aí por vias que, em geral,
 Eram mais tortuosas, mas não menos certas
 Pra atingir o ponto pelo Céu marcado.

Ah, meu amado Amigo!, aquele foi um tempo
 De alegria e glória; olhares triunfantes
 Eram então a língua franca em todos olhos;
 Como se despertas, as Nações saudavam
 Suas grandes esperanças: era o pífaro
 Da guerra realmente um som animador,
 O silvo duma mérula num bosque em flor.
 Deixamos a Suíça alegre co'o destino
 Dos vizinhos próximos; e, ao encurtar
 A peregrinação, não longe do nosso lar,
 Cruzamos com as tropas de Brabante, inquietas
 Para combater em prol da Liberdade.
 Um jovem, mal entrado no convívio, então,
 Da vida social, eu olhava pra essas coisas
 Como que de longe; ouvia, e via, e sentia,
 Era tocado, mas sem íntimo interesse;
 Eu parecia ir com elas, como um pássaro
 Se move pelo ar, ou como um peixe brinca
 Ou se alimenta no elemento apropriado;
 Não ansiava essa alegria, não queria
 Tal ajuda; o imperecível universo,
 Aonde eu me voltasse, abria a sua glória,
 E o livre espírito da pura juventude
 Evocava, em todas estações, deleites novos
 Espalhados ao redor qual sol nos prados.

**Book Seventh
Residence in London**

Six changeful years have vanished since I first
 Poured out (saluted by that quickening breeze
 Which met me issuing from the City's walls)
 A glad preamble to this Verse: I sang
 Aloud, with fervour irresistible
 Of short-lived transport, like a torrent bursting,
 From a black thunder-cloud, down Scafell's side
 To rush and disappear. But soon broke forth
 (So willed the Muse) a less impetuous stream,
 That flowed awhile with unabating strength,
 Then stopped for years; not audible again
 Before last primrose-time. Belovèd Friend!
 The assurance which then cheered some heavy thoughts
 On thy departure to a foreign land
 Has failed; too slowly moves the promised work.
 Through the whole summer have I been at rest,
 Partly from voluntary holiday,
 And part through outward hindrance. But I heard,
 After the hour of sunset yester-even,
 Sitting within doors between light and dark,
 A choir of redbreasts gathered somewhere near
 My threshold,—minstrels from the distant woods
 Sent in on Winter's service, to announce,
 With preparation artful and benign,
 That the rough lord had left the surly North
 On his accustomed journey. The delight,
 Due to this timely notice, unawares
 Smote me, and, listening, I in whispers said,
 "Ye heartsome Choristers, ye and I will be
 Associates, and, unscared by blustering winds,
 Will chant together." Thereafter, as the shades
 Of twilight deepened, going forth, I spied
 A glow-worm underneath a dusky plume
 Or canopy of yet unwithered fern,
 Clear-shining, like a hermit's taper seen
 Through a thick forest. Silence touched me here
 No less than sound had done before; the child
 Of Summer, lingering, shining, by herself,
 The voiceless worm on the unfrequented hills,
 Seemed sent on the same errand with the choir
 Of Winter that had warbled at my door,
 And the whole year breathed tenderness and love.

The last night's genial feeling overflowed
 Upon this morning, and my favourite grove,
 Tossing in sunshine its dark boughs aloft,
 As if to make the strong wind visible,
 Wakes in me agitations like its own,
 A spirit friendly to the Poet's task,
 Which we will now resume with lively hope,
 Nor checked by aught of tamer argument
 That lies before us, needful to be told.

Returned from that excursion, soon I bade
 Farewell for ever to the sheltered seats

**Livro Sétimo
Estadia em Londres**

Seis anos se passaram desde que primeiro
 Proferi (saudado por aquela brisa
 Que me achou deixando os muros da Cidade)
 Um alegre preâmbulo a esta Obra: eu cantei
 Em alta voz, com um fervor irresistível
 Dum enlevo breve, qual torrente ruindo
 Duma nuvem tempestuosa abaixo o Scafell
 E sumindo. Mas em breve rebentou
 (A Musa assim o quis) um fluxo menos forte,
 Que fluiu um tempo co'uma força estável,
 E parou por anos; não de novo audível
 Antes da última primavera. Amado Amigo!,
 A confiança que animava certos medos
 Quanto a tua partida pr'uma terra estranha
 Se foi; lenta avança a obra prometida.
 O verão todo tenho estado em quietude,
 Em parte por recesso voluntário, e em parte
 Por obstáculos externos. Mas ouvi,
 Após a hora do poente, ontem à noite,
 Me sentando em casa, entre a luz e as sombras,
 Um coral de piscos reunidos próximo
 Da minha porta, - bardos de longínquos bosques
 Enviados pelo Inverno pra anunciar
 Co'uma preparação gentil e habilidosa,
 Que o seu rústico senhor deixara o norte
 Em sua habitual viagem. O prazer,
 Devido a esse oportuno anúncio, de imprevisto
 Me atingiu, e, ouvindo, sussurrando eu disse,
 "Vós ledos Coristas, eu e vós seremos
 Companheiros, e, sem recear os ventos,
 Juntos cantaremos." Depois, conforme as sombras
 Do crepúsculo adensavam, vi, saindo,
 Um vaga-lume embaixo dum escuro tufo
 Ou o dossel dum feto ainda não secado,
 Cintilante, como a vela do eremita
 Na floresta. Silêncio me tocava aqui
 Não menos do que o som o havia feito; o filho
 Do verão, tardando, reluzindo, só,
 O mudo vaga-lume em montes solitários
 Parecia enviado com o mesmo encargo
 Do coral que havia cantado à minha porta,
 E o ano inteiro respirou ternura e amor.

O afável sentimento de ontem transbordou
 Por sobre esta manhã, e meu bosque favorito,
 Agitando alto ao sol seus negros ramos,
 Qual se pra tornar visível o forte vento,
 Acorda em mim agitações iguais às suas,
 Um espírito propício ao ofício do Poeta,
 Que ora retomamos co'um anseio vivo,
 Nem sustados por um mote mais contido
 Que se encontra à frente e deve ser contado.

Regressado daquela viagem, logo dei
 Adeus pra sempre para os bancos abrigados

Of gownèd students, quitted hall and bower,
And every comfort of that privileged ground,
Well pleased to pitch a vagrant tent among
The unfenced regions of society.

Yet, undetermined to what course of life
I should adhere, and seeming to possess
A little space of intermediate time
At full command, to London first I turned,
In no disturbance of excessive hope,
By personal ambition unenslaved,
Frugal as there was need, and, though self-willed,
From dangerous passions free. Three years had flown
Since I had felt in heart and soul the shock
Of the huge town's first presence, and had paced
Her endless streets, a transient visitant:
Now, fixed amid that concourse of mankind
Where Pleasure whirls about incessantly,
And life and labour seem but one, I filled
An idler's place; an idler well content
To have a house (what matter for a home?)
That owned him; living cheerfully abroad
With unchecked fancy ever on the stir,
And all my young affections out of doors.

There was a time when whatsoe'er is feigned
Of airy palaces, and gardens built
By Genii of romance; or hath in grave
Authentic history been set forth of Rome,
Alcairo, Babylon, or Persepolis;
Or given upon report by pilgrim friars,
Of golden cities ten months' journey deep
Among Tartarian wilds—fell short, far short,
Of what my fond simplicity believed
And thought of London—held me by a chain
Less strong of wonder and obscure delight.
Whether the bolt of childhood's Fancy shot
For me beyond its ordinary mark,
'Twere vain to ask; but in our flock of boys
Was One, a cripple from his birth, whom chance
Summoned from school to London; fortunate
And envied traveller! When the Boy returned,
After short absence, curiously I scanned
His mien and person, nor was free, in sooth,
From disappointment, not to find some change
In look and air, from that new region brought,
As if from Fairy-land. Much I questioned him;
And every word he uttered, on my ears
Fell flatter than a cagèd parrot's note,
That answers unexpectedly awry,
And mocks the prompter's listening. Marvellous things
Had vanity (quick Spirit that appears
Almost as deeply seated and as strong
In a Child's heart as fear itself) conceived
For my enjoyment. Would that I could now
Recal what then I pictured to myself,
Of mitred Prelates, Lords in ermine clad,
The King, and the King's Palace, and, not last,
Nor least, Heaven bless him! the renowned Lord Mayor:
Dreams not unlike to those which once begat

De estudantes, renunciei salão e bosque,
E todos os confortos desse rico espaço,
Alegre por armar a tenda de andarilho
Nas regiões indômitas da sociedade.

Porém, incerto quanto à direção de vida
À qual me deveria liar, e parecendo
Ter um curto espaço de intermédio tempo
Em meu comando, a Londres me voltei primeiro,
Sem a agitação de grandes esperanças,
Não sujeito por anseios pessoais,
Parco o necessário e, embora pertinaz,
Livre de paixões fatais. Três anos voaram
Desde que senti no coração o choque
Da primeira vista da cidade, andei
Por suas ruas sem fim, um breve visitante:
Agora, em meio àquela confluência humana
Fixo, onde o Prazer volteia sem cessar,
E a vida e a lida se confundem, ocupei
O posto dum ocioso; ocioso satisfeito
Por ter uma casa (que interessa um lar?)
Que o tinha; andando alegremente pelas ruas
Com a fantasia sempre em comoção
E todas minhas jovens emoções libertas.

Havia um tempo quando tudo o que é inventado
De palácio aéreo e de jardins erguidos
Pelos Gênios de romances; ou na grave
E genuína história foi de Roma escrito,
Cairo, Babilônia, ou acerca de Persépolis;
Ou relatado pelos frades peregrinos,
De cidades de ouro há dez meses de viagem
Nos desertos tártaros, - ficava longe
Do que a minha crédula simpleza cria
Sobre Londres – me prendia com corrente
Menos forte de fascínio e obscuro gozo.
Se a infante Fantasia disparou seu dardo
Para mim além do alvo habitual,
Seria vão indagar; mas entre meus amigos
Havia um, um coxo de nascença, que o acaso
Convocou da escola a Londres; viajante
Feliz e invejado! Quando ele voltou,
Após ausência breve, perscrutei curioso
Seu semblante, nem, de fato, vi-me livre
De desilusão por não achar alteração
De porte ou ar, daquela região trazida
Qual se dum País de Fadas. Muito o interroguei,
E tudo o que dizia eu ouvia com mais tédio
Do que a voz dum papagaio na gaiola
Que responde inesperadamente errado
E zomba quem o escuta. Coisas fascinantes
A vaidade (ágil Espírito que parece
Quase tão profundamente enraizado
Na alma duma Criança quanto o medo) criou
Pro meu deleite. Que eu pudesse agora
Relembrar o que eu então imaginava
De Prelados mitrados, Lordes com arminho,
O Rei e seu Palácio real, e, não por último,
Deus o abençoe!, o ilustre Prefeito Maior:
Sonhos como aqueles que uma vez causaram

A change of purpose in young Whittington,
When he, a friendless and a drooping boy,
Sate on a stone, and heard the bells speak out
Articulate music. Above all, one thought
Baffled my understanding: how men lived
Even next-door neighbours, as we say, yet still
Strangers, not knowing each the other's name.

O, wond'rous power of words, by simple faith
Licensed to take the meaning that we love!
Vauxhall and Ranelagh! I then had heard
Of your green groves, and wilderness of lamps
Dimming the stars, and fireworks magical,
And gorgeous ladies, under splendid domes,
Floating in dance, or warbling high in air
The songs of spirits! Nor had Fancy fed
With less delight upon that other class
Of marvels, broad-day wonders permanent:
The River proudly bridged; the dizzy top
And Whispering Gallery of St. Paul's; the tombs
Of Westminster; the Giants of Guildhall;
Bedlam, and those carved maniacs at the gates,
Perpetually recumbent; Statues—man,
And the horse under him—in gilded pomp
Adorning flowery gardens, 'mid vast squares;
The Monument, and that Chamber of the Tower
Where England's sovereigns sit in long array,
Their steeds bestriding,—every mimic shape
Cased in the gleaming mail the monarch wore,
Whether for gorgeous tournament addressed,
Or life or death upon the battle-field.
Those bold imaginations in due time
Had vanished, leaving others in their stead:
And now I looked upon the living scene;
Familiarly perused it; oftentimes,
In spite of strongest disappointment, pleased
Through courteous self-submission, as a tax
Paid to the object by prescriptive right.

Rise up, thou monstrous ant-hill on the plain
Of a too busy world! Before me flow,
Thou endless stream of men and moving things!
Thy every-day appearance, as it strikes—
With wonder heightened, or sublimed by awe—
On strangers, of all ages; the quick dance
Of colours, lights, and forms; the deafening din;
The comers and the goers face to face,
Face after face; the string of dazzling wares,
Shop after shop, with symbols, blazoned names,
And all the tradesman's honours overhead:
Here, fronts of houses, like a title-page,
With letters huge inscribed from top to toe,
Stationed above the door, like guardian saints;
There, allegoric shapes, female or male,
Or physiognomies of real men,
Land-warriors, kings, or admirals of the sea,
Boyle, Shakspeare, Newton, or the attractive head
Of some quack-doctor, famous in his day.

Meanwhile the roar continues, till at length,

Uma mudança de objetivo em Whittington,
Quando, um garoto cabisbaixo e sem amigos,
Sentou numa pedra e ouviu os sinos darem
Música eloquente. Sobretudo um pensamento
Me pasmava: como que as pessoas viviam,
Até morando lado a lado, mas ainda
Estranhos, não sabendo os nomes uns dos outros.

Oh, grande poder das palavras, por simples fé
Feitas a assumir o sentido que adoramos!
Vauxhall e Ranelagh! Então eu tinha ouvido
Sobre vossos bosques, e do mar de lâmpadas
Que ofuscam estrelas, fogos de artifício mágicos,
E belas damas, sob encantadoras cúpulas,
Pairando em dança, ou gorjeando alto no ar
Canções de espíritos! Nem nutriu-se a Fantasia
Com prazer menor daquela outra classe
De prodígios, maravilhas permanentes:
A orgulhosa ponte sobre o Rio; o cimo
E Galeria de Sussurros de São Paulo;
As tumbas de Westminster; os Gigantes de Guildhall;
Bedlam, e os loucos esculpidos nos portões,
Perpetuamente recumbentes; estátuas – homem,
E o cavalo embaixo dele – em áurea pompa
Ornando flóridos jardins, em praças vastas;
O Monumento e aquela Câmara da Torre,
Onde os reis ingleses sentam em longa fila,
Seus corcéis montando, - cada falsa forma
Envolta na brilhante cota do monarca,
Se trajada para a justa suntuosa,
Ou vida ou morte sobre o campo de batalha.
Com o tempo, aquelas vivas imaginações
Perderam-se, deixando outras no lugar:
E agora eu contemplava aquela cena viva;
Familiarmente a perscrutava; muitas vezes,
Apesar da grande decepção, contente
Com a submissão cortês, como um tributo
Pago ao objeto por direito consagrado.

Ergue-te, horrendo formigueiro na planície
Dum mundo convulso! Corre diante mim,
Torrente infinda de homens e de coisas móveis!
Tua aparência diária, tal como ela assalta –
Com encanto ou arrebatado por assombro –
Estrangeiros de toda idade; a dança rápida
De cores, luzes, formas; o ruído ensurdecente;
Os que chegam e os que partem, face a face;
A série de produtos deslumbrantes, loja
A loja, com emblemas, nomes brasonados,
E as credenciais do mercador acima:
Aqui, frentes de casas como um frontispício,
Imensas letras desde cima abaixo inscritas,
Sobre as portas, como santos protetores;
Lá, formas alegóricas humanas,
Ou fisionomias de homens que existiram,
Reis, guerreiros, almirantes da marinha,
Boyle, Shakespeare, Newton, ou a fronte cativante
De algum charlatão, famoso no seu tempo.

Enquanto isso, o clamor seguia, até que, enfim,

Escaped as from an enemy, we turn
 Abruptly into some sequestered nook,
 Still as a sheltered place when winds blow loud!
 At leisure, thence, through tracts of thin resort,
 And sights and sounds that come at intervals,
 We take our way. A raree-show is here,
 With children gathered round; another street
 Presents a company of dancing dogs,
 Or dromedary, with an antic pair
 Of monkeys on his back; a minstrel band
 Of Savoyards; or, single and alone,
 An English ballad-singer. Private courts,
 Gloomy as coffins, and unsightly lanes
 Thrilled by some female vendor's scream, belike
 The very shrillest of all London cries,
 May then entangle our impatient steps;
 Conducted through those labyrinths, unawares,
 To privileged regions and inviolate,
 Where from their airy lodges studious lawyers
 Look out on waters, walks, and gardens green.

Thence back into the throng, until we reach,
 Following the tide that slackens by degrees,
 Some half-frequented scene, where wider streets
 Bring straggling breezes of suburban air.
 Here files of ballads dangle from dead walls;
 Advertisements, of giant-size, from high
 Press forward, in all colours, on the sight;
 These, bold in conscious merit, lower down;
That, fronted with a most imposing word,
 Is, peradventure, one in masquerade.
 As on the broadening causeway we advance,
 Behold, turned upwards, a face hard and strong
 In lineaments, and red with over-toil.
 'Tis one encountered here and everywhere;
 A travelling cripple, by the trunk cut short,
 And stumping on his arms. In sailor's garb
 Another lies at length, beside a range
 Of well-formed characters, with chalk inscribed
 Upon the smooth flat stones: the Nurse is here,
 The Bachelor, that loves to sun himself,
 The military Idler, and the Dame,
 That field-ward takes her walk with decent steps.

Now homeward through the thickening hubbub, where
 See, among less distinguishable shapes,
 The begging scavenger, with hat in hand;
 The Italian, as he thrids his way with care,
 Steadying, far-seen, a frame of images
 Upon his head; with basket at his breast
 The Jew; the stately and slow-moving Turk,
 With freight of slippers piled beneath his arm!

Enough;—the mighty concourse I surveyed
 With no unthinking mind, well pleased to note
 Among the crowd all specimens of man,
 Through all the colours which the sun bestows,
 And every character of form and face:
 The Swede, the Russian; from the genial south,
 The Frenchman and the Spaniard; from remote

Fugindo como se dum inimigo, entramos
 De repente num recanto retirado,
 Calmo como abrigo quando os ventos rugem!
 Sem pressa, então, por tratos de afluência escassa,
 E sons e vistas que aparecem a intervalos,
 Fomos. Eis um espetáculo ambulante,
 Com crianças ao redor reunidas; outra rua
 Apresentava uma trupe de cães dançantes,
 Ou um dormedário, com um par grotesco
 De macacos no seu dorso; um grupo músico
 De saboianos; ou, sozinho e solitário,
 Um baladista inglês. Pátios domiciliares,
 Lúgubres quais tumbas, e terríveis ruelas
 A vibrar co'o grito duma vendedora,
 O mais, talvez, estrídulo de toda a Londres,
 Podem, então, emaranhar os passos ávidos;
 Levados por tais labirintos, inscientes,
 A regiões favorecidas e invioladas,
 Onde, de suas casas arejadas, advogados
 Olham para parques, rios e verdes hortos.

Daí, de volta à multidão, até chegarmos,
 Indo co'a maré que abranda pouco a pouco,
 A um sítio menos frequentado, em que amplas ruas
 Trazem brisas descontínuas do subúrbio.
 Aqui, fios com baladas pendem de paredes;
 Propagandas, de tamanho imenso, do alto
 Premem, com diversas cores, contra a vista;
 Estas, ousadas com seu mérito, se abaixam;
 Aquela, apresentando uma palavra altiva,
 É, porventura, alguma que se dissimula.
 Conforme na calçada larga prosseguimos,
 Eis, voltado acima, um rosto rijo e forte
 De feições, e rubro com afã excessivo.
 É alguém que se é encontrado aqui e em toda parte;
 Um aleijado itinerante, só seu tronco,
 E andando com os braços. Em vestes de marujo,
 Um outro jaz ao largo, junto de diversas
 Letras bem-formadas, com o giz escritas
 Sobre a laje lisa: a Ama aqui está,
 O Solteirão que adora passear ao sol,
 O Militar a andar ociosamente, e a Dama
 Que caminha ao campo em passos recatados.

Agora, à casa, pelo burburinho, onde
 Vê, em meio a formas menos dinstinguíveis,
 O pedinte catador, chapéu nas mãos;
 O Italiano, enquanto anda com cautela,
 Equilibrando uma moldura na cabeça,
 Ao longe visto; com um cesto no seu peito,
 O Judeu; o lento e majestoso Turco,
 Com chinelos empilhados sob o braço!

Basta; - a imponente multidão eu perscrutava
 Com ponderação, contente por notar,
 Em meio à turba, toda espécie de pessoas,
 Através de toda cor que o sol concede,
 E todo tipo de fisionomia e face:
 Vê-se o Sueco e o Russo; do agradável Sul,
 Vêm o Francês e o Espanhol; e da longínqua

America, the Hunter-Indian; Moors,
Malays, Lascars, the Tartar, the Chinese,
And Negro Ladies in white muslin gowns.

At leisure, then, I viewed, from day to day,
The spectacles within doors,—birds and beasts
Of every nature, and strange plants convened
From every clime; and, next, those sights that ape
The absolute presence of reality,
Expressing, as in mirror, sea and land,
And what earth is, and what she has to shew.
I do not here allude to subtlest craft,
By means refined attaining purest ends,
But imitations, fondly made in plain
Confession of man's weakness and his loves.
Whether the Painter, whose ambitious skill
Submits to nothing less than taking in
A whole horizon's circuit, do with power,
Like that of angels or commissioned spirits,
Fix us upon some lofty pinnacle,
Or in a ship on waters, with a world
Of life, and life-like mockery beneath,
Above, behind, far stretching and before;
Or more mechanic artist represent
By scale exact, in model, wood or clay,
From blended colours also borrowing help,
Some miniature of famous spots or things,—
St. Peter's Church; or, more aspiring aim,
In microscopic vision, Rome herself;
Or, haply, some choice rural haunt,—the Falls
Of Tivoli; and, high upon that steep,
The Sibyl's mouldering Temple! every tree,
Villa, or cottage, lurking among rocks
Throughout the landscape; tuft, stone scratch minute—
All that the traveller sees when he is there.

And to these exhibitions, mute and still,
Others of wider scope, where living men,
Music, and shifting pantomimic scenes,
Diversified the allurements. Need I fear
To mention by its name, as in degree,
Lowest of these and humblest in attempt,
Yet richly graced with honours of her own,
Half-rural Sadler's Wells? Though at that time
Intolerant, as is the way of youth
Unless itself be pleased, here more than once
Taking my seat, I saw (nor blush to add,
With ample recompense) giants and dwarfs,
Clowns, conjurors, posture-masters, harlequins,
Amid the uproar of the rabblement,
Perform their feats. Nor was it mean delight
To watch crude Nature work in untaught minds;
To note the laws and progress of belief;
Though obstinate on this way, yet on that
How willingly we travel, and how far!
To have, for instance, brought upon the scene
The champion, Jack the Giant-killer: Lo!
He dons his coat of darkness; on the stage
Walks, and achieves his wonders, from the eye
Of living Mortal covert, "as the moon

América, o índio caçador; e Mouros,
Malaio, Lascarins, o Tártaro, o Chinês,
E Negras com vestidos de alva musselina.

Ao meu sabor, então, eu via, dia a dia,
Os espetáculos em casas – aves e animais
De todo tipo, e estranhas plantas recolhidas
De todo clima; e, então, os quadros que simulam
A total presença da realidade,
Expondo, como num espelho, mar e terra,
E o que é a Terra e o que tem ela pra mostrar.
Eu não aqui aludo à mais arguta arte,
Com fineza angariando fins mais puros,
Mas imitações criadas com carinho,
Revelando amores e fraquezas do homem.
Se o Pintor, cuja ambiciosa habilidade
Se submete a nada menos que abranger
Todo o circuito do horizonte, com poder
Qual de anjos ou de espíritos comissionados,
Põe-nos sobre algum pináculo elevado,
Ou num navio nas águas, co'uma profusão
De vida, ou uma paródia realista abaixo,
Acima, atrás, ao longe se estendendo e à frente;
Ou se um artista mais mecânico retrata,
À escala, num modelo de madeira ou argila,
Também tendo a ajuda de mescladas cores,
Uma miniatura dum famoso sítio ou coisa, -
A Igreja de São Pedro; ou, mais altivo intento,
Em microscópica visão, a própria Roma;
Ou, talvez, algum lugar rural, - as Quedas
De Tivoli; e, alto sobre aquela encosta,
O Templo roto da Sibila!, cada árvore,
Chalé ou vila, se ocultando em meio às rochas
Da paisagem; arbusto, risco em pedra exíguo –
Tudo o que o viajante vê ao achar-se lá.

Acresce a tais imagens, quietas e silentes,
Outras de mais amplo escopo, onde homens vivos,
Música e mutáveis cenas pantomímicas
Modificavam as atrações. Devo eu temer
Chamá-la por seu nome, tal como em prestígio,
Dessas a mais baixa e em empenho a mais humilde,
Mas agraciada com suas próprias honras,
Meio-rústica Sadler's Well? Embora então
Intolerante, como o é a juventude
A menos que contente, aqui, mais de uma vez,
Tomando o assento, eu vi (nem coro por dizer,
Com ampla recompensa) gigantes e anões,
Palhaços, acrobatas, arlequins e mágicos
Em meio à agitação do povaréu, fazerem
Suas façanhas. Nem era um prazer perverso
Ver a Natureza agir em mentes simples;
Observar as leis e a evolução da crença;
Embora firmes nesta via, ainda nessa
Quão depressa viajamos, e quão longe!
Ver, por exemplo, ser trazido para a cena
O herói, Jack, o Matador de Gigantes. Vê!
Ele usa seu casaco de negror; no palco
Anda e realiza seus prodígios, do olho
De Mortal vivente escuso, "como a lua

Hid in her vacant interlunar cave."
 Delusion bold! and how can it be wrought?
 The garb he wears is black as death, the word
 "*Invisible*" flames forth upon his chest.

Here, too, were "forms and pressures of the time,"
 Rough, bold, as Grecian comedy displayed
 When Art was young; dramas of living men,
 And recent things yet warm with life; a sea-fight,
 Shipwreck, or some domestic incident
 Divulged by Truth and magnified by Fame,
 Such as the daring brotherhood of late
 Set forth, too serious theme for that light place—
 I mean, O distant Friend! a story drawn
 From our own ground,—the Maid of Buttermere,—
 And how, unfaithful to a virtuous wife
 Deserted and deceived, the spoiler came
 And wooed the artless daughter of the hills,
 And wedded her, in cruel mockery
 Of love and marriage bonds. These words to thee
 Must needs bring back the moment when we first,
 Ere the broad world rang with the maiden's name,
 Beheld her serving at the cottage inn,
 Both stricken, as she entered or withdrew,
 With admiration of her modest mien
 And carriage, marked by unexampled grace.
 We since that time not unfamiliarly
 Have seen her,—her discretion have observed,
 Her just opinions, delicate reserve,
 Her patience, and humility of mind
 Unspoiled by commendation and the excess
 Of public notice—an offensive light
 To a meek spirit suffering inwardly.

From this memorial tribute to my theme
 I was returning, when, with sundry forms
 Commingled—shapes which met me in the way
 That we must tread—thy image rose again,
 Maiden of Buttermere! She lives in peace
 Upon the spot where she was born and reared;
 Without contamination doth she live
 In quietness, without anxiety:
 Beside the mountain chapel, sleeps in earth
 Her new-born infant, fearless as a lamb
 That, thither driven from some unsheltered place,
 Rests underneath the little rock-like pile
 When storms are raging. Happy are they both—
 Mother and child!—These feelings, in themselves
 Trite, do yet scarcely seem so when I think
 On those ingenuous moments of our youth
 Ere we have learnt by use to slight the crimes
 And sorrows of the world. Those simple days
 Are now my theme; and, foremost of the scenes,
 Which yet survive in memory, appears
 One, at whose centre sate a lovely Boy,
 A sportive infant, who, for six months' space,
 Not more, had been of age to deal about
 Articulate prattle—Child as beautiful
 As ever clung around a mother's neck,
 Or father fondly gazed upon with pride.

Oculto em sua vaga gruta interlunar."
 Ousada logro!, e como pode isso ser feito?
 Sua veste é negra como a morte, a palavra
 "*Invisível*" resplandece no seu peito.

Aqui também as "formas e impressões do tempo,"
 Audazes, rudes, tal como a comédia grega
 Quando a Arte era jovem; dramas de homens reais,
 E coisas inda com frescor; batalha ao mar,
 Naufrágio, ou algum doméstico incidente
 Que a Verdade divulgou e a Fama engrandeceu,
 Tal como a intrépida irmandade apresentou
 Há pouco, tema demais sério pra essa casa –
 Me refiro, Oh, distante Amigo!, a um caso
 Da nossa terra – a Dama de Buttermere, -
 E como, infiel a uma esposa virtuosa,
 Lograda e abandonada, veio o corruptor
 E cortejou a ingênua filha das colinas,
 E casou com ela, como um cruel escárnio
 Ao amor e ao casamento. A ti, estas palavras
 Devem recordar-te o instante em que primeiro,
 Antes que seu nome soasse pelo mundo,
 Vimo-la servindo mesas na estalagem;
 Ambos pasmos, enquanto ela saía ou entrava,
 Com admiração do seu modesto porte
 E ar, marcados por encanto sem igual,
 Nós, desde aquele tempo, não alheiamente
 A temos visto, - sua discrição notado,
 Suas justas opiniões, reserva suave,
 Sua paciência, e humildade de espírito
 Intocados por exaltação e o excesso
 De atenção dos outros – uma luz que fere
 Um manso espírito sofrendo internamente.

Deste tributo memorial de volta ao tema
 Eu retornava, quando, junto a várias formas
 Misturada – as quais me acharam no caminho
 Que hemos de trilhar – tua imagem ressurgiu,
 Donzela de Buttermere! Ela vive em paz
 Lá no lugar em que nasceu e foi criada;
 Sem nenhuma mácula ela vive em calma,
 Sem inquietação: ao lado da capela
 Da montanha, dorme sob a terra o filho
 Recém-nascido, sem temor como um cordeiro,
 O qual, ali levado dum lugar exposto,
 Jaz debaixo duma pilha como rocha
 Quando a tempestade irrompe. Alegres ambos -
 Mãe e filho! – Estas emoções, em si
 Banais, quase nem o parecem quando penso
 Nos momentos cândidos da juventude
 Antes de aprendermos a aviltar os crimes
 E aflições do mundo. Aqueles dias simples,
 Ora são meu tema, e, principal das cenas
 Que inda sobrevivem na memória, uma
 Surge, em cujo centro havia um menino amável,
 Uma criança jovial, que por seis meses,
 Não mais, tinha a idade pra lançar à volta
 Uma loquaz tagarelice – tão bela Criança
 Jamais prendeu-se no pescoço duma mãe,
 Ou pai afavelmente contemplou co' orgulho.

There, too, conspicuous for stature tall
 And large dark eyes, beside her infant stood
 The mother; but, upon her cheeks diffused,
 False tints too well accorded with the glare
 From play-house lustres thrown without reserve
 On every object near. The Boy had been
 The pride and pleasure of all lookers-on
 In whatsoever place, but seemed in this
 A sort of alien scattered from the clouds.
 Of lusty vigour, more than infantine
 He was in limb, in cheek a summer rose
 Just three parts blown—a cottage-child—if e'er,
 By cottage-door on breezy mountain side,
 Or in some sheltering vale, was seen a babe
 By Nature's gifts so favoured. Upon a board
 Decked with refreshments had this child been placed,
His little stage in the vast theatre,
 And there he sate surrounded with a throng
 Of chance spectators, chiefly dissolute men
 And shameless women, treated and caressed;
 Ate, drank, and with the fruit and glasses played,
 While oaths and laughter and indecent speech
 Were rife about him as the songs of birds
 Contending after showers. The mother now
 Is fading out of memory, but I see
 The lovely Boy as I beheld him then
 Among the wretched and the falsely gay,
 Like one of those who walked with hair unsinged
 Amid the fiery furnace. Charms and spells
 Muttered on black and spiteful instigation
 Have stopped, as some believe, the kindest growths.
 Ah, with how different spirit might a prayer
 Have been preferred, that this fair creature, checked
 By special privilege of Nature's love,
 Should in his childhood be detained for ever!
 But with its universal freight the tide
 Hath rolled along, and this bright innocent,
 Mary! may now have lived till he could look
 With envy on thy nameless babe that sleeps,
 Beside the mountain chapel, undisturbed.

Four rapid years had scarcely then been told
 Since, travelling southward from our pastoral hills,
 I heard, and for the first time in my life,
 The voice of woman utter blasphemy—
 Saw woman as she is, to open shame
 Abandoned, and the pride of public vice;
 I shuddered, for a barrier seemed at once
 Thrown in, that from humanity divorced
 Humanity, splitting the race of man
 In twain, yet leaving the same outward form.
 Distress of mind ensued upon the sight
 And ardent meditation. Later years
 Brought to such spectacle a milder sadness,
 Feelings of pure commiseration, grief
 For the individual and the overthrow
 Of her soul's beauty; farther I was then
 But seldom led, or wished to go; in truth
 The sorrow of the passion stopped me there.

Ali, também, conspícua pela sua altura
 E grandes olhos negros, junto à criança estava
 A mãe, porém, nas suas faces espalhados,
 Falsos tons se harmonizavam com a luz
 Dos lustres do teatro, irradiada a esmo
 Em todo objeto próximo. O Garoto fora
 O orgulho e o agrado de todos espectadores
 Em qualquer lugar, mas parecia nesse
 Um ser exótico que despencou das nuvens.
 De viço vigoroso, mais do que infantis
 Seu membros eram, o rosto, rosa do verão
 Mal florescida – um filho do campo – se jamais
 Em porta de cabana, num sopé ventoso,
 Ou nalgum vale acolhedor, foi vista criança
 Tão amada pela Natureza. Numa mesa
 Cheia de refrescos tinham posto a criança,
 Seu pequeno palco dentro do amplo teatro,
 E lá sentava, rodeado duma turba
 De casuais espectadores, homens dissolutos
 E mulheres sem pudor que o regalavam;
 Comia, bebia e brincava com os frutos e copos,
 Enquanto imprecações e insultos e risadas
 Ecoavam à volta como o canto de aves
 Competindo após a chuva. A mãe agora
 Desvanece da memória, mas eu vejo
 O encantador Menino como então o vi,
 Em meio aos miseráveis e à alegria falsa,
 Como um dos que caminharam intocados
 Na fornalha ardente. Encantos e feitiços,
 Murmurados por perversa instigação,
 Sustaram, como crê-se, os melhores crescimentos.
 Ah, com quão diferente espírito uma prece
 Fora preferida, que esse belo ser,
 Por privilégio especial da Natureza,
 Assim ficasse em sua infância para sempre!
 Mas a maré, com sua carga universal,
 Seguiu seu curso, e este feliz inocente,
 Mary!, pode ter vivido pra invejar
 A tumba anônima do teu bebê que dorme,
 Ao lado da capela da montanha, em paz.

Quatro velozes anos mal tinham passado
 Após, de nossos montes pastoris rumando
 Ao sul, ouvir pela primeira vez na vida,
 A voz duma mulher pronunciar blasfêmia –
 Vi mulher como ela é à desgraça aberta
 Abandonada e ao orgulho do seu vício público;
 Tremi, pois de repente um muro parecia
 Erguer-se, que da humanidade separava
 A humanidade, dividindo a raça humana
 Em duas, mas deixando a mesma forma externa.
 Perturbação da mente se seguiu à vista
 E reflexão ardente. Anos mais tardios
 Trouxeram à cena uma tristeza mais suave,
 Sensações de pura comisseração,
 Tristeza pelo ser humano e pela ruína
 Da beleza da sua alma; então, mais longe,
 Raro era eu levado, ou desejava ir;
 De fato, a mágoa da paixão parou-me aí.

But let me now, less moved, in order take
 Our argument. Enough is said to show
 How casual incidents of real life,
 Observed where pastime only had been sought,
 Outweighed, or put to flight, the set events
 And measured passions of the stage, albeit
 By Siddons trod in the fulness of her power.
 Yet was the theatre my dear delight;
 The very gilding, lamps and painted scrolls,
 And all the mean upholstery of the place,
 Wanted not animation, when the tide
 Of pleasure ebbed but to return as fast
 With the ever-shifting figures of the scene,
 Solemn or gay: whether some beauteous dame
 Advanced in radiance through a deep recess
 Of thick entangled forest, like the moon
 Opening the clouds; or sovereign king, announced
 With flourishing trumpet, came in full-blown state
 Of the world's greatness, winding round with train
 Of courtiers, banners, and a length of guards;
 Or captive led in abject weeds, and jingling
 His slender manacles; or romping girl
 Bounced, leapt, and pawed the air; or mumbling sire,
 A scare-crow pattern of old age dressed up
 In all the tatters of infirmity
 All loosely put together, hobbled in,
 Stumping upon a cane with which he smites,
 From time to time, the solid boards, and makes them
 Prate somewhat loudly of the whereabouts
 Of one so overloaded with his years.
 But what of this! the laugh, the grin, grimace,
 The antics striving to outstrip each other,
 Were all received, the least of them not lost,
 With an unmeasured welcome. Through the night,
 Between the show, and many-headed mass
 Of the spectators, and each several nook
 Filled with its fray or brawl, how eagerly
 And with what flashes, as it were, the mind
 Turned this way—that way! sportive and alert
 And watchful, as a kitten when at play,
 While winds are eddying round her, among straws
 And rustling leaves. Enchanting age and sweet!
 Romantic almost, looked at through a space,
 How small, of intervening years! For then,
 Though surely no mean progress had been made
 In meditations holy and sublime,
 Yet something of a girlish child-like gloss
 Of novelty survived for scenes like these;
 Enjoyment haply handed down from times
 When at a country-playhouse, some rude barn
 Tricked out for that proud use, if I perchance
 Caught, on a summer evening through a chink
 In the old wall, an unexpected glimpse
 Of daylight, the bare thought of where I was
 Gladdened me more than if I had been led
 Into a dazzling cavern of romance,
 Crowded with Genii busy among works
 Not to be looked at by the common sun.

The matter that detains us now may seem,

Mas que, ora, menos comovido, eu continue
 O tema. Já o bastante disse pra mostrar
 Como incidentes casuais da vida real,
 Notados onde só o lazer foi procurado,
 Superavam, ou punham em fuga, os atos fixos
 E paixões medidas sobre o palco, embora
 Siddons o cruzasse em todo o seu poder.
 No entanto, era o teatro o meu deleite amado;
 A própria douradura, lustres e volutas,
 E todo o estofamento tosco do lugar,
 Não careciam animação, quando a maré
 De gozo recedia pra voltar depressa
 Co'as figuras cambiantes do espetáculo,
 Solenes ou alegres: se uma bela dama
 Atravessasse em resplendor algum recesso
 De enredada e densa mata, como a lua
 Abrindo as nuvens; ou um rei, anunciado
 Por fanfarra, entrasse com a pompa inteira
 Do esplendor do mundo, andando com um séquito
 De cortesões, bandeiras e um tropel de guardas;
 Um cativo conduzido em trapos, e soando
 Suas esguias grilhetas; ou garota arteira
 Saltitasse no ar; ou velho resmungão,
 Um espantalho exemplo de velhice, usando
 Todos os farrapos da debilidade,
 Uns por cima dos outros, entrasse coxeando,
 Se apoiando na bengala com que bate,
 Vez ou outra, as tábuas sólidas, e as faz
 Tagarelar em alta voz do paradeiro
 De um tão sobrecarregado com seus anos.
 Mas que isto importa!, o riso, o sorriso largo, o esgar,
 As troças competindo umas com as outras,
 Eram todos recebidos, 'té a menor,
 Co'uma acolhida desmedida. Noite adentro,
 Entre o espetáculo e a multidão inúmera
 De espectadores, e cada canto diferente
 Cheio com sua rixa ou briga, com que anseio
 E que lampejos, por assim dizer, o espírito
 Voltava-se pra cá – pra lá!, feliz e alerta
 E vigilante, como um gato quando brinca,
 Com o vento ao seu redor, em meio à palha
 E folhas farfalhantes. Doce idade e amável!
 Romântica até, vista através dum espaço,
 Quão pequeno, de anos intermédios! Pois,
 Embora então não vil progresso foi logrado
 Com meditações sagradas e sublimes,
 Inda algo dum encanto pueril
 De novidade perdurava nessas cenas;
 Prazer talvez herdado desses tempos, quando
 Num teatro rural, um rústico celeiro
 Ornado pra esse ufano uso, se eu acaso
 Visse, em tarde de verão, por uma fenda
 Na parede velha, um súbito vislumbre
 De luz, o simples pensamento de onde eu estava
 Me alegrava mais do que se eu me encontrasse
 Numa gruta deslumbrante de romance,
 Cheia de Gênios ocupados com trabalhos
 Que jamais verão a luz do sol comum.

O tema que ora nos detém talvez pareça,

To many, neither dignified enough
 Nor arduous, yet will not be scorned by them,
 Who, looking inward, have observed the ties
 That bind the perishable hours of life
 Each to the other, and the curious props
 By which the world of memory and thought
 Exists and is sustained. More lofty themes,
 Such as at least do wear a prouder face,
 Solicit our regard; but when I think
 Of these, I feel the imaginative power
 Languish within me; even then it slept,
 When, pressed by tragic sufferings, the heart
 Was more than full; amid my sobs and tears
 It slept, even in the pregnant season of youth.
 For though I was most passionately moved
 And yielded to all changes of the scene
 With an obsequious promptness, yet the storm
 Passed not beyond the suburbs of the mind;
 Save when realities of act and mien,
 The incarnation of the spirits that move
 In harmony amid the Poet's world,
 Rose to ideal grandeur, or, called forth
 By power of contrast, made me recognise,
 As at a glance, the things which I had shaped,
 And yet not shaped, had seen and scarcely seen,
 When, having closed the mighty Shakspeare's page,
 I mused, and thought, and felt, in solitude.

Pass we from entertainments, that are such
 Professedly, to others titled higher,
 Yet, in the estimate of youth at least,
 More near akin to those than names imply,—
 I mean the brawls of lawyers in their courts
 Before the ermined judge, or that great stage
 Where senators, tongue-favoured men, perform,
 Admired and envied. Oh! the beating heart,
 When one among the prime of these rose up,—
 One, of whose name from childhood we had heard
 Familiarly, a household term, like those,
 The Bedfords, Glosters, Salsburys, of old
 Whom the fifth Harry talks of. Silence! hush!
 This is no trifler, no short-flighted wit,
 No stammerer of a minute, painfully
 Delivered. No! the Orator hath yoked
 The Hours, like young Aurora, to his car:
 Thrice welcome Presence! how can patience e'er
 Grow weary of attending on a track
 That kindles with such glory! All are charmed,
 Astonished; like a hero in romance,
 He winds away his never-ending horn;
 Words follow words, sense seems to follow sense:
 What memory and what logic! till the strain
 Transcendent, superhuman as it seemed,
 Grows tedious even in a young man's ear.

Genius of Burke! forgive the pen seduced
 By specious wonders, and too slow to tell
 Of what the ingenuous, what bewildered men,
 Beginning to mistrust their boastful guides,
 And wise men, willing to grow wiser, caught,

Para muitos, nem distinto o suficiente,
 Nem penoso, mas não vai ser desprezado
 Por aqueles que, ao olhar pra dentro, vêem
 Os laços que unem as horas efêmeras da vida
 Cada uma à outra, e os curiosos alicerces
 Com que o mundo da memória e pensamento
 Existe e é sustentado. Temas mais altivos,
 Tais que ao menos vestem face mais ufana,
 Pedem por nossa atenção; mas quando penso
 Neles, sinto o poder imaginativo
 Definhar em mim; mesmo então dormia,
 Quando, opresso por angústia, o coração
 Se enchia; entre meu soluço e lágrimas
 Dormia, mesmo na fecunda juventude.
 Pois, ainda que eu fosse com paixão movido
 E me entregasse a toda alteração da cena
 Co'uma prontidão servil, a tempestade
 Não passava além das cercanias da mente;
 Salvo quando realidades de ato e porte,
 A encarnação de espíritos que em harmonia
 Movem-se através do mundo do Poeta,
 Erguiam-se à grandeza ideal, ou, suscitadas
 Por contraste, me fizeram discernir,
 Como que de relance, as coisas que eu formara,
 E entanto não formara, vira e não bem vira,
 Quando, ao fechar a página do grande Shakespeare,
 Eu meditei, pensei, senti em solidão.

Passemos de entretenimentos que são tais
 Abertamente, a outros de melhor renome,
 Mas, na avaliação da juventude, ao menos,
 Mais afim daqueles do que o nome implica, -
 Digo, as rixas de advogados em seus foros
 Diante do juiz de arminho, ou o grande palco
 Onde os eloquentes senadores atuam
 Admirados e invejados. Ah!, a emoção,
 Quando um dos melhores desses levantava, -
 Um, cujo nome desde a infância nós ouvíamos
 Familiarmente, um termo diário, como aqueles,
 Bedfords, Glosters, Salsburys, de antigamente
 De quem fala o quinto Henrique. Silêncio! Quietos!
 Este não é um enrolador, engenho-curto,
 Gaguejante dum minuto duramente
 Proferido. Não!, o Orador tinha atado
 As Horas, como a jovem Aurora, no seu carro:
 Óh, bem-vinda Presença!, como a paciência
 Alguma vez se cansaria numa arena
 Que arde com tal glória! Todos são tomados,
 Assombrados; como um herói de romance,
 Sopra sem parar a sua trompa intérmina;
 Palavras seguem palavras; sentido ao sentido:
 Que memória e que intelecto!, até que o estro
 Transcendente, sobre-humano, parecia,
 Torna-se enfadonho mesmo ao ouvido jovem.

Gênio de Burke!, perdoa a pena seduzida
 Por miragens, e tão lenta pra contar
 O que sinceros homens, homens confundidos,
 Duvidando de seus guias arrogantes,
 E homens, desejando mais saber, ouviram

Rapt auditors! from thy most eloquent tongue—
 Now mute, for ever mute in the cold grave.
 I see him,—old, but vigorous in age,—
 Stand like an oak whose stag-horn branches start
 Out of its leafy brow, the more to awe
 The younger brethren of the grove. But some—
 While he forewarns, denounces, launches forth,
 Against all systems built on abstract rights,
 Keen ridicule; the majesty proclaims
 Of Institutes and Laws, hallowed by time;
 Declares the vital power of social ties
 Endeared by Custom; and with high disdain,
 Exploding upstart Theory, insists
 Upon the allegiance to which men are born—
 Some—say at once a froward multitude—
 Murmur (for truth is hated, where not loved)
 As the winds fret within the Æolian cave,
 Galled by their monarch's chain. The times were big
 With ominous change, which, night by night, provoked
 Keen struggles, and black clouds of passion raised;
 But memorable moments intervened,
 When Wisdom, like the Goddess from Jove's brain,
 Broke forth in armour of resplendent words,
 Startling the Synod. Could a youth, and one
 In ancient story versed, whose breast had heaved
 Under the weight of classic eloquence,
 Sit, see, and hear, unthankful, uninspired?

Nor did the Pulpit's oratory fail
 To achieve its higher triumph. Not unfelt
 Were its admonishments, nor lightly heard
 The awful truths delivered thence by tongues
 Endowed with various power to search the soul;
 Yet ostentation, domineering, oft
 Poured forth harangues, how sadly out of place!—
 There have I seen a comely bachelor,
 Fresh from a toilette of two hours, ascend
 His rostrum, with seraphic glance look up,
 And, in a tone elaborately low
 Beginning, lead his voice through many a maze
 A minuet course; and, winding up his mouth,
 From time to time, into an orifice
 Most delicate, a lurking eyelet, small,
 And only not invisible, again
 Open it out, diffusing thence a smile
 Of rapt irradiation, exquisite.
 Meanwhile the Evangelists, Isaiah, Job,
 Moses, and he who penned, the other day,
 The Death of Abel, Shakspeare, and the Bard
 Whose genius spangled o'er a gloomy theme
 With fancies thick as his inspiring stars,
 And Ossian (doubt not, 'tis the naked truth)
 Summoned from streamy Morven—each and all
 Would, in their turns, lend ornaments and flowers
 To entwine the crook of eloquence that helped
 This pretty Shepherd, pride of all the plains,
 To rule and guide his captivated flock.

I glance but at a few conspicuous marks,
 Leaving a thousand others, that, in hall,

Exatasiados dos teus eloquentes lábios –
 Ora mudos para sempre no sepulcro.
 Eu vejo-o, - velho, mas na idade vigoroso, -
 Erguer-se qual carvalho, cujos galhos partem
 Da frondosa frente, para mais pasmar
 Os mais jovens irmãos do bosque. Mas alguns –
 Enquanto ele previne, denuncia, lança
 Contra sistemas de direitos abstratos
 Afiado escárnio; a majestade afirma
 De Instituto e Leis, sagrados pelo tempo;
 Prega o poder vital dos laços sociais
 Eleitos por Costume; e, com desdém altivo,
 Refutando Teorias em moda, insiste
 Nos deveres em que os homens são nascidos –
 Uns – já digo, férrea multidão – murmura
 (Pois é a verdade odiada onde não amada)
 Como os ventos na caverna Eólia agitam-se
 Afligidos por grilhões. O tempo enchia
 Com mudanças, que, noite a noite, provocavam
 Lutas, e negras nuvens de paixão erguiam;
 Mas momentos memoráveis intervinham,
 E a Sabedoria, qual filha de Jove,
 Aparecia em armadura de palavras
 Surpreendendo o Sínodo. Poderia um jovem,
 E um versado em história antiga, cujo peito
 Suspirava sob o peso da eloquência clássica,
 Sentar-se, ver e ouvir, ingrato, indiferente?

Nem a retórica do Púlpito falhou
 Em atingir seu triunfo mor. Não ignorados
 Foram seus avisos, nem de leve ouvidas
 As verdades proferidas pelas línguas
 Dotadas de poderes pra sondar a alma;
 Entanto, amiúde, a imperiosa ostentação
 Vertia arengas, tristemente deslocadas! –
 Ali eu vi um elegante solteirão,
 Depois de duas horas se arranjando, alçar-se
 À sua tribuna, levantar um olhar seráfico,
 E, num tom elaboradamente baixo
 Começando, guiava a voz por muitos meandros,
 Minuetos; e, volteando a sua boca,
 Pouco em pouco, até tornar-se um orifício
 Muito delicado, qual oculo ilhó,
 Pequeno, e só não invisível, novamente
 A abre, difundindo dali um sorriso
 De enlevada radiância, requintado.
 Enquanto isso, os Evangelistas, Isaías,
 Jó, Moisés, e quem escreveu, há uns poucos dias,
A Morte de Abel, Shakspeare, e aquele Bardo
 Cujo gênio constelava um tema lúgubre
 Com fantasias inúmeras como as estrelas
 Que o inspiravam, e Ossian (não duvides, é a verdade)
 Chamado de Morven dos muitos rios – todos,
 Emprestavam, à vez, flores e ornamentos
 Pr'o cajado de eloquência que ajudava
 Esse belo Pastor, orgulho das campinas,
 A guiar o seu rebanho cativado.

Eu relanceio apenas uns conspícuos traços,
 Ignorando outros mil, que, em tribunais

Court, theatre, conventicle, or shop,
 In public room or private, park or street,
 Each fondly reared on his own pedestal,
 Looked out for admiration. Folly, vice,
 Extravagance in gesture, mien, and dress,
 And all the strife of singularity,
 Lies to the ear, and lies to every sense—
 Of these, and of the living shapes they wear,
 There is no end. Such candidates for regard,
 Although well pleased to be where they were found,
 I did not hunt after, nor greatly prize,
 Nor made unto myself a secret boast
 Of reading them with quick and curious eye;
 But, as a common produce, things that are
 To-day, to-morrow will be, took of them
 Such willing note, as, on some errand bound
 That asks not speed, a Traveller might bestow
 On sea-shells that bestrew the sandy beach,
 Or daisies swarming through the fields of June.

But foolishness and madness in parade,
 Though most at home in this their dear domain,
 Are scattered everywhere, no rarities,
 Even to the rudest novice of the Schools.
 Me, rather, it employed, to note, and keep
 In memory, those individual sights
 Of courage, or integrity, or truth,
 Or tenderness, which there, set off by foil,
 Appeared more touching. One will I select;
 A Father—for he bore that sacred name—
 Him saw I, sitting in an open square,
 Upon a corner-stone of that low wall,
 Wherein were fixed the iron pales that fenced
 A spacious grass-plot; there, in silence, sate
 This One Man, with a sickly babe outstretched
 Upon his knee, whom he had thither brought
 For sunshine, and to breathe the fresher air.
 Of those who passed, and me who looked at him,
 He took no heed; but in his brawny arms
 (The Artificer was to the elbow bare,
 And from his work this moment had been stolen)
 He held the child, and, bending over it,
 As if he were afraid both of the sun
 And of the air, which he had come to seek,
 Eyed the poor babe with love unutterable.

As the black storm upon the mountain top
 Sets off the sunbeam in the valley, so
 That huge fermenting mass of human-kind
 Serves as a solemn back-ground, or relief,
 To single forms and objects, whence they draw,
 For feeling and contemplative regard,
 More than inherent liveliness and power.
 How oft, amid those overflowing streets,
 Have I gone forward with the crowd, and said
 Unto myself, "The face of every one
 That passes by me is a mystery!"
 Thus have I looked, nor ceased to look, oppressed
 By thoughts of what and whither, when and how,
 Until the shapes before my eyes became

Salões teatros, conventículos ou lojas,
 Sala pública ou privada, parque ou rua,
 Ternamente erguidos em seus pedestais,
 Ansiavam por admiração. Loucura, vício,
 Extravagância em gestos, porte e vestuário,
 E toda rixa pela singularidade,
 Logros para o ouvido e todos os sentidos –
 Pra esses e pras formas vivas que eles vestem
 Não há fim. Tais candidatos à atenção,
 Embora alegre por estar onde se achavam,
 Não buscava, nem demais eu estimava,
 Nem retinha uma secreta presunção
 Por lê-los co'um olhar veloz e curioso;
 Mas como um produto usual, as coisas que hoje
 Existem, amanhã existirão, notava-os
 Com tal interesse, como, num encargo
 Que não pede pressa, um Viajante tem
 Por conchas que se espalham pela praia areosa,
 Ou margaridas pelos campos do verão.

Porém, tolice e desvario, em procissão,
 Embora mais em casa neste seu domínio,
 Encontram-se por toda parte, nada raros,
 Mesmo pro mais rude novato das escolas.
 A mim usou para observar e preservar
 Em minha memória, aquelas vistas singulares
 De coragem, ou verdade, ou integridade,
 Ou afeto, os quais, realçados por contraste,
 Pareciam mais tocantes. Uma tomo;
 Um Pai – pois ele tinha esse sagrado nome –
 Ele eu vi, sentado numa praça aberta,
 Numa pedra à esquina da parede baixa
 Onde estava a paliçada que cercava
 Uma ampla relva; lá, em silêncio, se sentava
 Este Homem, co'um bebê enfermiço a se deitar
 Em seu joelho, o qual havia ali trazido
 Pelo sol e para respirar o ar fresco.
 Aos que passavam, e a mim, que olhava para ele,
 Não dava atenção; mas em seus fortes braços
 (O Artesão tinha a camisa ao cotovelo,
 E do trabalho havia roubado este momento)
 Segurava a criança, e, se inclinando a ela,
 Como se temesse ao mesmo tempo o sol
 E o ar, os quais viera procurar, fitava
 A pobre criança com amor inexprimível.

Qual negra tempestade acima da montanha
 Realça a luz do sol no vale, assim também
 Aquela imensa massa humana fermentante
 Serve como um grave fundo, ou um realce
 Para formas e objetos, donde tomam,
 Para o sentimento e o olhar contemplativo,
 Mais do que inerente ânimo e poder.
 Quão amiúde, em meio àquelas ruas cheias,
 Avancei seguindo a multidão, e disse
 Pra mim mesmo: "A face de todo aquele
 Que atravessa o meu caminho é um mistério."
 Assim olhava, nem parei de olhar, opresso
 Por pensar no que e aonde, quando e como,
 Até que as formas diante o meu olhar viravam

A second-sight procession, such as glides
 Over still mountains, or appears in dreams;
 And once, far-travelled in such mood, beyond
 The reach of common indication, lost
 Amid the moving pageant, I was smitten
 Abruptly, with the view (a sight not rare)
 Of a blind Beggar, who, with upright face,
 Stood, propped against a wall, upon his chest
 Wearing a written paper, to explain
 His story, whence he came, and who he was.
 Caught by the spectacle my mind turned round
 As with the might of waters; an apt type
 This label seemed of the utmost we can know,
 Both of ourselves and of the universe;
 And, on the shape of that unmoving man,
 His steadfast face and sightless eyes, I gazed,
 As if admonished from another world.

Though reared upon the base of outward things,
 Structures like these the excited spirit mainly
 Builds for herself; scenes different there are,
 Full-formed, that take, with small internal help,
 Possession of the faculties,—the peace
 That comes with night; the deep solemnity
 Of nature's intermediate hours of rest,
 When the great tide of human life stands still;
 The business of the day to come, unborn,
 Of that gone by, locked up, as in the grave;
 The blended calmness of the heavens and earth,
 Moonlight and stars, and empty streets, and sounds
 Unfrequent as in deserts; at late hours
 Of winter evenings, when unwholesome rains
 Are falling hard, with people yet astir,
 The feeble salutation from the voice
 Of some unhappy woman, now and then
 Heard as we pass, when no one looks about,
 Nothing is listened to. But these, I fear,
 Are falsely catalogued; things that are, are not,
 As the mind answers to them, or the heart
 Is prompt, or slow, to feel. What say you, then,
 To times, when half the city shall break out
 Full of one passion, vengeance, rage, or fear?
 To executions, to a street on fire,
 Mobs, riots, or rejoicings? From these sights
 Take one,—that ancient festival, the Fair,
 Holden where martyrs suffered in past time,
 And named of St. Bartholomew; there, see
 A work completed to our hands, that lays,
 If any spectacle on earth can do,
 The whole creative powers of man asleep!—
 For once, the Muse's help will we implore,
 And she shall lodge us, wafted on her wings,
 Above the press and danger of the crowd,
 Upon some showman's platform. What a shock
 For eyes and ears! what anarchy and din,
 Barbarian and infernal,—a phantasma,
 Monstrous in colour, motion, shape, sight, sound!
 Below, the open space, through every nook
 Of the wide area, twinkles, is alive
 With heads; the midway region, and above,

Um séquito espectral, tal como o que desliza
 Sobre quietos montes, ou se mostra em sonhos;
 E uma vez, andando em tal estado, além
 Do alcance duma indicação comum, perdido
 Entre o cortejo que passava, me assaltou,
 Abruptamente, a vista (uma visão não rara)
 Dum Pedinte cego, o qual, com rosto erguido,
 Em pé, escorado contra um muro, sobre o peito
 Mostrando um papel escrito, pra explicar
 A sua história, donde veio, e quem ele era.
 Tomada pela cena, a mente revirou-se
 Qual se co'o poder das águas; um exemplo
 Parecia ser esse papel de tudo o que podemos
 Conhecer, ambos de nós e do universo;
 E, tomando a figura desse homem imóvel,
 Seu rosto firme e olhos cegos, eu fitei,
 Como se admoestado por um outro mundo.

Embora erguidas sobre coisas exteriores,
 Estuturas tais o espírito mormente
 Erige pra si próprio; cenas outras há,
 Completas, que, com uma mera ajuda interna,
 Apossam-se das faculdades, - a paz
 Que vem co'a noite; aquela funda gravidade
 Pelas horas de repouso da natura,
 Quando a maré da vida humana se aquieta;
 O afã do dia vindouro, ainda por nascer,
 Do que se foi, trancado, como se na tumba;
 A calma misturada da terra e dos céus,
 Luar e estrelas, e vazias ruas, e sons
 Esparsos como no desertos; às horas tardes
 Em dias de inverno, quando chuvas doentias
 Caem forte, com pessoas inda às voltas,
 A abatida saudação que vem da voz
 Duma infeliz mulher, de vez em quando ouvida
 Ao caminharmos, quando ninguém olha em torno,
 Nada é escutado. Mas, temo, essas são
 Falso arroladas; coisas que são, não são
 Conforme a mente lhes responde, ou o coração
 É presto ou lento pra sentir. O que, então, dizes
 De épocas em que meia cidade irrompe
 Cheia de paixão, vingança, ira ou medo?
 Com execuções, com uma rua em chamas,
 Turbas, festas ou tumultos? Dessas vistas
 Toma uma, - aquela antiga festa, a Feira,
 Tida onde mártires sofreram outrora,
 E chama-se de São Bartolomeu; lá, vê
 Uma obra feita às nossas mãos, que faz dormir,
 Se nessa terra um espetáculo consegue,
 Todos os poderes criativos do homem! –
 Desta vez, o favor da Musa imploraremos,
 E, levados em suas asas, nos porá
 Acima do perigo e da pressão da turba,
 Sobre o estrado do apresentador. Que choque
 Pros ouvidos e olhos!, que anarquia e ruído,
 Bárbaro e infernal, - um espectro, monstruoso
 Em movimento, forma, cor, visão e som!
 Abaixo, o espaço aberto, entre cada canto
 Da ampla área, tremeluz, está animado
 Com cabeças; a região central, e acima,

Is thronged with staring pictures and huge scrolls,
 Dumb proclamations of the Prodigies;
 With chattering monkeys dangling from their poles,
 And children whirling in their roundabouts;
 With those that stretch the neck and strain the eyes,
 And crack the voice in rivalry, the crowd
 Inviting; with buffoons against buffoons
 Grimacing, writhing, screaming,—him who grinds
 The hurdy-gurdy, at the fiddle weaves,
 Rattles the salt-box, thumps the kettle-drum,
 And him who at the trumpet puffs his cheeks,
 The silver-collared Negro with his timbrel,
 Equestrians, tumblers, women, girls, and boys,
 Blue-breeched, pink-vested, with high-towering plumes.—
 All moveables of wonder, from all parts,
 Are here—Albinos, painted Indians, Dwarfs,
 The Horse of knowledge, and the learned Pig,
 The Stone-eater, the man that swallows fire,
 Giants, Ventriloquists, the Invisible Girl,
 The Bust that speaks and moves its goggling eyes,
 The Wax-work, Clock-work, all the marvellous craft
 Of modern Merlins, Wild Beasts, Puppet-shows,
 All out-o'-the-way, far-fetched, perverted things,
 All freaks of nature, all Promethean thoughts
 Of man, his dullness, madness, and their feats
 All jumbled up together, to compose
 A Parliament of Monsters. Tents and Booths
 Meanwhile, as if the whole were one vast mill,
 Are vomiting, receiving on all sides,
 Men, Women, three-years' Children, Babes in arms.

Oh, blank confusion! true epitome
 Of what the mighty City is herself,
 To thousands upon thousands of her sons,
 Living amid the same perpetual whirl
 Of trivial objects, melted and reduced
 To one identity, by differences
 That have no law, no meaning, and no end—
 Oppression, under which even highest minds
 Must labour, whence the strongest are not free.
 But though the picture weary out the eye,
 By nature an unmanageable sight,
 It is not wholly so to him who looks
 In steadiness, who hath among least things
 An under-sense of greatest; sees the parts
 As parts, but with a feeling of the whole.
 This, of all acquisitions, first awaits
 On sundry and most widely different modes
 Of education, nor with least delight
 On that through which I passed. Attention springs,
 And comprehensiveness and memory flow,
 From early converse with the works of God
 Among all regions; chiefly where appear
 Most obviously simplicity and power.
 Think, how the everlasting streams and woods,
 Stretched and still stretching far and wide, exalt
 The roving Indian, on his desert sands:
 What grandeur not unfelt, what pregnant show
 Of beauty, meets the sun-burnt Arab's eye:
 And, as the sea propels, from zone to zone,

Se enche de figuras que olham e volutas
 Vastas, mudas proclamações dos Prodígios;
 Com macacos se dependurando em varas,
 E crianças rodopiando em carrosséis;
 Co'os que esticam o pescoço e forçam os olhos,
 E racham a voz na rixa, a multidão chamando;
 Com bufões contra bufões, fazendo esgares
 Contorcendo-se, gritando – quem rodeia
 Co'a sanfona, serpenteia na rabeca,
 Chocalha a caixa de sal, bate o tímpano,
 E quem enche as suas bochechas na trombeta,
 O Negro de colar de prata e tamborim,
 Hipistas, acrobatas, moças e garotos,
 Calça azul, colete rosa, grandes plumas. –
 Todos móveis de prodígio, de toda parte,
 Estão aqui – Anões, Albinos, Índios pintados,
 O Cavalo do saber, e o Porco instruído,
 O Come-pedras, o homem que devora fogo,
 Ventríloquos, Gigantes, a Garota Invisível,
 O Busto que fala e move os olhos salientes,
 Estátuas de cera, relojoaria, a arte
 De modernos Merlins, Feras, Marionetes,
 Tudo o que é incomum, insólito, anormal,
 Monstro da Natureza, ideia prometeica
 Do homem, sua estupidez, loucura e proezas,
 Todas confundidas juntas pra compor
 Um Parlamento de Monstros. Tendas e Estandes,
 Enquanto isso, qual se fossem uma vasta indústria,
 Estão a vomitar, colher de todo lado,
 Homens e Mulheres, Crianças e Bebês.

Oh, absoluta confusão!, veraz epítome
 Do que a magnífica Metrópole é ela própria
 Pra milhares de milhares de seus filhos,
 A viver no mesmo eterno turbilhão
 De objetos triviais, fundidos e restritos
 A uma identidade só, por distinções
 Que não possuem lei, significado ou fim –
 Opressão, sob a qual mesmo as melhores mentes
 Devem obrar, de que os mais fortes não estão livres.
 Porém, embora a imagem extenuo o olhar,
 Por natureza uma visão ingovernável,
 Não de todo é assim pr'aquele que contempla
 Com vigor, que tem, entre as menores coisas,
 Um senso interno das maiores; vê as partes
 Como partes, mas co'uma noção do todo.
 Esta, a mais importante aquisição, ampara
 Os variados e os mais diferentes métodos
 De educação, nem, com deleite inferior,
 Aquele pelo qual passei. A atenção nasce,
 E a memória e a compreensividade fluem
 Do diálogo precoce co'as obras de Deus
 Em toda parte, sobretudo onde mostram-se
 Mais claramente a simplicidade e o poder.
 Pensa, como os eternos riachos e florestas,
 Estendendo-se por toda parte, exaltam
 O Índio andante, nas areias do deserto:
 Que esplendor sentido, que fecunda mostra
 De beleza encontra ao sol o olhar do Árabe:
 E, enquanto o mar propela, duma zona a outra,

Its currents; magnifies its shoals of life
 Beyond all compass; spreads, and sends aloft
 Armies of clouds,—even so, its powers and aspects
 Shape for mankind, by principles as fixed,
 The views and aspirations of the soul
 To majesty. Like virtue have the forms
 Perennial of the ancient hills; nor less
 The changeful language of their countenances
 Quickens the slumbering mind, and aids the thoughts,
 However multitudinous, to move
 With order and relation. This, if still,
 As hitherto, in freedom I may speak,
 Not violating any just restraint,
 As may be hoped, of real modesty,—
 This did I feel, in London's vast domain.
 The Spirit of Nature was upon me there;
 The soul of Beauty and enduring Life
 Vouchsafed her inspiration, and diffused,
 Through meagre lines and colours, and the press
 Of self-destroying, transitory things,
 Composure, and ennobling Harmony.

Suas correntes; crescem os cardumes de vida
 Além de toda raia; espalha e envia aos céus
 Tropas de nuvens, - assim seus poderes e aspectos
 Formam para a humanidade, com princípios
 Fixos, as visões e aspirações da alma
 À majestade. Qual virtude, têm as formas
 Imortais dos montes ancestrais; não menos
 A linguagem mutatória dos semblantes
 Reaviva a mente e ajuda os pensamentos,
 Por inúmeros que sejam, a mover-se
 Em ordem e relação. Isto, se ainda posso,
 Como até então, falar em liberdade,
 Não violando alguma justa discricção,
 O quanto espero, de modéstia verdadeira, -
 Isto senti, na vasta região de Londres,
 O Espírito da Natureza estava junto a mim;
 O alma da Beleza e Vida perdurante
 Davam sua inspiração, e difundiam
 Com excassas linhas e cores, e a pressão
 De coisas transitórias e auto-destrutivas,
 Quietude, e a Harmonia que enobrece.

Book Eighth**Retrospect – Love of Nature Leading to Love of Man**

WHAT sounds are those, Helvellyn, that are heard
 Up to thy summit, through the depth of air
 Ascending, as if distance had the power
 To make the sounds more audible? What crowd
 Covers, or sprinkles o'er, yon village green?
 Crowd seems it, solitary hill! to thee,
 Though but a little family of men,
 Shepherds and tillers of the ground—betimes
 Assembled with their children and their wives,
 And here and there a stranger interspersed.
 They hold a rustic fair—a festival,
 Such as, on this side now, and now on that,
 Repeated through his tributary vales,
 Helvellyn, in the silence of his rest,
 Sees annually, if clouds towards either ocean
 Blown from their favourite resting-place, or mists
 Dissolved, have left him an unshrouded head.
 Delightful day it is for all who dwell
 In this secluded glen, and eagerly
 They give it welcome. Long ere heat of noon,
 From byre or field the kine were brought; the sheep
 Are penned in cotes; the chaffering is begun.
 The heifer lows, uneasy at the voice
 Of a new master; bleat the flocks aloud.
 Booths are there none; a stall or two is here;
 A lame man or a blind, the one to beg,
 The other to make music; hither, too,
 From far, with basket, slung upon her arm,
 Of hawker's wares—books, pictures, combs, and pins—
 Some aged woman finds her way again,
 Year after year, a punctual visitant!
 There also stands a speech-maker by rote,
 Pulling the strings of his boxed raree-show;
 And in the lapse of many years may come
 Prouder itinerant, mountebank, or he
 Whose wonders in a covered wain lie hid.
 But one there is, the loveliest of them all,
 Some sweet lass of the valley, looking out
 For gains, and who that sees her would not buy?
 Fruits of her father's orchard, are her wares,
 And with the ruddy produce, she walks round
 Among the crowd, half pleased with half ashamed
 Of her new office, blushing restlessly.
 The children now are rich, for the old to-day
 Are generous as the young; and, if content
 With looking on, some ancient wedded pair
 Sit in the shade together, while they gaze,
 "A cheerful smile unbends the wrinkled brow,
 The days departed start again to life,
 And all the scenes of childhood reappear,
 Faint, but more tranquil, like the changing sun
 To him who slept at noon and wakes at eve."
 Thus gaiety and cheerfulness prevail,
 Spreading from young to old, from old to young,

Livro Oitavo**Retrospecto. – Amor da Natureza Levando ao Amor do Homem**

Que sons, Helvellyn, são aqueles que se escuta
 Até o teu cume, pela profundez do ar
 Se alçando, como se a distância em si fizesse
 Com que os sons ficassem mais audíveis? Que turba
 Cobre ou espraia-se naquela verde vila?
 Turba parece, solitário monte!, a ti,
 Embora apenas um pequeno grupo de homens,
 Lavradores e pastores – desde cedo
 Reunidos com seus filhos e mulheres,
 E interposto, aqui e ali, um forasteiro,
 Fazem uma feira rústica – uma festa,
 Tal que, neste lado agora, agora noutro,
 Repetida por seus vales tributários,
 Helvellyn, no silêncio do seu repouso,
 O ano todo vê, se nuvens rumo ao mar,
 Sopradas de seu sítio de descanso, ou névoas
 Dispersadas, lhe deixaram a fronte nua.
 Afável dia é pra todos os que habitam
 Nesse vale retirado, e ansiosamente
 O saúdam. Antes do calor do meio-dia,
 Do curral ou campo o gado é guiado; ovelhas
 Postas em redis; começa o regateio.
 Muge a bezerra, alvoroçada com a voz
 Dum novo mestre; balem os rebanhos alto.
 Tendas não há; uma ou duas bancas há aqui;
 Um aleijado ou um cego, um pra mendigar,
 O outro pra tocar a música; também,
 De longe, com um cesto, ao braço, de produtos
 De mascate – imagens, livros, alfinetes,
 Pentes – uma velha cá vem ter de novo,
 Ano a ano, visitante pontual!
 Lá um há, também, que dá discursos decorados,
 Puxando os fios dum espetáculo de caixa;
 E ao longo do correr dos anos pode vir
 Altivo itinerante, charlatão, ou aquele
 Que numa carroça oculta maravilhas.
 Mas uma há, de todos a mais adorável,
 Uma doce jovem do vale, buscando
 Ganhos, e quem vendo-a não lhe compraria?
 Frutas do pomar dos pais são o que ela vende
 E, com os rubros frutos, anda entre o povo
 Em voltas, meio alegre, meio envergonhada
 Com seu novo afã, corando inquietamente.
 As crianças estão ricas, pois os velhos são
 Tão generosos como os jovens; e, se alegre
 Por olhar apenas, um casal antigo
 Senta-se na sombra junto, enquanto observam,
 "Um sorriso alegre desenruga a fronte,
 Os dias idos voltam à vida novamente
 E todas as cenas da infância reaparecem,
 Fracas, mas mais calmas, como o Sol cambiante
 Àquele que dormiu à tarde e acorda ao ocaso."
 Assim, contente e alacridade prevalecem,
 Passando de jovem a velho, velho a jovem,

And no one seems to want his share.—Immense
Is the recess, the circumambient world
Magnificent, by which they are embraced:
They move about upon the soft green turf:
How little they, they and their doings, seem,
And all that they can further or obstruct!
Through utter weakness pitiably dear,
As tender infants are: and yet how great!
For all things serve them: them the morning light
Loves, as it glistens on the silent rocks;
And them the silent rocks, which now from high
Look down upon them; the reposing clouds;
The wild brooks prattling from invisible haunts;
And old Helvellyn, conscious of the stir
Which animates this day their calm abode.

With deep devotion, Nature, did I feel,
In that enormous City's turbulent world
Of men and things, what benefit I owed
To thee, and those domains of rural peace,
Where to the sense of beauty first my heart
Was opened; tract more exquisitely fair
Than that famed paradise of ten thousand trees,
Or Gehol's matchless gardens, for delight
Of the Tartarian dynasty composed
(Beyond that mighty wall, not fabulous,
China's stupendous mound) by patient toil
Of myriads and boon nature's lavish help;
There, in a clime from widest empire chosen,
Fulfilling (could enchantment have done more?)
A sumptuous dream of flowery lawns, with domes
Of pleasure sprinkled over, shady dells
For eastern monasteries, sunny mounts
With temples crested, bridges, gondolas,
Rocks, dens, and groves of foliage taught to melt
Into each other their obsequious hues,
Vanished and vanishing in subtle chase,
Too fine to be pursued; or standing forth
In no discordant opposition, strong
And gorgeous as the colours side by side
Bedded among rich plumes of tropic birds;
And mountains over all, embracing all;
And all the landscape, endlessly enriched
With waters running, falling, or asleep.

But lovelier far than this, the paradise
Where I was reared; in Nature's primitive gifts
Favoured no less, and more to every sense
Delicious, seeing that the sun and sky,
The elements, and seasons as they change,
Do find a worthy fellow-labourer there—
Man free, man working for himself, with choice
Of time, and place, and object; by his wants,
His comforts, native occupations, cares,
Cheerfully led to individual ends
Or social, and still followed by a train
Unwooded, unthought-of even—simplicity,
And beauty, and inevitable grace.

Yea, when a glimpse of those imperial bowers

E ninguém carece sua parte. — Imenso
É o recesso, o mundo circum-ambiente,
Deslumbrante, pelo qual são abraçados:
Eles andam sobre a suave relva verde:
Como parecem pequenos, e o que fazem,
E tudo o que eles podem promover ou opor!
Por fraqueza compassivamente amáveis,
Como crianças são: e, entanto, quão grandiosos!
Pois tudo os serve: a eles a luz da manhã
Adora, enquanto brilha nas silentes rochas;
E a eles as silentes rochas, que ora do alto
Os olha abaixo; as nuvens em repouso; os córregos
Selvagens murmurando de antros invisíveis;
E velha Helvellyn, ciente do alvoreço
Que hoje anima a sua plácida morada.

Com devoção profunda, Natureza, senti
Nessa enorme cidade e mundo turbulento
De homens e de coisas, que benesse a ti
Devia, e àqueles âmbitos de paz rural,
Onde o meu coração primeiro abriu-se ao senso
De beleza; trato mais encantador
Do que o afamado paraíso de mil árvores,
Ou os jardins sem par de Gehol, pro prazer
Da dinastia tártara composto (além
Da imponente muralha, não lendária, o imenso
Cômoro da China) co'o labor paciente
De milhares e o favor da Natureza;
Lá, num clima do mais vasto império eleito,
Realizando (encanto empreenderia mais?)
Um sonho de relvados flóridos, com domos
De prazer por cima esparsos, vales sômbrios
Para monastérios, montes soalheiros
Com santuários encimados, pontes, gôndolas,
Rochedos, antros, bosques com folhagens feitas
A fundir os seus matizes complacentes,
Esvaidas e esvaindo em fina caça,
Demais tênue pra ser vista; ou destacando-se
Sem dissonante oposição, belas e vívidas,
Enquanto as cores, lado a lado, se interpunham
Entre ricas plumas de aves tropicais;
E montes sobre tudo, circundando tudo;
E a cena toda, infindamente enriquecida
Pelas águas a correr, cair, dormentes.

Mas muito mais amável que isto, o paraíso
Onde fui criado; em simples dons da Natureza
Não menos dotado, e mais para os sentidos
Deliciosos, vendo-se que o Sol e o céu
Os elementos e estações, enquanto mudam
Encontram ali um digno irmão trabalhador -
O homem livre, obrando para si, co' escolha
De lugar, e tempo, e objeto; por suas ânsias,
Seus confortos, natos afazeres, zelos,
Guiado alegremente a fins individuais
Ou sociais, seguido ainda por um séquito
Não desejado, nem até mesmo imaginado -
De simplicidade, e encanto, e graça inevitável.

Sim, quando uma visão de tais jardins reais

Would to a child be transport over-great,
 When but a half-hour's roam through such a place
 Would leave behind a dance of images,
 That shall break in upon his sleep for weeks;
 Even then the common haunts of the green earth,
 And ordinary interests of man,
 Which they embosom, all without regard
 As both may seem, are fastening on the heart
 Insensibly, each with the other's help.
 For me, when my affections first were led
 From kindred, friends, and playmates, to partake
 Love for the human creature's absolute self,
 That noticeable kindness of heart
 Sprang out of fountains, there abounding most
 Where sovereign Nature dictated the tasks
 And occupations which her beauty adorned,
 And Shepherds were the men that pleased me first;
 Not such as Saturn ruled 'mid Latian wilds,
 With arts and laws so tempered, that their lives
 Left, even to us toiling in this late day,
 A bright tradition of the golden age;
 Not such as, 'mid Arcadian fastnesses
 Sequestered, handed down among themselves
 Felicity, in Grecian song renowned;
 Nor such as, when an adverse fate had driven,
 From house and home, the courtly band whose fortunes
 Entered, with Shakspeare's genius, the wild woods
 Of Arden, amid sunshine or in shade,
 Culled the best fruits of Time's uncounted hours,
 Ere Phœbe sighed for the false Ganymede;
 Or there where Perdita and Florizel
 Together danced, Queen of the feast, and King;
 Nor such as Spenser fabled. True it is,
 That I had heard (what he perhaps had seen)
 Of maids at sunrise bringing in from far
 Their May-bush, and along the street in flocks
 Parading with a song of taunting rhymes,
 Aimed at the laggards slumbering within doors;
 Had also heard, from those who yet remembered,
 Tales of the May-pole dance, and wreaths that decked
 Porch, door-way, or kirk-pillar; and of youths,
 Each with his maid, before the sun was up,
 By annual custom, issuing forth in troops,
 To drink the waters of some sainted well,
 And hang it round with garlands. Love survives;
 But, for such purpose, flowers no longer grow:
 The times, too sage, perhaps too proud, have dropped
 These lighter graces; and the rural ways
 And manners which my childhood looked upon
 Were the unluxuriant produce of a life
 Intent on little but substantial needs,
 Yet rich in beauty, beauty that was felt.
 But images of danger and distress,
 Man suffering among awful Powers and Forms;
 Of this I heard, and saw enough to make
 Imagination restless; nor was free
 Myself from frequent perils; nor were tales
 Wanting,—the tragedies of former times,
 Hazards and strange escapes, of which the rocks
 Immutable and everflowing streams,

Teria sido pr'uma criança arroubo imenso,
 Quando só um passeio breve nesse sítio
 Deixaria para trás danças de imagens
 Que lhe invadiriam o sono por semanas;
 Mesmo então os locais comuns da terra verde,
 E os interesses usuais de todo homem,
 Que eles guardam, sem considerar o como
 Possam parecer, se prendem ao coração
 Imperceptivelmente, um co'a ajuda do outro.
 Quanto a mim, quando as minhas afeições passaram
 Da família e amigos para partilhar
 No amor ao ser total da criatura humana,
 Tal notável compaixão de coração
 Jorrou de fontes, abundando mais lá onde
 A Natureza soberana impunha as lidas
 E as ocupações que a sua beleza ornava,
 E eram os Pastores os homens que primeiro amei;
 Não qual Saturno governava em ermos lácios,
 Com leis e artes tão medidas que suas vidas
 Transmitiram, mesmo a nós e ao nosso tempo,
 Uma tradição gloriosa da era de ouro;
 Não tal qual, nalgum retiro arcádico
 Isolado, transmitiram entre si
 Felicidade, em poesia grega renomada;
 Nem qual, quando um fado adverso havia expulso,
 De seu lar o nobre bando cujas sortes
 Adentraram, junto a Shakespeare, o ínvio bosque
 De Arden, sob o sol ou à sombra recolheram
 Os melhores frutos de horas incontadas,
 Antes de Febe pelo falso Ganimedes
 Suspirar; ou onde Perdita e Florizel
 Dançavam juntos, a Rainha e o Rei da festa;
 Nem como Spenser fabulou. Verdade é
 Que eu havia ouvido (o que talvez havia ele visto)
 De donzelas na manhã a trazer de longe
 Ramos de espinheiro-alvar, e pela rua
 Desfilando e entoando rimas provocantes
 Para os preguiçosos que dormiam em casa;
 Também ouvira, dos que ainda se lembravam,
 Estórias da festa do Mastro, e de grinaldas
 Sobre entrada, pórtico ou pilar; e jovens,
 Cada um com seu par, antes do Sol nascer,
 Como uma tradição anual, saindo em grupos
 Pra beber as águas duma fonte santa,
 E decorá-la com guirlandas. O amor perdura;
 Mas, pra tal intento, flores não mais crescem:
 Os tempos, demais graves, ou demais ufanos,
 Renunciaram a essas graças; e os costumes
 E hábitos rurais que minha infância via
 Eram os frutos despojados duma vida
 Antenta a pouco mais do que carências reais,
 Mas rica com beleza, beleza sentida.
 Porém, imagens de perigo e de aflição,
 A dor do homem entre atrozos Forças e Formas;
 Disto ouvi, e vi o bastante pra tornar
 Inquieta a Imaginação; nem era livre
 Eu mesmo de frequentes riscos; nem histórias
 Eram raras, - as tragédias do passado,
 Perigos e estranhas fugas, de que as penhas
 Imutáveis e riachos incessantes,

Where'er I roamed, were speaking monuments.

Smooth life had flock and shepherd in old time,
 Long springs and tepid winters, on the banks
 Of delicate Galesus; and no less
 Those scattered along Adria's myrtle shores:
 Smooth life had herdsman, and his snow-white herd
 To triumphs and to sacrificial rites
 Devoted, on the inviolable stream
 Of rich Clitumnus; and the goat-herd lived
 As calmly, underneath the pleasant brows
 Of cool Lucretilis, where the pipe was heard
 Of Pan, Invisible God, thrilling the rocks
 With tutelary music, from all harm
 The fold protecting. I myself, mature
 In manhood then, have seen a pastoral tract
 Like one of these, where Fancy might run wild,
 Though under skies less generous, less serene:
 There, for her own delight had Nature framed
 A pleasure-ground, diffused a fair expanse
 Of level pasture, islanded with groves
 And banked with woody risings; but the Plain
 Endless, here opening widely out, and there
 Shut up in lesser lakes or beds of lawn
 And intricate recesses, creek or bay
 Sheltered within a shelter, where at large
 The shepherd strays, a rolling hut his home.
 Thither he comes with spring-time, there abides
 All summer, and at sunrise ye may hear
 His flageolet to liquid notes of love
 Attuned, or sprightly fife resounding far,
 Nook is there none, nor tract of that vast space
 Where passage opens, but the same shall have
 In turn its visitant, telling there his hours
 In unlaborious pleasure, with no task
 More toilsome than to carve a beechen bowl
 For spring or fountain, which the traveller finds,
 When through the region he pursues at will
 His devious course. A glimpse of such sweet life
 I saw when, from the melancholy walls
 Of Goslar, once imperial, I renewed
 My daily walk along that wide champaign,
 That, reaching to her gates, spreads east and west,
 And northwards, from beneath the mountainous verge
 Of the Hercynian forest. Yet, hail to you
 Moors, mountains, headlands, and ye hollow vales,
 Ye long deep channels for the Atlantic's voice,
 Powers of my native region! Ye that seize
 The heart with firmer grasp! Your snows and streams
 Ungovernable, and your terrifying winds,
 That howl so dismally for him who treads
 Companionless your awful solitudes!
 There, 'tis the shepherd's task the winter long
 To wait upon the storms: of their approach
 Sagacious, into sheltering coves he drives
 His flock, and thither from the homestead bears
 A toilsome burden up the craggy ways,
 And deals it out, their regular nourishment
 Strewn on the frozen snow. And when the spring
 Looks out, and all the pastures dance with lambs,

Onde eu andasse, eram vivos monumentos.

Branda era vida do pastor e grei outrora,
 Longas primaveras, tépidos invernos,
 Junto do gentil Galesus; e não menos
 A dos que se espalham pelas margens do Ádria:
 Branda a vida do vaqueiro e sua manada
 Alva, pros triunfos e pras oferendas
 Devotada, no caudal inviolável
 Do rico Clitumnus; e vivia o cabreiro
 Calmo igual, debaixo dos afáveis cumes
 Do Lucretilis, onde era ouvida a flauta
 De Pã, Deus invisível, a vibrar as rochas
 Com música tutelar, de todo mal
 O gado protegendo. Eu próprio, já maduro,
 Em adulez, vi então um trato pastoril
 Igual, onde corria livre a Fantasia,
 Embora sob céus menos pródigos e mansos:
 Lá, por seu prazer, a Natureza fez
 Um jardim, espalhou um elegante espaço
 De pastagem, salpicado de arvoredos
 E cercado por floresta; mas o Plaine
 Infundo, aqui se abrindo amplo afora, e lá,
 Fechado em lagos ou canteiros de relvados
 E recessos intrincados, riacho ou angra
 Resguardados num abrigo, onde livre
 O pastor vaga, choça móvel por seu lar.
 Pra lá ele vai co'a primavera, lá reside
 O verão todo, e ao poente vós podeis ouvir
 Seu flajolé, a notas líquidas de amor
 Harmonizado, ou vivo pífaro a soar.
 Recanto lá não há, nem trato desse espaço
 Onde se abre uma passagem que não tenha,
 À vez, seu visitante, lá contando as horas
 Num prazer tranquilo, sem qualquer tarefa
 Mais penosa que talhar uma tigela
 Pra nascente ou fonte, o que o viajante encontra
 Quando pela região persegue a gosto
 Seu caminho. Um vislumbre dessa doce vida
 Eu tive, quando, das muralhas melancólicas
 De Goslar, imperial outrora, eu retomava
 Meu passeio diário ao longo da campanha,
 Que, chegando aos seus portões, se estende a leste,
 A oeste e ao norte, desde a orla montanhosa
 Da Floresta hercínica. Mas, um salve a vós
 Charnecas, montes, cabos, e vós, fundos vales,
 Vós, canais profundos para a voz do Atlântico,
 Forças da minha terra natal! Vós que apanhais
 Mais firme o coração! Vossas neves e córregos
 Ingovernáveis, e vossos ventos pavorosos,
 Que uivam tão soturnamente pra quem trilha
 Solitário vossas solidões terríveis!
 Lá, é a tarefa do pastor, o inverno todo,
 Estar atento às tempestades: de sua vinda
 Alerta, a acolhedoras grutas ele guia
 Seu rebanho, e para lá da casa leva
 Um árduo fardo acima as sendas escarpadas,
 E reparte-o, a sua nutrição usual
 Lançado sobre a neve. E quando a primavera
 Espreita, e todo o pasto dança com cordeiros,

And when the flock, with warmer weather, climbs
 Higher and higher, him his office leads
 To watch their goings, whatsoever track
 The wanderers choose. For this he quits his home
 At day-spring, and no sooner doth the sun
 Begin to strike him with a fire-like heat,
 Than he lies down upon some shining rock,
 And breakfasts with his dog. When they have stolen,
 As is their wont, a pittance from strict time,
 For rest not needed or exchange of love,
 Then from his couch he starts; and now his feet
 Crush out a livelier fragrance from the flowers
 Of lowly thyme, by Nature's skill enwrought
 In the wild turf: the lingering dews of morn
 Smoke round him, as from hill to hill he hies,
 His staff protending like a hunter's spear,
 Or by its aid leaping from crag to crag,
 And o'er the brawling beds of unbridged streams.
 Philosophy, methinks, at Fancy's call,
 Might deign to follow him through what he does
 Or sees in his day's march; himself he feels,
 In those vast regions where his service lies,
 A freeman, wedded to his life of hope
 And hazard, and hard labour interchanged
 With that majestic indolence so dear
 To native man. A rambling school-boy, thus
 I felt his presence in his own domain,
 As of a lord and master, or a power,
 Or genius, under Nature, under God,
 Presiding; and severest solitude
 Had more commanding looks when he was there.
 When up the lonely brooks on rainy days
 Angling I went, or trod the trackless hills
 By mists bewildered, suddenly mine eyes
 Have glanced upon him distant a few steps,
 In size a giant, stalking through thick fog,
 His sheep like Greenland bears; or, as he stepped
 Beyond the boundary line of some hill-shadow,
 His form hath flashed upon me, glorified
 By the deep radiance of the setting sun:
 Or him have I descried in distant sky,
 A solitary object and sublime,
 Above all height! like an aerial cross
 Stationed alone upon a spiry rock
 Of the Chartreuse, for worship. Thus was man
 Ennobled outwardly before my sight,
 And thus my heart was early introduced
 To an unconscious love and reverence
 Of human nature; hence the human form
 To me became an index of delight,
 Of grace and honour, power and worthiness.
 Meanwhile this creature—spiritual almost
 As those of books, but more exalted far;
 Far more of an imaginative form
 Than the gay Corin of the groves, who lives
 For his own fancies, or to dance by the hour,
 In coronal, with Phyllis in the midst—
 Was, for the purposes of kind, a man
 With the most common; husband, father; learned,
 Could teach, admonish; suffered with the rest

E o rebanho, o clima mais ameno, galga
 Cada vez mais alto, seu ofício o leva
 A vigiar seus passos, seja a via que for
 Que os viajantes escolherem. Por isso a casa
 Deixa logo que amanhece, e, assim que o Sol
 Começa a fustigá-lo com calor ardente,
 Deita-se nalguma rocha reluzente
 E desjejua com seu cão. Após roubarem,
 De costume, um pouco do severo tempo
 Pra repouso extra ou partilhar amor,
 Então do leito se levanta; e agora os pés
 Espremem um perfume mais vivaz do timo,
 Pela arte da Natura entretecido
 No bravio relvado: o orvalho da manhã
 Evola à sua volta, enquanto corre os montes,
 Estirando seu cajado como a lança,
 Ou com sua ajuda, salta duma penha à outra,
 E sobre os leitos ruidosos dos riachos.
 Filosofia, penso, ao apelo da Fantasia
 Pode vir o acompanhar no que ele faz
 Ou vê na sua marcha diária; ele sente-se,
 Naquelas vastas regiões em que trabalha,
 Um homem livre, unido à vida de esperança
 E de perigo, e árdua lida intercalada
 Com aquele majestoso ócio caro
 À natureza humana. Um erradio aluno,
 Assim senti a sua presença em seu domínio,
 Qual se dum senhor e mestre, ou um poder
 Ou gênio, sob a Natureza, e sob Deus
 Agindo; e a mais severa solitude tinha
 Um aspecto imperioso quando estava lá.
 Em dias de chuva, quando acima riachos ermos
 Ia eu pescar, ou percorria os ínvios montes,
 Pela névoa enleado, súbito meu olhos
 Vislumbravam-no distante há poucos passos,
 Gigantesco, andando pela densa bruma,
 Suas ovelhas como ursos da Groenlândia;
 Ou, saindo duma sombra de colina,
 Sua forma reluzia em mim, gloriada
 Pelo fundo resplendor do sol poente:
 Ou ele eu divisava no longínquo céu,
 Um solitário objeto e grandioso, acima
 Toda altura!, tal como uma cruz aérea
 Posta a sós em uma rocha espiralada
 Da Chartreuse pra adoração. Assim foi o homem
 Enobrecido exteriormente ao meu olhar,
 E assim meu coração foi cedo introduzido
 Num amor inconsciente e reverência
 À natureza humana; assim, a forma humana
 Para mim tornou-se um signo de deleite,
 De honra e graça, de poder e de valor.
 Enquanto isso, tal criatura - espiritual
 Quase como as dos livros, mas mais nobre ainda;
 Uma forma muito mais imaginativa
 Do que o alegre Corin dos bosques, que vive
 Para os seus caprichos, ou dançar as horas
 Em um círculo, com Phyllis posta ao centro –
 Era, com propósitos de tipo, um homem
 Com o mais comum: marido, pai; instruído,
 Podia ensinar; sofria como o resto

From vice and folly, wretchedness and fear;
Of this I little saw, cared less for it,
But something must have felt.

Call ye these appearances—

Which I beheld of shepherds in my youth,
This sanctity of Nature given to man—
A shadow, a delusion, ye who pore
On the dead letter, miss the spirit of things;
Whose truth is not a motion or a shape
Instinct with vital functions, but a block
Or waxen image which yourselves have made,
And ye adore! But blessed be the God
Of Nature and of Man that this was so;
That men before my inexperienced eyes
Did first present themselves thus purified,
Removed, and to a distance that was fit:
And so we all of us in some degree
Are led to knowledge, wheresoever led,
And howsoever; were it otherwise,
And we found evil fast as we find good
In our first years, or think that it is found,
How could the innocent heart bear up and live!
But doubly fortunate my lot; not here
Alone, that something of a better life
Perhaps was round me than it is the privilege
Of most to move in, but that first I looked
At Man through objects that were great or fair;
First communed with him by their help. And thus
Was founded a sure safeguard and defence
Against the weight of meanness, selfish cares,
Coarse manners, vulgar passions, that beat in
On all sides from the ordinary world
In which we traffic. Starting from this point
I had my face turned toward the truth, began
With an advantage furnished by that kind
Of prepossession, without which the soul
Receives no knowledge that can bring forth good,
No genuine insight ever comes to her.
From the restraint of over-watchful eyes
Preserved, I moved about, year after year,
Happy, and now most thankful that my walk
Was guarded from too early intercourse
With the deformities of crowded life,
And those ensuing laughters and contempts,
Self-pleasing, which, if we would wish to think
With a due reverence on earth's rightful lord,
Here placed to be the inheritor of heaven,
Will not permit us; but pursue the mind,
That to devotion willingly would rise,
Into the temple and the temple's heart.

Yet deem not, Friend! that human kind with me
Thus early took a place pre-eminent;
Nature herself was, at this unripe time,
But secondary to my own pursuits
And animal activities, and all
Their trivial pleasures; and when these had drooped
And gradually expired, and Nature, prized
For her own sake, became my joy, even then—
And upwards through late youth, until not less

De tollice e vício, de miséria e medo;
Disso, pouco vi, e menos me importei,
Porém algo senti.

Chamai aparições —

Que de pastores vi na minha juventude,
Santidade da Natura dada ao homem —
Uma sombra, uma ilusão, vós que escutais
A letra morta, perdem o espírito das coisas;
Cuja verdade não é um movimento ou forma
Cheio de funções vitais, porém um bloco
Ou ídolo de cera que vós próprios criastes
E adorais! Porém, bendito seja o Deus
Da Natureza e do Homem que isto assim o foi,
Que os homens, diante meu olhar inexperiente,
Primeiro assim se apresentaram, depurados,
Afastados, e a distância que era própria:
E assim, nós todos, em um grau, somos levados
Ao conhecimento, aonde quer que seja,
E seja como for; se fosse outra forma,
E achássemos o mal tão logo como o bem
Em nossa infância, ou nós pensássemos achá-lo,
Como o coração inocente viveria?
Mas duplamente foi feliz meu fado; não
Só nisto, que algo como uma vida melhor
Havia à minha volta do que é privilégio
A maioria ter, mas que primeiro vi
O Homem através de fins grandes ou belos;
Primeiro o senti com sua ajuda. E assim
Fundou-se uma segura proteção e guarda
Contra o peso da baixaza, do egoísmo,
Modos vis, paixões vulgares, que acometem
Sobre nós de todo lado deste mundo
Onde caminhamos. Desde esse momento,
Me voltei para a verdade, comecei
Co'uma vantagem dada por aquela espécie
De prejuízo, sem o qual a alma
Não ganha saber algum que gere o bem,
Nenhuma inspiração genuína vem a ela.
Da coibição de olhares muito vigilantes
Resguardado, eu vagueava, ano a ano,
Alegre, agora amiúde grato que meu curso
Foi guardado dum comércio muito cedo
Co'as deformações da vida em multidão,
E aqueles risos e desprezos que acompanham,
Egoístas, que, se fossemos pensar
Com justa reverência no senhor da terra,
Colocado aqui pra ser do céu o herdeiro,
Não permitirá; porém, persiga a mente,
Que de pronto à devoção se elevaria,
Ao interior do templo e o coração do templo.

Mas não julgues, Amigo!, que pra mim o homem
Cedo assim tomou lugar preeminente;
A Natureza mesma era, nesse tempo,
Secundária às minhas próprias ambições
E atividades animais, e seus prazeres
Triviais; e quando tais esmoreceram
E aos poucos dissiparam, e a natureza, amada
Em si, tornou-se o meu agrado, mesmo então —
E até o findar da juventude, até não menos

Than two-and-twenty summers had been told—
 Was Man in my affections and regards
 Subordinate to her, her visible forms
 And viewless agencies: a passion, she,
 A rapture often, and immediate love
 Ever at hand; he, only a delight
 Occasional, an accidental grace,
 His hour being not yet come. Far less had then
 The inferior creatures, beast or bird, attuned
 My spirit to that gentleness of love
 (Though they had long been carefully observed),
 Won from me those minute obeisances
 Of tenderness, which I may number now
 With my first blessings. Nevertheless, on these
 The light of beauty did not fall in vain,
 Or grandeur circumfuse them to no end.

But when that first poetic faculty
 Of plain Imagination and severe,
 No longer a mute influence of the soul,
 Ventured, at some rash Muse's earnest call,
 To try her strength among harmonious words;
 And to book-notions and the rules of art
 Did knowingly conform itself; there came
 Among the simple shapes of human life
 A wilfulness of fancy and conceit;
 And Nature and her objects beautified
 These fictions, as in some sort, in their turn,
 They burnished her. From touch of this new power
 Nothing was safe: the elder-tree that grew
 Beside the well-known charnel-house had then
 A dismal look: the yew-tree had its ghost,
 That took his station there for ornament:
 The dignities of plain occurrence then
 Were tasteless, and truth's golden mean, a point
 Where no sufficient pleasure could be found.
 Then, if a widow, staggering with the blow
 Of her distress, was known to have turned her steps
 To the cold grave in which her husband slept,
 One night, or haply more than one, through pain
 Or half-insensate impotence of mind,
 The fact was caught at greedily, and there
 She must be visitant the whole year through,
 Wetting the turf with never-ending tears.

Through quaint obliquities I might pursue
 These cravings; when the fox-glove, one by one,
 Upwards through every stage of the tall stem,
 Had shed beside the public way its bells,
 And stood of all dismantled, save the last
 Left at the tapering ladder's top, that seemed
 To bend as doth a slender blade of grass
 Tipped with a rain-drop, Fancy loved to seat,
 Beneath the plant despoiled, but crested still
 With this last relic, soon itself to fall,
 Some vagrant mother, whose arch little ones,
 All unconcerned by her dejected plight,
 Laughed as with rival eagerness their hands
 Gathered the purple cups that round them lay,
 Strewing the turf's green slope.

Do que dois e vinte estios se terem ido —
 O Homem foi, em minhas afeições e estimas,
 Subalterno a ela, suas visíveis formas
 E poderes invisíveis; ela, um ardor,
 Um êxtase amável, e amor imediato,
 Sempre ao meu alcance; ele, só um deleite
 Ocasional, e graça acidental, sua hora
 Não chegada. Muito menos tinham, então,
 Seres menores, ave ou animal, desperto
 Meu espírito a essa mansidão de amor,
 (Embora há tempos observados com cuidado)
 Ganhado de mim pequenas reverências
 De ternura, que ora posso numerar
 Entre as minhas primeiras bençãos. Porém, nesses
 A luz da beleza não caiu em vão,
 Ou a grandeza circundou a fim nenhum.

Porém, quando a primeira faculdade poética
 Da simples Imaginação e rigorosa,
 Não mais uma muda influência da minh'alma,
 Ousou, ao apelo honesto duma Musa incauta,
 Se provar em meio a harmônicas palavras;
 E a noções livrescas e preceitos da arte
 Cientemente conformou-se; veio, então,
 Em meio às formas simples da existência humana,
 Uma obstinação de fantasia e engenho;
 E a Natureza e seus objetos adornaram
 Tais ficções, da mesma forma, à sua vez,
 Como elas a lustraram. Do toque dessa força
 Nada estava à salvo: o sabugueiro que crescia
 Ao lado do afamado ossuário tinha então
 Um triste aspecto: o teixo tinha o seu fantasma
 Que tomou lá seu lugar por ornamento:
 A dignidade, então, das simples ocorrências
 Era insípida, e a áurea média da verdade,
 Um ponto onde pouco agrado era achado .
 Então, se uma viúva aflita com o golpe
 Do pesar, soubéssemos, voltava os passos
 Para a fria tumba em que dormia o esposo,
 Numa noite, ou mais do que uma, pela dor
 Ou certa insensatez da mente enfraquecida,
 O fato era pego co' avidez, e lá
 Deve ela visitar ao longo do ano todo,
 Aguardando a relva com suas lágrimas sem fim.

Com pitorescos giros possa eu perseguir
 Estes anseios; quando a dedaleira, acima
 Cada estágio do alto caule, uma a uma
 Havia solto suas campânulas na estrada,
 E se encontrou de todas nua, salvo a última,
 No topo dessa escada esguia, parecendo
 Se curvar tal como a fina folha de erva
 Sob a gota, a Fantasia amava por,
 Debaixo a planta espoliada, mas ainda
 Co' esta última relíquia, quase a cair,
 Uma pobre mãe, cujos filhos brincalhões,
 Indiferentes à sua triste condição,
 Riam enquanto co' avidez rival suas mãos
 Colhiam as púrpuras corolas à sua volta
 Sobre a verde encosta.

A diamond light

(Whene'er the summer sun, declining, smote
 A smooth rock wet with constant springs) was seen
 Sparkling from out a copse-clad bank that rose
 Fronting our cottage. Oft beside the hearth
 Seated, with open door, often and long
 Upon this restless lustre have I gazed,
 That made my fancy restless as itself.
 'Twas now for me a burnished silver shield
 Suspended over a knight's tomb, who lay
 Inglorious, buried in the dusky wood:
 An entrance now into some magic cave
 Or palace built by fairies of the rock;
 Nor could I have been bribed to disenchant
 The spectacle, by visiting the spot.
 Thus wilful Fancy, in no hurtful mood,
 Engrafted far-fetched shapes on feelings bred
 By pure Imagination: busy Power
 She was, and with her ready pupil turned
 Instinctively to human passions, then
 Least understood. Yet, 'mid the fervent swarm
 Of these vagaries, with an eye so rich
 As mine was through the bounty of a grand
 And lovely region, I had forms distinct
 To steady me: each airy thought revolved
 Round a substantial centre, which at once
 Incited it to motion, and controlled.
 I did not pine like one in cities bred,
 As was thy melancholy lot, dear Friend!
 Great Spirit as thou art, in endless dreams
 Of sickness, disjoining, joining, things
 Without the light of knowledge. Where the harm,
 If, when the woodman languished with disease
 Induced by sleeping nightly on the ground
 Within his sod-built cabin, Indian-wise,
 I called the pangs of disappointed love,
 And all the sad etcetera of the wrong,
 To help him to his grave. Meanwhile the man,
 If not already from the woods retired
 To die at home, was haply as I knew,
 Withering by slow degrees, 'mid gentle airs,
 Birds, running streams, and hills so beautiful
 On golden evenings, while the charcoal pile
 Breathed up its smoke, an image of his ghost
 Or spirit that full soon must take her flight.
 Nor shall we not be tending towards that point
 Of sound humanity to which our Tale
 Leads, though by sinuous ways, if here I shew
 How Fancy, in a season when she wove
 Those slender cords, to guide the unconscious Boy
 For the Man's sake, could feed at Nature's call
 Some pensive musings which might well beseem
 Maturer years.

A grove there is whose boughs
 Stretch from the western marge of Thurston-mere,
 With length of shade so thick, that whoso glides
 Along the line of low-roofed water, moves
 As in a cloister. Once—while, in that shade
 Loitering, I watched the golden beams of light
 Flung from the setting sun, as they reposed

Um brilho adamantino

(Sempre que o poente do verão batia
 Num penedo liso e úmido) era visto
 A reluzir por entre o bosque que se erguia
 Em frente à nossa casa. Muita vez, sentado
 Na lareira, a porta aberta, longo tempo
 Esse brilho irrequieto contemplei,
 Que igual fazia inquieta a minha fantasia.
 Era pra mim agora um claro escudo argênteo
 Posto sobre o túmulo dum cavaleiro,
 Sepultado inglório na floresta escura:
 Agora, uma abertura pr'uma gruta mágica
 Ou palácio construído pelas fadas;
 Nem seria incitado a destruir o encanto
 Do espetáculo querendo ir visitá-lo.
 Assim, a Fantasia, não com má intenção,
 Fixava exóticas imagens em emoções
 Criadas pela Imaginação: Poder ativo
 Ela era, e com seu pronto aluno se voltava
 Instintualmente pras paixões humanas, pouco,
 Então, compreendidas. Mas, em meio ao ardente
 Enxame desses sonhos, co'um olhar tão rico
 Quanto o meu, pela abundância duma grande
 E amável região, eu tinha várias formas
 Para me firmar: cada aérea ideia voava
 Em torno um âmago real, o qual de pronto
 A impulsionava a se mover, e controlava.
 Eu não sofria como um filho da cidade,
 Como foi teu triste fado, caro Amigo!,
 Grande Espírito qual és, em muitos sonhos
 De quebranto, desunindo, unindo, coisas
 Sem a luz do entendimento. Onde o mal,
 Se, quando o lenhador languia com doença
 Vinda de passar as noites sobre o chão
 Em sua cabana feita co' erva, qual de Índio,
 Eu invocasse as aflições de amor frustrado,
 E todo o doloroso etcétera da injúria,
 Pra ajudá-lo em sua morte. Enquanto isso,
 O homem, se já não dos bosques ausentado
 Pra morrer em casa, talvez, como eu sabia,
 Definhava aos poucos, entre ares brandos,
 Pássaros, riachos e colinas belas
 Em douradas tardes, enquanto o carvão
 Lançava sua fumaça, imagem de seu espectro
 Ou espírito, que logo deve alçar seu voo.
 Nem sustaremos nosso curso à região
 De sã humanidade, ao qual o nosso Conto
 Leva, embora por meandros, se eu mostrar
 Como a Fantasia, quando ela teceu
 Aqueles finos fios, pra guiar o insciente Jovem
 Pelo Homem, alimentava, ao apelo da Natura,
 Graves reflexões que conviriam bem
 A idade mais madura.

Um bosque há cujos ramos
 Crescem à margem ocidental do Thurston-mere,
 Com longas sombras tão cerradas que quem voga
 Pelas águas, sob o baixo teto, move-se
 Qual se num claustro. Um dia – enquanto nessa sombra
 Demorando, eu via a áurea luz do sol
 Lançada do poente, enquanto repousava

In silent beauty on the naked ridge
Of a high eastern hill—thus flowed my thoughts
In a pure stream of words fresh from the heart:
Dear native Regions, wheresoe'er shall close
My mortal course, there will I think on you;
Dying, will cast on you a backward look;
Even as this setting sun (albeit the Vale
Is no where touched by one memorial gleam)
Doth with the fond remains of his last power
Still linger, and a farewell lustre sheds
On the dear mountain-tops where first he rose.

Enough of humble arguments; recal,
My Song! those high emotions which thy voice
Has heretofore made known; that bursting forth
Of sympathy, inspiring and inspired,
When everywhere a vital pulse was felt,
And all the several frames of things, like stars,
Through every magnitude distinguishable,
Shone mutually indebted, or half lost
Each in the other's blaze, a galaxy
Of life and glory. In the midst stood Man,
Outwardly, inwardly contemplated,
As, of all visible natures, crown, though born
Of dust, and kindred to the worm; a Being,
Both in perception and discernment, first
In every capability of rapture,
Through the divine effect of power and love;
As, more than anything we know, instinct
With godhead, and, by reason and by will,
Acknowledging dependency sublime.

Ere long, the lonely mountains left, I moved,
Begirt, from day to day, with temporal shapes
Of vice and folly thrust upon my view,
Objects of sport, and ridicule, and scorn,
Manners and characters discriminate,
And little bustling passions that eclipse,
As well they might, the impersonated thought,
The idea, or abstraction of the kind.

An idler among academic bowers,
Such was my new condition, as at large
Has been set forth; yet here the vulgar light
Of present, actual, superficial life,
Gleaming through colouring of other times,
Old usages and local privilege,
Was welcome, softened, if not solemnised.
This notwithstanding, being brought more near
To vice and guilt, forerunning wretchedness,
I trembled,—thought, at times, of human life
With an indefinite terror and dismay,
Such as the storms and angry elements
Had bred in me; but gloomier far, a dim
Analogy to uproar and misrule,
Disquiet, danger, and obscurity.

It might be told (but wherefore speak of things
Common to all?) that, seeing, I was led
Gravely to ponder—judging between good

Em plácida beleza sobre o cume nu
Dum alto outeiro – assim fluia o meu pensar
Num fluxo de palavras vindas do coração:
Caras Regiões nativas, onde quer que acabe
Meu mortal percurso, pensarei em vós;
Morrendo, lançarei o olhar atrás a vós;
Assim como este sol poente (embora o Vale
Não receba brilho algum memorial)
Co' amados restos de sua força derradeira
Ainda tarda, e verte um resplendor de adeus
Nos caros cumes onde ele primeiro ergueu-se.

Basta de temas tão modestos: meu Poema!
Lembra as altas emoções que a tua voz
Tornou outrora conhecidas; a explosão
De simpatia, que inspirava e se inspirava,
Quando em toda parte sentia-se um pulsar vital,
E toda profusão de coisas, como estrelas,
Através de toda múltipla grandeza,
Reluzia em mútuo apoio, ou meio perdidas
Uma no fulgor da outra, uma galáxia
De vida e glória. Ao centro o Homem se elevava,
Exteriormente, internamente contemplado,
Qual coroa de tudo o que é visível, embora
Do pó nascido, e aparentado ao verme; um Ser,
Ambos em percepção e compreensão, primeiro
Em todas as capacidades para o enlevo,
Pelo divo efeito de poder e amor;
Como, mais do que tudo conhecido, cheio
Do divino e, co'a vontade e co'a razão,
Reconhecendo majestosa dependência.

Logo, deixando os montes solitários, fui,
Cingindo, dia a dia, formas temporais
De vício e insensatez impostas sobre o olhar,
Objetos de gracejo, e zombaria, e escárnio,
Modos e caracteres discriminados,
E pequenas, férvidas paixões que eclipsam,
Tanto quanto elas conseguem, o pensamento
Incorporado, a ideia, ou a abstração de espécie.

Um ocioso em meio a frondes acadêmicas,
Tal era minha nova condição, qual fora
Já descrito; mas aqui, a luz vulgar
Da vida atual, presente, superficial,
Luzindo pelo colorido doutros tempos,
Velhos hábitos e privilégios locais,
Era bem-vinda, branda, ou até solenizada.
Apesar disso, sendo levado mais próximo
De vício e culpa, antecipando desfortúnio,
Estremeci, - pensei, por vez, na vida humana
Co'um terror indefinido e desalento,
Tal como a tormenta e os feros elementos
Tinham criado em mim; mas muito mais sombria,
Uma turva analogia à confusão,
Tumulto, inquietação, perigo e obscuridade.

Pode ser dito (mas por que falar de coisas
Que acontecem a todos?) que, ao ver, fui levado
Gravemente a ponderar – julgando o bem

And evil, not as for the mind's delight
 But for her guidance—one who was to *act*,
 As sometimes to the best of feeble means
 I did, by human sympathy impelled:
 And, through dislike and most offensive pain,
 Was to the truth conducted; of this faith
 Never forsaken, that, by acting well,
 And understanding, I should learn to love
 The end of life, and every thing we know.

Grave Teacher, stern Preceptress! for at times
 Thou canst put on an aspect most severe;
 London, to thee I willingly return.
 Erewhile my verse played idly with the flowers
 Enwrought upon thy mantle; satisfied
 With that amusement, and a simple look
 Of child-like inquisition now and then
 Cast upwards on thy countenance, to detect
 Some inner meanings which might harbour there.
 But how could I in mood so light indulge,
 Keeping such fresh remembrance of the day,
 When, having thridded the long labyrinth
 Of the suburban villages, I first
 Entered thy vast dominion? On the roof
 Of an itinerant vehicle I sate,
 With vulgar men about me, trivial forms
 Of houses, pavement, streets, of men and things,—
 Mean shapes on every side: but, at the instant,
 When to myself it fairly might be said,
 The threshold now is overpast, (how strange
 That aught external to the living mind
 Should have such mighty sway! yet so it was),
 A weight of ages did at once descend
 Upon my heart; no thought embodied, no
 Distinct remembrances, but weight and power,—
 Power growing under weight: alas! I feel
 That I am trifling: 'twas a moment's pause,—
 All that took place within me came and went
 As in a moment; yet with Time it dwells,
 And grateful memory, as a thing divine.

The curious traveller, who, from open day,
 Hath passed with torches into some huge cave,
 The Grotto of Antiparos, or the Den
 In old time haunted by that Danish Witch,
 Yordas; he looks around and sees the vault
 Widening on all sides; sees, or thinks he sees,
 Erelong, the massy roof above his head,
 That instantly unsettles and recedes,—
 Substance and shadow, light and darkness, all
 Commingled, making up a canopy
 Of shapes and forms and tendencies to shape
 That shift and vanish, change and interchange
 Like spectres,—ferment silent and sublime!
 That after a short space works less and less,
 Till, every effort, every motion gone,
 The scene before him stands in perfect view
 Exposed, and lifeless as a written book!—
 But let him pause awhile, and look again,
 And a new quickening shall succeed, at first

E o mal, não como para deleitar a mente
 Mas para a guiar – um que devia 'agir',
 Como por vez, o quanto permitiam meus meios,
 Fiz, por simpatia humana incentivado:
 E, com desgosto e a mais insuportável dor,
 Fui à verdade conduzido; por tal fé
 Jamais abandonado, que, atuando bem,
 E compreendendo, eu aprenderia a amar
 O fim da vida, e tudo o que nós conhecemos.

Grave Instrutora, austera Preceptora!, pois,
 Por vezes, podes ter aspecto tão severo;
 Londres, para ti retorno de bom grado.
 Antes meu verso deleitava-se co'as flores
 Recamadas no teu manto; satisfeito
 Co'essa diversão, e só um singelo olhar
 De inquirição infante, aqui e ali,
 Lançado acima ao teu semblante, pra entrever
 Algum sentido interior que lá se achasse.
 Mas como me abandonaria a humor tão leve,
 Tendo uma lembrança tão atual do dia,
 Quando, percorrido o longo labirinto
 De aldeolas suburbanas, eu primeiro
 Entrei no teu domínio imenso? Sobre o teto
 Dum veículo itinerante me sentava,
 Rodeado de homens rudes, formas simples
 De calçadas, casas, ruas, coisas e homens, -
 Formas vis de cada lado: mas, no instante
 Em que a mim mesmo poderia ter-se dito
 'O limiar está transposto', (quão estranho
 Que algo exterior ao espírito vivente
 Tenha força tão imensa!, mas assim o foi),
 Um peso de eras despencou subitamente
 No meu coração; nenhum pensar, nenhuma
 Nítida memória, mas peso e poder, -
 Poder crescendo sob o peso: ai!, eu sinto
 Que gracejo: foi a pausa dum instante
 Tudo o que ocorreu em mim veio e se foi
 Qual num momento; mas co'o Tempo permanece
 E co'a memória grata, como algo divino.

O viajor curioso, que, da luz do dia,
 Entrou com tochas em alguma gruta imensa,
 O Antro de Antiparos, ou o covil outrora
 Assombrado pela Bruxa Dinamarquesa,
 Yorda; ele mira à volta e vê a abóboda
 Estender-se acima; vê, ou pensa ver,
 Em breve, o denso teto sobre sua cabeça,
 Que de súbito perturba-se e recua, -
 Substância e sombra, luz e trevas, todas elas
 Misturando-se, formando um pavilhão
 De formas e feitios e inclinações a forma
 Que se alteram e somem, mudam e se permutam
 Como espectros, - comoção sublime e muda!,
 A qual após um breve espaço se atenua,
 Até que, findo todo esforço e movimento,
 A cena diante dele fica à vista toda
 Exposta, e inanimada como um livro escrito! –
 Mas que ele pare um instante e veja novamente
 E um novo despertar sucederá, primeiro

Beginning timidly, then creeping fast,
Till the whole cave, so late a senseless mass,
Busies the eye with images and forms
Boldly assembled,—here is shadowed forth
From the projections, wrinkles, cavities,
A variegated landscape,—there the shape
Of some gigantic warrior clad in mail,
The ghostly semblance of a hooded monk,
Veiled nun, or pilgrim resting on his staff:
Strange congregation! yet not slow to meet
Eyes that perceive through minds that can inspire.

Even in such sort had I at first been moved,
Nor otherwise continued to be moved,
As I explored the vast metropolis,
Fount of my country's destiny and the world's;
That great emporium, chronicle at once
And burial-place of passions, and their home
Imperial, their chief living residence.

With strong sensations teeming as it did
Of past and present, such a place must needs
Have pleased me, seeking knowledge at that time
Far less than craving power; yet knowledge came,
Sought or unsought, and influxes of power
Came, of themselves, or at her call derived
In fits of kindest apprehensiveness,
From all sides, when whate'er was in itself
Capacious found, or seemed to find, in me
A correspondent amplitude of mind;
Such is the strength and glory of our youth!
The human nature unto which I felt
That I belonged, and revered with love,
Was not a punctual presence, but a spirit
Diffused through time and space, with aid derived
Of evidence from monuments, erect,
Prostrate, or leaning towards their common rest
In earth, the widely scattered wreck sublime
Of vanished nations, or more clearly drawn
From books and what they picture and record.

'Tis true, the history of our native land,
With those of Greece compared and popular Rome,
And in our high-wrought modern narratives
Stript of their harmonising soul, the life
Of manners and familiar incidents,
Had never much delighted me. And less
Than other intellects had mine been used
To lean upon extrinsic circumstance
Of record or tradition; but a sense
Of what in the Great City had been done
And suffered, and was doing, suffering, still,
Weighed with me, could support the test of thought;
And, in despite of all that had gone by,
Or was departing never to return,
There I conversed with majesty and power
Like independent natures. Hence the place
Was thronged with impregnations like the Wilds
In which my early feelings had been nursed—
Bare hills and valleys, full of caverns, rocks,

Gradualmente, então depressa deslizando,
Até que a gruta, antes uma massa informe,
Ocupa os olhos com imagens e figuras
Agrupadas com audácia – aqui projeta-se
De em meio dos relevos, vincos, depressões
Uma paisagem variegada, - lá, a forma
Dum guerreiro gigantesco de armadura,
A imagem espectral dum monge encapuzado,
Freira com véu, ou peregrino de cajado:
Estranho grupo!, mas não lento em encontrar
O olhar que vê através de espíritos que inspiram.

Foi desse modo que de início fui tocado,
E assim também continuei a ser tocado,
Enquanto eu explorava a colossal cidade,
Fonte do destino do país e o mundo;
Aquele grande empório, crônica a uma vez
E cemitério de paixões, e sua casa
Imperial, e principal habitação.

Efervescendo, assim, com fortes sensações
De outrora e do presente, um tal lugar devia
Ter-me deleitado, muito mais buscando,
Então, poder do que saber; mas saber veio,
Procurado ou não, e influxos de poder
Vieram por si, ou ao apelo da cidade
Em ímpetos da mais amável apreensão,
De todo lado, quando tudo o que era em si
Imenso achava, ou parecia achar, em mim
Uma correspondente vastidão da mente;
Tal é a força e glória da nossa juventude!
A natureza humana à qual eu me sentia
Pertencer, e venerava com amor,
Não era pontual presença, mas um espírito
Difuso pelo tempo e espaço, com o auxílio
Da evidência de monumentos, eretos,
Prostrados, ou pendendo ao seu comum repouso
Em terra, as ruínas dispersadas e sublimes
De nações passadas, ou melhor notado
Em livros e no que eles mostram e registram.

É certo, a história da nossa terra nativa –
Comparada à Grécia e Roma popular,
E nas modernas e esmeradas narrativas
Sem a sua alma harmonizante, a vida
Dos costumes e incidentes familiares –
Nunca havia muito me agradado. E, menos
Que outros intelectos, era o meu afeito
A depender de exteriores circunstâncias
De registro ou tradição; porém, um senso
De o que na Cidade Vasta fora feito
E foi sofrido, e se fazia, sofria, ainda,
Em mim pesava, arcava o teste do pensar;
E, não obstante tudo o que já transcorreria
Ou ia embora para nunca mais voltar,
Lá conversava com poder e majestade
Como naturezas livres. Assim, o sítio
Estava cheio de impregnações, tal como os Ermos
Que nutriram meus primeiros sentimentos -
Montes nus e vales com cavernas, penhas,

And audible seclusions, dashing lakes,
 Echoes and waterfalls, and pointed crags
 That into music touch the passing wind.
 Here then my young imagination found
 No uncongenial element; could here
 Among new objects serve or give command,
 Even as the heart's occasions might require,
 To forward reason's else too scrupulous march.
 The effect was, still more elevated views
 Of human nature. Neither vice nor guilt,
 Debasement undergone by body or mind,
 Nor all the misery forced upon my sight,
 Misery not lightly passed, but sometimes scanned
 Most feelingly, could overthrow my trust
 In what we *may* become; induce belief
 That I was ignorant, had been falsely taught,
 A solitary, who with vain conceits
 Had been inspired, and walked about in dreams.
 From those sad scenes when meditation turned,
 Lo! every thing that was indeed divine
 Retained its purity inviolate,
 Nay brighter shone, by this portentous gloom
 Set off; such opposition as aroused
 The mind of Adam, yet in Paradise
 Though fallen from bliss, when in the East he saw
 Darkness ere day's mid course, and morning light
 More orient in the western cloud, that drew
 O'er the blue firmament a radiant white,
 Descending slow with something heavenly fraught.

Add also, that among the multitudes
 Of that huge city, oftentimes was seen
 Affectingly set forth, more than elsewhere
 Is possible, the unity of man,
 One spirit over ignorance and vice
 Predominant, in good and evil hearts;
 One sense for moral judgments, as one eye
 For the sun's light. The soul when smitten thus
 By a sublime *idea*, whencesoe'er
 Vouchsafed for union or communion, feeds
 On the pure bliss, and takes her rest with God.

Thus from a very early age, O Friend!
 My thoughts by slow gradations had been drawn
 To human-kind, and to the good and ill
 Of human life: Nature had led me on;
 And oft amid the "busy hum" I seemed
 To travel independent of her help,
 As if I had forgotten her; but no,
 The world of human-kind outweighed not hers
 In my habitual thoughts; the scale of love,
 Though filling daily, still was light, compared
 With that in which *her* mighty objects lay.

E audíveis solidões, esplêndidas lagoas,
 Ecos e cascatas, fragas pontiagudas
 Que fazem música do vento que perpassa.
 Aqui, minha imaginação não encontrou
 Nenhum elemento inadequado; aqui podia,
 Em meio a objetos novos, servir ou ordenar,
 Conforme o coração pudesse desejar,
 Para impelir a lenta marcha da razão.
 O efeito foi visões ainda mais altivas
 Da natureza humana. Nem vício ou culpa,
 Degradação sofrida pelo corpo ou mente,
 Nem toda miséria imposta ao meu olhar,
 Não ignorada, mas por vezes perscrutada
 Co' emoção, podia derrubar-me a fé
 No que podemos nos tornar; levar-me à crença
 Que era tolo, fora falsamente instruído,
 Um solitário, que por presunções vazias
 Fora influenciado, e vagueava em sonhos.
 Quando essas tristes cenas o pensar deixou,
 Vê!, cada coisa que de fato era divino
 Preservou a sua pureza inviolada,
 Não, brilhou mais forte, por tal treva infausta
 Destacada; oposição qual despertou
 O espírito de Adão, no Paraíso, ainda
 Que caído, quando no oriente viu
 Trevas antes da tarde, e brilho da manhã
 Mais rútilo na nuvem do ocidente, a qual
 Lançou no céu azul um branco radiante,
 Que descia lento co' algo celestial.

Acrescenta também, que em meio às multidões
 Daquela colossal cidade, amiúde via-se
 De forma comovente, mais do que é possível
 Em qualquer lugar, a unidade do homem,
 Um espírito sobre a ignorância e o vício
 Dominando, em bons e em ímpios corações;
 Um senso pra juízos morais, como um olho
 Para a luz do sol. A alma, assim tocada
 Por sublime *ideia*, donde quer que seja
 Concedida à união ou comunhão, se nutre
 De alegria, e toma seu repouso em Deus.

Assim, desde uma idade muito nova, Oh, Amigo!,
 Meu pensar a pouco e pouco foi levado
 À humanidade e ao bem e o mal da vida humana:
 A Natureza havia-me impelido; e amiúde,
 Em meio ao "aflito burburinho" eu parecia
 Viajar independente da sua ajuda,
 Como se a tivesse esquecido; mas não,
 O mundo humano não sobrepujou o seu
 No meu pensar diário; a balança do amor,
 Embora enchendo sempre, era leve, oposta
 Àquela em que se encontram os grandes objetos *dela*.

7 COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO

7.1 ASPECTOS DE MÉTRICA E RITMO

7.1.1 O verso

A primeira questão que nos foi levantada ao começarmos nossa tradução como, já apontamos, foi a escolha do verso. Sendo o *Prelúdio* composto em versos decassílabos, a opção mais natural seria, a princípio, adotar igualmente o verso de dez sílabas. Como escreve Britto: “Em termos de correspondência formal, a maioria dos tradutores provavelmente tenderia a concordar que o decassílabo é o verso português mais próximo do pentâmetro jâmbico, por terem ambos dez sílabas” (BRITTO, 2006, p. 244). Porém, estávamos tratando com um autor que prima pela dicção prosaica, que emprega um vocabulário que se ouviria em conversas ou se leria em prosa corrente, e que a todo custo procurou extirpar de sua escrita marcas de artificialismo e preciosismos poéticos. Assim, necessitaríamos de mais espaço no verso para podermos utilizar palavras menos marcadas; além disso, também precisaríamos de mais espaço para abarcar certos aspectos estilísticos particulares de Wordsworth, como seu constante uso de circumlóquios negativos, repetições, correções, e, em geral, a prodigalidade vocabular da prosa. Novamente, continuando o excerto de Britto:

Não obstante, muitas vezes observa-se que, sendo as palavras inglesas mais curtas do que as portuguesas, pode ser vantajoso traduzir-se o pentâmetro jâmbico pelo dodecassílabo, para que o tradutor não seja obrigado a fazer cortes a fim de manter o número de sílabas no português (Ibid., p. 244).

Desse modo, como argumentamos anteriormente, elegemos o dodecassílabo para nossa tradução. Porém, encaramos o dodecassílabo primariamente como sendo uma correspondência *funcional* do decassílabo do verso branco inglês. Consideramos que o dodecassílabo está mais apto a traduzir o pentâmetro inglês devido à maior equivalência entre essas duas formas no que diz respeito ao volume semântico e à duração prosódica. Por volume semântico, compreendemos a quantidade de elementos significantes que um verso comporta, o que não raro coincide com a quantidade de palavras em um verso. Embora uma avaliação precisa da diferença de volume semântico entre o decassílabo inglês e o português requeira um estudo

linguístico de fôlego, contentamo-nos com a observação fundamental de que, simplesmente, o decassílabo inglês comporta mais palavras do que o português. Isso é importante tomar em consideração, pois, à parte das consequências que esse fato levanta para a tradução do sentido e do estilo, possui consequência também sobre o que podemos chamar de “duração semântica” do verso. Enquanto o leitor do decassílabo inglês deverá frequentemente demorar-se sobre o sentido de 8 ou 9 vocábulos por verso, o leitor do decassílabo português, através do mesmo número de sílabas, encontrará menos unidades de sentido e, portanto, realizará uma leitura mais rápida. Desse modo, se a proporção sema/sílaba do verso inglês é amiúde mais uniforme, faz-se necessário emprestar ao verso português um número maior de sílabas para que se possa alocar em um verso traduzido o mesmo número (ou quase) de vocábulos presentes no original, e assim reconstruir um verso com o mesmo volume (ou gravidade) semântico.

A adição de sílabas, por outro lado, não promoverá um prolongamento excessivo da duração prosódica do verso. De fato, ela compensará a escassa quantidade de sílabas tônicas que o verso português apresenta em comparação com o inglês. Como a língua inglesa apresenta maior quantidade de monossílabos e, portanto, proporcionalmente, maior quantidade de sílabas tônicas por verso do que ocorre em português, o leitor poderá, comparativamente, sentir o verso inglês como sendo mais ‘lento’ e ‘grave’, enquanto que o verso português poderá ser sentido como mais ‘rápido’ e ‘leve’. Já com a adição de duas sílabas, tornando, portanto, o decassílabo em dodecassílabo, é possível compensar a diferença de duração prosódica entre as línguas e dar ao verso português um grau de ‘gravidade prosódica’ mais próximo daquele do verso inglês. Essa proposição, pensamos, ficará evidente ao contrastarmos a nossa tradução com a de Kangussu, as quais, ambas sendo igualmente iâmbicas, diferem no número de sílabas:

<i>O Prelúdio (vv. 59-74)</i> Versão de André Kangussu (KANGUSSU, 2018, pp. 86-87)	<i>O Prelúdio (vv. 59-74)</i> Versão nossa
Feliz e agora a fim de dar repouso a esta paixão, segui, marchando a firme e forte passo até encontrar por fim uma árvore frondosa onde sentei-me a fim de dar alívio aos pensamentos, brandura e pouso à alegria. Era outono: um dia manso e claro, o sol com um calor não mais que o necessário pendia duas horas para o oeste.	Contente e não contrário agora a conceder Descanso a tal paixão, avante caminhei Com passos ávidos e vivos; e enfim cheguei A um verde e umbroso bosque, onde me sentei Sob uma árvore, abrandando os pensamentos E entregando-me a alegria mais gentil. Outono era, e um dia límpido e sereno, Que aquecia, o quanto necessário, um sol Já duas horas declinado a oeste; um dia

Dia de nuvem prata, luz na grama. No achego bom de um bosque aconchegante, a inércia irretocável. Refleti sobre onde ir até escolher um vale que conheço, que ordeno aos pés que alcancem — que não parem até chegar à porta da casa que daqui julgo avistar.	De nuvens prateadas e de sol na relva, E, no arvoredado protegido e protetor, Perfeita calma. Muitos foram os pensamentos Vistos e revistos, 'té que opção foi feita Por um Vale conhecido, aonde iria, Nem descansaria até atingir a porta Do chalé que imaginei ter avistado.
---	---

É notável, em nossa estima, a diferença de velocidade e ritmo da leitura entre as duas versões; de nossa parte, primamos pelo ritmo mais retardado e grave, o que o dodecassílabo proporcionou.

7.1.2 Ritmo iâmbico

Assim, determinamos o dodecassílabo como o verso mais adequado para reproduzir a gravidade poética do pentâmetro inglês. Seu ritmo tradicional, com acentuação na 6ª e 12ª sílabas, ou mesmo versões mais modernas do dodecassílabo, de acentuação na 4ª, 8ª e 12ª, se acomoda facilmente à lírica, de composição mais concisa e na qual a rima conserva o ritmo mais marcadamente dentro dos limites do verso, e ao teatro, no qual os ritmos conversacional e retórico sobrepõem-se à métrica. No caso do verso branco épico, no entanto, em que o ritmo iâmbico é sentido cumulativamente e sua cavalgada impele a leitura com um momento ininterrupto, espalhando-se ao longo de numerosos versos, o efeito de unidade rítmica (ao que os poemas de Milton e Wordsworth devem boa parte de sua força) não é conseguido senão com uma atenção precisa ao metro (como vimos em nossa leitura de Derek Attridge), o que exige do tradutor uma recriação do iambo dentro das potencialidades da língua portuguesa.

Não obstante, a recriação do metro iâmbico é oposta por diversas complicações. Em inglês, como o vocabulário é composto em sua maioria de palavras mono- e dissilábicas, torna-se mais fácil manter a alternância entre sílabas átonas e tônicas do iâmbico. Em português, por outro lado, no qual há maior quantidade de palavras polissilábicas, a formatação do ritmo ao iâmbico, concebido de forma estrita (como alternância de átonas e tônicas), mostra-se uma tarefa impossível ou, ao menos, indesejável, visto que requereria o constante recurso a vocábulos raros e construções sintáticas artificiais. Da mesma forma, caso primássemos pelo iambo estrito, apesar de todos os sacrifícios estilísticos necessários à sua formulação, ainda

assim o verso mostrar-se-ia indesejável, pois o ritmo tornar-se-ia excessivamente marcado e artificial, e não daria espaço para o jogo entre metro e ritmo linguístico tão característico do verso branco.

A solução reside na própria arte métrica dos poetas ingleses, especialmente como se apresenta no verso branco de Wordsworth. Tradicionalmente, o pentâmetro iâmbico recebe variabilidade pelo uso de acentos subtônicos e da promoção e rebaixamento de acentos: usando essas mesmas ferramentas, podemos recriar o ritmo em português. Assim, tomamos palavras como “visitante” como possuindo um acento subtônico e um tônico (intercalados por sílabas átonas) e formando, portanto, um ritmo alternante trocaico (*ví-si-TAN-te*; \ - / -); da mesma forma, palavras como “imaginar”, se considerarmos a subtônica, possuem ritmo iâmbico (*i-ma-gi-NAR*; - \ - /). A subtônica recebe expressividade rítmica devido ao contraste alternante entre acentos silábicos. Esse é construído cumulativamente de modo a formar uma corrente rítmica subterrânea virtual que se imprime na expectativa do leitor, causando a natural promoção ou atenuação do acento em sílabas de qualquer espécie por força de sua posição na cadeia de alternância acentual. Assim, a palavra “não”, por exemplo (em nossa tradução), receberá valor acentual de acordo com a qualidade das sílabas precedentes e sucedentes (como Keppel-Jones caracteriza o funcionamento iambo), sendo, portanto, ora átona:

(WORDSWORTH, 2006, l. I, v. 99)	
- / - \ - / - / - /	- \ - / - \ - / - / - / -
<i>Why think of any thing but present good?</i>	Por que pensar no que não for o bem presente?

ora tônica:

(Ibid., l. I, v. 86)	
- - / / - / \ - - /	- / - / - \ - / - / - /
<i>From that soft couch I rose not, till the sun</i>	Daquele leito não me ergui até que o sol

Utilizando as variações acentuais mencionadas, foi possível criar um verso dodecassilábico iâmbico de cadência constante, mas natural, com métrica fixa atualizada em versos de prosódia particular. Porém, deparamo-nos com um novo problema ao buscarmos reproduzir a cadência constante do verso iâmbico na escala do parágrafo poético, particularmente na presença de *enjambement*. A dificuldade consistiu, novamente, na diferença silábica entre o léxico inglês e português.

Enquanto o inglês apresenta uma maior quantidade de oxítonas, fazendo de versos graves ocorrências mais raras, o volume de palavras paroxítonas em português torna inevitável a presença de versos graves. Disto decorre que o ritmo iâmbico é quebrado pela sílaba extra na passagem de um verso grave para o seguinte. A solução consistiu em considerar a sílaba extra como parte integrante da cadeia rítmica, como sílaba átona a ser seguida por uma tônica no começo do verso seguinte (ou uma átona, caso seja possível elisão), formando um iambo repartido entre dois versos. Dessa forma, estipulamos que a forma métrica ideal para a versão do verso branco épico é a do que nomeamos como 'dodecassílabo iâmbico misto', isto é, versos de doze sílabas de ritmo iâmbico, formados pela alternância entre sílabas átonas e tônicas ou subtônicas, as quais são suscetíveis de promoção ou rebaixamento acentual segundo sua posição e a qualidade das sílabas circundantes, em que versos graves são seguidos de dodecassílabos iâmbicos acéfalos, ou seja, versos de onze sílabas de ritmo trocaico, como na passagem:

- / - / -
 [...] Assim, por tempos
 \ - / - / - \ - / - / -
 Meditei, nem nunca descuidei da imagem,
 / - / - / - / - \ - / -
 Salvo quando, em meio ao bosque de carvalhos, (l. I, vv. 81-82)

O ganho assim obtido pelo estabelecimento de uma subcorrente rítmica reconhecidamente iâmbica é significativo. Tradicionalmente, o decassílabo português, sendo puramente silábico, possui apenas o estrato do ritmo real, as restrições métricas operando apenas no sentido de eufonia. O pentâmetro iâmbico inglês, por outro lado, é acentual-silábico, e, portanto, constitui-se da tensão entre o ritmo real da linguagem e o ritmo potencial do metro, que modula o primeiro. O que a coexistência de dois ritmos independentes em um verso enseja é, de um lado, uma maior variabilidade acentual, visto que somente por força da expectativa acentual do metro pode ocorrer promoção e rebaixamento do acento silábico e o acento subtônico tornar-se relevante; por outro lado, uma diferente espécie de leitura é gerada, de prazer próprio (como argumenta o próprio Wordsworth), pois a cadência constante do ritmo métrico arrasta o leitor de forma inconsciente e sem esforço, ao mesmo tempo em que o ritmo da linguagem toma forma própria e variegada, por vezes mesmo atuando como

contracorrente que se embate contra o metro, gerando efeitos expressivos (o prazer da ‘variedade na unidade’).

Uma vez estabelecido o modelo abstrato, podemos considerar os limites permitidos à variabilidade métrica. Esta toma duas formas: a das variações canonizadas pela tradição, e aquelas, na visão de Wordsworth, ‘permitidas pela paixão poética’, ou seja, cujo ganho em expressividade supera a perda pelo desvio do padrão, sem, no entanto, fugir de forma demasiado destoante de sua órbita. Das variações canônicas, a que mais utilizamos foi a do coriambo (/ - - /), que, coincidentemente, é também a mais prevalente na tradição. Em geral, usamo-lo no início de versos:

/ - - \
 Trances do pensamento e elevações do espírito (l. I, v. 19)
 / - - /
 Quase tocasse no horizonte (l. I, v. 87)
 / - - /
 Tem, como o Amante, suas horas de desmando; (l. I, v. 136)
 / - - /
 Tempo, lugar e modos eu procuro, e esses (l. I, v. 158)
 / - - /
 Muito melhor jamais ter escutado o nome (l. I, v. 255)

Mas também em outras posições:

/ - - /
 A um jugo escravo. Para que tanta palavra? (l. I, v. 105)

Em segundo lugar, utilizamos com bastante frequência, mas menos que o coriambo, o iônico menor (- - / /); sua menor frequência, cremos, vem do fato de ser um metro que não surge tão naturalmente quanto o coriambo dentro do padrão iâmico. Contudo, ainda assim, é um metro que se encaixa de forma apropriada na sequência e que possui efeitos próprios de surpresa:

- - / /
 E, por fim, total silêncio! ‘Que assim seja; (l. I, v. 99)
 - - / /
 Nem mais gerais Verdades, que em si são espécies (l. I, v. 151)
 - - / /
 adequados; / Porém desse tenebroso fardo eu logo (l. I, vv. 233-234)

Por sua vez, o segundo epítrito foi usado com muita pouca frequência:

\ - / /
 Que um, o mais belo rio, amava misturar (l. I, v. 270)

Entretanto, houve ainda outros pés regulares que empregamos com alguma regularidade, ainda que não consagrados pela métrica, mas que surgiram como uma solução adequada quando necessário. O primeiro desse foi o antispasto (- / / -):

- / / -
 passageira, / Não erro meu curso. Respiro outra vez! (l. I, v. 17)
 - / / -
 isso, / Mas, como o inocente pássaro, tem ímpetos (l. I, vv. 141-142)

O segundo, o ditroqueu (/ - / -):

/ - / -
 Longos meses de paz (se tal palavra audaz (l. I, v. 24)
 / - / -
 Quando, como convém a um homem que se apronta (l. I, v. 146)
 / - / -
 Ruiu o Império Romano: como os seguidores (l. I, v. 190)

Ao tratarmos de extensão métrica, também devemos considerar como tratamos elisões fonéticas, as quais empregamos de três tipos: fatuais, ambíguas e potenciais. Por fatuais indicamos aquelas elisões que ocorrem naturalmente no fluxo da leitura, como entre vogal átona e átona (“que ao” [l. I, v. 2]), tônica e átona (“há uma” [l. I, v. 1]), e átona e tônica (“me há” [l. I, v. 10]), ou que são indicados pelo apóstrofo quando da supressão duma consoante (“co’o”, “pr’um” [l. I, v. 167, v. 147]). Já por ambíguas, indicamos as elisões que normalmente não o seriam, mas que, por força do fluxo da leitura e do hábito do metro, e pelas qualidades dos fonemas envolvidos, acabam por formar elisão ou a impressão dessa. Assim, por vezes, no lado mais simples do espectro, pudemos empregar dupla elisão (“Tempestade, *uma* energia” [l. I, v. 37]), elisão de duas tônicas (“Verti esse” [l. I, v. 48]), elisão com ‘ou’ (“*ou o*” [l. III, v. 330]), e, com mais frequência, a sinérese:

- / - [/] - / -
 Em ágeis dias urgidos (l. I, v. 42)
 - [/] - / - - [/] -
 um dia / De nuvens prateadas (l. I, vv. 67-68)
 / - / - / - \ - [/] - / -
 Entre as agitadas moradias dos homens, (l. I, v. 279)
 \ - [/] - / -
 por três dias / Seguida (l. I, vv. 106-107)
 / - / - [/]
 Como, em tempos crueis (l. I, v. 203)
 - / - [/] - / - / - \ - / -
 Um vago anseio, talvez nutrido por fraqueza (l. I, v. 239)
 - / [-] / -
 testou sua força (l. I, v. 95)
 - / - [/] - / [-]
 bebi à tua memória (l. III, v. 302)

Também com bastante frequência, mas de forma menos convencional, confiamos na elisão com vogais nasais, com terminação em “-m”:

/ - / [-] \ - / -
 Muitos foram os pensamentos (l. I, v. 70)
 \ - / - \ - / [-] / - / -
 Que por tempos flutuaram à minha volta, (l. I, v. 119)
 - \ - / - \ - / [-] / - /
 Com cavaleiros que repousam à beira-rio (l. I, v. 173)

Terminação em “-ão”:

/ - / - \ - / - [/] - / -
 Névoa ao ar se dissolvendo! Então, um desejo, (l. I, v. 227)

E até formas mais radicais, como tomando a vogal nasal como uma vogal normal, capaz de uma elisão mais extensa, sendo uma ‘ponte’ entre duas outras vogais:

- / - / [-] / - /
 então lançando / Um olhar atrás (l. I, vv. 87-88)
 / - / - \ - / [-] / - / -
 Ora engana-me, confiando em um olho ansioso, (l. I, v. 247)

Ou mesmo como tomando a sílaba como ‘vazia’, como somente nasalização sem vogal:

\ - / - [] / - / - \ - / -
 Secundários, embora ganhos com esforço (l. I, v. 156)

Outro modo como aproveitamos a ambiguidade fonética da nasalização como forma de elisão velada foi em algumas instâncias do uso de palavras com “-nh-”, onde preferimos não apontar a elisão graficamente com o apóstrofo (como em “minha” > “mi’a”), mas deixá-la em potência, sujeita ao jogo entre as ambiguidades da língua falada e as pressões do metro

- / - / - / [-] / - \ - /
 A terra toda está à minha frente. Um coração (l. I, v. 14)
 - / - / - [/] - / - \ - / -
 Àqueles altos sonhos por dádivas presentes (l. I, v. 133)
 - [/] - / - \ - / - \ - / -
 Das minhas paixões e pensamentos regulares; (l. I, v. 223)
 \ - / - / - \ - [/] - / - \
 Que flua ao longo dos meus sonhos? Por isso tu, (l. I, v. 274)

De forma semelhante, deixamos em sua grafia normal certas palavras que muitas vezes são sujeitas a elisão por parte de poetas ou falantes, como “aquele” (aque!):

- / - / - [/] - /
 ou mesmo / Como aquele francês, (l. I, v. 205)

Também, vez ou outra, aproveitamos a ambiguidade fonética de ‘-el’ para formar uma elisão virtual, como em “inextinguí[vel, / E a]” (l. I, v. 184), o que pode soar como /vewia/.

Por fim, houve instâncias em que empregamos versos de treze sílabas, onde a ‘paixão poética’, a necessidade expressiva (de sintaxe ou vocabulário) ou semântica requeriam ou justificavam a sílaba extra. Nesses casos, recorremos a certas ‘elisões potenciais’, onde, embora os fonemas extas não puderam ser mascarados de alguma forma, sua presença foi atenuada pela localização no verso. Assim, por vezes, houve ocorrência de sílaba extra após a sexta sílaba, remanescente de certa forma do alexandrino:

- / - \ - / [] - / - \ - /
antigo / Conto romanesco que Milton não cantou; (l. I, vv. 168-169)
- / - \ - / [] - / - / - /
A jovens pastoris, ou sentado de harpa em mãos (l. I, v. 172)
- / - \ - / [] - / - / - / -
hora / Foge à sua tarefa; de novo toma alento (l. I, vv. 257-258)
\ - \ - / [] - / - \ - / -
A simplicidade e a verdade autoevidente. (l. I, v. 249)

Também aproveitamos posições anteriores a uma pausa para atenuar a presença da sílaba anômala (recurso algumas vezes encontrado em Shakespeare²²⁷):

- / - / - / - / [] - / - /
Olhava com amor crescente, um poder maior (l. I, v.77)
- \ - / - \ - / [] - /
qual Peregrino resoluto, tomei (l. I, v. 91)
- / - / [] - / - \ - / - / -
Em coisas simples – a infinda profusão de coisas, (l. I, v. 109)
/ - / - / [] - / - / - / -
De obra mais modesta. Mas, ah, amado amigo! (l. I, v. 134)
- / - \ - / - \ [] - / - / - \
Famintos numa terra estreita: mas não o espírito (l. I, v. 196)
- / - / / - - / - \ - / [] - / - / -
eu contaria / Como Mitrídates, vencido, fugiu ao norte (l. I, vv. 186-187)

No último exemplo, ainda, usamos as já citadas qualidades da vogal nasal (“um”, /u~/ ou simplesmente /~/) para, junto com a pausa no meio do verso, para criar uma região de ‘indeterminação fonética’ onde o hábito métrico pode absorver o excedente sonoro e gerar a impressão virtual do iâmbico. Outras vezes, deixamos que a pausa ao fim do verso fizesse o papel de atenuar a sílaba extra:

- / - / [] - \ - / - / - \ - \ - / -

²²⁷ Mais frequente na pausa medial, como em “*And, by opposing, end them. To die, to sleep-*” (*Hamlet*, III. i. 58–70) (- / - / - / [-] - / - /), onde a átona extra “*them*” é apagada com a pausa.

aquele raça / De naturais herois: ou eu relataria (l. I, v. 189)
 / - \ - / [] - / - / - \ - / -
 raptos mensurados / Que não seriam esquecidos (l. I, v. 48)
 / [] - / - / - \ - /
 bosques; / Em mim agora há tal paixão (l. I, v. 143-144)

7.1.3 Pausas e palavra final

Pausas internas são um aspecto importante do verso branco de Wordsworth, um dos fatores que compõe seu tom prosaico, mas também podem ser empregadas para fins de realce dramático, retórico, ou para retardar o ritmo, torná-lo mais grave e meditativo, imitando as idas e vindas do pensamento. Não obstante, seria impossível ou muito difícil realizar, na tradução, correspondências exatas das pausas na sua posição métrica, mesmo conforme as regras estipuladas por Wordsworth. Assim, preferimos considerar as pausas primeiramente quanto à posição sintática e seu efeito poético (como funcionam na formação de hemistíquios em certos versos, criam paralelismos, etc.) e rítmico (acelerando ou retardando a leitura). Mas levando em conta a importância das pausas para Wordsworth, optamos pela literalidade da leitura quanto à disposição e tipos de sinais gráficos usados para indicar o local e tipo (extensão) da pausa. Assim, desconsiderando as normas tradicionais do português, usamos ponto-e-vírgula onde Wordsworth o utiliza e também o travessão, que ora tem função semelhante à do parêntese, ora aparece como um reforço a uma pausa, após algum sinal de pontuação; mas, de forma ainda menos convencional, à guisa do inglês e de Wordsworth, optamos por muitas vezes manter a vírgula antes de 'e', como ocorre no original, para preservar a cadência.

Era uma tarde encantadora, e a minha alma (l. I, v. 94)
 Logo foi fraudada, e a congregada tropa (l. I, v. 97)
 Pela mente firme, e feitos da batalha, (l. I, v. 176)
 negligência livre / A toda coisa, e voluntário feriado. (l. I, vv. 253-254)

Outro aspecto da pausa que consideramos foi no que diz respeito à palavra que fecha o verso. Além, é claro, de considerarmos a posição final do verso em sua importância para o metro, estudamos o vocábulo a ser escolhido em seu aspecto melódico, sua eufonia em relação ao texto precedente e sucedente e à qualidade sonora que, a cada caso, melhor concorda com o ponto especial que é o fim do verso. Também o consideramos em seu aspecto semântico e sintagmático, onde ponderamos se a palavra que empregaríamos na última posição teria o 'peso'

significativo adequado, correspondente a essa prosição, e se, caso formasse enjambement, o grau de tensão produzido pelo vocábulo eleito não seria nem excessivo nem insuficiente para manter a fluência da dicção.

7.2 ASPECTOS DE DICÇÃO E RETÓRICA

7.2.1 Estilo médio

No que concerne ao estilo, desejamos desenvolver um texto que fosse, em seu tom geral, sóbrio, mesmo grave, e cuja sobriedade subjacente balizasse as variedades de tom. Tal estilo médio de Wordsworth buscamos reproduzir através da interação entre, por um lado, um vocabulário formal, mas não demasiado literato, que se poderia caracterizar como ‘boa prosa’, e, por outro, um vocabulário mais leve, que traria marcas de espontaneidade, mas não de excessiva oralidade. Assim, em uma passagem como:

E ora me contentaria renunciar um tempo
 Àqueles altos sonhos por dádivas presentes
 De obra mais modesta. Mas, ah, amado amigo!
 O Poeta, criatura afável como o é,
 Tem, como o Amante, suas horas de desmando;
 Suas crises, sem estar doente ou são,
 Embora angústia alguma o cerque, salvo o próprio
 Indômito pensar: sua mente, mais contente
 Enquanto, atenta como a pomba mãe no ninho,
 Senta-se a incubar, não vive sempre a isso,
 Mas, como o inocente pássaro, tem ímpetos
 Que a impelem como se em perigo pelos bosques; (l. I, vv. 132-143)

Temos, de um lado, um vocabulário mais literário (‘contentaria’, ‘dádivas’, ‘afável’, ‘desmando’, ‘indômito’, etc.), o qual, embora mais formal do que é costumeiro usar-se no cotidiano, é ainda reconhecível por um leitor com certa instrução. Em paralelo, a maior parte das palavras são corriqueiras e dão ao texto seu tom de prosa (‘criatura’, ‘doente’, ‘perigo’, ‘bosque’, etc.).

Por sua vez, procuramos nivelar cada registro pela sintaxe oposta: assim, onde o texto tenderia a ser mais poético, buscamos suavizá-lo com um fraseado mais prosaico; onde o texto parecia mais prosaico, elevamos sua tensão através de inversões sintáticas. A exemplo, uma passagem de alto teor romântico como:

[...] eu ditei aos vastos campos
 Uma profecia: versos espontâneos
 Vieram revestir de mantos clericais
 Um renovado espírito já assinalado, (l. I, vv. 50-53)

É desenvolvida de forma direta, sem torneios, emprestando ao poético a claridade da prosa. Por sua vez, uma descrição prosaica como:

Outono era, e um dia límpido e sereno,
 Que aquecia, o quanto necessário, um sol
 Já duas horas declinado a oeste; um dia
 De nuvens prateadas e de sol na relva,
 E, no arvoredado protegido e protetor,
 Perfeita calma. (l. I, vv. 65-70)

Recebe uma carga de tensão elocutória através dos deslocamentos sintáticos que normalmente seriam utilizados com temas mais elevados, ou em passagens de maior carga dramática do que a simples descrição de uma paisagem em si nada extraordinária. Mas, em geral, essas duas dimensões estão em maior ou menor grau entrelaçadas ao longo do texto, e não se afastam demais uma da outra, de modo que prevalece uma uniformidade coesiva de estilo, o aspecto que tivemos por meta.

7.2.2 Diferenciação de registros e dicção

Embora Wordsworth prime por uma uniformidade subjacente de dicção, esta recebe variedade de acordo com o objeto sendo considerado, ou, antes, o estado emocional e mental do poeta diante do objeto. Assim, um diferente desafio é, mantendo em vista a uniformidade estilística, criar distinções de dicção para diferentes passagens, as quais, não obstante, devem ainda soar como provindas da mesma voz. As passagens citadas na seção anterior são exemplares, mas citamos nossa tradução de dois momentos em que Wordsworth trata do mesmo objeto, Anne Taylor, sua hospedeira, mas em contextos diferentes. No primeiro, o tom é leve, jocoso:

[...] Com um novo agrado,
 Sobretudo, eu observava minha hospedeira;
 Via-a ir à igreja ou outra cerimônia,
 Adereçada de atavios monumentais:
 Um curto manto de veludo (e touca acorde)
 Um pálio tal que Cavaleiros Espanhois
 Trajavam outrora. Sua calma vida doméstica,

Afetuosamente sem qualquer inquietação,
 Sua conversa e afazeres me agradavam; e não menos
 Sua pura, embora rasa, efusão de piedade,
 Que aos Sabás corria um curso renovado;
 Com novos pensamentos eu a via ler
 A sua Bíblia em tardes quentes de domingo,
 E eu amava o livro quando ela dormia
 E o fazia de almofada pra cabeça. (l. I, vv. 217-230)

Aqui, a cena trivial é elevada por sua entrada no fluxo poético da dicção geral do poema, e percebe-se como sua base (ou, ao menos, procuramos assim fazê-lo) leva as marcas do estilo wordsworthiano. Porém, além disso, o quadro pintado recebe tons cômicos pelo contraste entre tema e dicção, mediado pelo vocabulário irônico desmesuradamente poético ('adereçada de atavios monumentais', 'touca acorde', 'trajavam outrora', etc.). Porém, não se trata de uma sátira; é, antes, uma memória afetuosa, mas não sem uma graça própria. E assim, também foi importante dar à passagem uma impressão de pura descrição, da simplicidade de uma recordação espontânea do cotidiano, como mostra-se nos versos finais, com seu vocabulário trivial ('tardes quentes de domingo', 'almofada pra cabeça') e clareza sintática.

A segunda passagem é de tom elegíaco, menos pessoal e mais pública em sua expressão.

A minha gratidão há de cair como orvalho
 Em tua tumba, boa criatura! Enquanto bater
 Meu coração, jamais hei de esquecer teu nome.
 Que as bênçãos do céu desçam onde tu repousas
 Após tua inocente e ativa diligência
 Em teus pequenos zelos, teu cultivo diário
 De prazeres calmos, após oitenta anos,
 E ainda mais que oitenta, de uma vida plácida,
 Sem filhos, mas, por quem não era de teu sangue,
 Honrada por amor não menos que filial. (l. I, vv. 30-40)

O tom sério da elocução não permite distorções da dicção. Deve ser sincera, e embora seja retórica ao estilo tradicional, aos moldes de discurso público ('cair como orvalho', 'enquanto bater meu coração', 'que as bênçãos do céu desçam'), e, assim, leve marcas de convencionalidade classicista (não de todo ausente de Wordsworth, ao contrário do como se costuma imaginá-lo), ainda assim o estilo aqui é mais simples e direto do que na passagem anterior; o vocabulário é mais elevado do que nas passagens mais prosaicas do poema ('repousas', 'diligência', 'plácida'), mas menos que nos momentos cômicos de tom afetadamente poético.

7.2.3 Retórica épica

Foi-nos também importante busca manter em nossa tradução o caráter épico do texto de Wordsworth, especialmente em seu débito patente ao estilo de *Paradise Lost*. Nesse âmbito, é o hipérbato a figura que Wordsworth utiliza com mais prodigalidade, e assim, procuramos reproduzi-lo onde ocorre, a menos que em português o texto ficasse obscuro demais ou prejudicasse a eufonia da leitura. Como no trecho seguinte

Espírito e Sabedoria do universo!
 Tu, Alma que és a eternidade do pensar,
 Que dás às formas e às imagens um alento
 E um sempiterno movimento; não em vão,
 À luz do dia ou estrelas, desde o meu primeiro
 Alvor de infância, entrelaçaste para mim
 As emoções que criam a nossa alma humana; (l. I, vv. 401-407)

Sua força deriva em grande parte da tensão gerada pelos deslocamentos sintáticos, mas também do jogo entre pausas internas e enjambement, da apóstrofe inicial e o registro elevado, sublime. É característico de Wordsworth mobilizar a dicção épica para tratar de temas e objetos tradicionalmente nada sublimes, mas que ganham tal dimensão pela ressonância emotiva e espiritual com que lhes tem o autor em sua memória e impressões da infância:

Vós, chalés humildes onde nós morávamos,
 Uma ministração própria vos pertencia;
 Posso me esquecer de vós, sendo como éreis
 Tão formosos entre os campos aprazíveis
 Em que vos erguíeis?, ou posso aqui esquecer
 O simples e discreto porte com o qual
 Servíeis vosso simples gozos? Mas vós tínheis
 Alegrias e deleites vossos próprios. (l. I, vv. 499-506)

Aqui, como em outras instâncias, optamos pela forma ‘vós’ da segunda pessoa do plural por considerarmos mais correspondente ao arcaizante ‘ye’ do original, e mantivemos, novamente, a complexidade sintática e o léxico poético (embora aqui um pouco mais do que no original). Julgamos importante também reproduzir formas da dicção características de Wordsworth que nos são estrangeirizantes, como “vossos próprios” (por “*of your own*”), que, por seu tom grave, ajuda a compor o ‘miltonismo’ da passagem.

7.3 ASPECTOS DE SINTAXE E VOCABULÁRIO

7.3.1 Complexidade sintática

Enquanto alguns tradutores prévios do *Prelúdio*, tais quais Guimarães e Kangussu, explícita ou implicitamente trabalharam no sentido de descomplicar a sintaxe de Wordsworth, nós tomamos a posição oposta, de preservar os intrincamentos de sua escrita, por um lado como recurso retórico, na esteira da tradição miltônica (aqui, em especial, para a elevação do tema prosaico e contraste com as passagens de espontaneidade mais direta), e por outro, como marca da ‘textualidade’ do texto, seu caráter de registro do pensamento em tempo presente. Desse modo, o simples relato de certas diversões da infância é elevado pela manipulação da sintaxe:

Éramos um bando barulhento; o sol no céu
 Não via vales mais amáveis do que os nossos;
 Nem mirava um grupo de alegria e júbilo
 Mais rico, ou digno da terra em que pisavam.
 Eu poderia registrar sem voz avessa
 Os bosques outonais, e as ramas de avelera
 Cheias de seus alvos cachos; a vara e linha,
 Vero símbolo do engano da esperança,
 Cujo forte e puro encanto nos levava
 Por rochedo e lago oculto a toda estrela,
 O inteiro verde estio, a cachoeiras ermas
 Entre os meandros dos regatos das montanhas. (l. I, v.479-490)

Em expressão direta, a passagem bem poderia ser tediosa, e assim, os desvios sintáticos elevam sua expressividade, além de gerar um rico contraste entre tema e dicção que confere a dignidade da maturidade aos jogos de infância e a alegria infantil à meditação do adulto. Assim, nos esforçamos por atingir um equilíbrio pontual entre os polos que o texto balanceia, exemplificado, cremos, em trechos como “Nem mirava um grupo de alegria e júbilo mais rico” e “registrar sem voz avessa / Os bosques outonais”, onde a complexidade é um charme, antes que afetação.

Por outro lado, o enredamento sintático serve como simulação do ato meditativo, e por tal razão também desejamos mantê-lo, considerando a obscuridade dos momentos meditativos como parte constituinte de seu efeito (pensamos no simbolismo de Mallarmé), como na seguinte passagem:

E julgo não inúteis os humores breves
 De sombria exultação: mas não por isto,

Pois são próximos da nossa mente pura
 E vida espiritual; mas antes porque a alma,
 Recordando como se sentia, mas
 O que sentia não, conserva um vago senso
 De potencial sublimidade, à qual
 Com florescentes faculdades ela aspira,
 Faculdades graduais, sentindo ainda
 Que qualquer a meta que conquistem, inda
 Algo têm a perseguir. (l. I, vv. 312-322)

Aqui, o esforço do avanço da leitura, junto à rarefação do sentido (em analogia à subida de uma montanha e seu ar rarefeito) tem em si algo de sublime, um entrever do espírito inapreensível, e esse efeito, sentimos, seria desfeito se o sentido fosse clareado, pois o trecho se tornaria uma simples explanação conceitual, ou se mostraria evidente que não há um objeto definido e que a passagem nada diz de fato.

7.3.2 Efeito de abstração

Outro aspecto que contribui para a rarefação do sentido no *Prelúdio* é seu efeito de abstração derivado das opções lexicais de Wordsworth e certas elisões. No excerto anterior, vemos como “*those fleeting moods*”, pelo plural e o demonstrativo, em oposição a formas potencialmente mais específicas como “*that fleeting mood*” ou “*my fleeting moods*” (e uso concreto de *those* como em “*those towers / That yet survive*”) efetua um grau de indeterminação de sentido e distanciamento que contribui para o senso de abstração da passagem. Traduzimos por “os humores breves”, tendo de sacrificar o demonstrativo para ganhar o circunlóquio “não inúteis”, mas preservando ainda o essencial, sua indeterminação. Da mesma forma, atentamos sempre para o uso (ou elisão) dos pronomes no poema, onde operam no sentido de especificação ou de abstração, produzindo versões como “que vertia / Branda influência”, “A cada forma natural, flor, fruto ou rocha” e “Por rochedo e lago oculto a toda estrela”, onde, no primeiro exemplo, a ausência de artigo combina-se com o abstrato “influência” e ambos contrastam com o sensorial “brando” para produzir o efeito citado, enquanto nos outros dois exemplos, os substantivos concretos, no singular e sem artigos, produzem o mesmo efeito, provocando certa dissonância imaginativa em que o objeto é ao mesmo tempo uma instância particular e seu tipo geral.

O plural, como visto, também pode exercer a mesma função, e assim julgamos importante gerar versões como “Tais simpatias, bem que raro, revelavam-se / Por

gestos exteriores e ares perceptíveis” e “Rodeado de homens rudes, formas simples / De calçadas, casas, ruas, coisas e homens, - “. Nesse último exemplo, ademais, encontramos outra espécie de léxico preferido de Wordsworth, que também quisemos preservar, seu amor pelas palavras “coisa” e “forma”, que surgem como ‘palavras-coringa’ que, no poema, fundem o máximo de concretude e generalização, como em “Qual se duma coisa independente e única”, “movimento lento como coisa viva”, “Nem acho-me despido do que é exterior, / Imagens, formas”, “Nenhuma forma familiar / Restava”.

7.3.3 Efeito de passividade

Embora em nossa elencagem tenhamos posto o efeito de passividade em uma prioridade baixa, especialmente pelo fato do português não dispor de tantas formas sintéticas correspondentes a adjetivos negativos do inglês, e expressões passivas exigirem mais palavras do que formas diretas, ainda assim nos esforçamos por reproduzir o tom passivo do poema. Certo é que para fins narrativos e de clareza interpretativa, formas de expressão ativas e diretas são preferíveis, e também para a comodidade do tradutor, que pode poupar algumas preciosas sílabas. Todavia, como vimos, o efeito de passividade é não apenas um aspecto caracterizante do *Prelúdio*, como é uma parte componente da imagem de Wordsworth na imaginação de seus leitores, particularmente os vitorianos.

Alguns modos com que o poeta atinge esse efeito podem ser vistos na abertura do quarto livro: verbo estativo (“*bright was*”, além da inversão sintática que dá ênfase ao adjetivo), agente não-humano como sujeito da oração (no caso, o abstrato “*steps*”) e orações na forma passiva (“*was crossed*”, “[*was*] *clomb*”):

*BRIGHT was the summer's noon when quickening steps
Followed each other till a dreary moor
Was crossed, a bare ridge clomb* (WORDSWORTH, 2006, l. IV, vv. 1-3)

Wordsworth parece esforçar-se para apagar sua presença e criar um mundo de processos sem agentes; mas, não obstante, o efeito é singular e reconhecidamente seu. Assim, da mesma forma nos empenhamos em reproduzi-lo:

Clara era a tarde de verão quando passos rápidos

Seguiam-se um ao outro até que um triste ermo
Foi cruzado, um cume nu subido (l. IV, vv. 1-3)

Mantivemos a posição inicial do adjetivo e o verbo estativo, “passos” como agente e as formas passivas “foi cruzado” e “[foi]” subido. Como contraste, vemos escolhas distintas por parte de Guimarães para a mesma passagem:

O meio-dia estival brilhava, quando os meus passos
Apressados atravessaram uma desolada charneca
E subi a um cume despido (WORDSWORTH, 2010, l. IV, vv. 1-3)

Aqui, a tradutora troca o passivo “era brilhante” pelo ativo “brilhava”, localiza os desencarnados “passos” como pertencentes ao poeta e explicita que são eles que atravessam a charneca, bem como que é o poeta que sobe o cume. O resultado é notadamente distinto. Preferimos reproduzir o efeito passivo, sem desejar aclarar o sentido, e assim fizemos, na mesma esteira, outras traduções como “opção foi feita”, ao invés de “escolhi”, “foram expressas”, por “exprimi”, “está largado”, por “larguei”, etc.

Outra característica forma de passividade no estilo do *Prelúdio* é aquela composta a partir do uso litotes e de perífrase negativa, os quais acompanham a preferência geral de Wordsworth por expressões negativas. Como dissemos anteriormente, esse é um aspecto difícil de reproduzir pela relativa escassez de formas negativas sintéticas de adjetivos no português, ao contrário do inglês, onde a adição do sufixo “un-“ facilmente cria um adjetivo negativo. Mas, não obstante, recriamos correspondências de acordo com a fórmula de Wordsworth sempre que possível. Podemos citar passagens como:

Um curso perseguindo, não inexplorado,
Desde analogias pela mente dadas
Ou consciências nunca a serem subjugadas. (l. III, vv. 127-129)

Não mais nesta era instruída sejam vistas
Co’um olhar imperturbado (l. III, vv. 156-157)

Sobre o que não falso possa ser chamado (l. III, v. 172)

No primeiro trecho, a fim de traduzir “*not untrod*” (literalmente “não pisado”, “que não foi caminhado”) e manter a dupla negação, optamos por “não inexplorado”, e o sintagma “*not to be subued*” traduzimos por “nunca a serem subjugadas”, para manter a forma negativa. Da mesma forma, no segundo, as duas negações “*no more*” e

“*undisordered*” (“não-desordenado”, “não-desarranjado”) traduzimos por “não mais “e “imperturbado”. Por fim, no terceiro trecho, “*not falsely*”, de forma direta, “verdadeiramente”, e que Guimarães traduz por “sem faltar à verdade”, preferimos verter por “não falso”, que preserva ambos a perífrase negativa e a forma condensada da expressão.

Outra marca constante de expressão negativa no *Prelúdio* é o uso de ‘*nor*’ com o sentido de ‘*not*’. Isso também reproduzimos com o uso de ‘*nem*’ com a mesma função, cultivando a estranheza e o choque da conjunção nessa posição:

nem temendo a própria liberdade (l. I, v. 15)
 por tempos / Meditei, nem nunca descuidei da imagem, (l. I, vv. 79-80)
 Outra vez testou sua força, nem faltou-lhe (l. I, v. 94)
 Vertia / Branda influência; nem deixava um só desejo (l. I, vv. 101-102)
 E de prazer apreensivo, nem sem a voz (l. I, v. 362)

Por fim, o último recurso do estilo passivo de Wordsworth que nos empenhamos por reproduzir foi a do uso de palavras como ‘*think*’ e ‘*seem*’ como marcas da cogitação do autor, de sua irresolução:

Pois eu, pensava, enquanto o doce ar do céu (l. I, v. 33)
 Do chalé que imaginei ter avistado. (l. I, v. 73)
 coisas, / Raras, ou que o pareciam, todo dia (l. I, vv. 108-109)
 quase (assim o parecia) / Alçado por um vento (l. I, v. 333)
 De águas luzidias, colhendo, parecia, (l. I, v. 578)
 achava, ou parecia achar, em mim (l. I, v. 605).

Neste caso, não houve maiores dificuldades para a tradução, e vertemos, em correspondência mais ou menos direta, ‘*think*’ e ‘*methinks*’ por ‘pensar’ e ‘*seem*’ por parecer.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando concebemos pela primeira vez a ideia de traduzir *O Prelúdio*, desejamos fazê-lo como um exercício de transposição (recriação) à nossa língua materna de certas qualidades que identificávamos na língua do texto original e às quais não encontrávamos correspondência na tradição da poesia em língua portuguesa (original ou traduzida). Em particular, desejávamos, por um lado, recriar o efeito de ‘condução contínua da leitura’ que identificamos no ritmo iâmbico dentro das possibilidades do português. Por outro lado, quisemos reproduzir o delicado equilíbrio épico-prosaico da dicção do poema. Em suma, desejamos realizar uma tradução que fosse ‘wordsworthizante’, que falasse o dialeto do poeta.

Partimos da concepção original da obra, como divisada por Coleridge e Wordsworth, do poema como um épico meditativo, e sublinhamos seu caráter sublime, tal como permeia cada dimensão sua, desde o escopo da narrativa, relato do desenvolvimento do espírito do poeta, até a retórica miltônica aplicada à mais trivial das cenas. Em seguida, estudamos como sua forma, o verso branco de pentâmetros iâmbicos não-rimados, possui qualidades e efeitos próprios, distintos tanto do verso livre quanto do próprio verso branco tradicional português. Sua qualidade mais característica, notamos, é a da continuidade rítmica de alternância binária, ininterrupta de verso a verso, resultando em um efeito cumulativo que impele a leitura em marcha constante e confere ao texto uma força e peso particulares. Tal efeito, em especial, procuramos reproduzir, e conseguimos fazê-lo ao considerarmos também o texto em português como uma cadeia contínua de pés iâmbicos vertidos de um verso a outro, e manipulando a distribuição de acentuação prosódica dentro do verso a fim de promover ou rebaixar acentos secundários, criando, assim, uma subcorrente rítmica virtual de padrão fixo com o qual o ritmo natural da sintaxe interage.

Para além da forma, queríamos transladar o ‘wordsworthianismo’ do poema ao português, e, assim, investigamos as principais características do *Prelúdio* no que tange ao tom e ao estilo. Identificamos em sua escrita não um despojamento de recursos poéticos e uma adoção de modos de fala de classes baixas, mas tão somente uma condenação à retórica artificiosa do classicismo e uma adequação da expressão poética ao tom e registro apropriado à emoção, ou seja, uma expressão natural como Wordsworth se expressaria em boa prosa de sua época. *O Prelúdio*, portanto, vimos, é composto em um estilo médio, nem poético, nem prosaico, nem

concreto, nem abstrato, e para recriá-lo buscamos um estilo básico correspondente: elevado, mas não hiperpoético; simples, mas não vulgar; que lide com particulares, mas lhes empreste certa generalização.

Para recriar o estilo de Wordsworth, enfocamos certos recursos que nosso estudo identificou como mais caracterizantes. Dentre eles, o hipérbato, prevalente no miltonismo de Wordsworth, e basilar na composição da atmosfera épica da obra; a diversidade vocabular e o uso de diferentes registros para diferentes objetos e emoções, o que ajudam a compor o tom conversacional e de expressão pessoal do poema; a expansão e a compressão sintáticas, bem como a abstração vocabular, formantes na imitação do ato meditativo que caracteriza a dimensão filosófica do poema; assim como formas negativas e passivas de expressão, que compõem o tom de 'sabedoria passiva' de Wordsworth.

Realizamos nossa tradução segundo os parâmetros estabelecidos, revisando-a e revisando-os em um diálogo entre a prática e a teoria, polindo-os não sem recurso constante à intuição do tradutor (e admitindo a inconclusividade do seu trabalho). E assim, esperamos que nossa investida experimental sobre o pentâmetro iâmbico e o verso branco possa contribuir para o debate da tradução poética no Brasil, da tradução de Wordsworth em particular, e, em especial, da forma aqui trabalhada, que, em sua proximidade e ao mesmo tempo radical diferença com verso branco português, oferece um rico campo de exploração às áreas do estudo literário, linguístico e tradutório.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, M. H. 'Structure and style in the Greater Romantic Lyric'. In: HILLES, F. W.; BLOOM, H. (Eds.). **From Sensibility to Romanticism**. New York: Oxford University, 1965.

_____. **The Mirror and the Lamp**. New York: Oxford University Press, 1971.

ATTRIDGE, D. **The Rhythms of English Poetry**. London: Routledge, 2014.

AUSTIN, F. **The Language of Wordsworth and Coleridge**. Houndmills: Macmillan Education, 1989.

BRADLEY, A. C. **Oxford Lectures on Poetry**. London: Macmillan & Co, 1963.

BRITTO, P. H. 'Correspondência formal e funcional em tradução poética'. Disponível em: http://www.lettras.puc-rio.br/media/filemanager/professores/paulo_britto/Correspondencia%20formal%20e%20funcional.pdf. Acesso em: 13 janeiro 2022

_____. 'Fidelidade em tradução poética: o caso Donne'. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, Número 15, pp. 239-254, julho-dezembro/2006

_____. 'Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia'. *Eutomia*, Recife, 20 (1): 229-245, Dez. 2017

BURGUM, E. B. 'Wordsworth's Reform in Poetic Diction'. **College English**, vol. 2, no. 3, National Council of Teachers of English, 1940, pp. 207–16.

COLERIDGE, S. T. *Biographia Literaria*. In: _____. **Samuel Taylor Coleridge: the Major Works**. H. J. Jackson (Ed.). New York: Oxford University Press, 2008.

_____.; WORDSWORTH, W. **Lyrical Ballads**. A. R. Jones e R. L. Brett (Eds.). New York: Routledge, 2005.

DAVIE, D. 'Syntax in the Blank Verse of Wordsworth's *Prelude*'. In: Harold Bloom (ed.). **William Wordsworth's The Prelude**. New York: Chelsea House Publishers, 1986.

GILL, S. **William Wordsworth: the Prelude**. Cambridge: Cambridge University, 1991.

GRAVIL, R.; HARVEY, W. J. (Eds.). **Wordsworth: *The Prelude*; a casebook**. New York: Macmillan, 1972.

KANGUSSU, André. **A forja de uma fala: tradução do livro primeiro de *O Prelúdio***. 2018. 136 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Universidade Federal do Paraná, Porto Alegre, RS, 2018.

KEATS, J. **Selected Letters of John Keats**. Grant F. Scott (Ed.). Cambridge: Harvard University, 2002.

- KEPPEL-JONES, D. **The Strict Metrical Tradition**: variations in the literary iambic pentameter from Sidney and Spenser to Matthew Arnold. London: McGill-Queen's University Press, 2001.
- LEGOUIS, Émile. **The Early Life of William Wordsworth**. 3ª ed. New York: Russel & Russel, 1965.
- LINDERBERGER, H. **On Wordsworth's *Prelude***. Princeton: Princeton University Press, 1966.
- MASON, Emma. **The Cambridge Introduction to William Wordsworth**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- MILTON, J. **Paradise Lost**. Notas por: John A. Himes. Mineola, New York: Dover Publications, 2005.
- O'DONNELL, B. **The Passion of Meter**: a study of Wordsworth's metrical art. Kent: The Kent State University Press, 1995.
- PEREIRA, L. F. Nota sobre a tradução. In: SHAKESPEARE, W. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. Traduzido por: Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.
- _____. Nota sobre a tradução. In: SHAKESPEARE, W. **A tragédia de Otelo, o mouro de Veneza**. Traduzido por: Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- ROBINSON, D. **Myself and Some Other Being**: Wordsworth and the life writing. Iowa: University of Iowa, 2014.
- SHAW, R. **Blank Verse**: a guide to its history and use. Athens, Ohio: Ohio University Press, 2007.
- STODDARD, E. W. 'Flashes of the Invisible World: Reading The Prelude in the Context of the Kantian Sublime'. **The Wordsworth Circle**, vol. 16, no. 1, Marilyn Gaull, 1985, pp. 32–37.
- SYMONDS, J. A. **Blank Verse**. London: John C. Nimmo, 1895.
- VERDE, Cesário. **Obra Poética Integral de Cesário Verde**. Ricardo Daunt (Org.). São Paulo: Landy Editora, 2006.
- WEINFELD, H. **The Blank Verse Tradition from Milton to Stevens**: freethinking and the crisis of modernity. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- WHEELER, H. **The Prelude Books I and II by William Wordsworth**. Houndmills: Macmillan Education, 1988.

WORDSWORTH, W. **O Olho Imóvel Pela Força da Harmonia**. Tradução e apresentação Alberto Marsicano, John Milton. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **O Prelúdio**: ou o desenvolvimento do Espírito de um Poeta. Poema autobiográfico. Tradução e apresentação Maria de Lourdes Guimarães. Lisboa: Relógio D'Água, 2010a.

_____. **Poesia selecionada**. Traduzido por: Paulo Vizioli. São Paulo: Mandacaru, 1988.

_____. **Selected Poems of William Wordsworth**. Harrison Ross Steeves (Ed.). New York: Harcourt, Brace and Company, 1922.

_____. 'The Prelude'. In: _____. **The Collected Poems of William Wordsworth**. Ware, Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2006.

_____. **The Prelude, 1799, 1805, 1850**. WORDSWORTH, J.; ABRAMS, M. H.; GILL, S. (Eds.). New York: W. W. Norton & Company, 1979.

_____. **The Prose Works of William Wordsworth**. W. J. B. Owen; Jane W. Smyser (Eds.). Tirril: Humanities-Ebooks, 2008.

_____. The Sublime and the Beautiful. 1812. Disponível em: http://viscomi.sites.oasis.unc.edu/viscomi/coursepack/wordsworth/Wordsworth-Sublime_Beautiful.pdf. Acesso em: 15 novembro 2021.

_____. **William Wordsworth**. Stephen Gill (Ed.). New York: Oxford University, 2010b.